

# J.R.R. TOLKIEN

*Editado por* CHRISTOPHER TOLKIEN

## BEREN E LÚTHIEN



*Com ilustrações de* ALAN LEE



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

*"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."*





J.R.R.  
TOLKIEN  
*Editado por* CHRISTOPHER TOLKIEN

BEREN E  
LÚTHIEN

*Tradução de*  
RONALD KYRMSE

*Com ilustrações de*  
ALAN LEE



Rio de Janeiro, 2018

Título original: *Beren and Lúthien*

Todos os textos e materiais por J.R.R. Tolkien © The Tolkien Estate Limited, 2017

Prefácio, Notas e todos os outros materiais © C.R. Tolkien, 2017

Ilustrações © Alan Lee, 2017

Edição original por HarperCollins *Publishers*. Todos os direitos reservados.

Copyright de tradução © Casa dos Livros Editora LTDA., 2018.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins *Publishers* ou de sua equipe editorial.



, TOLKIEN® e BEREN AND LÚTHIEN® são marcas registradas de J.R.R. Tolkien Estate Limited.

Gerente editorial: *Samuel Coto*

Editor: *André Lodos Tangerino*

Produção editorial: *Brunna Castanheira Prado*

Produção gráfica: *Lúcio Nöthlich Pimentel*

Preparação de texto: *Cristina Casagrande*

Revisão: *Daniela Vilarinho e Gabriel Oliva Brum*

Projeto gráfico: *Alexandre Azevedo*

Diagramação: *Sonia Peticov*

Adaptação de capa: *Rafael Brum*

Conversão de e-book: *Guilherme Peres*

CIP—BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T589b

Tolkien, J. R. R. (John Ronald Reuel), 1892-1973

Beren e Lúthien / J. R. R. Tolkien; editado por Christopher Tolkien; tradução Ronald Kymse; ilustração Alan Lee. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.

Tradução de: *Beren and Lúthien*  
ISBN: 9788595084452

1. Ficção fantástica inglesa. I. Tolkien, Christopher. II. Kymse, Ronald. III. Lee, Alan. IV. Título.

18-52645 CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora  
LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro — RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

*Para Baillie.*

# SUMÁRIO

[Gravuras](#)

[Prefácio](#)

[Notas sobre os Dias Antigos](#)

[Beren e Lúthien](#)

[O Conto de Tinúviel](#)

[Um Trecho do \*Esboço da Mitologia\*](#)

[Um Trecho Extraído de \*A Balada de Leithian\*](#)

[O \*Quenta Noldorinwa\*](#)

[Um Trecho Extraído do \*Quenta Noldorinwa\*](#)

[Um Segundo Extrato de \*A Balada de Leithian\*](#)

[Um Extrato Adicional do \*Quenta Noldorinwa\*](#)

[A Narrativa em \*A Balada de Leithian\* até seu Término](#)

[O \*Quenta Silmarillion\*](#)



[O Retorno de Beren e Lúthien de acordo com o \*Quenta Noldorinwa\*](#)

[Extrato do \*Conto Perdido\* do Nauglafring](#)

[A Estrela da Manhã e do Entardecer](#)

[Apêndice](#)

[Revisões de \*A Balada de Leithian\*](#)

[Lista de Nomes nos Textos Originais](#)

[Glossário](#)

[A Casa de Finwë](#)

[A Casa de Elwë](#)

[A Casa de Bëor](#)

## GRAVURAS

“Porém agora ele via Tinúviel dançando no crepúsculo” (p. 38)

“Mas Tevildo a enxergou onde se empoleirara” (p. 61)

“Sem folhas, mas com negros corvos / em casca e ramo, são estorvos” (p. 93)

“À volta deles, lobos vis; / temem sua sina” (p. 137)

“Então os irmãos cavalgaram para longe, mas traiçoeiramente atiraram para trás, contra Huan” (p. 153)

“Na ponte também, / em manto envolta, noite escura, / senta e canta” (p. 185)

“Thorondor, Rei das Águias, desce / e ataca” (p. 243)

“Volita à sua frente, dança / balé confuso” (p. 271)

“Certamente é uma Silmaril que ora brilha no Oeste?” (p. 319)

## PREFÁCIO

Após a publicação de *O Silmarillion*, em 1977, passei vários anos investigando a história pregressa da obra e escrevendo um livro que chamei de *The History of The Silmarillion* [A História de O Silmarillion]. Este depois se transformou na base (um tanto reduzida) dos primeiros volumes de *A História da Terra-média*.

Em 1981 mandei uma longa carta a Rayner Unwin, presidente da Allen & Unwin, dando-lhe um relato do que estivera fazendo e ainda fazia. Naquela época, como lhe informei, o livro tinha 1.968 páginas com cerca de 42 cm de largura e, obviamente, não servia para ser publicado. Eu disse a ele: “Se e/ou quando você vir este livro perceberá de imediato por que eu disse que não pode ser publicado de nenhuma forma concebível. A discussão textual e as demais são demasiado detalhadas e minuciosas; o tamanho do

livro é (e se tornará progressivamente mais) proibitivo. Ele foi feito em parte para minha própria satisfação em acertar as coisas, e porque eu queria saber como todo o conceito realmente se desenvolveu a partir das primeiras origens. [...]

Se houver um futuro para tais investigações, quero me assegurar ao máximo de que quaisquer pesquisas futuras da ‘história literária’ de J.R.R.T. não se transformem em um despropósito devido a uma má compreensão da real história de sua evolução. O caos e a dificuldade intrínseca de muitos dos papéis (as camadas sucessivas de alterações em uma só página manuscrita, as pistas vitais em fragmentos esparsos encontrados em qualquer lugar do arquivo, os textos escritos no verso de outras obras, a desordem e a separação dos manuscritos, a ilegibilidade parcial ou total em muitas partes simplesmente não podem ser exagerados. [...]

Em teoria eu poderia produzir muitos livros a partir da *História* e existem muitas possibilidades e combinações de possibilidades. Por exemplo, eu poderia produzir o ‘Beren’ com o Conto Perdido<sup>[1]</sup> original, *A Balada de Leithian*, e um ensaio sobre a evolução da lenda. Minha preferência, caso chegássemos a algo tão positivo, provavelmente seria pelo tratamento de uma lenda como entidade em

desenvolvimento, e não por publicar todos os Contos Perdidos de uma só vez; mas as dificuldades da exposição detalhada seriam grandes em tal hipótese, pois tantas vezes seria necessário explicar o que esteve acontecendo em outro lugar, em outros escritos não publicados.”

Eu disse que apreciaria escrever um livro chamado “Beren” na linha que sugeri, mas “o problema seria sua organização, de modo que o tema fosse compreensível sem que houvesse dominação do editor”.

Quando escrevi isso, estava falando sério sobre a publicação: não tinha noção de sua possibilidade, exceto por minha ideia de selecionar uma lenda isolada “como entidade em desenvolvimento”. Agora parece que fiz exatamente isso — porém sem pensar no que havia dito em minha carta a Rayner Unwin, 35 anos atrás: eu me esquecera totalmente dessa missiva até topar com ela por acaso, quando este livro estava praticamente completo.

Existe, porém, uma diferença substancial entre ele e minha ideia original, que é uma diferença de contexto. Desde então, foi publicada grande parte da imensa provisão de manuscritos relativos à Primeira Era, ou aos Dias Antigos, em edições encerradas e detalhadas, especialmente nos volumes de *A História da Terra-*

*média*. A ideia de um livro dedicado à história em evolução do “Beren”, que eu chegara a mencionar a Rayner Unwin como possível publicação, teria trazido à luz muitos escritos até então desconhecidos e indisponíveis. Mas este livro não oferece uma única página de trabalho original e inédito. Qual é então a necessidade, agora, de um livro assim?

Tentarei fornecer uma resposta (inevitavelmente complexa), ou várias respostas. Em primeiro lugar, um aspecto daquelas edições era apresentar os textos de um modo que exibisse adequadamente a forma de composição de meu pai, aparentemente excêntrico (muitas vezes, na verdade, imposto por pressões externas), descobrindo, assim, a sequência de etapas da evolução de uma narrativa e justificando minha interpretação das evidências.

Ao mesmo tempo, a Primeira Era em *A História da Terra--média* foi, naqueles livros, concebida como *história* em dois sentidos. Era de fato uma história — uma crônica das vidas e dos eventos na Terra-média —, mas era também uma história das cambiantes concepções literárias com o passar do tempo e, portanto, o conto de Beren e Lúthien estende-se por muitos anos e diversos livros. Ademais, visto que esse conto se enredou com o lentamente construído *Silmarillion* e, por fim, tornou-se parte essencial dele,

seus desenvolvimentos estão registrados em sucessivos manuscritos que tratam primariamente de toda a história dos Dias Antigos.

Portanto, não é fácil acompanhar a história de Beren e Lúthien, como narrativa singular e bem definida, em *A História da Terra-média*.

Em uma carta muito citada de 1951, meu pai chamou o conto de “a principal história do *Silmarillion*” e, sobre Beren, disse que ele era “o mortal proscrito que tem sucesso” (com o auxílio de Lúthien, uma mera donzela, apesar de ser uma Elfa régia) naquilo em que todos os exércitos e guerreiros fracassaram: ele penetra no reduto do Inimigo e arranca uma das Silmarilli da Coroa de Ferro. Assim, ele conquista a mão de Lúthien, e realiza-se o primeiro casamento entre mortal e imortal.

“Como tal, a história é um (creio que belo e poderoso) romance de fadas heroico, passível de ser recebido por si só mediante apenas um conhecimento geral e vago do pano de fundo. Mas é também um elo fundamental do ciclo, destituído de seu pleno significado se for retirado do lugar que lá ocupa.”

Em segundo lugar, minha intenção neste livro é dupla. Por um lado, tentei separar a história de Beren e Tinúviel (Lúthien), de forma que se mantenha por si,



na medida em que isso seja possível (em minha opinião), sem distorções. Por outro lado, quis mostrar como esta história fundamental evoluiu ao longo dos anos. Em meu prólogo do primeiro volume de *O Livro dos Contos Perdidos*, eu disse sobre as mudanças nas histórias:

Na narrativa da história da Terra-média, a evolução raramente foi por franca rejeição — muito mais frequentemente foi por sutil transformação em etapas, de modo que o crescimento das lendas (o processo, por exemplo, pelo qual a história de Nargothrond entrou em contato com a de Beren e Lúthien, um contato do qual não existe nem sugestão nos *Contos Perdidos*, apesar de ambos os elementos estarem presentes) pode parecer-se ao crescimento das lendas entre os povos, o produto de muitas mentes e gerações.

É característica essencial deste livro que estes desenvolvimentos da lenda de Beren e Lúthien sejam mostrados nas próprias palavras de meu pai, pois o método que empreguei foi o de extrair trechos de manuscritos muito mais longos, em prosa ou em verso, escritos ao longo de muitos anos.

Também dessa forma são trazidos à luz trechos de descrição detalhada ou de urgência dramática que se perdem no modo resumido e condensado que é característico de tantos escritos narrativos de *O Silmarillion*; é possível até descobrir elementos da história que, mais tarde, foram totalmente perdidos.

Um exemplo é o interrogatório de Beren, Felagund e seus companheiros, disfarçados de Orques, feito por Thû, o Necromante (a primeira aparição de Sauron), ou o surgimento na história do apavorante Tevildo, Príncipe dos Gatos, que claramente merece ser lembrado, por mais breve que tenha sido sua vida literária.

Por fim, citarei outro dos meus prefácios, o de *Os Filhos de Húrin*:

É inegável que existem muitos leitores de *O Senhor dos Anéis* para quem as lendas dos Dias Antigos [...] são totalmente desconhecidas, a não ser por sua reputação de estranhas e inacessíveis no modo e na maneira.

É também inegável que os volumes em questão de *A História da Terra-média* podem muito bem apresentar um aspecto intimidante. Isso ocorre porque o modo de composição de meu pai era intrinsecamente difícil; e um objetivo primário da *História* foi tentar desemaranhá-lo, exibindo, assim, (pode parecer) os contos dos Dias Antigos como uma criação de incessante fluidez.

Creio que ele poderia ter dito, explicando algum elemento rejeitado de um conto: “Cheguei a ver que não era assim; ou percebi que esse não era o nome correto. A fluidez não deve ser exagerada.” Houve, ainda assim, grandes e essenciais permanências. Mas

certamente eu esperava, ao compor este livro, que ele mostrasse como a criação de uma antiga lenda da Terra-média, mudando e crescendo ao longo de muitos anos, refletiu a busca do autor por uma apresentação do mito mais próxima de seu desejo.

Em minha carta de 1981 a Rayner Unwin, observei que, caso eu me restringisse a uma única lenda dentre as que compõem os *Contos Perdidos*, “as dificuldades da exposição detalhada seriam grandes em tal hipótese, pois tantas vezes seria necessário explicar o que esteve acontecendo em outro lugar, em outros escritos não publicados”. Esta demonstrou ser uma previsão acurada no caso de *Beren e Lúthien*. Algum tipo de solução precisou ser encontrado, pois Beren e Lúthien não viveram, amaram e morreram com seus amigos e inimigos sobre um palco vazio, solitários e sem passado. Portanto, segui minha própria solução em *Os Filhos de Húrin*. Em meu prefácio desse livro eu escrevi:

Parece inquestionável, a julgar por suas próprias palavras, que, caso pudesse completar narrativas finais e acabadas na escala que desejava, meu pai considerava os três “Grandes Contos” dos Dias Antigos — “Beren e Lúthien”, “Os Filhos de Húrin” e “A Queda de Gondolin” — obras suficientemente completas, que não demandavam um conhecimento do grande corpo de lendas conhecido como *O Silmarillion*. Por outro lado, [...] o conto dos Filhos de Húrin é parte integrante da história dos Elfos e dos

Homens nos Dias Antigos e há, necessariamente, um bom número de referências a acontecimentos e circunstâncias dessa história mais ampla.

Forneci, portanto, “um esboço muito breve de Beleriand e seus povos perto do fim dos Dias Antigos” e incluí “uma lista de todos os nomes que aparecem no texto, com indicações muito concisas sobre cada um deles”. Neste livro adotei de *Os Filhos de Húrin* esse breve esboço, adaptando-o e encurtando-o e, da mesma forma, forneci uma lista de todos os nomes que aparecem no texto, neste caso com indicações explicativas de natureza muito variada. Nada neste material acessório é essencial, mas a intenção é de que seja meramente um auxílio, caso seja desejado.

Um problema adicional que eu deveria mencionar surgiu com as mudanças de nomes, muito frequentes. Seguir com exatidão e consistência a sucessão de nomes em textos de diferentes datas não serviria ao propósito deste livro. Portanto, não obedeci a nenhuma regra a esse respeito, mas, por várias razões, distingui o velho do novo em alguns casos, embora não em outros. Em inúmeras ocorrências meu pai alterou um nome em um manuscrito em um momento posterior, ou até muito posterior, porém não consistentemente. Por exemplo, *Elfin* por *Elven*.<sup>[2]</sup>

Nesses casos fiz com que *Elven* fosse a única forma, assim como optei por *Beleriand* ao invés do *Broseliand* anterior; mas em outros casos mantive ambas as ocorrências, como em *Tinwelint* e *Thingol*, *Artanor* e *Doriath*.

O propósito deste livro, portanto, é bem diverso daquele dos volumes de *A História da Terra-média*, dos quais derivou. Ele enfaticamente não pretende ser um acessório daqueles livros. É uma tentativa de extrair um elemento narrativo de uma vasta obra de extraordinária riqueza e complexidade, mas essa narrativa, a história de Beren e Lúthien, estava ela própria em contínua evolução e desenvolvendo novas associações à medida que mais se engastava na história mais ampla. A decisão do que incluir e do que excluir daquele mundo antigo “em geral” só pôde ser objeto de julgamento pessoal, muitas vezes questionável; em tal tentativa não podia haver “modo correto” atingível. No geral, porém, errei pelo lado da clareza e resisti ao impulso de explicar, temendo solapar o propósito e o método primários do livro.

No meu nonagésimo terceiro ano de vida, este é (presumivelmente) meu último livro na longa série de edições dos escritos de meu pai, em sua grande maioria inéditos até então, e tem uma natureza um tanto curiosa. Este conto foi escolhido *in memoriam*

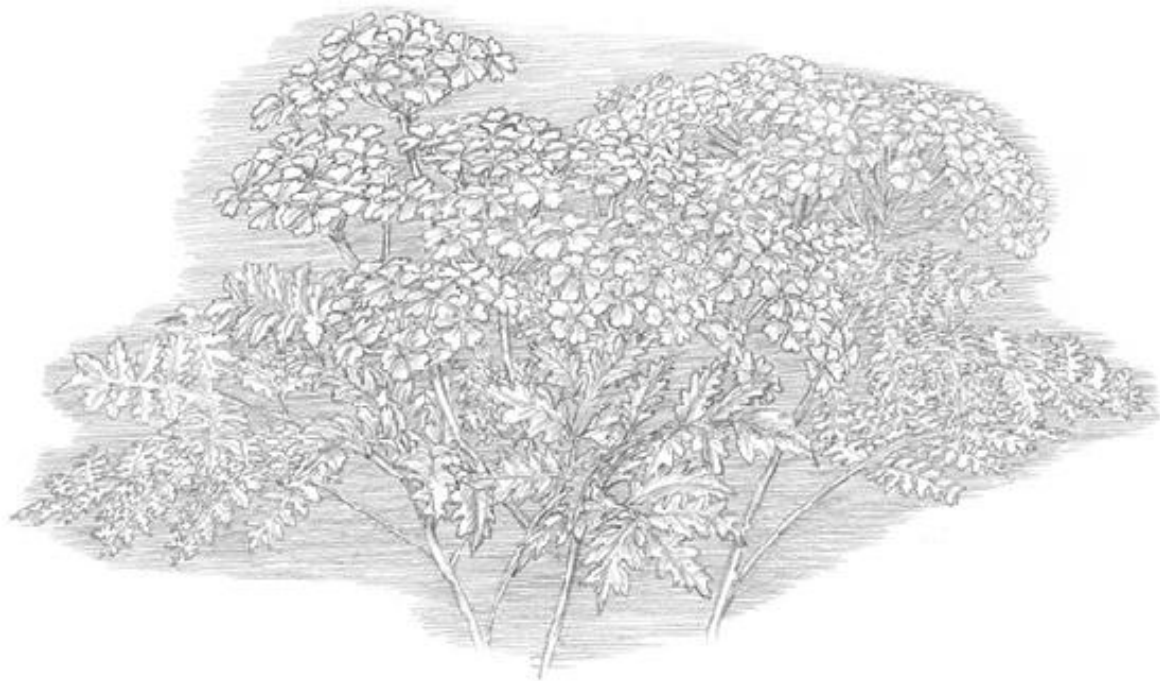
por causa de sua presença profundamente enraizada na própria vida dele e por sua intensa reflexão sobre a união de Lúthien, a quem chamou de “a maior dos Eldar”, com o Homem mortal Beren, sobre seus destinos e sobre suas segundas vidas.

Ele remonta a um caminho distante da minha existência, pois é minha mais antiga recordação efetiva de algum elemento em uma história que me estava sendo contada — não simplesmente uma imagem lembrada do local da narrativa. Meu pai a contou para mim, ou partes dela, falando sem nenhum escrito, no começo da década de 1930.

O elemento da história que recordo, com os olhos da mente, são os olhos dos lobos que surgiam um a um na treva do calabouço de Thû.

Em uma carta que me enviou acerca de minha mãe, escrita no ano após a morte dela, que foi também o ano antes de sua própria morte, ele escreveu da sua esmagadora sensação de privação e do seu desejo de que o nome *Lúthien* fosse inscrito no túmulo de minha mãe, abaixo do nome dela. Nessa carta, assim como na citada na p. 27 deste livro, ele retornou à origem do conto de Beren e Lúthien, em uma pequena clareira de bosque repleta de flores de cicuta, perto de Roos em Yorkshire, onde minha mãe dançou, e meu pai disse:

“Mas a história distorceu-se, e fui deixado para trás, e *eu* não posso apelar diante do inexorável Mandos.”



---

[1] “Os Contos Perdidos” é o nome das versões originais das lendas de *O Silmarillion*. [N. E.]

[2] Duas formas de “élfico” em inglês. [N. T.]





# NOTAS SOBRE OS DIAS ANTIGOS

A profundidade temporal à qual esta história remonta foi memoravelmente transmitida em um trecho de *O Senhor dos Anéis*. No grande conselho de Valfenda, Elrond falou da Última Aliança de Elfos e Homens e da derrota de Sauron ao final da Segunda Era, mais de 3 mil anos antes:

Nesse ponto, Elrond fez uma pequena pausa e suspirou. “Lembro-me bem do esplendor de seus estandartes”, disse ele. “Ele me recordou a glória dos Dias Antigos e as hostes de Beleriand, tantos eram os grandes príncipes e capitães ali reunidos. Porém, não tantos, nem tão belos, quanto no rompimento das Thangorodrim, quando os Elfos julgaram que o mal estava terminado para sempre, e não estava.”

“Vós vos lembrais?”, disse Frodo, dizendo seu pensamento em voz alta de tão admirado. “Mas pensei,” gaguejou quando Elrond se voltou para ele, “pensei que a queda de Gil-galad aconteceu em era muito longínqua.”

“Assim foi de fato”, respondeu Elrond com gravidade. “Mas minha memória remonta até aos Dias Antigos. Eärendil foi meu pai, nascido em Gondolin antes que esta caísse; e minha mãe foi Elwing, filha de Dior, filho de Lúthien de Doriath. Vi três eras no Oeste do mundo, e muitas derrotas, e muitas vitórias infrutíferas.”

## *De Morgoth*

Morgoth, o Sombrio Inimigo, como passou a ser chamado, foi originalmente, conforme declarou a Húrin, que fora trazido prisioneiro diante dele, “Melkor, primeiro e mais poderoso dos Valar, que existiu antes do mundo”. Então, permanentemente encarnado em forma de Rei gigantesco e majestoso, porém terrível, no noroeste da Terra-média, ele estava fisicamente presente em sua enorme fortaleza de Angband, os Infernos de Ferro; o fumo negro que escapava dos cumes das Thangorodrim, as montanhas que empilhara acima de Angband, podia ser visto ao longe, maculando o céu setentrional. Está dito nos *Anais de Beleriand* que “os portões de Morgoth ficavam a apenas cento e cinquenta léguas da ponte de Menegroth, distantes e, ainda assim, próximos demais”. Estas palavras referem-se à ponte que conduzia às habitações do rei élfico Thingol; estas eram chamadas Menegroth, as Mil Cavernas.

Mas, já que estava encarnado, Morgoth tinha medo. Meu pai escreveu sobre ele:

“À medida que crescia em malevolência e emitia de si o mal que concebia em mentiras e criaturas de

maldade, seu poder passava para elas e se dispersava, e ele próprio se tornava cada vez mais ligado à terra, relutante em sair de seus escuros baluartes.” Assim, quando Fingolfin, Alto Rei dos Elfos noldorin, cavalgou sozinho até Angband para desafiar Morgoth ao combate, ele exclamou diante do portão: “Aparece, rei covarde, para lutar com tua própria mão! Habitante de toca, controlador de servos, mentiroso e espreitador, inimigo dos Deuses e dos Elfos, vem! Pois quero ver teu rosto covarde”. Então, (conta-se) Morgoth veio. Pois não podia recusar tal desafio diante do rosto de seus capitães. Lutou com o grande martelo Grond, que a cada golpe fazia um grande fosso, e abateu Fingolfin ao solo; mas ao morrer, este prendeu à terra o grande pé de Morgoth, e o sangue negro escapou em jorros e encheu os fossos de Grond. Depois disso, Morgoth sempre andou coxeando. Assim também, quando Beren e Lúthien penetraram no mais profundo salão de Angband, onde Morgoth se assentava, Lúthien lançou um feitiço sobre ele e, subitamente, ele caiu como uma colina deslizando em avalanche e, arrojado como um trovão de seu trono, jazeu de bruços nos pisos do inferno.

## *De Beleriand*

Quando Barbárvore caminhou pela floresta de Fangorn carregando Merry e Pippin, cada um na dobra de um braço, cantou para eles sobre antigas florestas na grande região de Beleriand, que foi destruída nos tumultos da Grande Batalha ao final dos Dias Antigos. O Grande Mar derramou-se, submergindo todas as terras a oeste das Montanhas Azuis, chamadas Ered Luin e Ered Lindon, de modo que o mapa que acompanha *O Silmarillion* termina a leste com essa cadeia de montanhas, enquanto que o mapa que acompanha *O Senhor dos Anéis* termina a oeste, também com as Montanhas Azuis. As terras costeiras além delas, do lado ocidental, eram tudo o que restava, na Terceira Era, daquela região chamada Ossiriand, Terra dos Sete Rios, onde Barbárvore caminhara outrora:

*Passeei no verão entre os olmeiros de Ossiriand.  
Ah! a luz e a música no Verão junto aos Sete Rios de Ossir!  
E pensei que isso era melhor.*

Foi sobre as passagens das Montanhas Azuis que os homens entraram em Beleriand, nessas montanhas estavam as cidades dos Anãos, Nogrod e Belegost; e

foi em Ossiriand que Beren e Lúthien habitaram depois de Mandos lhes dar permissão para retornar à Terra-média (p. 299).

Barbárvore também caminhou entre os pinheiros de Dorthonion (“Terra dos Pinheiros”):

*Aos pinheiros do planalto de Dorthonion subi no Inverno.*

*Ah! o vento e o alvor e os negros ramos do Inverno em Orod-na-Thôn!*

*Minha voz se ergueu e cantou no céu.*

Mais tarde aquela região foi chamada de Taur-nu-Fuin, “a Floresta sob a Noite”, quando Morgoth a transformou em “uma região de temor e escuro encantamento, de vagar e desespero” (ver p. 109).

## *Dos Elfos*

Os Elfos surgiram na terra muito longe, em uma região distante (Palisor) junto a um lago chamado Cuiviénen, a Água do Despertar; e de lá foram convocados pelos Valar a deixarem a Terra-média e, passando sobre o Grande Mar, a chegarem ao “Reino Abençoado” de Aman, no oeste do mundo, a terra dos Deuses. Os que aceitaram a convocação foram levados em uma grande marcha pela Terra-média pelo Vala Oromë, o Caçador, e são chamados Eldar, os Elfos da Grande Jornada, os Altos Elfos, distintos daqueles que, recusando a convocação, escolheram a Terra-média por região e destino.

Mas nem todos os Eldar, apesar de terem atravessado as Montanhas Azuis, partiram por sobre o mar, e os que ficaram em Beleriand são chamados Sindar, os Elfos Cinzentos. Seu alto rei era Thingol (que significa “Capa-gris”), que reinava em Menegroth, as Mil Cavernas em Doriath (Artanor). E nem todos os Eldar que atravessaram o Grande Mar permaneceram na terra dos Valar, pois um de seus grandes clãs, os Noldor (os “Mestres-do-Saber”),

retornou à Terra-média, e eles são chamados de Exilados.

O principal impulsionador de sua rebelião contra os Valar foi Fëanor, criador das Silmarils; era o filho mais velho de Finwë, que liderara a hoste dos Noldor desde Cuiviénen, mas já havia morrido. Nas palavras de meu pai:

As Joias foram cobiçadas por Morgoth, o Inimigo, que as roubou e, após destruir as Árvores, as levou para a Terra-média e as guardou em sua grande fortaleza de Thangorodrim. Contra a vontade dos Valar, Fëanor abandonou o Reino Abençoado e exilou-se na Terra-média, conduzindo consigo grande parte de seu povo, pois, em sua soberba, ele pretendia recuperar as Joias de Morgoth à força.

Seguiu-se depois a desesperada guerra dos Eldar e dos Edain [os Homens das Três Casas dos Amigos-dos-Elfos] contra Thangorodrim, em que, por fim, foram vencidos totalmente.

Antes de sua partida de Valinor ocorreu o terrível evento que maculou a história dos Noldor na Terra-média. Fëanor exigiu daqueles Teleri, a terceira hoste dos Eldar na Grande Jornada, que estavam morando na costa de Aman, que entregassem aos Noldor sua frota de navios, seu grande orgulho, pois sem navios a travessia de tal hoste para a Terra-média não seria possível. Os Teleri recusaram completamente.

Então Fëanor e sua gente atacaram os Teleri em sua cidade de Alqualondë, o Porto dos Cisnes, e tomaram a frota à força. Nessa batalha, conhecida por O

Fratricídio, muitos dos Teleri foram mortos. Isso é mencionado em *O Conto de Tinúviel* (p. 38): “os feitos malignos dos Gnomos no Porto dos Cisnes” (ver p. 144, versos 514-19).

Fëanor foi morto em combate logo após o retorno dos Noldor à Terra-média, e seus sete filhos dominaram amplas terras ao leste de Beleriand, entre Dorthonion (Taur-na-fuin) e as Montanhas Azuis.

O segundo filho de Finwë foi Fingolfin (meio-irmão de Fëanor), que era considerado senhor supremo de todos os Noldor, e junto com seu filho Fingon ele reinava em Hithlum, que ficava ao norte e a oeste da grande cordilheira das Ered Wethrin, as Montanhas de Sombra. Fingolfin morreu em combate singular com Morgoth. O segundo filho de Fingolfin, irmão de Fingon, era Turgon, fundador e soberano da cidade oculta de Gondolin.

O terceiro filho de Finwë, irmão de Fingolfin e meio-irmão de Fëanor, era Finrod nos textos mais antigos, posteriormente Finarfin (ver p. 106). O filho mais velho de Finrod/Finarfin era Felagund nos textos mais antigos, porém mais tarde Finrod; ele, inspirado pela magnificência e beleza de Menegroth em Doriath, fundou a cidade-fortaleza subterrânea de Nargothrond, pelo que foi chamado de Felagund, “Senhor de



Cavernas”; assim, o Felagund mais antigo = o Finrod Felagund tardio.

Os portões de Nargothrond abriam-se para a garganta do rio Narog, em Beleriand Ocidental, mas o reino de Felagund estendia-se muito longe, a leste até o rio Sirion e a oeste até o rio Nenning, que chegava ao mar no porto de Eglarest. Mas Felagund foi morto nos calabouços de Thû, o Necromante, mais tarde Sauron, e Orodreth, o segundo filho de Finarfin, tomou a coroa de Nargothrond, como é contado neste livro (pp. 114-26).

Os demais filhos de Finarfin, Angrod e Egnor, vassalos de seu irmão Finrod Felagund, habitavam em Dorthonion, dando ao norte para a vasta planície de Ard-galen. Galadriel, irmã de Finrod Felagund, morou por longo tempo em Doriath com Melian, a Rainha. Melian (em textos mais antigos, Gwendeling e outras formas) era uma Maia, um espírito de grande poder que tomou forma humana e habitava nas florestas de Beleriand com o Rei Thingol; era mãe de Lúthien e antepassada de Elrond.

No sexagésimo ano após o retorno dos Noldor, pondo fim a muitos anos de paz, uma grande hoste de Orques desceu de Angband, mas foi totalmente derrotada e destruída pelos Noldor. Chamou-se a isto *Dagor Aglareb*, a Batalha Gloriosa, mas os senhores

élficos a consideraram como um alerta e fizeram o Cerco de Angband, que durou quase quatrocentos anos.

O Cerco de Angband terminou com rapidez terrível (apesar de preparado havia muito) em uma noite do meio do inverno. Morgoth despejou rios de fogo que fluíram das Thangorodrim, e a grande planície gramada de Ard-galen, que ficava ao norte de Dorthonion, transformou-se em um deserto ressequido e árido, conhecido daí em diante por um nome mudado, *Anfauglith*, a Poeira Sufocante.

Esse assalto catastrófico foi chamado *Dagor Bragollach*, a Batalha da Chama Repentina (p. 108). Glaurung, Pai dos Dragões, emergiu então de Angband pela primeira vez com todo o seu poderio; vastos exércitos de Orques derramaram-se rumo ao sul; os senhores élficos de Dorthonion foram mortos, assim como grande parte dos guerreiros do povo de Bëor (pp. 108-10). O Rei Fingolfin e seu filho Fingon foram rechaçados com os guerreiros de Hithlum até a fortaleza de Eithel Sirion (Poço do Sirion), onde o grande rio surgia na face leste das Montanhas de Sombra. As torrentes de fogo foram detidas pelas Montanhas de Sombra, e Hithlum e Dor-lómin permaneceram inconquistadas.

Foi no ano depois da *Bragollach* que Fingolfin, em fúria desesperada, cavalgou até Angband e desafiou Morgoth.





# BEREN E LÚTHIEN

Em uma carta de meu pai, escrita em 16 de julho de 1964, ele disse:

O germe de minha tentativa de escrever lendas minhas para adequarem-se aos meus idiomas particulares foi o conto trágico do infeliz Kullervo no *Kalevala* finlandês. Permanece um aspecto importante nas lendas da Primeira Era (que espero publicar como *O Silmarillion*), embora como “Os Filhos de Húrin” esteja inteiramente modificado, exceto no final trágico. O segundo ponto foi a composição, “tirada da minha cabeça”, de “A Queda de Gondolin”, a história de Idril e Earendel, durante uma licença do exército por doença, em 1917, e a versão original do “Conto de Lúthien Tinúviel e Beren”, mais tarde no mesmo ano. Este foi originado por um pequeno bosque com grandes arbustos de “cicuta” (sem dúvida muitas outras plantas relacionadas também estavam lá) próximo a Roos em Holderness, onde estive por um tempo na Guarnição Humber.

Meu pai e minha mãe casaram-se em março de 1916, quando ele tinha 24 anos de idade, e ela, 27. Moraram primeiro na aldeia de Great Haywood, em Staffordshire, mas ele embarcou para a França e para a Batalha do Somme no começo de junho daquele ano. Doente, foi mandado de volta à Inglaterra no começo de novembro de 1916 e, na primavera de 1917, ele foi transferido para Yorkshire.

A versão primária de *O Conto de Tinúviel*, como ele o chamou, escrita em 1917, não existe — ou mais precisamente, existe apenas na forma fantasmagórica de um manuscrito a lápis que ele apagou quase por completo na maior parte de sua extensão; por cima ele escreveu o texto que é para nós a versão mais antiga. *O Conto de Tinúviel* foi uma das histórias constituintes da principal obra primitiva de meu pai sobre sua “mitologia”, *O Livro dos Contos Perdidos*, uma obra extremamente complexa que editei nos dois primeiros volumes de *A História da Terra-média* (1983-84). Mas, já que o presente livro é expressamente dedicado à evolução da lenda de Beren e Lúthien, passarei aqui muito amplamente ao largo do estranho cenário e plateia dos *Contos Perdidos*, pois *O Conto de Tinúviel* é por si só quase inteiramente independente daquele cenário.

Era central para *O Livro dos Contos Perdidos* a história de um marinheiro inglês do período “anglo-saxão” chamado Eriol, ou Ælfwine, que, navegando muito longe rumo ao Oeste pelo oceano, chegou por fim a Tol Eressëa, a Ilha Solitária, onde viviam os Elfos que haviam partido das “Grandes Terras”, mais tarde “Terra-média” (um termo não usado nos *Contos Perdidos*). Durante sua estada em Tol Eressëa ele

aprendeu com eles a verdadeira e antiga história da Criação, dos Deuses, dos Elfos e da Inglaterra. Essa história é “Os Contos Perdidos de Elfinesse”.

A obra existe em diversos “caderninhos de exercícios” maltratados, a tinta e a lápis, muitas vezes pavorosamente difícil de se ler, apesar de que, após muitas horas espiando o manuscrito por uma lente, fui capaz, muitos anos atrás, de elucidar todos os textos com apenas algumas palavras indeterminadas aqui e ali. *O Conto de Tinúviel* é uma das histórias que foram contadas a Eriol pelos Elfos na Ilha Solitária, neste caso por uma donzela chamada Vëannë; havia muitas crianças presentes quando as histórias foram recitadas. Com nítida observação de detalhes (uma característica surpreendente), ele é contado em estilo extremamente individual, com alguns arcaísmos de palavras e construções bem diferentes dos estilos posteriores de meu pai, intenso, poético, às vezes profundamente “élfico-misterioso”. Há também uma corrente subjacente de humor sarcástico na expressão, aqui e ali (no terrível confronto com o lobo demoníaco Karkaras, ao fugir com Beren do salão de Melko, Tinúviel indaga: “Por que tanta rispidez, Karkaras?”).

Em vez de aguardar a conclusão do Conto, creio que será útil, aqui, chamar a atenção para certos aspectos

desta primeira versão da lenda e dar breves explicações de alguns nomes importantes da narrativa (que também podem ser encontrados na “Lista de Nomes”, ao final do livro).

*O Conto de Tinúviel* em forma reescrita, que é para nós a mais primitiva, de nenhum modo foi o mais antigo dos *Contos Perdidos*, e características de outros *Contos* lançam luz sobre ele. Para falar apenas da estrutura narrativa, alguns deles, como o conto de Túrin, não são muito remotos da versão publicada de *O Silmarillion*; alguns, notadamente “A Queda de Gondolin”, o primeiro a ser escrito, estão presentes na obra publicada apenas em forma severamente comprimida e alguns, mais notavelmente o presente Conto, são singularmente diferentes em certos aspectos.

Uma mudança fundamental na evolução da lenda de Beren e Tinúviel (Lúthien) foi o fato de entrar nela, depois, a história de Felagund de Nargothrond e dos filhos de Fëanor; mas igualmente significativa, em aspecto diferente, foi a alteração da identidade de Beren. Nas versões posteriores da lenda era um elemento de todo essencial que Beren fosse Homem mortal, enquanto que Lúthien era Elfa imortal, mas isso não estava presente no *Conto Perdido*: Beren era também um Elfo. (Pode-se ver, porém, nas notas de



meu pai para outros Contos que ele era originalmente um Homem, e fica claro que isso também era verdade no manuscrito apagado de *O Conto de Tinúviel*.) O Elfo Beren pertencia ao povo élfico chamado Noldoli (depois Noldor), que nos *Contos Perdidos* (e mais tarde) está traduzido por “Gnomos”: Beren era um Gnomo. Mais tarde essa tradução transformou-se em um problema para meu pai. Ele estava usando outra palavra *Gnomo*, totalmente distinta em origem e significado desses Gnomos que hoje em dia são figurinhas especialmente associadas a jardins. Esse outro *Gnomo* derivava da palavra grega gnōmē “pensamento, inteligência”; esta mal sobrevive em inglês moderno com o significado de “aforismo, máxima”, junto com o adjetivo *gnômico*.

Em um rascunho do Apêndice F de *O Senhor dos Anéis* ele escreveu:

Às vezes (não neste livro) tenho usado “Gnomos” por *Noldor* e “gnômico” por *noldorin*. Fiz isso porque, para alguns, “Gnomo” ainda sugerirá conhecimento. Ora, o nome alto-élfico desse povo, Noldor, significa Aqueles que Sabem, pois dentre os três clãs dos Eldar, desde seu começo, os Noldor sempre se distinguiram, tanto por seu conhecimento das coisas que são e foram neste mundo, quanto por seu desejo de conhecer mais. Porém não se assemelhavam de nenhum modo aos Gnomos da teoria erudita, nem da imaginação popular, e agora abandonei essa representação por demasiado enganosa.

(De passagem, quero mencionar que ele também disse [em uma carta de 1954] que se arrependia muito de ter usado a palavra “Elfos”, que se tornou “sobrecarregada de tons deploráveis” que são “demais para se superar”.)

A hostilidade demonstrada a Beren, como Elfo, é explicada assim no antigo Conto (p. 41): “todos os Elfos das florestas acreditavam ser os Gnomos de Dor-lómin criaturas traiçoeiras, cruéis e desleais.”

Pode muito bem parecer um tanto intrigante que a palavra “fada, fadas”<sup>[3]</sup> seja frequentemente usada com referência aos Elfos. Assim, sobre as mariposas brancas que voavam no bosque, “como Tinúviel era uma fada, não se importava com elas” (p. 38); ela se chama de “Princesa das Fadas” (p. 59); diz-se dela (p. 67) que “empenhou sua habilidade e sua magia de fada”. Em primeiro lugar, a palavra *fadas* nos *Contos Perdidos* é sinônimo de *Elfos*, e nesses contos há diversas referências à estatura física relativa dos Homens e dos Elfos. Naqueles dias pregressos, os conceitos de meu pai sobre tais assuntos eram um tanto flutuantes, mas fica claro que ele concebeu uma relação cambiante com o passar das eras. Assim, ele escreveu:

De início os Homens eram quase da mesma estatura dos Elfos, sendo as fadas muito maiores e os Homens menores que agora.

Mas a evolução dos Elfos foi bastante influenciada pela chegada dos Homens:

Mesmo à medida que os Homens se tornam mais numerosos e poderosos, as fadas mínguam e ficam pequenas e tênues, translúcidas e transparentes, mas os Homens, maiores e mais densos e brutos. Por fim, os Homens, ou a maioria dos Homens, não conseguem mais ver as fadas.

Assim, não é necessário supor, em virtude da palavra, que meu pai imaginou as “Fadas” deste conto como translúcidas e transparentes, e é claro que anos mais tarde, quando os Elfos da Terceira Era haviam entrado na história da Terra-média, não havia neles nada de “semelhante a fada”, no sentido moderno.

A palavra *fata*<sup>[4]</sup> é mais obscura. Em *O Conto de Tinúviel* ela é usada frequentemente a respeito de Melian (mãe de Lúthien), que veio de Valinor (e é chamada de “filha dos Deuses”; ver p. 37), mas também a respeito de Tevildo, que é descrito como “fata maligno em forma de animal” (p. 65). Em outros trechos dos *Contos* há referências à “sabedoria dos fatas e dos Eldar”, a “Orques e dragões e fatas malignos” e a “um fata dos bosques e vales”. Talvez o

mais notável seja o seguinte trecho do *Conto da Chegada dos Valar*:

Em torno deles vinha uma grande hoste, que são os espíritos das árvores e dos bosques, do vale e da floresta e da encosta da montanha, ou aqueles que cantam em meio à grama pela manhã e entoam canções em meio ao trigo em pé à tardinha. Esses são os Nermir e os Tavari, Nandini e Orossi, [fatas (?) dos prados, dos bosques, dos vales, das montanhas], fatas, trasgos, duendes e o que mais forem chamados, pois seu número é muito grande, porém não devem ser confundidos com os Eldar [Elfos], pois nasceram antes do mundo e são mais velhos que os mais velhos deste e não são dele.

Outro aspecto intrigante que aparece não apenas em *O Conto de Tinúviel* e do qual não encontrei explicação, nem qualquer observação mais geral, diz respeito ao poder que os Valar possuem sobre os assuntos dos Homens e dos Elfos, e de fato sobre suas mentes e seus corações, nas longínquas Grandes Terras (Terra-média). Dando exemplos: na p. 73, “os Valar levaram-no [Huan] a uma clareira”, onde Beren e Lúthien jaziam no chão durante sua fuga de Angband; e ela disse a seu pai (p. 76): “somente os Valar salvaram [Beren] de morte amarga”. Ou, por outro lado, o relato da fuga de Lúthien de Doriath (p. 53), “não penetrou naquela região escura e, recobrando a coragem, seguiu avante” foi mais tarde mudado para “não penetrou naquela região escura, e os Valar puseram nova

esperança em seu coração, de modo que seguiu avante outra vez”.

No que diz respeito aos nomes que aparecem no Conto, notarei aqui que *Artanor* corresponde à *Doriath* posterior, também chamada de *A Terra Além*; ao norte ficava a barreira das *Montanhas de Ferro*, também chamada de *Morros Amargos*, por sobre as quais Beren veio; mais tarde tornaram-se *Ered Wethrin*, as *Montanhas da Sombra*. Além das montanhas ficava *Hisilómë* (*Hithlum*), a Terra de Sombra, também chamada *Dor-lómin*. *Palisor* (p. 34) é a terra onde os Elfos despertaram.

Os Valar são frequentemente referidos como os Deuses, também chamados *Ainur* (singular *Ainu*). *Melko* (mais tarde *Melkor*) é o grande Vala maligno, chamado *Morgoth*, o Sombrio Inimigo, após seu roubo das Silmarils. *Mandos* é o nome do Vala e do lugar onde habita. Ele é o vigia das Casas dos Mortos.

Manwë é o senhor dos Valar; Varda, fazedora das estrelas, é esposa de Manwë e mora com ele no topo de Taniquetil, a mais alta montanha de Arda. As Duas Árvores são as grandes árvores cujas flores davam luz a Valinor, destruídas por Morgoth e a monstruosa aranha Ungoliant.

Por fim, este é um lugar conveniente para dizer algo sobre as Silmarils, fundamentais à lenda de Beren e Lúthien: foram obra de Fëanor, o maior dos Noldor: “o mais poderoso em habilidade da palavra e da mão”; seu nome significa “Espírito de Fogo”. Citarei aqui um trecho do texto posterior (1930) de “O Silmarillion” intitulado *Quenta Noldorinwa* (sobre o qual ver p. 105):

Naqueles dias Fëanor começou, certa vez, uma labuta longa e maravilhosa e convocou todo o seu poder e sua sutil magia, pois pretendia fazer algo mais belo do que qualquer um dos Eldar jamais fizera, que haveria de durar além do fim de tudo. Três joias fez ele e as chamou Silmarils. Um fogo vivente ardia dentro delas que era mesclado da luz das Duas Árvores; por sua própria radiância elas luziam até mesmo no escuro, nenhuma impura carne mortal podia tocá-las sem ser mirrar e ser queimada. Essas joias eram apreciadas pelos Elfos além de todas as obras de suas mãos, e Manwë as consagrou, e Varda disse: “O destino dos Elfos está encerrado nelas, e o destino de muitas outras coisas.” O coração de Fëanor estava enredado com os objetos que ele mesmo fizera.

Um juramento terrível e profundamente destrutivo foi feito por Fëanor e seus sete filhos, asseverando seu direito solitário e inviolável às Silmarils, que foram roubadas por Morgoth.

O conto de Vëannë foi expressamente dirigido a Eriol (Ælfwine), que jamais ouvira falar de Tinúviel, mas do modo como ela o expressa não existe abertura

formal: começa por um relato de Tinwelint e Gwendeling (mais tarde conhecidos por Thingol e Melian). No entanto, voltarei a me referir ao *Quenta Noldorinwa* para este elemento essencial da lenda. No *Conto*, o temível Tinwelint (Thingol) é um vulto central: o rei dos Elfos que habitava nos profundos bosques de Artanor, reinando desde sua vasta caverna no coração da floresta. Mas a rainha era também personagem de grande significância, apesar de raramente vista, e dou aqui o relato sobre ela que consta do *Quenta Noldorinwa*.

Ali está dito que na Grande Jornada dos Elfos desde a remota Palisor, o local onde despertaram, com a meta final de alcançarem Valinor no remoto Oeste, além do grande Oceano,

[muitos Elfos] se perderam nas longas estradas escuras, e eles vagaram nas florestas e nas montanhas do mundo e jamais chegaram a Valinor, nem viram a luz das Duas Árvores. Portanto são chamados de Ilkorindi, os Elfos que nunca habitaram em Kôr, cidade dos Eldar [Elfos] na terra dos Deuses. São eles os Elfos-escuros, e muitas são suas tribos dispersas, e muitas são suas línguas.

Dentre os Elfos-escuros, o mais renomado era Thingol. Por essa razão ele jamais chegou a Valinor. Melian era uma fada. Nos jardins de Lórien [o Vala] ela habitava e entre toda a sua bela gente não havia ninguém que a superasse em beleza, nem ninguém mais sábio, nem ninguém mais habilidoso em canções mágicas e de encantamento. Diz-se que os Deuses abandonavam seus afazeres, e as aves de Valinor, seu júbilo, que os sinos de Valmar silenciavam e as fontes paravam de fluir quando, ao

mesclar da luz, Melian cantava nos jardins do Deus dos Sonhos. Rouxinóis a acompanhavam sempre, e ela lhes ensinou o seu cantar. Mas amava a sombra profunda e vagou em longas jornadas às Terras de Fora [Terra-média], e ali encheu o silêncio do mundo que raiava com sua voz e as vozes de suas aves.

Thingol ouviu os rouxinóis de Melian e ficou encantado e abandonou sua gente. Encontrou Melian sob as árvores e foi lançado em um sonho e grande torpor, de modo que sua gente o buscou em vão.

No relato de Vëannë, quando Tinwelint despertou de seu longo sono mítico, “não pensou mais em seu povo (e de fato teria sido em vão, pois eles agora há muito haviam chegado a Valinor)”, mas desejava apenas ver a senhora do crepúsculo. Ela não estava longe, pois vigiara-o enquanto ele dormia. “Porém mais da história deles eu não sei, ó Eriol, exceto que, por fim, ela se tornou sua esposa, pois Tinwelint e Gwendeling de fato foram por muito tempo rei e rainha dos Elfos Perdidos de Artanor, ou a Terra Além, ou assim dizem aqui.”

Vëannë disse, ademais, que a habitação de Tinwelint “estava oculta da visão e do conhecimento de Melko graças às magias de Gwendeling, a fada, e ela tecia encantamentos em torno das veredas que para lá levavam, de modo que ninguém além dos Eldar [Elfos] as pudesse trilhar facilmente, e, assim, o rei ficou a salvo de todos os perigos, exceto apenas da traição. Ora, seus paços estavam construídos em uma



funda caverna de grande extensão e eram apesar disso uma moradia régia e bela. Essa caverna estava no coração da poderosa floresta de Artanor, que é a mais poderosa das florestas, e um rio corria diante de suas portas, mas ninguém podia entrar naquele portal se não fosse através do rio, e uma ponte o transpunha, estreita e bem guardada”. Então Vëannë exclamou: “Eis que agora vou te contar de coisas que ocorreram nos paços de Tinwelint!”, e esse parece ser o ponto em que se pode dizer que começa o conto propriamente dito.



---

[3] Em inglês *fairy*, *fairies*. [N. T.]

[4] Palavra comum de dois gêneros, criada para traduzir o inglês *fay*, cognato de *fairy* “fada”. [N. T.]



## O CONTO DE TINÚVIEL

Dois filhos tinha então Tinwelint: Dairon e Tinúviel, e Tinúviel era uma donzela e a mais linda de todas as donzelas dos Elfos ocultos; e, de fato, poucas foram tão belas, pois sua mãe era uma fada, filha dos Deuses, mas Dairon era então um menino forte e alegre e, acima de tudo, deleitava-se em tocar uma flauta de caniços ou outros instrumentos do bosque e agora ele é mencionado entre os três músicos mais mágicos dos Elfos, e os outros são Tinfang Trinado e Ivárë, que toca junto ao mar. Mas a alegria de Tinúviel estava mais voltada à dança, e nenhum nome rivaliza com o seu pela beleza e sutileza de seus pés cintilantes.

Ora, era o prazer de Dairon e Tinúviel afastarem-se do cavernoso palácio de seu pai, Tinwelint, e passarem longo tempo juntos em meio às árvores. Ali, muitas vezes Dairon assentava-se em uma moita ou raiz de árvore e tocava música, enquanto Tinúviel dançava ao som dela, e quando dançava ao tocar de Dairon, mais ágil era ela que Gwendeling, mais mágica que Tinfang Trinado sob a lua, e jamais alguém pôde ver tal meneio, exceto nos roseirais de Valinor, onde Nessa dança nos gramados de verde que nunca se extingue.

Mesmo à noite, quando a lua brilhava pálida, ainda tocavam e dançavam e não temiam como eu haveria de temer, pois o reinado de Tinwelint e de Gwendeling afastava o mal do bosque, e Melko ainda não os perturbava, e os Homens estavam cercados além das colinas.

Ora, o lugar que mais apreciavam era um ponto sombreado, e ali cresciam olmos e faias também, mas estas não eram muito altas, e algumas castanheiras que tinham flores brancas, mas o chão era úmido e uma grande vegetação nebulosa de cicuta erguia-se sob as árvores. Certa vez, em junho, brincavam ali e as umbelas brancas das cicutas eram como uma nuvem em torno dos troncos das árvores, e ali Tinúviel dançou até a tardinha desvanecer-se tarde e havia muitas mariposas brancas em volta. Como Tinúviel era uma fada, não se importava com elas, como fazem muitos filhos dos Homens, apesar de não gostar de besouros, e em aranhas nenhum dos Eldar toca por causa de Ungweliantë —, mas as mariposas brancas volitavam então em torno de sua cabeça, e Dairon trinava uma estranha melodia, quando subitamente aconteceu algo estranho.

Nunca ouvi dizer como Beren chegou até ali por sobre as colinas, porém ele era mais bravo que a maioria, como hás de ouvir, e quem sabe tenha sido

apenas o amor pelas caminhadas que o impelira, em meio aos terrores das Montanhas de Ferro, até ele alcançar as Terras Além.





Ora, Beren era um Gnomo, filho de Egnor, o coureiro, que caçava nos lugares mais obscuros no norte de Hisilómë. Havia temor e suspeita entre os Eldar e aqueles de sua gente que haviam provado a escravidão de Melko, e nisto vingaram-se os feitos malignos dos Gnomos no Porto dos Cisnes. Ora, as mentiras de Melko corriam entre a gente de Beren, de modo que acreditavam em fatos perversos sobre os Elfos secretos, porém agora ele via Tinúviel dançando no crepúsculo, e Tinúviel trajava uma veste de prata nacarada, e seus brancos pés desnudos cintilavam entre as hastes da cicuta. Então Beren não se importou se ela era Vala ou Elfa ou filha dos Homens e esgueirou-se, aproximando-se para vê-la; e apoiou-se em um jovem olmo que crescia num montículo, para poder olhar para baixo, para a pequena clareira onde ela dançava, pois o encantamento o fazia fraquejar. Tão esbelta ela era e tão bela que, por fim, ele se pôs de pé abertamente, sem cuidados, para contemplá-la melhor, e naquele momento a lua cheia irrompeu brilhante entre os ramos, e Dairon vislumbrou o rosto de Beren. De imediato percebeu que não pertencia à sua gente, e todos os Elfos das florestas acreditavam ser os Gnomos de Dor-lómin criaturas traiçoeiras, cruéis e desleais, portanto Dairon deixou cair sua



flauta e, exclamando “Foge, foge, ó Tinúviel, um inimigo caminha neste bosque”, desapareceu depressa entre as árvores. Então Tinúviel, em seu espanto, não o seguiu de imediato, pois não compreendeu no instante as suas palavras e, sabendo-se incapaz de correr e saltar com o mesmo vigor do irmão, subitamente abaixou-se entre as cicutas brancas e se escondeu sob uma flor muito alta, com muitas folhas espalhadas, e ali parecia, em sua veste branca, um salpico de luar luzindo através das folhas no chão.

Então Beren entristeceu-se, pois estava solitário e desolado pelo medo deles, e buscou Tinúviel em toda a parte, pensando que ela não fugira. Assim, de repente, pousou a mão em seu esbelto braço sob as folhas, e ela, com um grito, saltou para longe dele e voou o mais depressa que pôde à luz pálida, disparando e oscilando nos raios de lua como só os Eldar conseguem fazer, entrando e saindo pelos troncos das árvores e hastes de cicuta. O suave toque de seu braço deixou Beren ainda mais ansioso por encontrá-la do que antes e ele seguiu depressa e, no entanto, não depressa o bastante, pois, ao fim, ela lhe escapou e chegou temerosa à morada de seu pai, nem dançou sozinha na floresta durante muitos dias após.

Isso foi uma grande mágoa para Beren, que não queria deixar aqueles lugares, esperando mais uma vez

ver dançar aquela bela donzela élfica, e vagueou na floresta por muitos dias, tornando-se selvagem e solitário e buscando por Tinúviel. Na aurora e no crepúsculo ele a buscava, mas sempre com maior esperança quando a lua brilhava intensa. Finalmente, certa noite, vislumbrou uma cintilação ao longe, e eis que lá estava ela, dançando a sós em um montículo despido de árvores, e Dairon não estava lá. Muitas e muitas vezes depois ela foi ali e dançava e cantava consigo mesma, e às vezes Dairon estava próximo, e então Beren vigiava da borda do bosque ao longe, e às vezes ele não estava, e Beren esgueirava-se mais para perto. Na verdade, por muito tempo Tinúviel sabia que ele chegara e fingia não saber, e há muito tempo seu temor se fora por causa do ansioso desejo no rosto dele, iluminado pelo luar, e viu que ele era bondoso e apaixonado por sua linda dança.

Então Beren se pôs a seguir Tinúviel em segredo através do bosque, bem até a entrada da caverna e da cabeceira da ponte, e quando ela havia entrado ele exclamava da outra margem do rio, dizendo baixinho “Tinúviel”, pois escutara o nome dos lábios de Dairon, e, apesar de ele não o saber, muitas vezes Tinúviel escutava do interior das sombras dos cavernosos portões e ria ou sorria suavemente. Por fim, certo dia, enquanto ela dançava a sós, ele deu um

passo mais ousado e lhe disse: “Tinúviel, ensina-me a dançar.” “Quem és tu?”, disse ela. “Beren. Venho de além dos Morros Amargos.” “Então, se queres dançar, segue-me”, disse a donzela e dançou diante de Beren, afastando-se mais e mais para dentro do bosque, ágil, mas não tão depressa que ele não pudesse seguir, e várias e várias vezes olhou para trás e riu-se dele tropeçando em seu encalço, dizendo: “Dança, Beren, dança! Assim como dançam além dos Morros Amargos!” Desse modo chegaram, por sendas tortuosas, à morada de Tinwelint, e Tinúviel fez sinal a Beren que atravessasse o rio, e ele a seguiu assombrado, descendo à caverna e aos profundos paços de seu lar.

No entanto, quando Beren se viu diante do rei, ficou envergonhado e muito assombrado perante a imponência da Rainha Gwendeling, e eis que, quando o rei disse: “Quem és tu, que troças até meus paços sem seres convidado?”, ele nada tinha a dizer. Portanto, Tinúviel respondeu por ele, dizendo: “Este, meu pai, é Beren, um caminhante de além das colinas, e deseja aprender a dançar como sabem dançar os Elfos de Artanor”, e riu-se, mas o rei franziu a testa quando ouviu de onde Beren vinha e disse: “Guarda tuas palavras levianas, minha filha, e diz: este

selvagem Elfo das sombras tentou fazer-te algum mal?”

“Não, pai,” disse ela, “e creio que não há mal nenhum em seu coração, e não sejas rude com ele, a não ser que queiras ver chorar tua filha Tinúviel, pois ele mais se assombra com minha dança do que qualquer um que eu tenha conhecido.” Assim, Tinwelint disse então: “Ó, Beren, filho dos Noldoli, o que desejas dos Elfos da floresta antes de retornares ao lugar de onde vieste?”

Tão grande era a pasmada alegria do coração de Beren, quando Tinúviel assim falou por ele ao pai dela, que a coragem cresceu dentro dele, e seu espírito aventureiro que o trouxera de Hisilómë e sobre as Montanhas de Ferro despertou outra vez e, fitando Tinwelint com arrojo, ele disse: “Ora, ó, rei, desejo vossa filha Tinúviel, pois é a mais bela e mais doce de todas as donzelas que vi ou com quem sonhei.”

Fez-se então silêncio no paço, exceto que Dairon riu, e todos os que ouviram assombraram-se, mas Tinúviel baixou os olhos, e o rei, lançando um olhar ao aspecto selvagem e rude de Beren, também irrompeu em riso, o que fez Beren enrubescer de vergonha, e o coração de Tinúviel magoou-se por ele. “Ora! Desposar minha Tinúviel, a mais bela das donzelas do mundo, e tornar-se príncipe dos Elfos da floresta é só uma pequena

mercê para um estranho pedir”, disse Tinwelint. “Quem sabe eu possa, com todo o direito, pedir algo em troca. Não há de ser nada grande, apenas um testemunho de tua estima. Traze-me uma Silmaril da Coroa de Melko, e nesse dia Tinúviel te desposará se quiser.”

Então todos naquele lugar souberam que o rei tratara o assunto como pilhéria grosseira, compadecendo-se do Gnomo, e sorriram, pois a fama das Silmarils de Fëanor já era grande por todo o mundo, e os Noldoli haviam contado histórias sobre elas, e muitos que tinham escapado de Angamandi haviam-nas visto, agora brilhando lustrosas na coroa de ferro de Melko. Jamais essa coroa deixava sua cabeça, e ele tinha aquelas joias em grande conta, como seus próprios olhos, e ninguém no mundo, ou fata, ou elfo, ou homem, jamais podia esperar pôr nelas um só dedo e viver. Isso de fato Beren sabia e compreendeu o significado de seus sorrisos zombeteiros e, inflamado de ira, exclamou: “Não, mas é presente demasiado pequeno para o pai de tão doce noiva. Ainda assim, parecem-me estranhos os costumes dos Elfos da floresta, semelhantes às rudes leis da gente dos Homens, para mencionardes o presente que não foi oferecido, porém eis que eu, Beren, caçador dos Noldoli, satisfarei vosso pequeno desejo”, e com essas

palavras arremeteu para fora do paço enquanto todos se quedaram admirados, mas Tinúviel chorou de repente. “Foi um mau feito, ó, pai,” exclamou, “mandar alguém à morte com tua pilhéria lamentável, pois agora creio que ele tentará o feito, enlouquecido por teu desprezo, e Melko o matará, e ninguém mais olhará com tanto amor a minha dança!”

Então disse o rei: “Não será o primeiro dos Gnomos que Melko matará, e por menores razões. É sorte dele não jazer aqui, atado por encantos penosos, por sua invasão de meus paços e por sua fala insolente”; porém Gwendeling nada disse, nem repreendeu Tinúviel ou questionou seu choro repentino por aquele caminhante desconhecido.

Beren, no entanto, afastando-se da face de Tinwelint, foi levado por sua ira longe, através da floresta, até se aproximar das colinas mais baixas e das terras desprovidas de árvores que alertavam sobre a aproximação das ermas Montanhas de Ferro. Só então sentiu o cansaço e deteve a marcha, e nesse ponto começaram suas grandes labutas. Suas noites eram de grande desalento e não via nenhuma esperança em sua demanda e, na verdade, bem pouca havia e logo, ao seguir as Montanhas de Ferro até se aproximar das terríveis regiões da morada de Melko, os maiores temores o assaltaram. Muitas serpentes venenosas

havia naquelas plagas, e lobos vagavam por ali, e ainda mais pavorosos eram os bandos errantes dos gobelins e dos Orques — imundas crias de Melko, que perambulavam fazendo seu trabalho maligno, apanhando e capturando animais, e Homens e Elfos, e arrastando-os até seu senhor.

Muitas vezes Beren chegou perto de ser capturado pelos Orques e uma vez escapou das mandíbulas de um grande lobo só após um combate onde estava armado apenas com uma clava de freixo, e outros perigos e aventuras conheceu a cada dia de sua caminhada rumo a Angamandi. Também fome e sede o torturaram com frequência e muitas vezes teria voltado atrás, não fosse isso quase tão perigoso quanto prosseguir; mas a voz de Tinúviel pleiteando com Tinwelint ecoava em seu coração, e à noite lhe parecia que o coração às vezes a ouvia, chorando baixinho por ele, muito longe na floresta de seu lar: e isso era verdade de fato.

Certo dia foi impelido por grande fome a procurar restos de comida em um acampamento deserto de Orques, mas alguns deles voltaram inesperadamente, levaram-no prisioneiro e o atormentaram, mas não mataram, pois seu capitão, vendo a força dele apesar de estar exausto das privações, pensou que talvez Melko ficasse contente se o trouxessem até ele, e

poderia pô-lo a fazer pesado trabalho escravo em suas minas ou forjas. Assim aconteceu que Beren foi arrastado diante de Melko, e não obstante seu coração estava impávido dentro dele, pois era crença entre a gente de seu pai que o poder de Melko não duraria para sempre, mas que os Valar escutariam finalmente as lágrimas dos Noldoli, erguer-se-iam, atariam Melko e abririam Valinor outra vez aos Elfos fatigados, e grande alegria retornaria sobre a Terra.

No entanto, Melko, olhando-o, ficou irado, perguntando como um Gnomo, um servo seu por nascimento, ousara escapar para as florestas sem permissão, mas Beren respondeu que não era fugitivo, mas vinha de uma linhagem de Gnomos que habitavam em Aryador e ali se misturavam muito com a gente dos Homens. Então Melko enfureceu-se mais ainda, pois buscava sempre destruir a amizade e as relações entre Elfos e Homens, e disse que ali evidentemente estava um conspirador de profundas traições contra o senhorio de Melko e merecedor das torturas dos Balrogs; mas Beren, percebendo seu perigo, respondeu: “Não penseis, ó mais poderoso Ainu Melko, Senhor do Mundo, que isso possa ser verdade, pois se assim fosse eu não estaria aqui sem ajuda e sozinho. Nenhuma amizade Beren, filho de Egnor, tem pela gente dos Homens, bem ao contrário,



cansando-se por completo das terras infestadas por esse povo ele vagou para fora de Aryador. Muitas grandes histórias meu pai me contou outrora sobre vosso esplendor e glória e, por isso, apesar de não ser servo renegado, nada desejo mais do que vos servir do pequeno modo que puder”, e Beren disse então que era excelente caçador de pequenos animais e que lançava pássaros e que se perdera nas colinas durante esses afazeres até que, depois de muito vagar, chegara a terras estranhas, e mesmo que os Orques não o tivessem apanhado ele de fato não teria outro conselho de segurança senão abordar a majestade do Ainu Melko e implorar que este lhe concedesse algum humilde mister — talvez como provedor de carne para sua mesa.

Ora, os Valar devem ter inspirado essa fala, ou quem sabe fosse um encantamento de palavras astuciosas que Gwendeling lhe tivesse posto por compaixão, pois de fato lhe salvou a vida, e Melko, notando sua constituição robusta, acreditou nele e se dispôs a aceitá-lo como servo em suas cozinhas. A lisonja sempre teve aroma doce nas narinas desse Ainu e, a despeito de toda a sua insondável sabedoria, muitas mentiras dos que desprezava o enganavam se estivessem vestidas graciosamente em palavras elogiosas; portanto deu então ordens para que Beren

fosse feito servo de Tevildo, Príncipe dos Gatos. Ora, Tevildo era um gato enorme — o mais poderoso de todos — e possuído por um espírito maligno, como dizem alguns, e estava constantemente seguindo Melko, e esse gato tinha todos os gatos sujeitos a ele, e ele e seus subordinados eram os caçadores e provedores de carne para a mesa de Melko e seus frequentes banquetes. Por esse motivo ainda existe ódio entre os Elfos e todos os gatos, mesmo agora, quando Melko não reina mais e seus animais tornaram-se de pouca importância.

Quando Beren foi levado embora, por causa disso, aos paços de Tevildo, que não eram demasiado distantes do lugar do trono de Melko, teve muito medo, pois não esperara tal reviravolta, e aqueles paços eram mal iluminados e estavam repletos de grunhidos e monstruosos rom-rons no escuro.

Em toda a volta brilhavam olhos de gatos, luzindo como lanternas verdes, ou vermelhas, ou amarelas, onde os capitães de Tevildo se assentavam, balançando e açoitando suas belas caudas, mas o próprio Tevildo estava sentado diante deles e era um gato enorme e negro como carvão e de aspecto malévolo. Seus olhos eram compridos e muito estreitos e inclinados e rebrilhavam em vermelho e em verde, mas seus grandes bigodes cinzentos eram rijos

e afiados como agulhas. Seu ronronar era como rufar de tambores e seu grunhido como trovão, mas quando gritava de raiva fazia o sangue gelar, e de fato pequenos animais e aves ficavam congelados como se fossem pedra, ou tombavam sem vida, muitas vezes ao simples som. Agora Tevildo, vendo Beren, apertou os olhos até que parecessem fechados e disse: “Sinto cheiro de cão” e tomou antipatia por Beren a partir daquele momento. Ora, Beren fora apreciador de cães em seu próprio lar selvagem.

“Por que”, disse Tevildo, “ousais trazer tal criatura diante de mim, a não ser que seja para transformá-lo em carne?” Mas os que conduziam Beren responderam: “Não, foi a palavra de Melko que este Elfo infeliz consumisse a vida como caçador de animais e aves no emprego de Tevildo.” Então, de fato, Tevildo guinchou de desdém e disse: “Então na verdade meu senhor estava adormecido, ou seus pensamentos pousavam em outro lugar, pois do que pensais que adianta um filho dos Eldar para ajudar o Príncipe dos Gatos ou seus capitães a caçarem aves ou animais? Poderíeis muito bem ter trazido algum Homem de pés desajeitados, pois não há entre Elfos ou Homens quem possa rivalizar conosco na perseguição.” Ainda assim pôs Beren à prova e mandou-o apanhar três camundongos, “pois meu paço

está infestado deles”, disse. Na verdade, não era assim, como se pode imaginar, no entanto alguns poucos havia ali — uma espécie muito selvagem, maligna e mágica que ousava habitar lá em buracos escuros, mas eles eram maiores que ratos e muito ferozes, e Tevildo abrigava-os para sua própria diversão privada e não permitia que seu número minguasse.

Por três dias Beren os caçou, mas, como nada tinha com que construir uma armadilha (e de fato não mentira a Melko ao dizer que tinha habilidade em tais dispositivos), caçou em vão, não obtendo por todos os seus esforços nada melhor que um dedo mordido. Então Tevildo ficou furioso e com grande ira, mas exceto por alguns arranhões Beren nenhum dano sofreu nessa ocasião, nem dele nem de seus capitães, por causa da ordem de Melko. Porém penosos foram seus dias depois disso nas moradas de Tevildo. Fizeram dele um ajudante de cozinha, e seus dias passavam-se tristemente lavando pisos e panelas, esfregando mesas, cortando lenha e tirando água. Muitas vezes, também, faziam-no girar espetos em que aves e camundongos gordos eram delicadamente assados para os gatos, porém raramente ele próprio tinha comida ou sono, e tornou-se abatido e desganhado, e muitas vezes desejou que jamais,

vagando para fora de Hisilómë, tivesse ao menos vislumbrado a visão de Tinúviel.

Ora, essa bela donzela chorou durante longo tempo após a partida de Beren e não dançava mais nos bosques, e Dairon enfureceu-se e não conseguia compreendê-la, mas ela passara a amar o rosto de Beren espiando através dos ramos e o estalido de seus pés quando estes a seguiam pela floresta e desejava ouvir outra vez sua voz que chamava saudosa “Tinúviel, Tinúviel” na outra margem do rio, diante dos portões de seu pai, e já não queria dançar quando Beren fugira para os paços malignos de Melko, e quem sabe já tivesse perecido. Por fim esse pensamento se tornou tão amargo que essa mui suave donzela foi ter com sua mãe, pois ao pai não ousava ir, nem permitir que ele a visse chorar.

“Ó Gwendeling, minha mãe,” disse ela, “conta-me por tua magia, se puderes, como passa Beren. Ainda está tudo bem com ele?” “Não”, disse Gwendeling. “Ele vive de fato, mas em maligno cativeiro, e a esperança está morta em seu coração, pois eis que ele é escravo em poder de Tevildo, Príncipe dos Gatos.”

“Então,” disse Tinúviel, “preciso ir em seu socorro, pois não conheço ninguém mais que o fará.”

Ora, Gwendeling não riu, pois em muitos assuntos era sábia, e presciente, mas era coisa não imaginada

em sonho insano que uma Elfa, ainda mais sendo donzela, filha do rei, viajasse desassistida aos paços de Melko, mesmo naqueles dias primordiais antes da Batalha das Lágrimas, quando o poderio de Melko não crescera e ele velava seus desígnios e expandia sua rede de mentiras. Por isso Gwendeling gentilmente lhe pediu que não dissesse tais tolices, mas Tinúviel disse: “Então precisas demandar auxílio a meu pai, que envie guerreiros a Angamandi e exija a liberdade de Beren ao Ainu Melko.”

De fato, Gwendeling o fez, por amor da filha, e Tinwelint enfureceu-se tanto que Tinúviel desejou que nunca seu anseio tivesse sido revelado; e Tinwelint mandou que ela não falasse nem pensasse mais de Beren e jurou que o mataria se pisasse de novo naqueles paços. Então Tinúviel ponderou muito o que poderia fazer e indo ter com Dairon implorou-lhe que a auxiliasse, ou até viajasse com ela até Angamandi, caso quisesse, mas Dairon lembrou-se de Beren com pouco apreço e disse: “Por que eu haveria de entrar no mais medonho perigo que há no mundo por causa de um Gnomo errante dos bosques? Em verdade não tenho apreço por ele, pois ele destruiu nossa brincadeira juntos, nossa música e nossa dança.” Mas Dairon, ademais, contou ao rei o que Tinúviel lhe pedira — e isso não por má intenção, mas temendo

que Tinúviel partisse rumo à morte no desvario de seu coração.

Ora, quando Tinwelint ouviu isso, chamou Tinúviel e disse: “Por que, ó donzela minha, não afastas de ti essa loucura e buscas fazer o que ordenei?” Mas Tinúviel não respondeu, e o rei ordenou-lhe que promettesse a ele que nem pensasse mais em Beren, nem tentasse em sua loucura segui-lo às malignas terras, quer sozinha, quer tentando alguém da sua gente a acompanhá-la. Mas Tinúviel disse que a primeira coisa ela não prometeria e a segunda apenas em parte, pois não tentaria ninguém da gente da floresta a ir com ela.

Então seu pai irou-se deveras e sob sua ira estava não pouco espantado e temeroso, pois amava Tinúviel; mas foi este o plano que engendrou, pois não podia encerrar a filha para sempre nas cavernas aonde só chegava uma luz fraca e bruxuleante. Ora, acima dos portais de seu cavernoso paço havia uma encosta íngreme que descia em direção ao rio, e ali cresciam enormes faias; e havia uma que se chamava Hirilorn, a Rainha das Árvores, pois era imensa, e o tronco era tão profundamente fendido que parecia que três caules emanavam juntos do chão e tinham o mesmo tamanho, redondos e retos, e sua casca cinzenta era lisa como seda, ininterrupta por ramo ou

rebento por grande altura acima das cabeças dos homens.

Ora, Tinwelint mandou construir, bem alto nessa estranha árvore, tão alto quanto podiam ser construídas as mais longas escadas para alcançá-la, uma casinha de madeira, e estava acima dos primeiros galhos e suavemente velada por folhas. Ora, essa casa tinha três cantos e três janelas em cada parede, e em cada canto estava um dos caules de Hirilorn. Ali, então, Tinwelint mandou Tinúviel morar até que concordasse em ser sábia, e quando ela subiu pelas escadas de alto pinho elas foram retiradas por baixo, e não havia meios de ela descer novamente. Tudo de que necessitava lhe era trazido, e a gente escalava pelas escadas e lhe dava comida ou qualquer outra coisa que desejasse e depois, ao descer, voltava a tirar as escadas, e o rei prometeu a morte a quem deixasse uma encostada à árvore ou tentasse sorrateiramente colocar uma à noite. Portanto, uma guarda foi colocada junto ao pé da árvore, e ainda assim Dairon costumava ir ali, pesaroso pelo que fizera acontecer, pois estava solitário sem Tinúviel; mas inicialmente Tinúviel teve muito prazer em sua casa entre as folhas e espiava pela janelinha enquanto Dairon tocava suas mais doces melodias lá embaixo.



Mas certa noite veio um sonho dos Valar a Tinúviel, e ela sonhou com Beren, e seu coração disse: “Que eu parta para buscar aquele que todos os outros esqueceram”; e ao despertar a lua brilhava através das árvores, e ela ponderou mui profundamente como haveria de escapar. Ora, Tinúviel, filha de Gwendeling, não ignorava magias nem encantos, como se pode bem imaginar, e após muito pensar concebeu um plano. No dia seguinte pediu aos que vieram até ela que trouxessem, como favor, um tanto da água mais clara do rio lá embaixo, “mas essa”, disse, “tem de ser tirada à meia-noite numa bacia de prata, e trazida à minha mão sem que seja dita uma palavra sequer”. E depois pediu que trouxessem vinho, “mas esse”, disse, “tem de ser trazido num frasco de ouro ao meio-dia, e quem o trouxer deve cantar durante o caminho” e fizeram o que lhes fora pedido, mas ninguém contou a Tinwelint.

Então Tinúviel disse: “Ide agora até minha mãe, e dizei-lhe que sua filha deseja uma roda de fiar para passar as horas enfadonhas”, mas secretamente pediu a Dairon que lhe fizesse um minúsculo tear, e ele o fez na própria casinha de Tinúviel na árvore. “Mas com que fiarás e com que tecerás?”, perguntou ele, e Tinúviel respondeu: “Com encantos e mágicas”, mas

Dairon não sabia seu desígnio, nem disse nada mais ao rei ou a Gwendeling.

Ora, Tinúviel tomou o vinho e a água quando estava a sós e, enquanto cantava uma canção de grande magia, misturou-os, e quando estavam na bacia de ouro cantou uma canção de crescimento, e quando estavam na bacia de prata cantou outra canção, e os nomes de todas as coisas mais altas e mais longas da Terra estavam postos nessa canção: as barbas dos Indravangs, a cauda de Karkaras, o corpo de Glorund, o tronco de Hirilorn, e a espada de Nan ela nomeou, nem esqueceu a corrente Angainu que Aulë e Tulkas fizeram, nem o pescoço de Gilim, o gigante, e por último, por mais longo tempo, falou dos cabelos de Uinen, senhora do mar, que se espalha por todas as águas. Então banhou a cabeça com a água e o vinho misturados, e assim fazendo cantou uma terceira canção, uma canção de profundo sono, e os cabelos de Tinúviel, que eram escuros e mais finos que os mais delicados filamentos do crepúsculo, repentinamente começaram de fato a crescer muito rápido, e depois que se passaram doze horas eles quase preenchiam o pequeno recinto, e então Tinúviel ficou muito contente e deitou-se para repousar, e quando despertou o recinto estava como que repleto de uma névoa negra, e ela estava oculta bem fundo abaixo dela, e eis que

seus cabelos pendiam para fora da janela e esvoaçavam em torno dos troncos da árvore na manhã. Então, com dificuldade, encontrou sua tesourinha e cortou os fios daquele cultivo rente à cabeça, e depois disso seus cabelos só cresciam como costumavam crescer antes.

Começou então a labuta de Tinúviel, e apesar de ela trabalhar com a destreza de uma Elfa foi longo o fiar e mais longo ainda o tecer, e caso alguém viesse chamá-la lá embaixo ela lhe pedia que se fosse, dizendo: “Estou acamada e só desejo dormir”, e Dairon admirou-se muito e muitas vezes a chamou lá em cima, mas ela não respondia.

Ora, com aqueles cabelos nebulosos Tinúviel teceu uma capa de negro nublado, embebida de uma sonolência ainda muito mais mágica que aquela que sua mãe envergara, e dançara nela, muito tempo atrás, e com ela cobriu suas vestes de branco reluzente, e sonos mágicos preencheram o ar à sua volta, mas com o que restou ela torceu um grande cordão e o prendeu ao tronco da árvore no interior de sua casa, e assim terminou sua labuta, e ela olhou pela janela para o leste, na direção do rio. A luz do sol já se apagava nas árvores, e à medida que o crepúsculo preenchia a floresta, ela começou a cantar, muito de leve e em voz baixa, e enquanto cantava lançou os longos cabelos

pela janela de forma que a névoa sonolenta tocasse as cabeças e os rostos dos guardas lá embaixo, e eles, escutando sua voz, caíram de repente em sono incomensurável. Então Tinúviel, envergando suas vestes de treva, deslizou pela corda de cabelos leve como um esquilo e afastou-se dançando rumo à ponte, e antes que os vigias da ponte pudessem gritar ela estava entre eles, a dançar, e quando a bainha de sua capa negra os tocava eles adormeciam, e Tinúviel fugiu para muito longe tão depressa quanto voavam seus pés dançantes.

Ora, quando a fuga de Tinúviel chegou aos ouvidos de Tinwelint foi grande seu pesar mesclado com ira, e toda a sua corte estava em polvorosa, e todos os bosques ressoavam com a busca, mas Tinúviel já estava bem longe, aproximando-se dos obscuros contrafortes onde começam as Montanhas da Noite; e dizem que Dairon, seguindo-a, perdeu-se por completo, e jamais retornou a Elfinesse, mas voltou-se na direção de Palisor e ali ainda toca sutis músicas mágicas, saudoso e solitário nos bosques e florestas do sul.

Porém, enquanto Tinúviel avançava, um súbito temor se apossou dela quando pensou no que ousara fazer e no que estava à frente, então voltou atrás por um momento e chorou, desejando que Dairon

estivesse com ela, e dizem que de fato ele não estava longe, mas vagava perdido entre os grandes pinheiros, a Floresta da Noite, onde mais tarde Túrin matou Beleg por infortúnio.

Próxima já estava Tinúviel desses lugares, mas não penetrou naquela região escura e, recobrando a coragem, seguiu avante e, em virtude da maior magia de seu ser e por causa do encantamento de assombro e sono que a rodeava, não a assaltou nenhum dos perigos que haviam ameaçado Beren antes dela; porém foi uma jornada longa, maligna e cansativa para ser trilhada por uma donzela.

Ora, é preciso ser dito que naqueles dias Tevildo tinha apenas uma preocupação no mundo, que era a gente dos Cães. De fato, muitos deles não eram amigos nem inimigos dos Gatos, pois haviam sido sujeitados a Melko e eram tão selvagens e cruéis como seus outros animais; na verdade, dos mais cruéis e selvagens ele gerou a raça dos lobos e eles lhe eram muito caros de fato. Não era o grande lobo cinzento Karkaras Presa-de-Punhal, pai dos lobos, que guardava os portões de Angamandi naqueles dias e o fizera por muito tempo antes? No entanto, havia muitos que nem se curvavam diante de Melko, nem viviam em total temor dele, mas habitavam nas moradas dos Homens, protegendo-os de muitos males

que de outra forma os acometeriam, ou perambulavam pelos bosques de Hisilómë ou, passando pelos lugares montanhosos, às vezes chegavam até à região de Artanor e às terras além e para o sul.

Caso algum desses avistasse Tevildo ou algum de seus capitães ou súditos, havia grandes latidos e intensa perseguição, e, apesar de raramente um gato ser morto, em virtude de sua habilidade em escalar e esconder-se, e por causa do poder protetor de Melko, ainda assim havia grande inimizade entre eles, e alguns desses cachorros eram temidos entre os gatos. Tevildo, porém, não temia nenhum, pois era tão forte quanto qualquer um deles e mais ágil e mais rápido, exceto por Huan, Capitão dos Cães. Tão rápido era Huan que certa feita sentira o gosto do pelo de Tevildo, e, apesar de Tevildo lhe ter cobrado com um talho das grandes garras, ainda assim o orgulho do Príncipe dos Gatos não ficou apaziguado, e ele ansiava por fazer grande mal a Huan dos Cães.

Grande foi, portanto, a sorte que ocorreu a Tinúviel ao se encontrar com Huan no bosque, apesar de no começo ela sentir temor mortal e fugir. Mas Huan a alcançou em dois saltos e falando com voz suave e profunda a língua dos Elfos Perdidos, ele lhe pediu que não temesse. “Por que”, disse ele, “vejo uma donzela élfica, e belíssima, vagando a sós tão perto

das moradas do Ainu do Mal? Não sabes que estes são lugares muito maus para se estar, pequena, mesmo com um companheiro, e são a morte dos solitários?”

“Isso eu sei,” disse ela, “e não estou aqui pelo amor à jornada, mas busco somente Beren.”

“O que sabes então”, disse Huan, “de Beren? Ou de fato te referes a Beren, filho do caçador dos Elfos, Egnor bo-Rimion, meu amigo desde dias muito antigos?”

“Não, nem mesmo sei se meu Beren é teu amigo, pois busco apenas Beren de além dos Morros Amargos, que conheci no bosque perto do lar de meu pai. Agora ele se foi, e minha mãe Gwendeling diz em sua sabedoria que ele é servo na cruel casa de Tevildo, Príncipe dos Gatos; e não sei se isso é verdade ou se coisa pior lhe aconteceu agora e vou descobri-lo, mas não tenho plano nenhum.”

“Então farei um para ti,” disse Huan, “mas confia em mim, pois sou Huan dos Cães, principal inimigo de Tevildo. Agora repousa comigo um pouco nas sombras do bosque, e pensarei profundamente.”

Então Tinúviel fez o que ele dissera, e de fato dormiu por muito tempo enquanto Huan vigiava, pois ela estava muito fatigada. Mas algum tempo depois, despertando, ela disse: “Eis que me demorei demais. Ora, qual é teu pensamento, ó Huan?”

E Huan disse: “Este assunto é obscuro e difícil, e não posso dar outro conselho que não este. Esgueira-te agora, se tiveres coragem, ao lugar de morada desse Príncipe, enquanto o sol está alto, e Tevildo e a maioria de sua casa cochilam nos terraços diante de seus portões. Ali descobre, do modo que puderes, se Beren realmente está lá dentro, como te disse tua mãe. Mas eu estarei a postos não longe dali, na floresta, e me darás prazer e auxiliarás teus próprios desejos se, chegando diante de Tevildo, quer Beren esteja lá ou não, tu lhe contares como topaste com Huan dos Cães jazendo doente no bosque aqui neste lugar. Mas não lhe indiques o caminho para cá, pois debes guiá-lo tu mesma, se possível. Então verás o que pretendo para ti e para Tevildo. Creio que, trazendo tais notícias, Tevildo não te tratará mal em seus paços, nem procurará manter-te lá.”

Deste modo Huan pretendia ao mesmo tempo causar mal a Tevildo, ou quem sabe matá-lo se fosse possível, e auxiliar Beren, que ele supunha corretamente fosse aquele Beren, filho de Egnor, que os cães de Hisilómë amavam. De fato, ouvindo o nome de Gwendeling e assim sabendo que aquela donzela era princesa das fadas do bosque, estava ansioso por ajudá-la, e seu coração se aqueceu com a doçura dela.



Então Tinúviel, enchendo-se de coragem, esgueirou-se para perto dos paços de Tevildo, e Huan muito se admirou com sua coragem, seguindo-a em segredo até onde podia pelo êxito de seu plano. Por fim, no entanto, ela desapareceu de sua vista e, deixando o abrigo das árvores, chegou a uma região de capim longo salpicado de arbustos que se erguia cada vez mais rumo a uma encosta das colinas. Agora o sol brilhava naquela crista rochosa, mas sobre todas as colinas e montanhas por trás dela jazia uma nuvem negra, pois ali estava Angamandi; e Tinúviel seguiu em frente sem ousar erguer os olhos para aquela treva, pois o medo a oprimia, e à medida que andava o chão subia e o capim escasseava e ficava salpicado de rochas, até que chegou junto a um penhasco, íngreme de um lado, e ali, sobre uma plataforma de pedra, estava o castelo de Tevildo. Nenhuma trilha conduzia até lá, e o lugar onde se erguia desandava rumo à floresta, um terraço após o outro, de forma que ninguém seria capaz de alcançar seus portões a não ser com muitos grandes saltos, e se tornava cada vez mais íngreme à medida que o castelo se aproximava. Poucas eram as janelas daquela casa, e no térreo não havia nenhuma — na verdade, o próprio portão era no ar, onde nas moradas dos Homens costumam ficar as

janelas do piso superior, mas o telhado tinha muitos espaços amplos e planos, abertos ao sol.

Tinúviel então perambulava desconsolada no terraço inferior e contemplava com pavor a casa escura sobre a colina, quando eis que, numa dobra da rocha, topou com um gato a sós, deitado ao sol e aparentemente adormecido. Quando se aproximou, ele abriu um olho amarelo e piscou para ela, e em seguida, erguendo-se e espreguiçando-se, deu alguns passos em sua direção e disse: “Aonde vais, donzelinha? Não sabes que invades a área do banho de sol de sua alteza Tevildo e de seus capitães?”

Então Tinúviel assustou-se muito, mas deu a resposta mais atrevida de que foi capaz, dizendo: “Isso não sei, meu senhor,” o que muito agradou ao velho gato, pois em verdade ele era apenas o porteiro de Tevildo, “mas de fato, por tua bondade, gostaria de ser levada agora à presença de Tevildo, mesmo que esteja dormindo”, disse ela, então o porteiro agitou a cauda em admirada recusa.

“Tenho palavras de importância imediata para seu ouvido em particular. Conduz-me até ele, meu senhor”, implorou, e diante disso o gato ronronou tão alto que ela ousou afagar-lhe a feia cabeça, que era muito maior que a dela e maior que a de qualquer cão que existe hoje sobre a Terra. Com esse rogo

Umuiyan, pois era esse seu nome, disse: “Vem comigo então” e, subitamente agarrando Tinúviel pelo ombro das vestes, para seu grande terror lançou-a sobre o lombo e saltou para o segundo terraço. Ali se deteve e, quando Tinúviel desceu com dificuldade de seu lombo, disse: “Tens sorte de esta tarde meu senhor Tevildo estar deitado neste modesto terraço longe de casa, pois um grande cansaço e desejo de dormir me acometeu, de modo que temo não ser capaz de te carregar muito mais longe” e Tinúviel estava agora envolta em sua veste de névoa negra.

Dizendo isso, Umuiyan bocejou alto e se alongou antes de a conduzir ao longo daquele terraço, até um espaço vazio onde, sobre um amplo leito de pedras cozidas, jazia o horrível vulto do próprio Tevildo, que tinha ambos os olhos malévolos fechados. Aproximando-se dele, o gato-porteiro Umuiyan falou baixinho em seu ouvido, dizendo: “Uma donzela espera vosso favor, meu senhor, que tem importante notícia para vos comunicar e não aceitou minha recusa.” Então Tevildo agitou a cauda raivoso, abrindo um olho pela metade. “O que é? Sê rápida,” disse, “pois esta não é hora para chegar desejando audiência com Tevildo, Príncipe dos Gatos.”

“Não, senhor,” disse Tinúviel trêmula, “não vos enfureçais; nem penso que vos enfureceis quando

ouvirdes, porém o assunto é tal que seria melhor nem o sussurrar aqui, onde sopram as brisas”, e Tinúviel lançou à floresta um olhar como de apreensão.

“Não, vai embora,” disse Tevildo, “cheiras a cão, e que boa notícia veio alguma vez a um gato de uma fada que lidou com cães?”

“Ora, senhor, eu cheirar a cão não é motivo para espanto, pois acabo de escapar de um, e é de fato sobre certo cão poderosíssimo, cujo nome conheceis, que desejo falar.” Então Tevildo sentou-se e abriu os olhos, olhou em toda a volta e espreguiçou-se três vezes e por fim mandou o gato-porteiro trazer Tinúviel para dentro; e Umuiyan a pegou no lombo como antes. Agora Tinúviel estava muito temerosa, pois, tendo obtido o que desejava, uma oportunidade de penetrar no baluarte de Tevildo e talvez descobrir se Beren estava ali, não tinha mais nenhum plano e não sabia o que lhe iria acontecer — na verdade, teria fugido se pudesse; porém então aqueles gatos começaram a subir pelos terraços rumo ao castelo, e Umuiyan deu um salto levando Tinúviel para cima, e depois outro, e no terceiro tropeçou de modo que Tinúviel deu um grito de pavor, e Tevildo disse: “O que te aflige, Umuiyan de pés desajeitados? É hora de deixares meu emprego se a idade se insinua em ti tão depressa.” Mas Umuiyan disse: “Não, senhor, não sei

o que seja, mas há uma névoa diante de meus olhos e minha cabeça pesa”, e cambaleou como um ébrio, de modo que Tinúviel deslizou do seu lombo, e com isso ele se deitou como em sono profundo; mas Tevildo enfureceu-se e agarrou Tinúviel, não com muito cuidado, e levou-a ele mesmo até os portões. Então, com salto enorme, pulou para dentro e, mandando a donzela apear, soltou um berro que ecoou horrendamente nos escuros caminhos e corredores. Imediatamente vieram correndo até ele, lá de dentro, e alguns ele mandou descerem até Umuiyan, amarrarem-no e lançarem-no das rochas “do lado norte onde caem mais íngremes, pois não tenho mais uso para ele,” disse, “pois sua idade lhe roubou a firmeza dos passos”; e Tinúviel estremeceu ao ouvir a crueldade daquele animal. Mas, mesmo enquanto falava, ele próprio bocejou e tropeçou como que tomado por súbita sonolência e mandou que os outros levassem Tinúviel a uma certa sala lá dentro, e era ali que Tevildo costumava sentar-se para comer carne com seus maiores capitães. Estava repleta de ossos e fedia atrozmente; não tinha janelas, apenas uma porta, mas uma portinhola se abria dela para as grandes cozinhas, e uma luz vermelha emanava dali e iluminava fracamente o lugar.

Ora, tão temerosa estava Tinúviel quando a gataria a deixou ali que ficou imóvel por um momento, incapaz de se mexer, mas logo, acostumando-se à escuridão, olhou em torno e, avistando a portinhola que tinha um peitoril largo, saltou sobre este, pois não era demasiado alto, e ela era uma Elfa ágil. Então, olhando através dela, já que estava entreaberta, viu as amplas cozinhas abobadadas e os grandes fogos que lá ardiam e os que sempre labutavam no interior, e a maioria era de gatos — mas eis que ali, junto a um grande fogo, estava Beren abaixado e estava encardido de trabalhar, e Tinúviel sentou-se e chorou, mas nada ousou ainda. Na verdade, assim que se sentou a voz áspera de Tevildo soou de repente dentro daquela sala: “Não, para onde em nome de Melko fugiu essa Elfa louca?”, e Tinúviel, ouvindo-o, espremeu-se contra a parede, mas Tevildo a enxergou onde se empoleirara e exclamou: “Então a avezinha não canta mais; desce ou terei de te buscar, pois eis que não encorajarei os Elfos a me pedirem audiência com zombaria.”

Então, parte por medo, parte esperando que sua clara voz chegasse mesmo até Beren, Tinúviel subitamente começou a falar muito alto e a contar sua história ecoando nos paços; mas “Quieta, cara donzela,” disse Tevildo, “se o assunto era secreto lá fora não deve ser gritado aqui dentro.” Então disse Tinúviel: “Não fales

assim comigo, ó gato, por muito que sejas o poderoso Senhor dos Gatos, pois não sou eu Tinúviel, Princesa das Fadas, que me desviei de meu caminho para te fazer um favor?” Ora, a estas palavras, e ela as gritara ainda mais alto do que antes, ouviu-se um grande estrondo nas cozinhas, como se muitos recipientes de metal e louça tivessem sido derrubados de súbito, mas Tevildo rosnou: “Ali tropeça esse tolo, Beren, o Elfo. Que Melko me livre dessa gente.” Porém Tinúviel, adivinhando que Beren a ouvira e fora tomado de espanto, deixou seus temores de lado e não se arrependeu mais de sua ousadia. Ainda assim, Tevildo ficou muito irado com suas palavras altivas e se ele não tivesse decidido primeiro descobrir que vantagem obteria da história dela, Tinúviel ter-se-ia dado mal de imediato. De fato, a partir desse momento estava em grande perigo, pois Melko e todos os seus vassalos consideravam Tinwelint e sua gente como proscritos, e era grande sua alegria em aprisioná-los e tratá-los com crueldade, de modo que Tevildo teria conquistado grande favor se levasse Tinúviel diante de seu senhor. De fato, assim que ela declarou seu nome ele resolveu fazê-lo quando tivesse resolvido seus próprios afazeres, mas em verdade seu juízo estava adormecido naquele dia, e esqueceu-se de mais admirar por que Tinúviel estava empoleirada no peitoril da portinhola;

nem pensou mais em Beren, pois sua mente estava atenta somente à história que Tinúviel lhe trazia. Por isso disse, disfarçando o mau humor: “Não, Senhora, não te zangues, mas vê que a demora aguça meu desejo; o que é isso que tens para meus ouvidos, pois eles já se contorcem?”

Mas Tinúviel disse: “Há um grande animal, rude e violento, e seu nome é Huan”, e com esse nome o lombo de Tevildo se arqueou, e seu pelo eriçou-se e crepitou, e era vermelha a luz de seus olhos e prosseguiu ela: “Parece-me lamentável que a tal besta seja tolerado infectar os bosques tão perto da habitação do poderoso Príncipe dos Gatos, meu senhor Tevildo”, mas Tevildo disse: “Nem o toleramos, nem ele jamais vem aqui exceto furtivamente.”

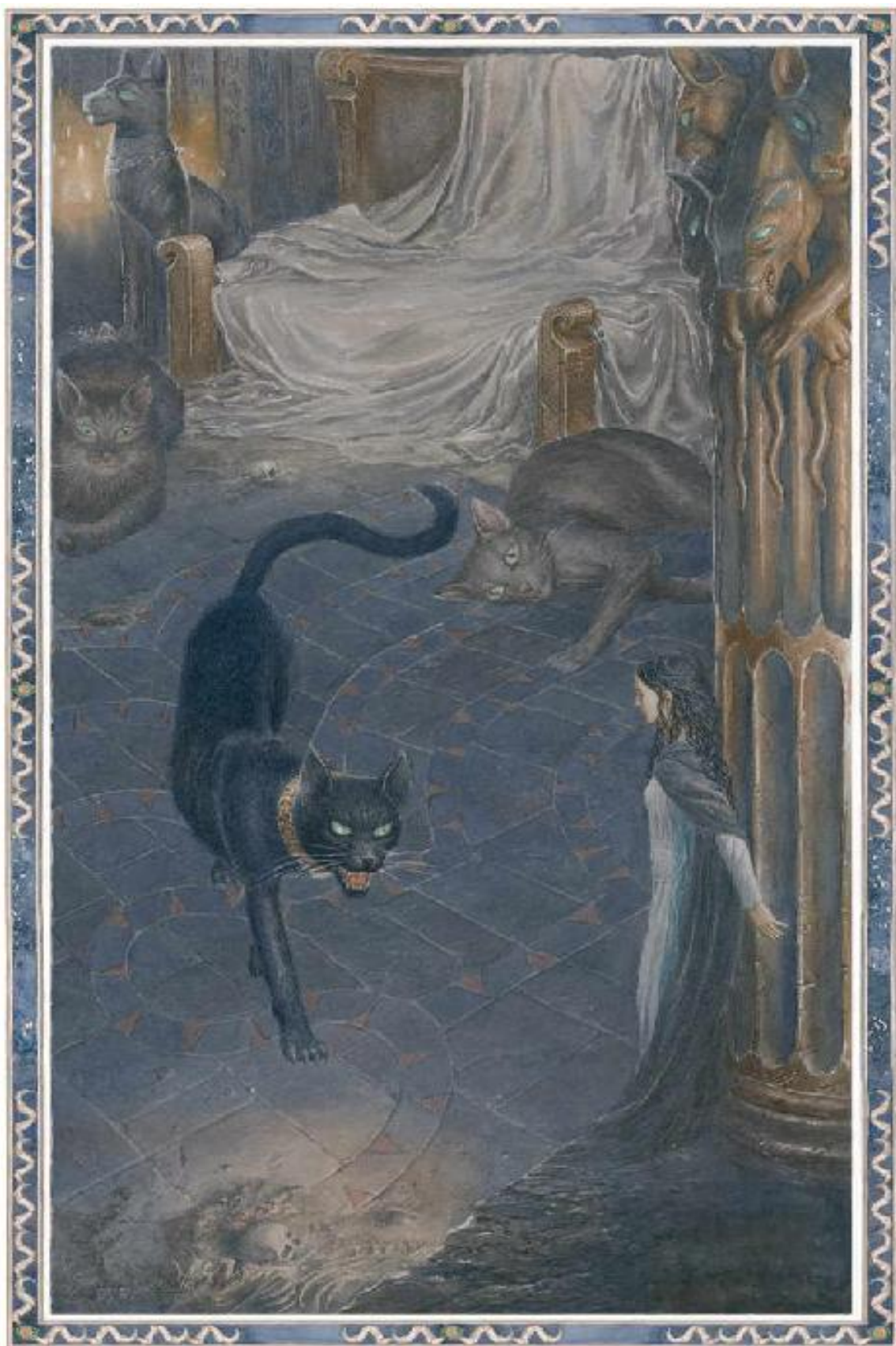
“Seja como for,” disse Tinúviel, “lá está ele agora, mas me parece que afinal sua vida poderá terminar de todo, pois vede, quando atravessei a floresta, vi onde um grande animal jazia ao solo, gemendo como que doente; e eis que era Huan, e algum encanto mau ou doença o tem nas garras, e ainda jaz desamparado num vale da floresta, a nem uma milha a oeste deste paço. Ora, quem sabe eu não vos tivesse perturbado os ouvidos por causa disso, se a besta, quando me aproximei para socorrê-lo, não tivesse grunhido e



tentado morder-me, e julgo que tal criatura merece o que lhe acontecer.”

Ora, tudo isto que Tinúviel dizia era uma grande mentira em cuja criação Huan a guiara, e as donzelas dos Eldar não costumam inventar mentiras; porém nunca ouvi dizer que algum dos Eldar a tivesse culpado nisso, nem Beren depois, nem a culpo eu, pois Tevildo era um gato maligno, e Melko, o mais perverso de todos os seres, e Tinúviel corria grave perigo nas mãos deles. Porém Tevildo, ele próprio grande e hábil mentiroso, estava tão profundamente enfronhado nas mentiras e sutilezas de todos os animais e criaturas que raramente sabia se devia ou não crer no que lhe era dito e costumava duvidar de tudo, menos do que queria acreditar que fosse verdade, e assim era muitas vezes enganado pelos mais honestos. Ora, a história de Huan e seu desamparo tanto lhe agradou que tendia a crer que fosse verdadeira e decidiu-se a pelo menos testá-la; porém de início fingiu indiferença, dizendo que era um assunto pequeno para tal segredo e poderia ter sido dito do lado de fora sem mais cerimônia. Mas Tinúviel disse que não pensara que Tevildo, Príncipe dos Gatos, precisasse ser informado de que os ouvidos de Huan ouviam os sons mais tênues a uma légua de

distância e a voz de um gato de mais longe que qualquer outro som.



Assim, portanto, Tevildo buscou descobrir de Tinúviel, fingindo desconfiar do seu relato, onde exatamente Huan poderia ser encontrado, mas ela apenas deu respostas vagas, vendo nisso sua única esperança de escapar do castelo, e por fim Tevildo, dominado pela curiosidade e ameaçando coisas malévolas caso ela revelasse ser falsa, convocou a si dois de seus capitães, e um deles era Oikeroi, um gato feroz e belicoso. Então os três partiram dali com Tinúviel, mas Tinúviel removeu sua veste mágica negra e a dobrou, de forma que apesar de todo o seu tamanho e densidade não parecia maior que o mais miúdo lenço (pois disso ela era capaz) e assim ela desceu dos terraços sem contratempos, carregada no lombo de Oikeroi, e nenhuma sonolência acometeu o que a levava. Então esgueiraram-se pela floresta na direção que ela mencionara, e logo Tevildo farejou o cão e eriçou e balançou sua grande cauda, mas depois escalou uma árvore grandiosa e de lá observou o vale que Tinúviel lhes mostrara. Ali viu de fato o grande vulto de Huan, jazendo prostrado, grunhindo e gemendo, e desceu muito contente e apressado e, de fato, no seu afã esquece-se de Tinúviel, que agora, temendo muito por Huan, se esconde em uma moita de samambaias. O propósito de Tevildo e seus dois

companheiros era penetrarem naquele vale em silêncio, vindos de diferentes direções, e assim acometerem Huan de súbito, inesperadamente, e o matar ou, caso estivesse ferido demais, brigar para zombar dele e atormentá-lo. Foi o que fizeram então, mas no momento em que saltavam sobre ele Huan lançou-se no ar com imenso latido, e suas mandíbulas se fecharam nas costas do gato Oikeroi, próximo ao pescoço, e Oikeroi morreu, mas o outro capitão fugiu uivando para cima de uma grande árvore, e assim Tevildo ficou só em face de Huan, e tal encontro não fora bem sua intenção, e contudo Huan o acometeu muito depressa para que pudesse fugir, e combateram ferozmente naquela clareira, e o barulho que Tevildo fazia era muito medonho, mas por fim Huan o tomou pela garganta, e o gato haveria de perecer, não fosse suas garras, ao atacar às cegas, perfurarem o olho de Huan. Então Huan começou a ladrar, e Tevildo, com tremendo guincho, soltou-se com grande puxão e subiu de um salto numa árvore alta e lisa ali perto, assim como fizera seu companheiro. A despeito de seu grave ferimento Huan então saltou para baixo dessa árvore, dando grandes latidos, e Tevildo o amaldiçoou e lançou sobre ele, lá de cima, palavras malignas.

Então disse Huan: “Vê, Tevildo, estas são as palavras de Huan, a quem pretendias apanhar e matar

indefeso como os miseráveis camundongos que costumam caçar; fica para sempre no alto de tua árvore solitária e morre do sangramento de tuas feridas, ou desce e prova meus dentes outra vez. Mas, se nada disso for de teu agrado, então conta-me onde estão Tinúviel, Princesa das Fadas, e Beren, filho de Egnor, pois eles são meus amigos. Eles então hão de ser postos como resgate por ti, por muito que isso seja dar-te muito mais valor do que tens.”

“Quanto àquela Elfa maldita, ela jaz soluçando nas samambaias adiante, se meus ouvidos não me enganam”, disse Tevildo. “E Beren, creio, está sendo justamente arranhado por meu cozinheiro Miaulë, nas cozinhas de meu castelo, por ter sido desajeitado ali uma hora atrás.”

“Então faz com que me sejam entregues em segurança”, disse Huan, “e tu mesmo poderás voltar a teus paços e lambe--te ileso.”

“Com certeza meu capitão, que está aqui comigo, há de buscá-los para ti”, disse Tevildo, mas Huan grunhiu: “Sim, e buscará também toda a tua tribo e hostes dos Orques e as pragas de Melko. Não, não sou tolo; és tu que darás a Tinúviel um sinal, e ela há de buscar Beren, ou ficarás aqui se não te agradar o outro modo.” Então Tevildo foi obrigado a lançar para baixo seu colar dourado — um sinal que nenhum gato

ousava desonrar —, mas Huan disse: “Não, ainda é preciso mais, pois isso provocará toda a tua gente a te buscar”, e isso Tevildo sabia e esperara. Assim foi que, no final, o cansaço e a fome e o medo forçaram aquele gato altivo, príncipe a serviço de Melko, a revelar o segredo dos gatos e o feitiço que Melko lhe havia confiado; e essas eram palavras de magia que mantinham unidas as pedras de sua casa maligna e com as quais ele mantinha sob seu domínio todos os animais da gataria, enchendo-os com um poder do mal além de sua natureza, pois por muito tempo foi dito que Tevildo era um fata maligno em forma de animal. Assim, quando ele o havia dito, Huan riu até a floresta ressoar, pois ele sabia que os dias do poderio dos gatos haviam terminado.

Então Tinúviel, com o colar dourado de Tevildo, correu de volta ao terraço inferior diante dos portões e parou dizendo o feitiço em sua voz clara. Então eis que o ar ficou repleto das vozes dos gatos, e a casa de Tevildo estremeceu; e veio de dentro dela uma hoste de habitantes e estavam minguados a um tamanho insignificante e temiam Tinúviel, que, balançando o colar de Tevildo, falou diante deles certas palavras que Tevildo dissera a Huan na sua presença, e eles se encolheram diante dela. Mas ela disse: “Vede, que sejam trazidos todos os da gente dos Elfos ou dos

filhos dos Homens que estão atados dentro destes paços”, e eis que Beren foi trazido, mas outros servos não havia, exceto Gimli, um Gnomo idoso, curvado pela servidão e já sem conseguir enxergar, mas cuja audição era a mais aguçada que houve no mundo, como dizem todas as canções. Gimli veio apoiado num bastão, e Beren o ajudou, mas Beren estava vestido de trapos e desfigurado e tinha na mão uma grande faca que apanhara na cozinha, temendo novo mal quando a casa estremeceu e se ouviram todas as vozes dos gatos; mas, quando contemplou Tinúviel de pé em meio à hoste dos gatos que retrocediam diante dela, e viu o grande colar de Tevildo, então admirou-se imensamente e não sabia o que pensar. Mas Tinúviel estava muito contente e falou dizendo: “Ó Beren de além dos Morros Amargos, agora dançarás comigo, mas que não seja aqui.” E conduziu Beren para bem longe, e todos os gatos começaram a uivar e choramingar, de tal forma que Huan e Tevildo ouviram na floresta, mas nenhum os seguiu nem molestou, pois estavam com medo, e a magia de Melko havia se apartado deles.

Na verdade, depois arrependeram-se disso quando Tevildo retornou à casa, seguido por seu trêmulo companheiro, pois a ira de Tevildo era terrível, e agitava a cauda e distribuía golpes a todos que



estavam próximos. Então Huan dos cães, por muito que possa parecer tolice, quando Beren e Tinúviel chegaram àquela clareira, permitira que o malvado Príncipe retornasse sem mais combate, mas pusera o grande colar de ouro em torno de seu próprio pescoço, e com isso Tevildo mais se enfureceu que com outra coisa qualquer, pois grande magia de força e poder residia nele. Pouco agradou a Huan que Tevildo ainda vivesse, mas não temia mais os gatos, e essa tribo tem fugido dos cães desde então, e os cães ainda a têm em desprezo desde a humilhação de Tevildo na floresta perto de Angamandi, e nenhum feito maior fez Huan. De fato, mais tarde Melko ouviu tudo e maldisse Tevildo e sua gente e os banuiu, e não tiveram desde aquele dia senhor nem mestre nem qualquer amigo, e suas vozes choram e guincham, pois têm os corações muito solitários e amargos e cheios de perda, porém dentro deles há só treva e nenhuma benevolência.

Porém ao tempo de que fala o conto o principal desejo de Tevildo era recapturar Beren e Tinúviel e matar Huan, para poder reconquistar o feitiço e a magia que perdera, pois tinha grande temor de Melko e não ousava buscar o auxílio de seu mestre e revelar sua derrota e a denúncia de seu feitiço. Sem saber disso, Huan temia aqueles lugares e receava muito que aqueles feitos chegassem depressa aos ouvidos de

Melko, como chegava a maior parte das coisas que ocorriam no mundo; por isso agora Tinúviel e Beren viajaram para bem longe com Huan e tornaram-se grandes amigos dele, e nessa vida Beren recuperou as forças, e sua servidão se apartou dele e Tinúviel o amava.

Porém selvagens e rudes e muito solitários foram aqueles dias, pois jamais viram rosto de Elfo nem Homem, e Tinúviel, por fim, anelava intensamente por sua mãe Gwendeling e as canções de doce magia que ela costumava cantar aos filhos quando caía o crepúsculo no bosque junto a seus antigos paços. Muitas vezes quase imaginou ouvir a flauta de Dairon, seu irmão, em agradáveis clareiras onde passavam algum tempo, e seu coração ficou pesado. Após algum tempo disse a Beren e a Huan: “Preciso voltar para casa” e então foi o coração de Beren que se toldou com pesar, pois amava aquela vida na floresta com os cães (pois àquela altura muitos outros se haviam juntado a Huan), porém não se Tinúviel não estivesse lá.

Ainda assim disse: “Nunca poderei voltar contigo à terra de Artanor, nem jamais voltar ali para te procurar, doce Tinúviel, exceto se trazer uma Silmaril; e agora isso não pode ser realizado, já que sou fugitivo dos próprios paços de Melko, e seus servos me espionam

em perigo dos castigos mais atrozes.” Ora, isto ele disse no pesar de seu coração, ao se despedir de Tinúviel, e ela hesitou, não suportando a ideia de deixar Beren nem de viver sempre assim no exílio. Por isso passou longo tempo em tristes pensamentos e não falava, mas Beren sentou-se junto a ela e finalmente disse: “Tinúviel, só uma coisa podemos fazer: sair em busca de uma Silmaril”; e diante disso ela procurou Huan, pedindo-lhe auxílio e conselho, mas ele foi muito grave e nada via no caso senão loucura. Porém no fim Tinúviel lhe pediu a pele de Oikeroi, que ele matara no combate da clareira; ora, Oikeroi era um gato poderosíssimo e Huan levava aquela pele consigo como troféu.

Então Tinúviel empenhou sua habilidade e sua magia de fada e costurou Beren dentro da pele e o fez assemelhar-se a um grande gato e lhe ensinou a sentar e a se escarrapachar, a dar passos e pulos, e a trotar à semelhança de um gato, até os bigodes do próprio Huan se eriçarem à vista daquilo, e Beren e Tinúviel riram-se dele. Jamais, porém, Beren aprendeu a guinchar ou choramingar, ou a ronronar como qualquer gato que já caminhou, nem Tinúviel pôde despertar um brilho nos olhos mortos da pele de gato “mas precisamos nos conformar com isso”, disse ela,

“e tens o ar de um gato mui nobre contanto que segures tua língua”.

Então se despediram de Huan e partiram rumo aos paços de Melko em jornadas leves, pois Beren estava muito desconfortável e quente dentro da pele de Oikeroi, e o coração de Tinúviel estava mais leve, por uns tempos, do que há muito estivera, e afagava Beren ou lhe puxava a cauda, e Beren se irritava porque não conseguia agitá-la, em resposta, tão ferozmente quanto desejava. Após algum tempo, porém, acercaram-se de Angamandi, como de fato os estrondos e ruídos graves e o som de grandes marteladas de dez mil ferreiros labutando sem cessar lhes declaravam. Estavam próximos os tristes recintos onde os Noldoli escravizados labutavam amargamente sob os Orques e Gobelins das colinas, e ali a obscuridade e treva era grande, de modo que desanimaram, mas Tinúviel mais uma vez se trajou em sua veste escura de sono profundo. Ora, os portões de Angamandi eram de ferro hediondamente trabalhado e guarnecido de facas e espetos, e diante deles estava deitado o maior lobo que o mundo já viu, o próprio Karkaras Presa-de-Punhal que jamais dormira; e Karkaras rosnou quando viu Tinúviel se aproximando, mas com o gato não se importou muito, pois tinha os gatos em pequena conta, e eles sempre passavam para dentro e para fora.

“Não rosnes, ó Karkaras,” disse ela, “pois vou em busca de meu senhor Melko e este capitão de Tevildo vai comigo como escolta.” Ora, a veste escura velava toda a sua beleza cintilante, e a mente de Karkaras não se perturbou muito, porém mesmo assim ele se aproximou, como costumava fazer, para farejar o seu ar, e a doce fragrância dos Eldar aquela veste não conseguia ocultar. Assim, de imediato Tinúviel iniciou uma dança mágica e lançou as mechas negras de seu escuro véu nos olhos dele, de modo que suas pernas tremeram de sonolência, e ele rolou e adormeceu. Mas foi só quando ele estava firmemente sonhando com grandes perseguições nos bosques de Hisilómë, quando ainda era filhote, que Tinúviel se deteve e então entraram os dois pelo portal negro e serpenteando, descendo por muitos caminhos de sombra, toparam finalmente com a presença do próprio Melko.

Naquela escuridão Beren passava muito bem por verdadeiro capitão de Tevildo, e de fato antigamente Oikeroi havia frequentado muito os paços de Melko, de modo que ninguém lhe deu atenção, e ele se esgueirou sem ser visto embaixo do próprio assento do Ainu, mas as víboras e os seres malignos que lá estavam lhe deram muito medo, e assim não ousava mexer-se.

Ora, tudo isto calhou muito afortunadamente, pois se Tevildo estivesse com Melko a fraude deles teria sido descoberta — e na verdade haviam pensado nesse perigo, sem saberem que Tevildo agora estava sentado em seus paços, sem saber o que haveria de fazer caso sua derrota fosse comentada em Angamandi, mas eis que Melko avistou Tinúviel e disse: “Quem és tu que adejas em meus paços como um morcego? Como entraste? Pois com certeza não pertences a este lugar.”

“Não, não pertenço ainda,” disse Tinúviel, “mas quem sabe possa depois disto, por vossa bondade, meu senhor Melko. Não sabeis que sou Tinúviel, filha do proscrito Tinwelint, e que ele me expulsou de seus paços, pois é um Elfo imperioso e não concedo meu amor a mando dele?”

Então Melko se admirou deveras de que a filha de Tinwelint viesse assim, de livre vontade, à sua morada, a terrível Angamandi, e suspeitando de algo inconveniente perguntou qual era seu desejo: “Pois não sabes”, disse ele, “que aqui não há amor por teu pai ou sua gente, nem deves esperar de mim palavras suaves ou bom humor?”

“Assim disse meu pai,” disse ela, “mas por que devo crer nele? Vede, tenho a habilidade das danças sutis e quero dançar diante de vós agora, meu senhor, pois assim creio que prontamente podereis me conceder um

humilde canto de vossos paços, onde eu habite até o momento em que chameis a pequena dançarina Tinúviel para aliviar vossas preocupações.”

“Não,” disse Melko, “tais coisas pouco são para minha mente, mas visto que vieste tão longe para dançar, dança, e veremos depois”, e com isso a olhou maliciosamente, de modo horrível, pois sua mente obscura planejava algum mal.

Então Tinúviel iniciou uma dança tal que nem ela, nem qualquer outro duende, ou fata, ou elfa jamais dançara antes, nem dançou desde então, e após pouco tempo o olhar do próprio Melko estava preso pelo assombro. Em redor do salão andou ela, veloz como andorinha, silenciosa como morcego, magicamente bela como só Tinúviel foi jamais e estava já ao lado de Melko, já diante dele, já atrás, e suas nebulosas roupagens lhe tocavam a face e meneavam diante dos seus olhos, e a gente sentada ao longo dos muros, ou de pé naquele lugar, foi uma a uma dominada pelo sono, caindo em profundos sonhos com tudo o que seus maldosos corações desejavam.

Sob seu assento as víboras jaziam como pedras, e os lobos diante de seus pés bocejavam e dormitavam, e Melko contemplava encantado, mas não dormiu. Então Tinúviel começou a dançar uma dança ainda mais veloz diante de seus olhos e mesmo enquanto

dançava cantou em voz muito baixa e maravilhosa uma canção que Gwendeling lhe ensinara muito tempo atrás, uma canção que os jovens e as donzelas cantavam sob os ciprestes dos jardins de Lórien quando a Árvore de Ouro declinara e Silpion reluzia. As vozes dos rouxinóis estavam nela, e muitos sutis odores pareciam encher o ar daquele local fétido à medida que ela pisava o solo, leve como pluma ao vento; nem jamais se viu ali de novo alguma voz nem visão de tal beleza, e o Ainu Melko, a despeito de todo o seu poder e majestade, sucumbiu à magia daquela donzela élfica, e de fato as pálpebras do próprio Lórien teriam pesado se ele ali estivesse para a ver. Então Melko caiu para diante, sonolento, e por fim, em sono profundo, afundou de seu assento para o chão, e sua coroa de ferro rolou para longe.

Subitamente Tinúviel cessou. No salão não se ouvia nenhum som que não fosse de respiração adormecida; até Beren dormia embaixo do próprio assento de Melko, mas Tinúviel o sacudiu, e ele finalmente despertou. Então, temeroso e tremendo, ele rasgou o disfarce e, livrando-se dele, pôs-se de pé com um salto. Sacou então aquela faca que trouxera das cozinhas de Tevildo e agarrou a enorme coroa de ferro, mas Tinúviel não a conseguiu mover e os músculos de Beren mal davam conta de virá-la. Grande foi a



agitação de seu temor enquanto, naquele escuro salão do mal adormecido, Beren labutava o mais silenciosamente que podia para arrancar uma Silmaril com sua faca. Já soltou a grande joia central, e o suor lhe brotava da fronte, mas quando a forçou para soltá-la da coroa eis que a faca se partiu com um forte estalido.

Tinúviel abafou um grito nesse momento, e Beren afastou-se de um salto com a Silmaril na mão, e os que dormiam se agitaram, e Melko gemeu, como se maus pensamentos lhe perturbassem os sonhos, e uma expressão obscura tomou conta de seu rosto adormecido. Então, contentes com aquela única gema reluzente, os dois fugiram desesperados do salão, descendo aos tropeços desordenados por muitos corredores escuros, até que, pelo bruxuleio de uma luz cinzenta, souberam que se aproximavam dos portões — e eis! Karkaras estava deitado de través na soleira, outra vez desperto e vigilante.

Em um impulso imediato Beren pôs-se diante de Tinúviel, apesar de ela ter-lhe dito não, e no final isso demonstrou ser ruim, pois Tinúviel não teve tempo de lançar outra vez sobre o animal seu feitiço de sonolência, antes que, vendo Beren, ele arreganhasse os dentes e grunhissem furioso. “Por que tanta rispidez, Karkaras?”, disse Tinúviel. “Por que esse Gnomo que

não entrou e agora, no entanto, sai às pressas?”, disse Presa--de-Punhal, e com isso saltou sobre Beren, que golpeou com o punho bem entre os olhos do lobo, agarrando a garganta dele com a outra mão.

Então Karkaras apanhou essa mão nas pavorosas mandíbulas e era a mão em que Beren apertava a resplandecente Silmaril, e tanto a mão quanto a joia foram arrancadas por Karkaras, que as tomou na goela vermelha. Foi grande a agonia de Beren, e o temor e a angústia de Tinúviel, porém nesse momento, quando esperavam sentir os dentes do lobo, ocorreu algo novo, estranho e terrível. Eis que agora a Silmaril resplandecia com um fogo branco e oculto da sua própria natureza e estava possuída por uma magia feroz e sagrada — pois não vinha ela de Valinor e dos reinos abençoados, tendo sido moldada com encantos dos Deuses e dos Gnomos antes que o mal ali chegasse? E não tolera ela o toque da carne maligna ou da mão profana? Passou então para o interior do imundo corpo de Karkaras, e de súbito a fera foi queimada com terrível angústia e o uivo de sua dor foi pavoroso de se ouvir, ecoando naqueles caminhos rochosos, de forma que desperta toda a corte adormecida lá dentro. Então Tinúviel e Beren fugiram pelos portões como o vento, porém Karkaras estava muito adiante deles, encolerizado e louco como um

animal perseguido por Balrogs; e depois, quando conseguiram recuperar o fôlego, Tinúviel chorou sobre o braço mutilado de Beren, beijando-o muitas vezes, e eis que não sangrou e a dor o deixou e foi curado pela suave cura do amor dela; porém depois disso Beren sempre foi cognominado, entre toda a gente, Ermabwed, Uma-Mão, que na língua da Ilha Solitária é Elmavoitë.

Agora, no entanto, precisavam tratar de escapar — se fosse essa a sua sorte, e Tinúviel enrolou parte de sua capa escura em torno de Beren e assim, por algum tempo, esvoaçando no crepúsculo e na escuridão entre as colinas, não foram vistos por ninguém, apesar de Melko ter convocado todos os seus Orques de terror contra eles; e sua fúria pelo roubo daquela joia era a maior que os Elfos jamais haviam visto.

Ainda assim, logo lhes pareceu que a rede de caçadores se fechava sobre eles cada vez mais apertada, e apesar de terem alcançado a borda das matas mais familiares e passado pelas trevas da floresta de Taurfuin, havia ainda assim muitas léguas de perigos a serem atravessadas entre eles e as cavernas do rei, e mesmo que alguma vez lá chegassem parecia que só atrairiam para lá a caçada que os seguia, e o ódio de Melko sobre toda aquela gente da floresta. Era deveras tão grande o clamor que

Huan o percebeu de longe e muito se admirou com a ousadia daqueles dois, e mais ainda por eles terem escapado de Angamandi.

Ia então com muitos cães através das matas, caçando Orques e capitães de Tevildo, e assim obteve muitos ferimentos e muitos deles matou ou pôs em temor e fuga, até que certa tarde, ao crepúsculo, os Valar o levaram a uma clareira naquela região setentrional de Artanor que depois se chamou Nan Dumgorthin, a terra dos ídolos sombrios, mas esse é um assunto que não diz respeito a este conto. Entretanto, era mesmo então uma terra escura e sombria e de mau agouro, e o temor caminhava sob suas árvores ameaçadoras, não menos que em Taurfuin; e aqueles dois Elfos, Tinúviel e Beren, lá estavam deitados exaustos e desesperançados, e Tinúviel chorava, mas Beren manuseava sua faca.

Ora, quando Huan os viu não permitiu que falassem nem contassem parte de seu relato, mas de imediato pôs Tinúviel sobre seu lombo enorme e mandou Beren correr ao seu lado, do melhor modo que pudesse “pois,” disse ele, “uma grande companhia de Orques aproxima-se rapidamente daqui, e os lobos são seus rastreadores e batedores.” Então a matilha de Huan correu em torno deles e muito velozes, ao longo de trilhas rápidas e secretas, seguiram rumo aos

longínquos lares da gente de Tinwelint. Assim foi que se esquivaram das hostes de seus inimigos, não obstante tiveram depois muitos embates com seres malignos vagantes, e Beren matou um Orque, que por pouco não arrastou Tinúviel consigo, e esse foi um bom feito. Vendo então que a caçada ainda os seguia de perto, mais uma vez Huan os conduziu por caminhos tortuosos e ainda não ousava levá-los direto à terra das fadas da floresta. Porém era tão astuciosa a sua condição que, por fim, depois de muitos dias, a caçada ficou longe para trás e não viram nem ouviram mais nada dos bandos de Orques; nenhum gobelim os atacou de surpresa e nem os uivos de lobos malignos vinham pelos ares à noite, e isso provavelmente era porque já haviam penetrado no círculo de magia de Gwendeling que ocultava as trilhas do mal e evitava que o dano chegasse às regiões dos Elfos da floresta.

Então Tinúviel respirou livre outra vez, como não fizera desde que fugira dos paços de seu pai, e Beren descansou ao sol longe das trevas de Angband até que o último amargor da servidão o abandonou. Em virtude da luz que caía através das folhas verdes e do sussurro dos ventos puros e do cantar das aves, mais uma vez estiveram destemidos por completo.

Não obstante, acabou chegando um dia em que, despertando de sono profundo, Beren deu um salto

como quem deixa um sonho de coisas felizes que lhe vem à mente de chofre e disse: “Adeus, ó Huan, mais fiel dos companheiros, e tu, pequena Tinúviel, a quem amo, adeus. Só isto te imploro, vai agora direto à segurança de teu lar e que o bom Huan te conduza. Mas eu — eis que devo me afastar para a solidão das matas, pois perdi a Silmaril que tive e nunca mais ousarei me aproximar de Angamandi e, portanto, jamais entrarei nos paços de Tinwelint.” Então chorou consigo mesmo, mas Tinúviel, que estava perto e escutara sua meditação, pôs-se junto dele e disse: “Não, agora meu coração está mudado, e se habitares na floresta, ó Beren Ermabwed, também eu habitarei, e se vagares nos lugares selvagens ali vagarei também, seja contigo ou depois de ti: porém meu pai nunca mais me verá exceto se tu me levares até ele.” Então Beren alegrou-se deveras com suas doces palavras e lhe teria agradado morar com ela como caçador nos ermos, mas seu coração o golpeou por tudo o que ela sofrera por ele e por ela ele abandonou sua altivez. De fato, ela argumentou com ele, dizendo que a obstinação seria tolice e que seu pai os saudaria tão somente com alegria, contente de ver a filha ainda viva “e quem sabe”, disse ela, “ele se envergonhará de seu gracejo ter entregue tua bela mão às queixadas de Karkaras”. Mas também implorou a Huan que voltasse

com eles durante algum espaço, pois “meu pai te deve uma enorme recompensa, ó Huan,” disse, “se é que ele ama a filha”.

Assim foi que esses três partiram juntos mais uma vez e por fim retornaram aos bosques que Tinúviel conhecia e amava, perto da habitação de seu povo e dos profundos paços de seu lar. Porém, à medida que se aproximavam, encontraram medo e tumulto entre aquela gente, tal como não houvera por longa era, e perguntando a alguns que choravam diante de suas portas ficaram sabendo que desde o dia da fuga secreta de Tinúviel a má sorte os acometera. Eis que o rei ficara perturbado de pesar e negligenciara sua antiga circunspecção e astúcia; na verdade seus guerreiros haviam sido enviados para lá e para cá, às profundezas das florestas insalubres, buscando a donzela, e muitos haviam sido mortos ou perdidos para sempre, e havia guerra com os servos de Melko em todas as suas fronteiras setentrionais e orientais, de modo que a gente temia imensamente que aquele Ainu convocasse suas forças e viesse esmagá-los por completo e que a magia de Gwendeling não tivesse o poder de resistir à multidão de Orques. “Vede,” diziam, “agora aconteceu o pior de tudo, pois muito tempo a Rainha Gwendeling esteve indiferente, sem sorrir nem falar, como se fitasse à grande distância com olhos

desvairados, e a rede de sua magia tornou-se rala em torno da floresta, e a floresta é lúgubre, pois Dairon não retorna nem sua música se ouve mais nas clareiras. Eis agora a coroa de todas as nossas más novas, pois sabeis que irrompeu sobre nós, vindo irado desde os paços do Mal, um grande lobo cinzento repleto de um espírito maligno e se comporta como que açoitado por alguma loucura oculta, e ninguém está a salvo. Já matou muitos, correndo selvagem pela floresta, mordendo e berrando, de modo que as próprias margens do rio que corre diante dos paços do rei se tornaram lugares onde o perigo espreita. Ali o medonho lobo vai beber com frequência, parecendo o próprio Príncipe maligno, de olhos injetados de sangue e língua pendendo para fora, e nunca consegue saciar seu desejo de água, como se algum fogo interior o devorasse.”

Então Tinúviel se entristeceu, pensando na infelicidade que acometera seu povo e principalmente seu coração se tornou amargo diante da história de Dairon, pois dela não ouvira nem murmúrio antes disso. No entanto, era incapaz de desejar que Beren nunca tivesse chegado às terras de Artanor, e juntos apressaram-se para irem ter com Tinwelint; e aos Elfos da floresta parecia agora que o mal estava



terminando, já que Tinúviel voltara a ter com eles ilesa. Na verdade, sequer esperavam por isso.

Encontraram o Rei Tinwelint em grande melancolia, porém de repente seu pesar se derreteu em lágrimas de contentamento e Gwendeling voltou a cantar de alegria quando Tinúviel ali entrou e, lançando longe sua veste de escura névoa, pôs-se diante deles na mesma radiância perolada de outrora. Por um instante tudo foi regozijo e assombro naquele paço, e ainda assim o rei acabou por voltar os olhos para Beren e disse: “Então tu também retornaste — trazendo uma Silmaril, fora de dúvida, em recompensa de todo o mal que produziste em minha terra; ou, se não a trazes, não sei por que aqui estás.”

Então Tinúviel pisou forte e exclamou, de modo que o rei e todos os que estavam à sua roda se admiraram de seu novo humor destemido: “Que vergonha, meu pai! Vê, eis Beren, o bravo, que tua pilhéria expulsou para lugares escuros e imundo cativeiro, e que somente os Valar salvaram de morte amarga. Creio que a um rei dos Eldar melhor conviria recompensá-lo que injuriá-lo.”

“Não,” disse Beren, “o rei, teu pai, tem esse direito. Senhor,” disse, “mesmo agora tenho uma Silmaril em minha mão.”

“Mostra-me então”, disse o rei, assombrado.

“Não posso fazê-lo,” disse Beren, “pois minha mão não está aqui”, e estendeu o braço mutilado.

Então o coração do rei se voltou para ele, em razão de seu comportamento resoluto e cortês, e pediu que Beren e Tinúviel lhe relatassem tudo o que ocorrera a cada um e escutou com avidez, pois não compreendia plenamente o significado das palavras de Beren. Quando, porém, havia ouvido tudo seu coração voltou-se para Beren ainda mais e admirou-se do amor que despertara no coração de Tinúviel, de forma que ela praticara feitos maiores e mais ousados que qualquer guerreiro de seu povo.

“Nunca mais,” disse, “ó Beren, eu te peço, deixes esta corte nem a companhia de Tinúviel, pois és um grande Elfo e teu nome será sempre grande entre as gentes.” No entanto, Beren respondeu-lhe com altivez e disse: “Não, ó Rei, mantenho minha palavra e a vossa e vos trarei essa Silmaril antes de habitar em paz nos vossos paços.” E o rei implorou-lhe que não viajasse mais aos reinos escuros e desconhecidos, mas Beren disse: “Não há necessidade disso, pois eis que essa joia agora mesmo está próxima de vossas cavernas”, e esclareceu a Tinwelint que a fera que assolava suas terras não era outro senão Karkaras, o lobo guardião dos portões de Melko — e isto não era conhecido de todos, mas Beren o sabia por

ensinamento de Huan, cuja astúcia na leitura de pegadas e rastos era a maior de todos os cães, e nenhum deles é inábil nisso. E, na verdade, Huan estava então nos paços junto com Beren e, quando aqueles dois falaram de perseguição e grande caçada, ele pediu para ser incluído no feito e isso foi concedido de bom grado. Os três, portanto, prepararam-se para assolar a fera, para que toda a gente estivesse livre do terror do lobo e Beren mantivesse a palavra, trazendo uma Silmaril para luzir outra vez em Elfinesse. O próprio Rei Tinwelint liderou essa perseguição, e Beren estava junto dele e Mablung, o mão-pesada, chefe dos capitães do rei, ergueu-se de um salto e agarrou uma lança — uma arma poderosa capturada em batalha com os Orques distantes — e com esses três saiu na tocaia Huan, mais poderoso dos cães, mas não levaram outros conforme o desejo do rei, que disse: “Quatro bastam para matar até o Lobo-infernal”, mas somente os que o viram sabiam quão temível era essa fera, quase do tamanho de um cavalo entre os Homens, e era tão grande o ardor de seu hálito que chamuscava tudo o que tocasse. Pela hora do nascer do sol fizeram-se a caminho e logo depois Huan divisou um novo rasto junto ao rio, não longe das portas do rei e disse: “Esta é a pegada de Karkaras.” Depois seguiram aquele rio

por todo o dia e em muitos lugares suas margens estavam recém-pisoteadas e dilaceradas, e a água das lagoas em volta estava imunda, como se animais possuídos de loucura tivessem rolado e lutado ali pouco tempo antes.

Pôs-se então o sol e apagou-se além das árvores no Oeste, e a treva desceu rastejando de Hisilómë, fazendo morrer a luz da floresta. Ainda assim chegaram a um local onde o rasto se afastava do rio, ou talvez se perdia em suas águas, e Huan não conseguia mais segui-lo; e, portanto, acamparam ali, dormindo em turnos junto ao rio e o início da noite foi passando.

De súbito, no turno de Beren, irrompeu ao longe um ruído de grande terror — um uivo como de setenta lobos ensandecidos — e eis que a mata estala e as árvores novas se rompem à medida que o terror se avizinha, e Beren soube que Karkaras estava sobre eles. Mal teve tempo de despertar os demais, e tinham acabado de saltar em pé e estavam semiacordados, quando um grande vulto assomou ao luar hesitante que lá se insinuava e fugia como quem está louco e sua trajetória se dirigia à água. Diante disso Huan começou a ladrar, e prontamente a fera desviou-se na direção deles e deitava espuma de sua mandíbula e nos olhos luzia uma luz vermelha e sua cara estava

marcada de uma mistura de terror e fúria. Assim que saiu das árvores, Huan atirou-se sobre ele, destemido de coração, mas ele, com um grande salto, voou bem por cima do grande cão, pois toda a sua fúria acendeu-se de súbito contra Beren, a quem reconheceu de pé mais atrás, e à sua mente obscura parecia que era aquela a causa de toda a sua agonia. Então Beren o golpeou depressa, metendo-lhe uma lança na garganta por baixo, e Huan saltou de novo e o agarrou por uma perna traseira, e Karkaras caiu qual pedra, pois nesse mesmo momento a lança do rei encontrou seu coração e seu espírito maligno jorrou e despachou-se, uivando baixo enquanto sobrevoava as colinas escuras rumo a Mandos; mas Beren jazia embaixo dele, esmagado por seu peso. Então rolaram a carcaça e começaram a abri-la, e Huan lambeu o rosto de Beren do qual fluía sangue. Logo a verdade das palavras de Beren ficou esclarecida, pois as vísceras do lobo estavam semiconsumidas como se um fogo interior ali tivesse ardido por longo tempo, e subitamente a noite ficou repleta de um esplendor prodigioso, matizado de cores pálidas e secretas, quando Mablung retirou a Silmaril. Então, estendendo-a, disse: “Contemplai, ó Rei”, mas Tinwelint disse: “Não, jamais lhe porei a mão a não ser que Beren a entregue.” Mas Huan disse: “E isso parece que nunca há de acontecer, a não ser que trateis

dele depressa, pois me parece que está gravemente ferido”, e Mablung e o rei se envergonharam.

Portanto ergueram Beren com cuidado e o cuidaram e lavaram, e ele respirava, mas não falou nem abriu os olhos, e quando o sol nasceu e haviam repousado um pouco levaram-no de volta pela mata, do modo mais compassivo, numa maca de ramos; e perto do meio-dia aproximaram-se outra vez das casas da gente e estavam mortalmente exaustos, e Beren não se movera nem falara, mas três vezes gemeu.

Toda aquela gente afluiu ao seu encontro quando sua aproximação foi divulgada entre eles e alguns lhes trouxeram carne e bebidas frescas e substâncias de cura para suas feridas, e não fosse o ferimento sofrido por Beren sua alegria teria sido deveras grande. Agora, porém, cobriram com vestes macias os ramos folhosos onde ele jazia e o levaram embora aos paços do rei, e ali estava Tinúviel aguardando-os com grande aflição; e lançou-se sobre o peito de Beren e chorou e beijou-o, e ele despertou e a reconheceu, e depois Mablung deu-lhe a Silmaril, e ele a ergueu contemplando sua beleza, antes de dizer lentamente e sem dor: “Vede, ó Rei, eu vos dou a joia maravilhosa que desejáveis, e é apenas uma coisa menor encontrada à beira do caminho, pois creio que outrora tivestes uma mais bela, além do que se possa pensar, e agora ela é

minha.” Mas, enquanto falava, as sombras de Mandos se abateram sobre seu rosto, e seu espírito fugiu naquela hora até a margem do mundo, e os ternos beijos de Tinúviel não o chamaram de volta.



[Aqui Vëannë repentinamente parou de falar, mas chorava e pouco depois disse: “Não, esse não é o conto todo, mas termina aqui tudo que cheguei a saber.” Na conversa que se seguiu, um certo Ausir disse: “Ouvi dizer que a magia dos ternos beijos de Tinúviel curou Beren e recuperou seu espírito dos portões de Mandos, e por muito tempo ele morou entre os Elfos Perdidos ...”]

Mas outro disse: “Não, não foi assim, ó Ausir, e se escutares, eu contarei a história verdadeira e espantosa, pois Beren morreu ali nos braços de Tinúviel, exatamente como Vëannë disse, e Tinúviel, esmagada pelo pesar, não encontrando consolo nem luz no mundo todo, o seguiu depressa ao longo daqueles caminhos escuros que todos precisam trilhar a sós. Ora, sua beleza e seu suave encanto tocaram o próprio coração frio de Mandos, de forma que permitiu que ela o reconduzisse ao mundo, o que

jamais foi feito desde então a nenhum Homem ou Elfo, e muitas canções e histórias existem do rogo de Tinúviel diante do trono de Mandos, de que não me lembro bem. Porém, Mandos disse aos dois: ‘Ó, Elfos, eis que não vos dispenso a uma vida de perfeita alegria, pois tal não se pode encontrar mais em todo o mundo onde se assenta Melko do coração maligno — e sabeis que vos tornareis mortais, bem como os Homens, e quando viajardes outra vez para cá será para sempre, a não ser que os Deuses de fato vos convoquem a Valinor.’ Não obstante, os dois partiram de mãos dadas e viajaram juntos através dos bosques setentrionais e muitas vezes foram vistos dançando mágicas danças colina abaixo, e seu nome se fez ouvir em toda a parte.”

[Então Vëannë disse:] “Sim, e fizeram mais que dançar, pois seus feitos depois disso foram muito grandes e há muitos relatos a esse respeito que precisas ouvir, ó Eriol Melinon, em outra ocasião de contar histórias. Pois a esses dois as histórias chamam i-Cuilwarthon, o que quer dizer os mortos que vivem de novo, e tornaram-se fadas poderosas nas terras junto ao norte de Sirion. Vê, agora está tudo terminado; e agradou-te?”

[Então Eriol disse que não esperara ouvir tão espantosa história de alguém como Vëannë, ao que ela



respondeu:]

“Não, mas não a moldei com minhas próprias palavras, porém ela me é cara — e, de fato, todas as crianças conhecem os feitos que ela relata — e a aprendi de cor, lendo-a nos grandes livros, e não compreendo tudo o que está posto nela.”



Durante a década de 1920 meu pai estava empenhado em compor em versos os Contos Perdidos de Turambar e Tinúviel. O primeiro desses poemas, *A Balada dos Filhos de Húrin*, na métrica aliterante do inglês antigo, foi iniciado em 1918, mas ele o abandonou quando estava longe da conclusão, muito provavelmente quando deixou a Universidade de Leeds. No verão de 1925, o ano em que assumiu sua indicação à cátedra de Anglo-Saxão em Oxford, iniciou “o poema de Tinúviel”, chamado *A Balada de Leithian*. Ele traduziu isto por “Libertação do Cativo”, mas nunca explicou o título.

De modo notável e pouco característico, inseriu datas em muitos pontos. A primeira delas, no verso 557 (na numeração do poema como um todo), é 23 de agosto de 1925; e a última, 17 de setembro de 1931, está escrita junto ao verso 4085. Pouco mais além, no verso 4223, o poema foi abandonado no ponto da narrativa onde “os dentes de Carcharoth se juntaram como uma armadilha” na mão de Beren, que levava a Silmaril, durante sua fuga de Angband. Para o restante do poema, que jamais foi escrito, existem sinopses em prosa.

Em 1926 ele enviou muitos de seus poemas a R.W. Reynolds, que fora seu professor na King Edward’s School, em Birmingham. Naquele ano compôs um texto substancial com o título *Esboço da mitologia com especial referência a Os Filhos*

*de Húrin*, e no envelope que continha esse manuscrito escreveu depois que o texto era “o Silmarillion original” e que o escrevera para o Sr. Reynolds para “explicar o pano de fundo da ‘versão aliterante’ de Túrin e o Dragão”.

Esse *Esboço da Mitologia* era “o Silmarillion original”, porque dele saiu uma linha direta de evolução, apesar de não haver continuidade estilística com os *Contos Perdidos*. O *Esboço* é o que seu nome implica: uma sinopse, composta de modo conciso, no tempo presente. Dou aqui o trecho do texto que relata da forma mais breve o conto de Beren e Lúthien.



## UM TRECHO DO *ESBOÇO DA* *MITOLOGIA*

O poder de Morgoth começa a se expandir outra vez. Um a um ele derrota os Homens e os Elfos no Norte. Dentre esses um famoso capitão de Homens era Barahir, que fora amigo de Celegorm de Nargothrond.

Barahir é impelido a se esconder, seu esconderijo é traído e Barahir é morto; seu filho Beren, após uma vida de proscrito, foge para o sul, cruza as Montanhas Sombrias e após atrozess provasões chega a Doriath. Sobre essas e suas outras aventuras conta *A Balada de Leithian*. Ele conquista o amor de Tinúviel, “o rouxinol” — seu próprio nome para Lúthien — a filha de Thingol. Para que a tenha, Thingol, por zombaria, exige uma Silmaril da coroa de Morgoth. Beren parte para realizar isto, é capturado e posto num calabouço em Angband, mas oculta sua verdadeira identidade e é dado como escravo a Thû, o caçador. Lúthien é aprisionada por Thingol, mas escapa e vai em busca de Beren. Com a ajuda de Huan, senhor dos cães, ela resgata Beren e obtém acesso a Angband, onde Morgoth é encantado e finalmente envolto em sonolência por sua dança. Eles conseguem uma

Silmaril e escapam, mas são detidos nos portões de Angband por Carcaras, o Lobo-guardião. Ele arranca com uma mordida a mão de Beren que segura a Silmaril e enlouquece com a aflição dela ardendo dentro dele.

Eles escapam e depois de muito perambular retornam a Doriath. Carcaras, saqueando pelas matas, irrompe em Doriath. Segue-se a Caçada ao Lobo de Doriath, em que Carcaras é destruído e Huan é morto na defesa de Beren. No entanto, Beren é ferido letalmente e morre nos braços de Lúthien. Algumas canções dizem que Lúthien chegou a atravessar o Gelo Pungente, auxiliada pelo poder de sua mãe divina Melian, até os paços de Mandos, e o resgatou; outras, que Mandos, ouvindo seu relato, libertou-o. O que é certo é que somente ele dentre os mortais voltou de Mandos e morou com Lúthien e nunca mais falou com os Homens de novo, vivendo nas florestas de Doriath e no Descampado dos Caçadores, a oeste de Nargothrond.

Ver-se-á que houve grandes alterações na lenda, sendo a mais imediatamente evidente o captor de Beren: aqui encontramos Thû, “o caçador”. Ao final do *Esboço* diz-se de Thû que ele era o último “grande chefe” de Morgoth e que “escapou da Última Batalha e habita ainda em lugares escuros e perverte os Homens à sua medonha veneração”. Em *A Balada de Leithian* Thû emerge como o temível Necromante, Senhor dos Lobos, que habitava em Tol Sirion, a ilha no rio Sirion que tinha uma torre

de vigia élfica e que se tornou Tol-in-Gaurhoth, a Ilha dos Lobisomens. Ele é, ou será, Sauron. Tevildo e seu reino de gatos desapareceram.

Mas em segundo plano emergira outro elemento significativo da lenda, depois de ter sido escrito *O Conto de Tinúviel*: trata-se do pai de Beren. Egnor, o coureiro, o Gnomo “que caçava nos lugares mais obscuros [...] de Hisilómë” (p. 38), desapareceu. Agora, no trecho do *Esboço* que acaba de ser reproduzido, seu pai é Barahir, “um famoso capitão de Homens”; tendo sido levado a se esconder pelo crescente poder hostil de Morgoth, seu esconderijo foi traído e ele foi morto. “Seu filho Beren, após uma vida de proscrito, foge para o sul, cruza as Montanhas Sombrias e, após atrozess provasões, chega a Doriath. Sobre essas e suas outras aventuras conta *A Balada de Leithian*.”





## UM TRECHO EXTRAÍDO DE *A BALADA DE LEITHIAN*

Reproduzo aqui o trecho da *Balada* (escrita em 1925; ver p. 81) que descreve a traição de Gorlim, conhecido por Gorlim, o Infeliz, que delatou a Morgoth o esconderijo de Barahir e seus companheiros, e suas consequências. Devo mencionar aqui que os detalhes textuais do poema são muito complexos, mas como meu (ambicioso) objetivo neste livro é produzir um texto facilmente legível, que mostre a evolução narrativa da lenda em diferentes etapas, deixei de lado praticamente todos os detalhes dessa natureza, que apenas poderiam confundir esse objetivo. Um relato sobre a história textual do poema será encontrado em meu livro *As Baladas de Beleriand (A História da Terra-média, Vol. III)*. Os extratos da *Balada* no presente livro foram tirados, palavra por palavra, do texto que preparei para *As Baladas de Beleriand*. Os números dos versos são simplesmente os dos excertos e não guardam relação com os do poema inteiro.

O excerto que se segue é tirado do Canto II da *Balada*. Precede-o uma descrição da feroz tirania de Morgoth sobre as terras setentrionais à época da



chegada de Beren em Artanor (Doriath), e da sobrevivência oculta de Barahir, Beren e dez outros, caçados em vão por Morgoth por muitos anos, até que finalmente “seus pés foram capturados na armadilha de Morgoth”.

- É Gorlim que vem fatigado  
de luta e fuga, maltratado,  
percorre à noite, acaso e medo,  
campos escuros em segredo  
5 em vale que sua gente abriga  
e dá com uma casa antiga,  
diante do céu escura é ela,  
mas um clarão vem da janela,  
de solitária vela escapa.
- 10 Espia dentro, à socapa,  
e vê, qual sonho inclemente,  
quando a saudade ilude a mente,  
a esposa junto da lareira  
a lamentá-lo, em luto inteira,  
15 cabelos brancos, pálida tez  
que a solidão e o choro fez.  
“Ó Eilinel, tão linda e terna,  
que eu cria estar na treva eterna,  
jazendo! Ao fugir pela porta  
20 pensei te ver inerte e morta  
na noite de pavor amaro  
quando perdi o que me era caro”:  
diz admirado o coração  
a vigiar na escuridão.
- 25 Não chega o nome a lhe chamar,

como escapou lhe perguntar,  
ao vale, longe sob os morros,  
ele ouve um grito sob os morros!  
Lá perto um mocho solta um pio;  
30 um uivo causa-lhe arrepio,  
lobos selvagens em caçada  
seus pés seguiram pela estrada.  
Pois sabe bem que sem cessar  
Morgoth o está sempre a caçar.  
35 Teme ser morto co'Eilinel,  
retoma o caminho seu,  
e vai selvagem, tortuoso,  
na trilha, em leito pedregoso  
do rio, sobre o incerto charco,  
40 e num deserto ermo e parco  
encontra os seus, a pouca gente,  
em ponto oculto; já cadente  
a luz; sem sono vê agora  
chegar aos poucos feia aurora  
45 sobre os ramos, triste céu.  
Enfermo está o juízo seu,  
sem paz; aceitaria grilhão  
se a esposa reencontrasse então.  
Mas entre apreço do senhor  
50 e ódio pelo rei do horror  
e angústia por sua Eilinel,  
quem contará do transe seu?

Dias depois, turvado o siso,  
a ruminar, já sem juízo,  
55 servos do rei atroz avista,  
pede que o levem à sua vista,

rebelde a implorar perdão,  
se este puder ser dado então  
por novas do bom Barahir,  
60 onde encontrá-lo, aonde ir  
de noite ou dia ao seu covil.  
O triste Gorlim pois partiu  
à profundez, atra caverna;  
aos pés de Morgoth se prosterna,  
65 ao coração cruel indica,  
ao que a verdade não pratica.  
Diz Morgoth: “Eilinel, a bela  
certo acharás, e lá com ela,  
onde habite e te aguarda,  
70 juntos vós estareis, não tarda,  
não vos separo nunca mais.  
Este é o prêmio a quem traz  
tal boa nova, delator meu!  
Cá já não mora Eilinel,  
75 em mortal treva tem corrido,  
sem lar, viúva do marido —  
espectro do que havia de ser,  
assim parece, vens de ver!  
Agora pelo umbral da dor  
80 irás à terra, meu favor;  
baixas à treva atroz sem lua  
pra lá buscar Eilinel tua.”

Já Gorlim sofre morte atroz  
e se maldiz c’o fim da voz,  
85 é morto Barahir, então  
tornam seus feitos bons em vão.  
Porém de Morgoth o terror

nem sempre engana o contendor;  
ainda alguns usam perícia  
90 pra desfazer a sua malícia.  
Pois Morgoth fez, assim se cria,  
o espectro atroz que Gorlim via  
c'os olhos seus, tornou em nada  
a esperança preservada  
95 lá na floresta solitária;  
mas Beren, com fortuna vária,  
naquele dia longe caça,  
a noite em lugares passa  
longe dos seus. Durante o sono  
100 sente grã treva e abandono,  
pensa que os ramos que divisa  
são nus e os move triste brisa;  
sem folhas, mas com negros corvos  
em casca e ramo, são estorvos;



105 grasnando, os bicos deitam sangue;  
rede o envolve, fica langue,  
envolto, mão e perna inteira,  
até que exausto junto à beira  
de lago morto deita oculto.

110 Mas vê que se agita um vulto  
bem longe n'água tão trevosa,  
assume forma nebulosa,  
desliza no silente lago,  
de perto faz discurso aziago

115 e triste diz: “Gorlim tu vês,  
traidor traído! Desta vez  
corre! Pois Morgoth já aperta  
teu pai pela garganta; é certa  
a reunião tua, teu covil”,

120 revela então o mal que viu,  
que fez e Morgoth deu por certo.  
Acorda Beren, busca esperto  
espada e arco, sai alado  
qual vento em ramo desnudado

125 no outono. Chega co'aflição,  
fogo e ardor no coração,  
vê Barahir jazer, seu pai;  
tarde demais. A noite vai,  
encontra as casas dos caçados,

130 ilha de mata em alagados,  
aves em nuvem esvoaçam —  
não são do charco aves que passam.  
Gralhas e corvos no amieiro,  
aves de agouro num poleiro;

135 um grasma: “Beren chegou tarde”,

todos em coro: “Tarde! Tarde!”.  
Sepulta do seu pai os ossos,  
empilha ali rochedos grossos;  
três vezes Morgoth é imprecado,  
140 sem pranto, coração gelado.

Percorre charco, campo, monte,  
persegue, chega a uma fonte  
que das profundas traz calor.  
Vê assassinos, matador,  
145 cruéis soldados do monarca.  
Um deles ri, na mão abarca  
anel de Barahir finado.  
“Lá em Beleriand forjado,  
atenta”, diz, “este tesouro.

150 Já não se compra nem com ouro,  
matei por ele Barahir,  
tolo e ladrão, que foi servir,  
prestar favores de outrora  
pra Felagund. Assim é agora;  
155 pois Morgoth mo mandou levar,  
não que me conste lhe faltar  
maior tesouro em seu cofre.  
Quem tem cobiça nada sofre  
e eu pretendo insistir:

160 vazia a mão de Barahir!”  
Seta mortal remata o feito;  
fende-lhe o coração no peito.  
Vê Morgoth que seu contendor  
prestou serviço, executor  
165 do traidor, servo sem siso.  
Mas Morgoth já não vê com riso

que Beren, lobo a sós na caça,  
de trás da rocha salta, e passa  
junto ao poço no bivaque,  
170 apanha o anel antes do ataque  
de raiva e ira do inimigo,  
e deles foge. Tem o abrigo  
feito de anéis de puro aço  
pelos Anãos sem embaraço;  
175 esconde-se em rocha e mato  
Beren em boa hora nato;  
ignora o inimigo vil  
aonde foi buscar covil.

Foi Beren sempre destemido,  
180 por resistente sempre havido,  
quando vivia Barahir;  
mas ora vem pesar partir  
a alma, a vida lhe amargar,  
que seu punhal já pensa usar,  
185 espada ou lança, fim estreme  
da vida, e só correntes teme.  
Busca perigos, busca a morte,  
escapa assim à fatal sorte  
ousando feitos de nomeada,  
190 de glória ao vento sussurrada;  
canções entoam-se, acesas,  
acerca de suas proezas  
a sós, cercado no negrume  
de névoa, e lua, sob o lume  
195 do dia claro. Enche as matas  
do Norte com batalhas gratas  
ceifando de Morgoth a laia;  
com ele só carvalho e faia,



sempre fiéis, bestas pequenas  
200 de pelo, couro, asas, penas;  
espíritos dos quais a voz  
em velhos montes, ermos sós  
habita e vaga, seus amigos.  
Mas o proscrito tem perigos  
205 e Morgoth é um rei mais vil  
que o mundo em canto já previu,  
e seu saber de amplidão  
amarra e cerca em precisão  
quem o enfrenta. Pois assim  
210 Beren da mata foge, enfim,  
da terra amada onde em paz  
seu pai, que os juncos choram, jaz.  
Sob rocha em monte, musgos grossos  
desmancham-se do herói os ossos.  
215 Já Beren foge ao Norte imigo,  
noite de outono o traz consigo;  
o cerco de seus contendores  
já passa — anda sem rumores.  
Do arco a corda já não canta,  
220 seta talhada não levanta,  
e já não deita o crânio seu  
sobre a charneca sob o céu.  
Luar no pinho em movimento  
por entre a névoa, chia o vento  
225 em feto e charneca à tarde,  
ninguém o encontra. Um vulto arde  
no ar gelado, prata quente,  
no Norte está a Urze Ardente,  
que a gente humana assim dizia,  
230 deixa pra trás, o que alumia

planície, lago, morro e terra,  
charco maldito, monte e serra.

Dali ao Sul é sua jornada,  
dali é atroz a caminhada;  
235 de cruzar, apenas homens audazes  
as frias Montanhas Sombrias são capazes.  
A encosta norte é dor, perigo,  
cruel, mortal é o inimigo;  
a face sul a pino, então,  
240 é pico, rocha e paredão;  
são enganosas suas raízes  
e amargas águas infelizes.  
Em cova e vale há magia,  
pois muito longe todavia,  
245 além de onde a vista aponta,  
talvez de torre alta e tonta,  
ninho de águia a erguer-se,  
um brilho cinza possa ver-se,  
Beleriand, Beleriand,  
250 terra das fadas bela e grande.

*Gorlim it was, who wearying  
of toil and flight and harrying  
one night by chance did turn his feet  
o'er the dark fields by stealth to meet  
5 with hidden friends within a dale,  
and found a homestead looming pale  
against the misty stars, all dark  
save one small window, whence a spark  
of fitful candle strayed without.  
10 Therein he peeped, and filled with doubt*

*he saw, as in a dreaming deep  
when longing cheats the heart in sleep,  
his wife beside a dying fire  
lament him lost; her thin attire*

15 *and greying hair and paling cheek  
of tears and loneliness did speak.  
'A! fair and gentle Eilinel,  
whom I had thought in darkling hell  
long since imprisoned! Ere I fled*

20 *I deemed I saw thee slain and dead  
upon that night of sudden fear  
when all I lost that I held dear':  
thus thought his heavy heart amazed  
outside in darkness as he gazed.*

25 *But ere he dared to call her name,  
or ask how she escaped and came  
to this far vale beneath the hills,  
he heard a cry beneath the hills!  
There hooted near a hunting owl*

30 *with boding voice. He heard the howl  
of the wild wolves that followed him  
and dogged his feet through shadows dim.  
Him unrelenting, well he knew,  
the hunt of Morgoth did pursue.*

35 *Lest Eilinel with him they slay  
without a word he turned away,  
and like a wild thing winding led  
his devious ways o'er stony bed  
of stream, and over quaking fen,*

40 *until far from the homes of men  
he lay beside his fellows few  
in a secret place; and darkness grew,*

*and waned, and still he watched unsleeping,  
and saw the dismal dawn come creeping  
45 in dank heavens above gloomy trees.  
A sickness held his soul for ease,  
and hope, and even thraldom's chain  
if he might find his wife again.  
But all he thought twixt love of lord  
50 and hatred of the king abhorred  
and anguish for fair Eilinel  
who drooped alone, what tale shall tell?*

*Yet at the last, when many days  
of brooding did his mind amaze,  
55 he found the servants of the king  
and bade them to their master bring  
a rebel who forgiveness sought,  
if haply forgiveness might be bought  
with tidings of Barahir the bold,  
60 and where his hidings and his hold  
might best be found by night or day.  
And thus sad Gorlim, led away  
unto those dark deep-dolven halls,  
before the knees of Morgoth falls,  
65 and puts his trust in that cruel heart  
wherein no truth had ever part.  
Quoth Morgoth: 'Eilinel the fair  
thou shalt most surely find, and there  
where she doth dwell and wait for thee  
70 together shall ye ever be,  
and sundered shall ye sigh no more.  
Thus guerdon shall he have that bore  
these tidings sweet, O traitor dear!*

*For Eilinel she dwells not here,  
75 but in the shades of death doth roam  
widowed of husband and of home —  
a wraith of that which might have been,  
methinks, it is that thou hast seen!  
Now shalt thou through the gates of pain  
80 the land thou askest grimly gain;  
thou shalt to the moonless mists of hell  
descend and seek thy Eilinel.'*

*Thus Gorlim died a bitter death  
and cursed himself with dying breath,  
85 and Barahir was caught and slain,  
and all good deeds were made in vain.  
But Morgoth's guile for ever failed,  
nor wholly o'er his foes prevailed;  
and some were ever that still fought  
90 unmaking that which malice wrought.  
Thus Men believed that Morgoth made  
the fiendish phantom that betrayed  
the soul of Gorlim, and so brought  
the lingering hope forlorn to nought  
95 that lived amid the lonely wood;  
yet Beren had by fortune good  
long hunted far afield that day,  
and benighted in strange places lay  
far from his fellows. In his sleep  
100 he felt a dreadful darkness creep  
upon his heart, and thought the trees  
were bare and bent in mournful breeze;  
no leaves they had, but ravens dark  
sat thick as leaves on bough and bark,*

105 *and croaked, and as they croaked each neb  
let fall a gout of blood; a web  
unseen entwined him hand and limb,  
until worn out, upon the rim  
of stagnant pool he lay and shivered.*

110 *There saw he that a shadow quivered  
far out upon the water wan,  
and grew to a faint form thereon  
that glided o'er the silent lake  
and coming slowly, softly spake*

115 *and sadly said; 'Lo! Gorlim here,  
traitor betrayed, now stands! Nor fear,  
but haste! For Morgoth's fingers close  
upon thy father's throat. He knows  
your secret tryst, your hidden lair',*

120 *and all the evil he laid bare  
that he had done and Morgoth wrought.  
Then Beren waking swiftly sought  
his sword and bow, and sped like wind  
that cuts with knives the branches thinned*

125 *of autumn trees. At last he came,  
his heart afire with burning flame,  
where Barahir his father lay;  
he came too late. At dawn of day  
he found the homes of hunted men,*

130 *a wooded island in the fen  
and birds rose up in sudden cloud —  
no fen-fowl were they crying loud.  
The raven and the carrion-crow  
sat in the alders all a-row;*

135 *one croaked: 'Ha! Beren comes too late',  
and answered all: 'Too late! Too late!'*

*There Beren buried his father's bones,  
and piled a heap of boulder-stones,  
and cursed the name of Morgoth thrice,  
140 but wept not, for his heart was ice.*

*Then over fen and field and mountain  
he followed, till beside a fountain  
upgushing hot from fires below  
he found the slayers and his foe,  
145 the murderous soldiers of the king.  
And one there laughed, and showed a ring  
he took from Barahir's dead hand.  
'This ring in far Beleriand,  
now mark ye, mates,' he said, 'was wrought.  
150 Its like with gold could not be bought,  
for this same Barahir I slew,  
this robber fool, they say, did do  
a deed of service long ago  
for Felagund. It may be so;  
155 for Morgoth bade me bring it back,  
and yet, methinks, he has no lack  
of weightier treasure in his hoard.  
Such greed befits not such a lord,  
and I am minded to declare  
160 the hand of Barahir was bare!'  
Yet as he spake an arrow sped;  
with riven heart he crumpled dead.  
Thus Morgoth loved that his own foe  
should in his service deal the blow  
165 that punished the breaking of his word.  
But Morgoth laughed not when he heard  
that Beren like a wolf alone*

*sprang madly from behind a stone  
amid that camp beside the well,  
170 and seized the ring, and ere the yell  
of wrath and rage had left their throat  
had fled his foes. His gleaming coat  
was made of rings of steel no shaft  
could pierce, a web of dwarvish craft;  
175 and he was lost in rock and thorn,  
for in charmed hour was Beren born;  
their hungry hunting never learned  
the way his fearless feet had turned.  
As fearless Beren was renowned,  
180 as man most hardy upon ground,  
while Barahir yet lived and fought;  
but sorrow now his soul had wrought  
to dark despair, and robbed his life  
of sweetness, that he longed for knife,  
185 or shaft, or sword, to end his pain,  
and dreaded only thraldom's chain.  
Danger he sought and death pursued,  
and thus escaped the fate he wooed,  
and deeds of breathless wonder dared  
190 whose whispered glory widely fared,  
and softly songs were sung at eve  
of marvels he did once achieve  
alone, beleaguered, lost at night  
by mist or moon, or neath the light  
195 of the broad eye of day. The woods  
that northward looked with bitter feuds  
he filled and death for Morgoth's folk;  
his comrades were the beech and oak,  
who failed him not, and many things*



200 *with fur and fell and feathered wings;  
and many spirits, that in stone  
in mountains old and wastes alone,  
do dwell and wander, were his friends.  
Yet seldom well an outlaw ends,*

205 *and Morgoth was a king more strong  
than all the world has since in song  
recorded, and his wisdom wide  
slow and surely who him defied  
did hem and hedge. Thus at the last*

210 *must Beren flee the forest fast  
and lands he loved where lay his sire  
by reeds bewailed beneath the mire.  
Beneath a heap of mossy stones  
now crumble those once most mighty bones.*

215 *but Beren flees the friendless North  
one autumn night, and creeps him forth;  
the leaguer of his watchful foes  
he passes — silently he goes.  
No more his hidden bowstring sings,*

220 *no more his shaven arrow wings,  
no more his hunted head doth lie  
upon the heath beneath the sky.  
The moon that looked amid the mist  
upon the pines, the wind that hissed*

225 *among the heather and the fern  
found him no more. The stars that burn  
about the North with silver fire  
in frosty airs, the Burning Briar  
that men did name in days long gone,*

230 *were set behind his back, and shone  
o'er land and lake and darkened hill,*

*forsaken fen and mountain rill.*

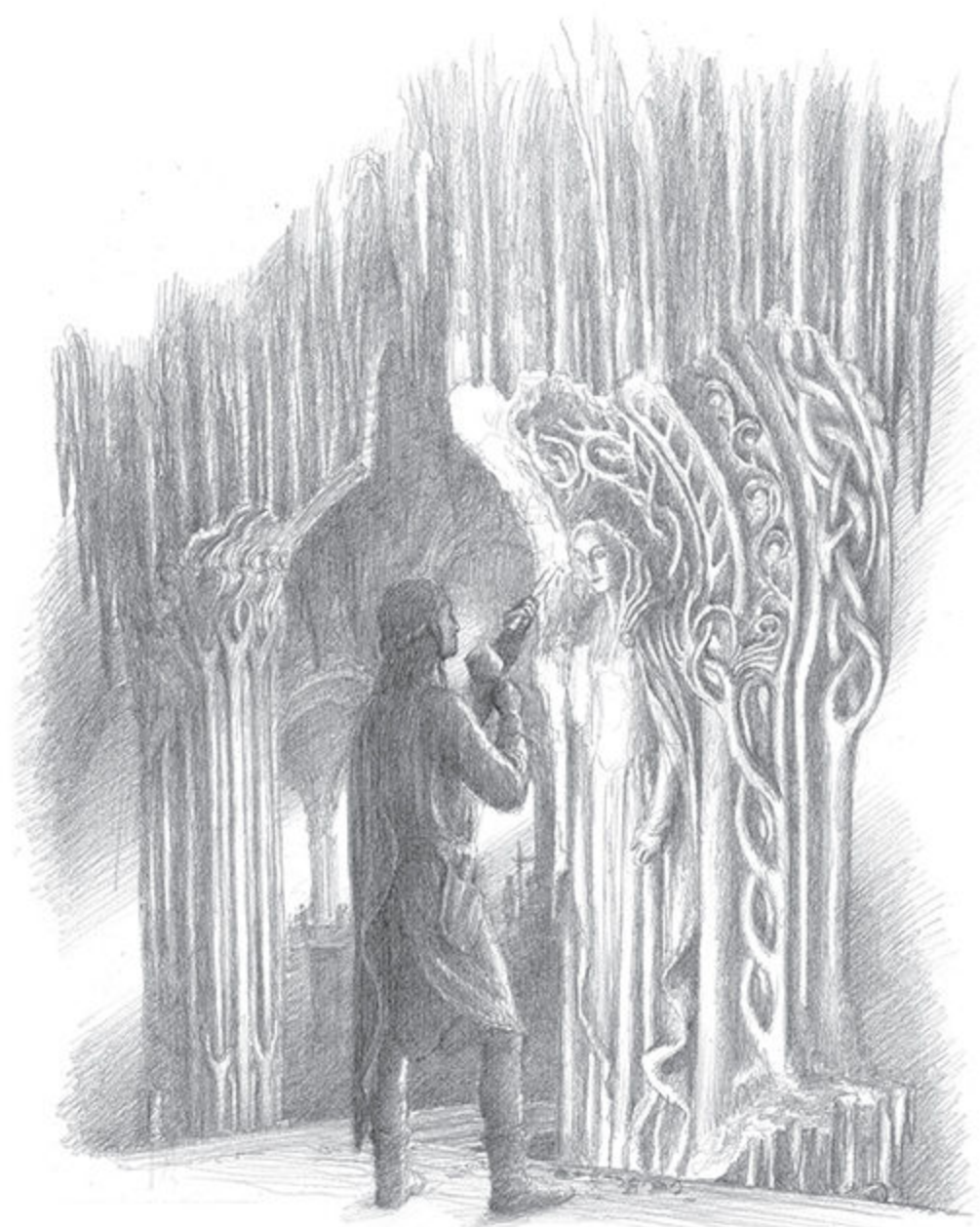
*His face was South from the Land of Dread  
whence only evil pathways led,  
235 and only the feet of men most bold  
might cross the Shadowy Mountains cold.  
Their northern slopes were filled with woe,  
with evil and with mortal foe;  
their southern faces mounted sheer  
240 in rocky pinnacle and pier,  
whose roots were woven with deceit  
and washed with waters bitter-sweet.  
There magic lurked in gulf and glen,  
for far away beyond the ken  
245 of searching eyes, unless it were  
from dizzy tower that pricked the air  
where only eagles lived and cried,  
might grey and gleaming be descried  
Beleriand, Beleriand,  
250 the borders of the faëry land.*



## O *QUENTA NOLDORINWA*

Depois do *Esboço da Mitologia*, este texto, a que me referirei como “o *Quenta*”, foi a única versão completa e acabada de “O Silmarillion” que meu pai realizou: um texto datilografado que fez em (como parece certo) 1930. Nenhum rascunho ou esboço preliminar, se é que houve algum, sobreviveu, mas está claro que, durante boa parte de sua extensão, ele tinha o *Esboço* diante de si. Ele é mais longo que o *Esboço* e, claramente, nele surgiu o “estilo do Silmarillion”, mas continua sendo uma compressão, um relato compendioso. No subtítulo está dito que é “a breve história dos Noldoli ou Gnomos”, extraída do *Livro dos Contos Perdidos* escrito por Eriol [Ælfwine]. É claro que àquela altura os poemas longos já existiam, substanciais, mas maciçamente inacabados, e meu pai ainda estava trabalhando em *A Balada de Leithian*.

No *Quenta* emerge a principal transformação da lenda de Beren e Lúthien, com a entrada do príncipe noldorin Felagund, filho de Finrod. Para explicar como isso pôde ocorrer, darei aqui um trecho desse texto, mas é necessária uma nota sobre os nomes. O líder dos Noldor na grande jornada dos Elfos desde Cuiviénen, a Água do Despertar no mais remoto Leste, foi Finwë; seus três filhos eram Fëanor, Fingolfin e Finrod, que foi o pai de Felagund. (Mais tarde os nomes foram alterados: o terceiro filho de Finwë tornou-se *Finarfin*, e *Finrod* foi o nome de seu filho, mas Finrod era também *Felagund*. Este nome significava “Senhor de Cavernas” ou “Escavador de Cavernas” na língua dos Anãos, pois ele foi o fundador de Nargothrond. A irmã de Finrod Felagund era Galadriel.)





## UM TRECHO EXTRAÍDO DO *QUENTA NOLDORINWA*

Esse foi o tempo que as canções chamam de Cerco de Angband. As espadas dos Gnomos muravam então a terra da ruína de Morgoth, e seu poder estava encerrado por trás das muralhas de Angband. Os Gnomos gabavam-se de que ele nunca poderia romper seu cerco e de que ninguém dentre sua gente jamais poderia passar para fazer o mal nos caminhos do mundo. [...]

Naqueles dias os Homens vieram por sobre as Montanhas Azuis até Beleriand, os mais bravos e belos de sua raça. Foi Felagund quem os encontrou e foi sempre amigo deles. Certa feita ele era hóspede de Celegorm no Leste e cavalgou a caçar com ele. Mas apartou-se dos demais e, certa altura da noite, topou com um vale nos contrafortes ocidentais das Montanhas Azuis. Havia luzes no vale e o som de rude canção. Então Felagund admirou-se, pois a língua daquelas canções não era a língua dos Eldar, nem dos Anãos. Nem era a língua dos Orques, apesar de ele inicialmente temer que fosse. Ali estava acampado o povo de Bëor, um poderoso guerreiro dos

Homens, cujo filho era Barahir, o audaz. Eram eles os primeiros Homens a chegarem a Beleriand. [...]

Naquela noite Felagund foi ter entre os homens adormecidos da hoste de Bëor e sentou-se junto a suas fogueiras morredouras, onde ninguém montava guarda, e tomou uma harpa que Bëor pusera de lado e nela tocou uma música tal que nenhum ouvido mortal jamais escutara, pois aprendera as melodias da música somente dos Elfos-escuros. Então os Homens despertaram e escutaram e se maravilharam, pois havia grande sabedoria naquela canção e também beleza, e tornava-se mais sábio o coração que a escutava. Assim foi que os Homens chamaram Felagund, o primeiro dos Noldoli que encontraram, de Sabedoria, e por causa dele chamaram sua raça de Sábios, a quem chamamos Gnomos.

Bëor morou com Felagund até morrer, e seu filho Barahir foi o maior amigo dos filhos de Finrod.

Então começou o tempo da ruína dos Gnomos. Levou muito tempo para que ela se completasse, pois crescera muito seu poderio, e eram muito valorosos, e seus aliados eram muitos e audaciosos, Elfos-escuros e Homens.

Mas a maré de sua sorte virou de súbito. Por longo tempo Morgoth preparara suas forças em segredo. Em



certa noite de inverno ele desencadeou grandes rios de chama que se derramaram sobre toda a planície diante das Montanhas de Ferro e a queimaram, tornando-a um deserto desolado. Muitos Gnomos dos filhos de Finrod pereceram naquele incêndio, e sua fumaça produziu treva e confusão entre os inimigos de Morgoth. Em seguida ao fogo vieram os negros exércitos dos Orques, em quantidade que os Gnomos jamais viram nem imaginaram antes. Deste modo Morgoth rompeu o cerco de Angband e realizou pelas mãos dos Orques uma grande matança dos mais bravos das hostes sitiadas. Seus inimigos foram dispersos por toda a parte, Gnomos, Ilkorins e Homens. A maioria dos Homens ele perseguiu por sobre as Montanhas Azuis, exceto pelos filhos de Bëor e por Hador, que se refugiou em Hithlum além das Montanhas Sombrias, onde os Orques ainda não chegavam em grandes números. Os Elfos-escuros fugiram para o sul rumo a Beleriand e além, mas muitos foram a Doriath, e o reino e poderio de Thingol cresceu naquele tempo, até ele se tornar um baluarte e refúgio dos Elfos. As magias de Melian que estavam enttecidas nos limites de Doriath resguardavam do mal seus paços e seu reino.

A floresta de pinheiros foi tomada por Morgoth e transformada em lugar de pavor, e ele tomou a torre de vigia de Sirion e a transformou em reduto de mal e de ameaça. Ali habitava Thû, o principal servo de Morgoth, feiticeiro de medonho poder, o senhor dos lobos. O maior peso daquela batalha pavorosa, a segunda batalha e primeira derrota dos Gnomos, recaíra sobre os filhos de Finrod. Ali foram mortos Angrod e Egnor. Ali também Felagund teria sido aprisionado ou morto, mas Barahir veio com todos os seus homens e salvou o rei dos Gnomos e construiu uma muralha de lanças em seu redor; e, apesar de sua perda ser dolorosa, combateram até se livrarem dos Orques e fugiram para os pântanos de Sirion, ao Sul. Ali Felagund fez um juramento de amizade imorredoura e auxílio em tempo de necessidade a Barahir e toda a sua família e descendência e, em testemunho de seu voto, deu a Barahir seu anel.

Então Felagund rumou para o Sul e, às margens do Narog, estabeleceu, à maneira de Thingol, uma cidade oculta e cavernosa e um reino. Aqueles lugares profundos foram chamados Nargothrond. Ali foi ter Orodreth [filho de Finrod, irmão de Felagund] após uma época de fuga esbaforida e perambulações arriscadas, e com ele Celegorm e Curufin, filhos de Fëanor, seus amigos. O povo de Celegorm ampliou a

força de Felagund, mas teria sido melhor se tivessem juntado com sua própria gente, que fortificou a colina de Himling a leste de Doriath e encheu a Garganta de Aglon com armas ocultas.[...]

Naqueles dias de dúvida e temor, após a [Batalha da Chama Repentina], ocorreram muitos fatos pavorosos, só poucos dos quais são contados aqui. Está dito que Bëor foi morto, e Barahir não cedeu a Morgoth, mas toda a sua terra foi conquistada, e seu povo foi disperso, escravizado ou morto, e ele próprio se tornou proscrito com seu filho, Beren, e dez homens fiéis. Por muito tempo eles se esconderam e realizaram segretos e valorosos feitos de guerra contra os Orques. Mas no fim, como se conta no início da balada de Lúthien e Beren, o esconderijo de Barahir foi traído, e foram mortos ele e seus companheiros, todos menos Beren, que por sorte naquele dia estava caçando ao longe. Depois disso Beren viveu como proscrito solitário, exceto pela ajuda que teve das aves e dos animais que amava; e, buscando a morte em feitos desesperados, não a encontrou, e sim glória e renome nas canções secretas dos fugitivos e inimigos ocultos de Morgoth, de forma que a história de seus feitos chegou até Beleriand e era propalada em Doriath. Finalmente Beren fugiu para o sul, escapando do

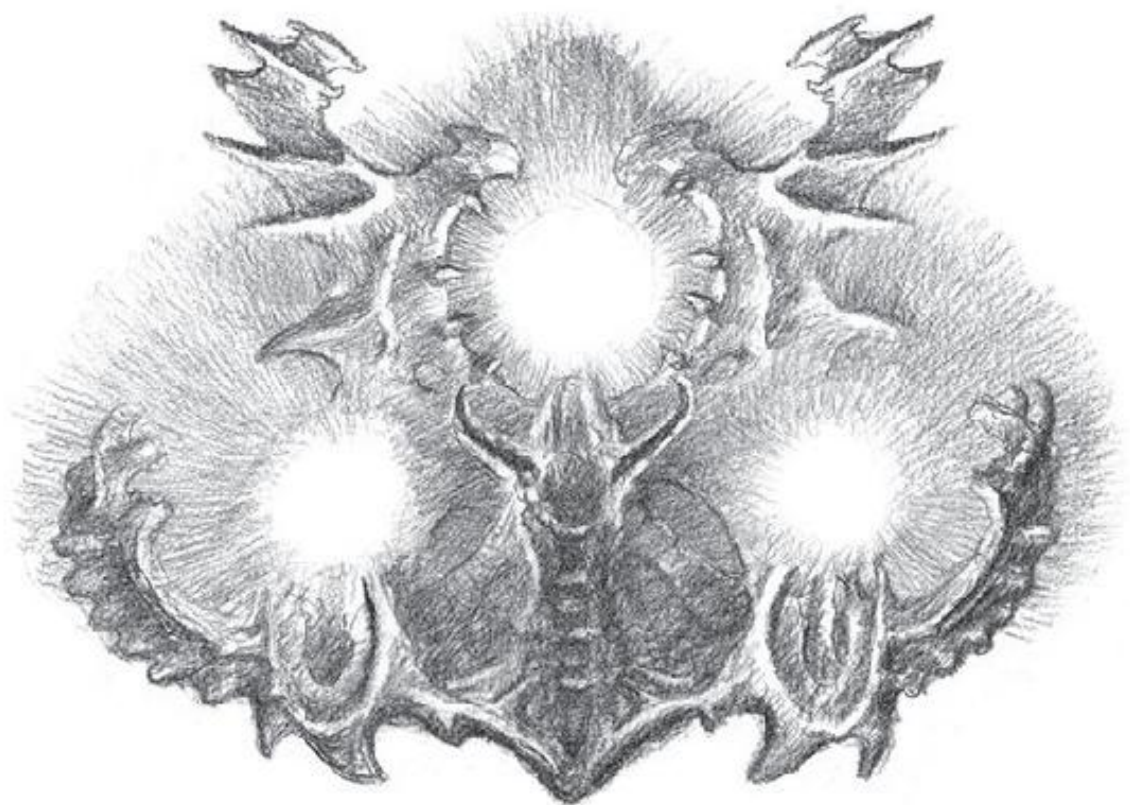
círculo cada vez mais fechado dos que o caçavam, e atravessou as pavorosas Montanhas de Sombra e, por fim, exausto e abatido, entrou em Doriath. Ali conquistou secretamente o amor de Lúthien, filha de Thingol, e chamou-a Tinúviel, o rouxinol, por causa da beleza de seu canto ao crepúsculo sob as árvores, pois ela era filha de Melian.

Mas Thingol enfureceu-se e o dispensou com desprezo, mas não o matou porque fizera um juramento à filha. Não obstante, desejava enviá-lo à morte. E pensou em seu coração numa demanda que não pudesse ser realizada e disse: “Se me trouxeres uma Silmaril da coroa de Morgoth, permitirei que Lúthien te despose se quiser.” E Beren jurou realizar isso, e foi de Doriath para Nargothrond levando o anel de Barahir. Ali a demanda da Silmaril despertou do sono o juramento que haviam feito os filhos de Fëanor, e o mal começou a crescer daí. Felagund, apesar de saber que a demanda ultrapassava seu poder, dispôs-se a conceder todo o seu auxílio a Beren por causa de seu próprio juramento a Barahir. Mas Celegorm e Curufin dissuadiram sua gente e incitaram uma rebelião contra ele. E despertaram pensamentos malignos em seus corações e pensaram em usurpar o trono de Nargothrond, pois eram filhos da linhagem mais velha. Antes que uma Silmaril fosse ganha e

dada a Thingol, eles haveriam de arruinar o poder de Doriath e Nargothrond.

Então Felagund entregou a coroa a Orodreth e apartou-se de seu povo com Beren e dez homens fiéis de sua própria casa. Emboscaram um bando de Orques e os mataram e, com auxílio da magia de Felagund, disfarçaram-se de Orques. Mas foram vistos por Thû de sua torre de vigia, que outrora fora do próprio Felagund, e foram interrogados por ele, e sua magia foi derrotada numa disputa entre Thû e Felagund. Assim foram revelados como Elfos, mas os encantamentos de Felagund ocultaram seus nomes e sua demanda. Por longo tempo foram torturados nos calabouços de Thû, mas nenhum deles traiu o outro.

O juramento mencionado no final deste trecho foi feito por Fëanor e seus sete filhos, nas palavras do *Quenta*, “de perseguir com ódio e vingança até os confins do mundo Vala, Demônio, Elfo, ou Homem, ou Orque que tiver ou tomar ou mantiver uma Silmaril contra a vontade deles”. (Ver pp. 122-24, versos 171-80.)





## UM SEGUNDO EXTRATO DE *A BALADA DE LEITHIAN*

Dou agora um trecho adicional de *A Balada de Leithian* (ver pp. 84-85), que conta a história há pouco relatada em sua forma muito comprimida no *Quenta*. Retomo o poema onde o Cerco de Angband terminou no que se chamou, mais tarde, de Batalha da Chama Repentina. De acordo com as datas que meu pai escreveu no manuscrito, todo o trecho foi composto em março-abril de 1928. No verso 246, acaba o Canto VI da *Balada* e começa o Canto VII.

          Chega o fim, vira a sorte,  
          chamas de Morgoth trazem morte,  
          todo o poder lá preparado  
          em seu bastião é inflamado;  
5   a negra tropa na Sedenta  
          Planície parte e rebenta.  
          De Angband Morgoth rompe o assédio;  
          com fogo e fumo, cruel remédio,  
          fende hostis; Orques a matar  
10 e a matar; sangue sem par  
          dos cruéis gumes curvos pinga.  
          Lá Barahir ajuda e vinga  
          com feroz lança, escudo e arco  
          a Felagund ferido. Ao charco



- 15 escapam, juram mútua fé,  
e Felagund promete até  
estima, amor à humana gente,  
socorro em risco inclemente.  
Filhos de Finrod quatro são;
- 20 Angrod e Egnor caem então.  
Felagund, Orodreth prudentes  
juntam o resto de suas gentes,  
belas crianças e donzelas;  
deixam a guerra, vão com elas
- 25 ao Sul, caverna mui segura.  
Junto ao Narog se perfura  
o seu portal secreto, oculto,  
forte portão que ante o vulto  
de Túrin estava inda ileso,
- 30 sob árvores, de grande peso.  
Ali viveram, no castelo,  
Curufin, Celegorm o belo;  
cresceu o povo oculto e forte  
na área de Narog, dessa sorte.
- 35 Lá Felagund corte segura  
tem: Nargothrond, o que a jura  
a Barahir fez, o audaz.  
O filho deste trilha faz  
em mata escura, só, confuso.
- 40 Percorre Esgalduin, rio escuso,  
té que seu fluxo esbranquiçado  
une-se a Sirion gelado,  
água de prata a rolar,  
ampla e esplêndida, ao mar.
- 45 Beren alcança as lagoas

de Sirion, rasas e boas;  
sob as estrelas cresce o rio,  
por fim divide-se em baixio,  
margens de juncos num banhado  
50 que alaga e enche, e apressado  
mergulha em cova sob a terra:  
por muitas milhas ela o encerra.  
Umboth-Muilin, Lago-Ocaso  
nome que os Elfos, cinza e raso,  
55 lhe deram. Sob tormenta inchada,  
lá da Planície Vigiada  
Morros da Caça Beren vê  
de picos nus e à mercê  
do vento oeste, mas na bruma  
60 da chuva, raio, silvo, espuma  
nos lagos, sabe que lá perto,  
sob esses morros encoberto,  
é o Narog, forte de vigia  
de Felagund na queda fria  
65 de Ingwil, rio que vem do alto.  
Sempre alertas contra o assalto,  
de Nargothrond Gnomos de estima;  
tem cada morro torre em cima  
e jamais dormem sentinelas,  
70 planície e estrada guardam elas  
do Sirion e o Narog pardo;  
arqueiros com certo dardo  
correm a mata, aniquilando  
quem for à revelia entrando.  
75 Vem ele agora à terra, ao léu,  
na mão o luzidio anel  
de Felagund, e exclama então:

“Nem Orque sou, nem espião,  
Beren, filho de Barahir,  
80 que a Felagund se quis unir.”

Antes que chegue à margem leste  
de Narog, rio que fero investe  
nas negras rochas, vem plantel  
de verdes arcos. Visto o anel,  
85 saúdam-no, pareça embora  
pobre vagante. À noite, fora  
ao norte o levam, pois nem ponte  
nem vau o Narog tem defronte  
de Nargothrond do grão portal,  
90 não passa amigo nem rival.

Ao norte, estreito ainda, o rio  
corre bem junto do baixio  
do Gínglith, rio de espuma linda,  
onde seu fluxo d’ouro finda,  
95 conflui c’o Narog, lá o passam.  
Dali caminho breve traçam  
a Nargothrond, aos seus terraços,  
seus grandes e obscuros paços.

Sob lua-foice vêm sem falha  
100 às portas atrás, bela talha,  
de forte pedra traves certas,  
vigas de lenho. Já abertas  
as portas, entram com abono  
onde está Felagund no trono.

105 O rei de Narog bom discurso  
a Beren faz; todo o seu curso,  
combates, guerras, todo o enredo  
relata logo. Em segredo

conversam, Beren tudo fala  
110 de Doriath; mas logo cala  
lembrando Lúthien na dança,  
as rosas alvas em sua trança,  
a voz de Elfa a ressoar  
e luz de estrelas pelo ar.  
115 De Thingol lembrou as salas  
de luz-magia, e fontes ralas,  
o rouxinol lá canta, é lei,  
a Melian e ao seu rei.  
De Thingol conta o penhor  
120 feito em desdém, que por amor  
da que é mais linda e fiel,  
de Lúthien Tinúviel,  
deve aturar deserto ardente,  
terror, suplício inclemente.

125 De ouvi-lo Felagund se admira,  
e diz por fim com certa ira:  
“Deseja Thingol tua morte.  
Das joias de encanto forte,  
sabido é, a chama pura  
130 tem maldição de feroz jura,  
aos filhos apenas de Fëanor  
pertence todo o seu fulgor.  
Não pode ter em sua arca  
a gema, pois não é monarca  
135 dos Elfos todos, eu confesso.  
Mas dizes tu que é esse o preço  
para voltar, se for possível,  
a Doriath? Muita trilha horrível  
diante do teu pé veloz —

140 depois de Morgoth, ira atroz,  
eu bem o sei, ódio eterno,  
te caçará em céu e inferno.  
De Fëanor a prole ingrata  
ceifar-te-á antes que à mata  
145 de Thingol chegues, dê o fogo,  
conquistes o teu doce rogo.  
Eis! Celegorm e Curufin  
habitam neste reino, enfim,  
e eu, filho de Finrod, rei,  
150 que grande glória conquistei,  
cá reino sobre suas gentes.  
Têm sido mui benevolentes  
no que lhes resolvi pedir;  
a Beren, novo Barahir,  
155 não hão de dar mercê após  
saberem tua demanda atroz.”

E quando o rei, ímpeto novo,  
conta essa história a todo o povo,  
fala de jura a Barahir,  
160 humano armado pra impedir  
ação de Morgoth, e o pesar  
no Norte outrora fez cessar,  
muitos já tomam decisão  
de combater. Na multidão  
165 se ergue, em voz alta clama  
que ouçam todos, olho em chama,  
altivo Celegorm da espada  
luzente. A turba abalada  
fita o severo, duro rosto  
170 e grão silêncio invade o posto.

“Amigo, ser cruel, rival,  
nem Morgoth, Elfo nem mortal,  
quem seja que na terra habita,  
nem lei, amor, liga maldita,  
175 poder dum Deus, magia aflita,  
vai defendê-lo da desdita  
de Fëanor da prole hostil  
quem tome ou guarde Silmaril.  
Pois só a nós pertencem elas,  
180 as encantadas joias belas.”

São falas ríspidas, possantes,  
são como a voz do pai que antes  
em Tûn nas mentes infundiu  
atro temor e ira vil;  
185 agora lhes prevê perigo  
violento: amigo contra amigo,  
veem do sangue o rubro tom,  
cadáveres em Nargothrond,  
se a hoste ali com Beren for;  
190 ruína em Doriath, horror,  
se Thingol ganha afinal  
de Fëanor joia fatal.  
Mesmo os de Felagund fiéis  
temem tais juras tão cruéis  
195 e pensam com terror hostil  
Morgoth buscar em seu covil  
por força ou arte. Curufin  
após o irmão começa assim  
a se infiltrar em cada mente;  
200 os enfeitiça totalmente  
e antes de Túrin nunca mais

Gnomos a Nargothrond leais  
à guerra marcham. Depois disso  
ciladas, espiões, feitiço,  
205 magia, silenciosa aliança  
com o ser selvagem que avança,  
caça sutil, peçonha em seta,  
tropa que engatinha quieta,  
ódio que corre em frente mudo,  
210 caminha com pés de veludo,  
seguindo a presa tão deciso  
e mata à noite de improviso —  
assim defendem Nargothrond,  
esquecem jura, laço bom,  
215 temendo Morgoth, pois a fala  
de Curufin sua mente abala.

No dia não fazem favor  
A Felagund, seu rei senhor;  
não é divino Finrod, falam,  
220 nem o seu filho, assim propalam.  
De Felagund a voz ressoa,  
arranca, arroja a coroa,  
de Nargothrond o elmo-prata:  
“Não romperei a jura que ata,  
225 o trono abandono cedo.  
Se existe alguém que não tem medo,  
de Finrod que obedeça ao filho,  
e me acompanhe quando trilho  
a via minha, não qual pobre  
230 pedinte viva, o que foi nobre,  
expulso deixo a urbe boa,  
a gente, o reino e a coroa!”

Isto ouvindo, eis parados  
dez bons guerreiros a seus lados,  
235 da casa sua, sempre à parte  
onde estivesse o estandarte.  
Um pega a coroa e diz:  
“Ó rei, é sina infeliz  
daqui partir, mas não perder  
240 o teu domínio. Hás de escolher  
regente pela tua pessoa.”  
Põe Felagund sua coroa  
em Orodreth e diz: “Irmão,  
o reino é teu, que eu volte ou não.”  
245 Lá Celegorm não fica e sai,  
ri Curufin, se volta e vai.

\*

Só uma dúzia parte então  
De Nargothrond, ao Norte vão,  
deixando o lar, secreta via,  
250 já longe estão ao fim do dia.  
Não canta voz nem soa clarim,  
em malha de anéis, assim  
de negro marcham, elmo escuro,  
manto sombrio, passo inseguro.  
255 O Narog seguem, rio corrente,  
até chegarem à nascente,  
que cai em íngreme cachoeira  
e enche a taça clara inteira  
com um borrifo cristalino



260 do lago Ivrin muito fino,  
Ivrin a refletir tamanhas  
encostas nuas das Montanhas  
de Sombra sob a luz da lua.

Já longe vão da terra sua,  
265 livre de Orque, demônio e medo  
de Morgoth, vão pelo arvoredo.  
No bosque em sombra do outeiro  
lá passam noites, tempo inteiro,  
até que a nuvem que lá passa  
270 constelação e lua embaça,  
ventos d'outono, do começo,  
sopram num remoinho espesso  
folhas girando pouco a pouco,  
escutam um murmúrio rouco  
275 de longe, risos guturais;  
mais forte; já são pés fatais  
tamborilando nas colinas  
exaustas. Muitas lamparinas  
vermelhas já o olhar alcança,  
280 luz que oscila em cada lança  
e cimitarra. Escondidos,  
veem passar Orques bandidos,  
tez de Gobelim, escura e suja.  
Trazem morcego e coruja,  
285 ave da noite, aparição  
no ramo está. Silêncio então;  
o riso, som de rocha e aço,  
se vai. Já seguem cada passo  
Elfos e Beren, mais silentes  
290 que a fera atroz em ermos quentes

caçando. Chegam às barracas  
no lume ardente, chamas fracas,  
contam: à luz que a treva pinta  
de rubro brilho Orques são trinta.

295 Sem fala e sem som maior  
postam-se quietos ao redor,  
nas árvores vultos sombrios,  
lentos, ocultos, gestos frios,  
curvam o arco, olho na meta.

300 Eis! canta a repentina seta  
de Felagund ao grito forte;  
são doze Orques tombando à morte.  
Largam os arcos, salto leve,  
brilhante espada em golpe breve!

305 Orques golpeados gritam, berram,  
como que em atro inferno erram.  
Travam batalha na floresta  
e breve nenhum Orque resta;  
o bando lá deixou a vida

310 sem mais manchar a terra ardida  
com roubo e morte. Nem canção  
de triunfo ou satisfação  
soa dos Elfos. Grão perigo  
lá correm, pois o inimigo

315 não sai à guerra em bando miúdo.  
Despojam corpos, tiram tudo  
e lançam-nos em uma cova,  
pois esta é tática nova  
de Felagund e sua fileira:

320 veste de Orques a tropa inteira.

Arcos de chifre, mortal dardo,  
espada, o nojento fardo,  
tomam e vestem, cada um,  
traje que em Angband é comum.

325 Rosto e mão pintam com zelo  
de negra tinta; o rude pelo  
dos Gobelins a tropa corta  
e tece em cabeleira torta,  
arte de Gnomo. Esgar co'a boca  
330 faz cada um, então coloca  
na testa sua peruca fria.

E Felagund entoa magia  
de alteração, forma cambiante;  
feias orelhas têm; hiante  
335 a boca, o dente afiado  
durante o canto compassado.  
De Gnomo o traje põem à beira,  
e cada um na sua fileira  
vai a seguir o vil horror  
340 que outrora foi Elfo senhor.

Ao Norte vão; Orques que cruzam  
nem os detêm e nem acusam,  
saúdam-nos e, pelas trilhas,  
audazes andam longas milhas.  
345 Com pés exaustos, muitas mágoas,  
passam Beleriand. As águas  
encontram límpidas, de argento,  
lá onde o Sirion corre atento  
e Taur-na-Fuin, Noite-Morte,  
350 de escuros pinhos contraforte,  
cai pouco a pouco pro oriente;

do lado oeste está à frente  
a curva dos Montes, cinzenta,  
barrando a luz da tarde lenta.

355 Qual ilha nasce a sós do chão,  
morro no vale, um matacão  
dos vastos montes deslocado  
pelos gigantes do passado.  
O rio dá volta no sopé,  
360 um fluxo que escavou até  
grutas nas rochas dessas plagas.  
Agita Sirion as vagas  
correndo junto à margem fria.

Dos Elfos foi torre-vigia,  
365 ainda forte, ainda bela;  
com ameaça fita ela  
Beleriand de um seu lado,  
do outro o vasto descampado  
além do vale, da sua boca.

370 Ali se enxerga erva pouca,  
dunas de pó, amplo deserto;  
além observa o olho esperto  
nuvens nas torres, construção  
de Thangorodrim qual trovão.

375 Pois nesse morro é a morada  
d'alguém mui vil, que a estrada  
que de Beleriand lá vem  
observa e olho em chama tem.

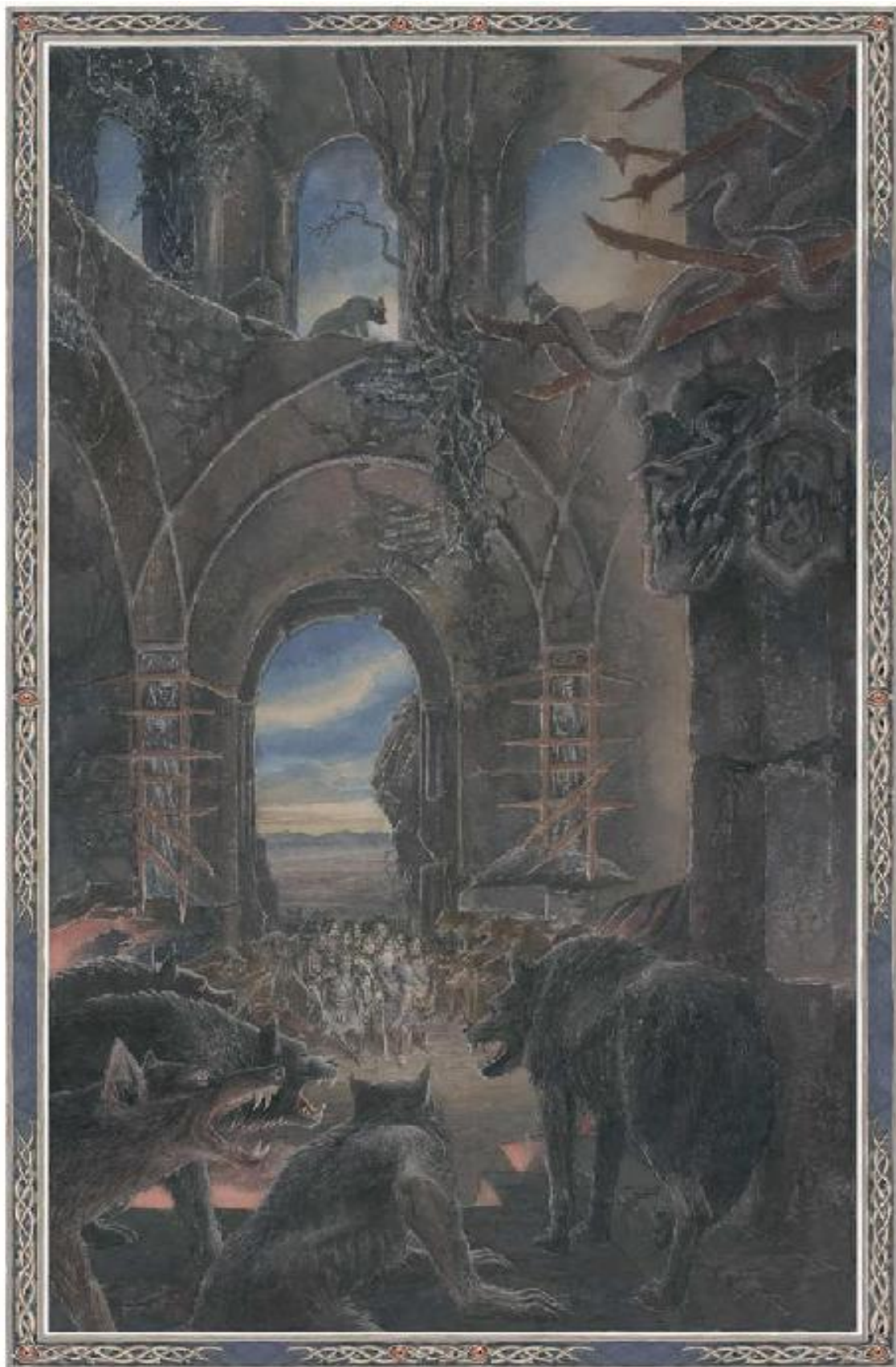
É Thû o nome que os humanos  
380 lhe dão; depois por muitos anos

o adoraram como deus,  
erguendo em treva os templos seus.  
Homens domina ainda não,  
mas é sob Morgoth capitão,  
385 Mestre dos Lobos, uivos loucos  
soam no monte, e não poucos  
encantos e feitiçaria  
tece e detém. Em tirania  
domina os seus o necromante,  
390 fantasma e espectro errante,  
o enfeitiçado, deformado  
grupo de monstros a seu lado,  
de lobisomens, povo aziago,  
repleta a Ilha que é do Mago.

395 Vêm pela mata, porém Thû  
a vinda deles põe a nu;  
mesmo ocultos sob a rama,  
ele os vê, e lobos chama:  
“Trazei os Orques que se esgueiram  
400 de modo estranho; talvez queiram  
passar ao largo, evitando  
fazer relato, como mando,  
a Thû, de tudo desta feita.”

Da torre espia; grã suspeita  
405 abriga, e pensamento incerto;  
aguarda que os tragam perto.  
À volta deles, lobos vis;  
temem sua sina. Ó país,  
terra de Narog tão distante!  
410 O mau presságio é constante,

desanimados, tropeçando,  
ponte de pedra vão cruzando  
à Ilha que é do Mago, ao trono  
de rocha, sangue e abandono.



415 “Qual foi a via? O que se espia?”

“Élfica terra, choro e guerra,  
fogo chama, sangue derrama,  
foi essa a via, o que se espia.  
Trinta matamos e os lançamos  
420 em poço torvo. Pousa o corvo  
e o mocho pia em nossa via.”

“Servos de Morgoth, Elfinesse,  
dizei verdade, que acontece?  
E Nargothrond? Quem reina lá?  
425 A esse reino fostes já?”

“Até a fronteira foi rapina.  
Lá Felagund é rei, domina.”

“Sabeis que foi-se em abandono,  
que Celegorm está no trono?”

430 “Não pode ser! Se há abandono,  
é Orodreth que está no trono.”

“Ouvido esperto, que escutou  
do reino em que não entrou!  
Quais vossos nomes, ó lanceiros?  
435 E o capitão desses guerreiros?

“Nereb e Dungalef, mais dez;  
nosso covil é a muitos pés  
sob a montanha. No deserto  
marchamos nós com rumo certo.



440 Boldog, o capitão, espera  
onde o fogo fumo gera.”

“Boldog, eu sei, morreu recém  
perto do reino onde também  
Thingol Ladrão, esse escorralho,  
445 se arrasta sob olmo e carvalho  
em Doriath. Não sabeis nem  
da bela fata Lúthien?  
Seu lindo corpo juvenil  
Morgoth deseja no covil.

450 Boldog partiu, Boldog morreu:  
não fostes vós do bando seu?

Nereb agora franze a testa.  
É Lúthien? Que angústia é esta?  
Por que não ri se quero a ela  
455 Em minha posse, a donzela,  
imunda a que já foi pura,  
onde houve luz só sombra escura?

A quem servis, a Treva ou Luz?  
E quem obra maior produz?

460 Quem é no mundo o rei dos reis,  
que doa ouro e anéis?

E quem domina a terra vasta,  
quem da alegria vos afasta,  
avaros Deuses? Voto novo,

465 De Bauglir Orques! Garra, ó povo!

É morte à luz, à lei, à fé!  
Maldita a lua, astros até!  
A antiga, interminável treva  
que a fria tormenta longe leva

470 afogue Manwë, o sol e Varda!

No berço tudo em ódio arda  
pra tudo em dano terminar  
no choro do infindo Mar!”

Mas nunca Elfo nem mortal  
475 jamais falou blasfêmia tal,  
“Mas quem é Thû,” Beren murmura,  
“pra nos fazer tanta estritura?  
Não o servimos, e agora  
sem vênia vamo-nos embora.”

480 Thû ri: “Paciência! Muito não  
vós ficareis. Minha canção  
ouvi, que atenção reclama.”  
Fitando-os c’olhos de chama  
na treva os faz perder o rumo.

485 Enxergam através dum fumo,  
de névoa, os olhos sem aprumo,  
se atordoam seus sentidos.

A canção dele é de magia,  
perfura, abre, é aleivosia,  
490 revela, e descobre, e trai.

Por sua vez Felagund sai,  
entoa um canto que o distrai,  
de resistência que não morre,  
secreto e forte como torre,  
500 de livre fuga confiante,  
transformação, forma cambiante,  
rompe a armadilha e o cordão,  
quebra a cadeia, abre a prisão.

Num vai e vem oscila o canto.  
505 A balançar, mais forte entanto

É Thû, mas Felagund porfia,  
traz o poder, traz a magia  
de Elfinesse aos versos graves.  
Na treva ouvem logo as aves  
510 em Nargothrond longe a cantar,  
suspiros que vêm lá do mar,  
da areia além do ocidente,  
em Casadelfos, orla ardente.

Então cai sombra: a luz já morre  
515 em Valinor, e o sangue escorre  
na costa onde irmãos tombaram  
nas mãos dos Gnomos, que roubaram  
as brancas naus de branca vela  
do alvo cais. Geme procela.  
520 Uiva o lobo. Foge o corvo.  
No mar o gelo estala, estorvo.  
Em Angband todo escravo clama.  
Trovão ribomba, arde a chama,  
fumaça jorra com rugidos —  
525 e Felagund cai sem sentidos.

Ao usual sua forma troca,  
claros de olho e tez. A boca  
não mais de Orque; o vulto inteiro  
está patente ao feiticeiro.  
530 Ali os infelizes lança:  
cela sem luz nem esperança,  
cadeia que a carne talha,  
presos a estrangulante malha  
jazem exaustos em seus cantos.

535 Mas não em vão são os encantos  
de Felagund; pois Thû ignora  
seus nomes, a que vêm agora.  
Muito pondera, muito pensa,  
aos prisioneiros dá sentença  
540 de morte horrível, grande dor  
se não falar um traidor.  
Diz que lobos trará, vassalos  
pra um a um lá devorá-los  
ante eles todos; no final  
545 restando um, pena brutal,  
vai suspendê-lo em horror,  
torcer-lhe os membros com grã dor,  
ali da terra nas entranhas  
lhe infligir penas tamanhas  
550 que atormentado ele confesse.

O que ameaça acontece.  
Na treva vil de tanto em tanto  
dois olhos veem e com espanto  
escutam berros, um rumor  
555 dilacerante, e o odor  
de sangue seu olfato abala.  
Mas nenhum cede e nenhum fala.

*An end there came, when fortune turned  
and flames of Morgoth's vengeance burned,  
and all the might which he prepared  
in secret in his fastness flared  
5 and poured across the Thirsty Plain;  
and armies black were in his train.  
The leaguer of Angband Morgoth broke;*

*his enemies in fire and smoke  
were scattered, and the Orcs there slew,  
10 and slew, until the blood like dew  
dripped from each cruel and crooked blade.  
Then Barahir the bold did aid  
with mighty spear, with shield and men,  
Felagund wounded. To the fen  
15 escaping, there they bound their troth,  
and Felagund deeply swore an oath  
of friendship to his kin and seed  
of love and succour in time of need.  
But there of Finrod's children four  
20 were Angrod slain and proud Egnor.  
Felagund and Orodreth then  
gathered the remnant of their men,  
their maidens and their children fair;  
forsaking war they made their lair  
25 and cavernous hold far in the south.  
On Narog's towering bank its mouth  
was opened; which they hid and veiled,  
and mighty doors, that unassailed  
till Túrin's day stood vast and grim,  
30 they built by trees o'ershadowed dim.  
And with them dwelt a long time there  
Curufin, and Celegorm the fair;  
and a mighty folk grew neath their hands  
in Narog's secret halls and lands.*

*35 Thus Felagund in Nargothrond  
still reigned, a hidden king whose bond  
was sworn to Barahir the bold.  
And now his son through forests cold*

wandered alone as in a dream.

40 *Esgalduin's dark and shrouded stream  
he followed, till its waters froze  
were joined to Sirion, Sirion hoar,  
pale silver water wide and free  
rolling in splendour to the sea.*

45 *Now Beren came unto the pools,  
wide shallow meres where Sirion cools  
his gathered tide beneath the stars,  
ere chafed and sundered by the bars  
of reedy banks a mighty fen*

50 *he feeds and drenches, plunging then  
into vast chasms underground,  
where many miles his way is wound.  
Umboth-Muilin, Twilight Meres,  
those great wide waters grey as tears*

55 *the Elves then named. Through driving rain  
from thence across the Guarded Plain  
the Hills of the Hunters Beren saw  
with bare tops bitten bleak and raw  
by western winds, but in the mist*

60 *of streaming rains that flashed and hissed  
into the meres he knew there lay  
beneath those hills the cloven way  
of Narog, and the watchful halls  
of Felagund beside the falls*

65 *of Ingwil tumbling from the wold.  
An everlasting watch they hold,  
the Gnomes of Nargothrond renowned,  
and every hill is tower-crowned,  
where wardens sleepless peer and gaze*

70 *guarding the plain and all the ways*

*between Narog swift and Sirion pale;  
and archers whose arrows never fail  
there range the woods, and secret kill  
all who creep thither against their will.*

75 *Yet now he thrusts into that land  
bearing the gleaming ring on hand  
of Felagund, and oft doth cry:  
'Here comes no wandering Orc or spy,  
but Beren son of Barahir*

80 *who once to Felagund was dear.'*

*So ere he reached the eastward shore  
of Narog, that doth foam and roar  
o'er boulders black, those archers green  
came round him. When the ring was seen*  
85 *they bowed before him, though his plight  
was poor and beggarly. Then by night  
they led him northward, for no ford  
nor bridge was built where Narog poured  
before the gates of Nargothrond,*  
90 *and friend nor foe might pass beyond.*

*To northward, where that stream yet young  
more slender flowed, below the tongue  
of foam-splashed land that Ginglith pens  
when her brief golden torrent ends*  
95 *and joins the Narog, there they wade.  
Now swiftest journey thence they made  
to Nargothrond's sheer terraces  
and dim gigantic palaces.*

*They came beneath a sickle moon*  
100 *to doors there darkly hung and hewn  
with posts and lintels of ponderous stone  
and timbers huge. Now open thrown*

*were gaping gates, and in they strode  
where Felagund on throne abode.*

105 *Fair were the words of Narog's king  
to Beren, and his wandering  
and all his feuds and bitter wars  
recounted soon. Behind closed doors  
they sat, while Beren told his tale*

110 *of Doriath; and words him fail  
recalling Lúthien dancing fair  
with wild white roses in her hair,  
remembering her elven voice that rung  
while stars in twilight round her hung.*

115 *He spake of Thingol's marvellous halls  
by enchantment lit, where fountain falls  
and ever the nightingale doth sing  
to Melian and to her king.*

*The quest he told that Thingol laid*  
120 *in scorn on him; how for love of maid  
more fair than ever was born to Men,  
of Tinúviel, of Lúthien,  
he must essay the burning waste,  
and doubtless death and torment taste.*

125 *This Felagund in wonder heard,  
and heavily spoke at last this word:  
'It seems that Thingol doth desire  
thy death. The everlasting fire  
of those enchanted jewels all know*

130 *is cursed with an oath of endless woe,  
and Fëanor's sons alone by right  
are lords and masters of their light.*



*He cannot hope within his hoard  
to keep this gem, nor is he lord  
135 of all the folk of Elfinesse.  
And yet thou saist for nothing less  
can thy return to Doriath  
be purchased? Many a dreadful path  
in sooth there lies before thy feet —  
140 and after Morgoth, still a fleet  
untiring hate, as I know well,  
would hunt thee from heaven unto hell.  
Fëanor's sons would, if they could,  
slay thee or ever thou reached his wood  
145 or laid in Thingol's lap that fire,  
or gained at least thy sweet desire.  
Lo! Celegorm and Curufin  
here dwell this very realm within,  
and even though I, Finrod's son,  
150 am king, a mighty power have won  
and many of their own folk lead.  
Friendship to me in every need  
they yet have shown, but much I fear  
that to Beren son of Barahir  
155 mercy or love they will not show  
if once thy dreadful quest they know.'*

*True words he spoke. For when the king  
to all his people told this thing,  
and spake of the oath to Barahir,  
160 and how that mortal shield and spear  
had saved them from Morgoth and from woe  
on Northern battlefields long ago,  
then many were kindled in their hearts*

once more to battle. But up there starts  
165 amid the throng, and loudly cries  
for hearing, one with flaming eyes,  
proud Celegorm with gleaming hair  
and shining sword. Then all men stare  
upon his stern unyielding face,  
170 and a great hush falls upon that place.

‘Be he friend or foe, or demon wild  
of Morgoth, Elf, or mortal child,  
or any that here on earth may dwell,  
no law, nor love, nor league of hell,  
175 no might of Gods, no binding spell,  
shall him defend from hatred fell  
of Fëanor’s sons, whoso take or steal  
or finding keep a Silmaril.  
These we alone do claim by right,  
180 our thrice enchanted jewels bright.’

Many wild and potent words he spoke,  
and as before in Tûn awoke  
his father’s voice their hearts to fire,  
so now dark fear and brooding ire  
185 he cast on them, foreboding war  
of friend with friend; and pools of gore  
their minds imagined lying red  
in Nargothrond about the dead,  
did Narog’s host with Beren go;  
190 or haply battle, ruin, and woe  
in Doriath where great Thingol reigned,  
if Fëanor’s fatal jewel he gained.  
And even such as were most true

to Felagund his oath did rue,  
195 and thought with terror and despair  
of seeking Morgoth in his lair  
with force or guile. This Curufin  
when his brother ceased did then begin  
more to impress upon their minds;  
200 and such a spell he on them binds  
that never again till Túrin's day  
would Gnome of Narog in array  
of open battle go to war.  
With secrecy, ambush, spies and lore  
205 of wizardry, with silent leaguer  
of wild things wary, watchful, eager,  
of phantom hunters, venomous darts,  
and unseen stealthy creeping arts,  
with padding hatred that its prey  
210 with feet of velvet all the day  
followed remorseless out of sight  
and slew it unawares at night —  
thus they defended Nargothrond,  
and forgot their kin and solemn bond  
215 for dread of Morgoth that the art  
of Curufin set within their heart.

So would they not that angry day  
King Felagund their lord obey,  
but sullen murmured that Finrod  
220 nor yet his son were as a god.  
Then Felagund took off his crown  
and at his feet he cast it down,  
the silver helm of Nargothrond:  
'Yours ye may break, but I my bond

225 *must keep, and kingdom here forsake.*

*If hearts here were that did not quake,  
or that to Finrod's son were true,  
then I at least should find a few  
to go with me, not like a poor*

230 *rejected beggar scorn endure,  
turned from my gates to leave my town,  
my people, and my realm and crown!'*

*Hearing these words there swiftly stood  
beside him ten tried warriors good,  
235 men of his house who had ever fought  
wherever his banners had been brought.  
One stooped and lifted up his crown,  
and said: 'O king, to leave this town  
is now our fate, but not to lose*

240 *thy rightful lordship. Thou shalt choose  
one to be steward in thy stead.'*

*Then Felagund upon the head  
of Orodreth set it: 'Brother mine,  
till I return this crown is thine.'*

245 *Then Celegorm no more would stay,  
and Curufin smiled and turned away.*

\*

*Thus twelve alone there ventured forth  
from Nargothrond, and to the North  
they turned their silent secret way,  
250 and vanished in the fading day.  
No trumpet sounds, no voice there sings,*

*as robed in mail of cunning rings  
now blackened dark with helmets grey  
and sombre cloaks they steal away.*

255 *Far-journeying Narog's leaping course  
they followed till they found his source,  
the flickering falls, whose freshets sheer  
a glimmering goblet glassy-clear  
with crystal waters fill that shake*  
260 *and quiver down from Ivrin's lake,  
from Ivrin's mere that mirrors dim  
the pallid faces bare and grim  
of Shadowy Mountains neath the moon.*

*Now far beyond the realm immune*  
265 *from Orc and demon and the dread  
of Morgoth's might their ways had led.  
In woods o'er shadowed by the heights  
they watched and waited many nights,  
till on a time when hurrying cloud*  
270 *did moon and constellation shroud,  
and winds of autumn's wild beginning  
soughed in the boughs, and leaves went spinning  
down the dark eddies rustling soft,  
they heard a murmur hoarsely waft*  
275 *from far, a croaking laughter coming;  
now louder; now they heard the drumming  
of hideous stamping feet that tramp  
the weary earth. Then many a lamp  
of sullen red they saw draw near,*  
280 *swinging, and glistening on spear  
and scimitar. There hidden nigh  
they saw a band of Orcs go by*

*with goblin faces swart and foul.  
Bats were about them, and the owl,  
285 the ghostly forsaken night-bird cried  
from trees above. The voices died,  
the laughter like clash of stone and steel  
passed and faded. At their heel  
the Elves and Beren crept more soft  
290 than foes stealing through a croft  
in search of prey. Thus to the camp  
lit by flickering fire and lamp  
they stole, and counted sitting there  
full thirty Orcs in the red flare  
295 of burning wood. Without a sound  
they one by one stood silent round,  
each in the shadow of a tree;  
each slowly, grimly, secretly  
bent then his bow and drew the string.*

*300 Hark! how they sudden twang and sing,  
when Felagund lets forth a cry;  
and twelve Orcs sudden fall and die.  
Then forth they leap casting their bows.  
Out their bright swords, and swift their blows!*

*305 The stricken Orcs now shriek and yell  
as lost things deep in lightless hell.  
Battle there is beneath the trees  
bitter and swift, but no Orc flees;  
there left their lives that wandering band  
310 and stained no more the sorrowing land  
with rape and murder. Yet no song  
of joy, or triumph over wrong,  
the Elves there sang. In peril sore*

*they were, for never alone to war*  
315 *so small an Orc-band went, they knew.*  
*Swiftly the raiment off they drew*  
*and cast the corpses in a pit.*  
*This desperate counsel had the wit*  
*of Felagund for them devised:*  
320 *as Orcs his comrades he disguised.*

*The poisoned spears, the bows of horn,*  
*the crooked swords their foes had borne*  
*they took; and loathing each him clad*  
*in Angband's raiment foul and sad.*  
325 *They smeared their hands and faces fair*  
*with pigment dark; the matted hair*  
*all lank and black from goblin head*  
*they shore, and joined it thread by thread*  
*with Gnomish skill. As each one leers*  
330 *at each dismayed, about his ears*  
*he hangs it noisome, shuddering.*  
*Then Felagund a spell did sing*  
*of changing and of shifting shape;*  
*their ears grew hideous, and agape*  
335 *their mouths did start, and like a fang*  
*each tooth became, as slow he sang.*  
*Their Gnomish raiment then they hid*  
*and one by one behind him slid,*  
*behind a foul and goblin thing*  
340 *that once was elven-fair and king.*

*Northward they went; and Orcs they met*  
*who passed, nor did their going let,*  
*but hailed them in greeting; and more bold*

*they grew as past the long miles rolled.*  
345 *At length they came with weary feet*  
*beyond Beleriand. They found the fleet*  
*young waters, rippling, silver-pale*  
*of Sirion hurrying through that vale*  
*where Taur-na-Fuin, Deadly Night,*  
350 *the trackless forest's pine-clad height,*  
*falls dark forbidding slowly down*  
*upon the east, while westward frown*  
*the northward-bending Mountains grey*  
*and bar the westering light of day.*

355 *An isléd hill there stood alone*  
*amid the valley, like a stone*  
*rolled from the mountains vast*  
*when giants in tumult hurtled past.*  
*Around its feet the river looped*  
360 *a stream divided, that had scooped*  
*the hanging edges into caves.*  
*There briefly shuddered Sirion's waves*  
*and ran to other shores more clean.*

*An elven watchtower had it been,*  
365 *and strong it was, and still was fair;*  
*but now did grim with menace stare*  
*one way to pale Beleriand,*  
*the other to that mournful land*  
*beyond the valley's northern mouth.*  
370 *Thence could be glimpsed the fields of drouth,*  
*the dusty dunes, the desert wide;*  
*and further far could be descried*  
*the brooding cloud that hangs and lowers*  
*on Thangorodrim's thunderous towers.*



375 *Now in that hill was the abode  
of one most evil; and the road  
that from Beleriand thither came  
he watched with sleepless eyes of flame.*

*Men called him Thû, and as a god*  
380 *in after days beneath his rod  
bewildered bowed to him, and made  
his ghastly temples in the shade.  
Not yet by Men enthralled adored,  
now was he Morgoth's mightiest lord,*  
385 *Master of Wolves, whose shivering howl  
for ever echoed in the hills, and foul  
enchantments and dark sigaldry  
did weave and wield. In glamoury  
that necromancer held his hosts*  
390 *of phantoms and of wandering ghosts,  
of misbegotten or spell-wronged  
monsters that about him thronged,  
working his bidding dark and vile:  
the werewolves of the Wizard's Isle.*

395 *From Thû their coming was not hid  
and though beneath the eaves they slid  
of the forest's gloomy-hanging boughs,  
he saw them afar, and wolves did rouse:  
'Go! fetch me those sneaking Orcs,' he said,*  
400 *'that fare thus strangely, as if in dread,  
and do not come, as all Orcs use  
and are commanded, to bring me news  
of all their deeds, to me, to Thû.'*

*From his tower he gazed, and in him grew*  
405 *suspicion and a brooding thought,*  
*waiting, leering, till they were brought.*  
*Now ringed about with wolves they stand,*  
*and fear their doom. Alas! the land,*  
*the land of Narog left behind!*

410 *Foreboding evil weights their mind,*  
*as downcast, halting, they must go*  
*and cross the stony bridge of woe*  
*to Wizard's Isle, and to the throne*  
*there fashioned of blood-darkened stone.*

415 *'Where have ye been? What have ye seen?'*

*'In Elfinesse; and tears and distress,*  
*the fire blowing and the blood flowing,*  
*these have we seen, there have we been.*  
*Thirty we slew and their bodies threw*  
420 *in a dark pit. The ravens sit*  
*and the owl cries where our swath lies.'*

*'Come, tell me true, O Morgoth's thralls,*  
*what then in Elfinesse befalls?*  
*What of Nargothrond? Who reigneth there?*  
425 *Into that realm did your feet dare?'*

*'Only its borders did we dare.*  
*There reigns King Felagund the fair.'*

*'Then heard ye not that he is gone,*  
*that Celegorm sits his throne upon?'*  
430 *'That is not true! If he is gone,*  
*then Orodreth sits his throne upon.'*

*'Sharp are your ears, swift have they got  
tidings of realms ye entered not!  
What are your names, O spearmen bold?  
435 Who your captain, ye have not told.'*

*'Nereb and Dungalef and warriors ten,  
so we are called, and dark our den  
under the mountains. Over the waste  
we march on an errand of need and haste.  
440 Boldog the captain awaits us there  
where fires from under smoke and flare.'*

*'Boldog, I heard, was lately slain  
warring on the borders of that domain  
where Robber Thingol and outlaw folk  
445 cringe and crawl beneath elm and oak  
in drear Doriath. Heard ye not then  
of that pretty fay, of Lúthien?  
Her body is fair, very white and fair.  
Morgoth would possess her in his lair.  
450 Boldog he sent, but Boldog was slain:  
strange ye were not in Boldog's train.*

*Nereb looks fierce, his frown is grim.  
Little Lúthien! What troubles him?  
Why laughs he not to think of his lord  
455 crushing a maiden in his hoard,  
that foul should be what once was clean,  
that dark should be where light has been?  
Whom do ye serve, Light or Mirk?  
Who is the maker of mightiest work?  
460 Who is the king of earthly kings,  
the greatest giver of gold and rings?*

*Who is the master of the wide earth?  
Who despoiled them of their mirth,  
the greedy Gods! Repeat your vows,  
465 Orcs of Bauglir! Do not bend your brows!  
Death to light, to law, to love!  
Cursed be moon and stars above!  
May darkness everlasting old  
that waits outside in surges cold  
470 drown Manwë, Varda, and the sun!  
May all in hatred be begun  
and all in evil ended be,  
in the moaning of the endless Sea!’*

*But no true Man nor Elf yet free  
475 would ever speak that blasphemy,  
and Beren muttered: ‘Who is Thû  
to hinder work that is to do?  
Him we serve not, nor to him owe  
obeisance, and we now would go.’*

*480 Thû laughed: ‘Patience! Not very long  
shall ye abide. But first a song  
I will sing to you, to ears intent.’  
Then his flaming eyes he on them bent  
and darkness black fell round them all.  
485 Only they saw as through a pall  
of eddying smoke those eyes profound  
in which their senses choked and drowned.  
He chanted a song of wizardry,  
of piercing, opening, of treachery,  
490 revealing, uncovering, betraying.  
Then sudden Felagund there swaying*

*sang in answer a song of staying,  
resisting, battling against power,  
of secrets kept, strength like a tower,  
500 and trust unbroken, freedom, escape;  
of changing and of shifting shape,  
of snares eluded, broken traps,  
the prison opening, the chain that snaps.*

*Backwards and forwards swayed their song.  
505 Reeling and foundering, as ever more strong  
Thû's chanting swelled, Felagund fought,  
and all the magic and might he brought  
of Elfinesse into his words.*

*Softly in the gloom they heard the birds  
510 singing afar in Nargothrond,  
the sighing of the sea beyond,  
beyond the western world, on sand,  
on sand of pearls in Elvenland.*

*Then the gloom gathered: darkness growing  
515 in Valinor, the red blood flowing  
beside the sea, where the Gnomes slew  
the Foamriders, and stealing drew  
their white ships with their white sails  
from lamplit havens. The wind wails.*

*520 The wolf howls. The ravens flee.  
The ice mutters in the mouths of the sea.  
The captives sad in Angband mourn.  
Thunder rumbles, the fires burn,  
a vast smoke gushes out, a roar —  
525 and Felagund swoons upon the floor.*

*Behold! they are in their own fair shape,*

*fairskinned, brighteyed. No longer gape  
Orclike their mouths; and now they stand  
betrayed into the wizard's hand.*

530 *Thus came they unhappy into woe,  
to dungeons no hope nor glimmer know,  
where chained in chains that eat the flesh  
and woven in webs of strangling mesh  
they lay forgotten, in despair.*

535 *Yet not all unavailing were  
the spells of Felagund; for Thû  
neither their names nor purpose knew.  
These much he pondered and bethought,  
and in their woeful chains them sought,  
540 and threatened all with dreadful death,  
if one would not with traitor's breath  
reveal this knowledge. Wolves should come  
and slow devour them one by one  
before the others' eyes, and last  
545 should one alone be left aghast  
then in a place of horror hung  
with anguish should his limbs be wrung,  
in the bowels of the earth be slow  
endlessly, cruelly, put to woe  
550 and torment, till he all declared.*

*Even as he threatened, so it fared.  
From time to time in the eyeless dark  
two eyes would grow, and they would hark  
to frightful cries, and then a sound  
555 of rending, a slaverling on the ground,  
and blood flowing they would smell.*

*But none would yield, and none would tell.*

Aqui termina o Canto VII. Volto agora ao *Quenta* e o retomo desde as palavras “Por longo tempo foram torturados nos calabouços de Thû, mas nenhum deles traiu o outro”, com as quais termina o extrato anterior (p. 111); e, assim como antes, suplemento o relato do *Quenta* com o trecho vastamente diferente da *Balada*.







## UM EXTRATO ADICIONAL NO *QUENTA NOLDORINWA*

Nesse meio-tempo Lúthien, sabendo pela longínqua visão de Melian que Beren sucumbira ao poder de Thû, procurou em seu desespero fugir de Doriath. Isso chegou ao conhecimento de Thingol, que a aprisionou numa casa na mais alta de suas enormes faias, muito acima do solo. O modo como ela escapou e alcançou a floresta e ali foi encontrada por Celegorm quando este caçava nas bordas de Doriath está contado em *A Balada de Leithian*. Levaram-na traiçoeiramente para Nargothrond, e Curufin, o matreiro, enamorou-se de sua beleza. Pelo que ela contou, ficaram sabendo que Felagund estava nas mãos de Thû; e tencionaram deixarem-no perecer ali e manterem Lúthien consigo e obrigarem Thingol a casar Lúthien com Curufin e, dessa forma, incrementarem seu poder e usurparem Nargothrond e se tornarem os mais poderosos príncipes dos Gnomos. Não pensavam em sair em busca das Silmarils, nem em permitir que nenhum outro o fizesse, até terem todo o poder dos Elfos debaixo de si e obediente a eles. Mas seus desígnios

em nada resultaram, exceto na desavença e na amargura entre os reinos dos Elfos.

Huan era o nome do principal cão de Celegorm. Era de raça imortal dos campos de caça de Oromë. Oromë o dera a Celegorm muito tempo antes, em Valinor, quando Celegorm costumava cavalgar no séquito do Deus e seguia sua trompa. Ele chegou às Grandes Terras com seu senhor, e nem dardo, nem arma, nem feitiço, nem veneno podia lhe fazer mal, de forma que foi à batalha com seu senhor e muitas vezes o salvou da morte. Seu destino decretara que não haveria de encontrar a morte exceto pelas mãos do lobo mais poderoso que jamais caminhasse no mundo.

Huan era fiel de coração e amava Lúthien desde a hora em que primeiro a encontrou na floresta e a trouxe a Celegorm. Seu coração se afligia pela traição do senhor, e libertou Lúthien e foi com ela rumo ao Norte.

Ali Thû matou seus cativos um a um, até que restassem apenas Felagund e Beren. Quando chegou a hora da morte de Beren, Felagund aplicou todo o seu poder e rompeu as amarras e se atracou com o lobisomem que veio matar Beren; e matou o lobo, mas ele próprio foi morto no escuro. Ali Beren pranteou em desespero e esperou pela morte. Mas Lúthien veio e cantou fora dos calabouços. Assim ela

seduziu Thû para que se mostrasse, pois a fama do encanto de Lúthien atravessara todas as terras, e também a maravilha de seu canto. O próprio Morgoth a desejava e prometera a maior recompensa a quem a capturasse. Cada lobo enviado por Thû foi silenciosamente morto por Huan, até que veio Draugluin, o maior de seus lobos. Houve então uma batalha feroz, e Thû soube que Lúthien não estava só. Mas lembrou-se do destino de Huan e transformou-se no maior lobo que já caminhara no mundo e mostrou-se. Mas Huan o derrotou e obteve dele as chaves e os feitiços que mantinham unidas suas muralhas e torres encantadas. Assim o baluarte foi rompido, e as torres, derrubadas, e os calabouços, abertos. Muitos cativos foram libertados, mas Thû, em forma de morcego, voou rumo a Taur-na-Fuin. Ali Lúthien encontrou Beren lamentando-se ao lado de Felagund. Ela curou seu pesar e a debilidade causada pela prisão, mas Felagund eles sepultaram no alto de sua própria ilha-colina, e Thû não foi mais para lá.

Então Huan retornou ao seu senhor e depois disso minguiu o amor entre eles. Beren e Lúthien vagaram despreocupados e felizes até se aproximarem outra vez das divisas de Doriath. Ali Beren recordou seu juramento e se despediu de Lúthien, mas ela não aceitou separar-se dele. Em Nargothrond havia

tumulto. Pois Huan e muitos cativos de Thû trouxeram notícias dos feitos de Lúthien e da morte de Felagund, e a traição de Celegorm e Curufin foi evidenciada. Diz-se que eles haviam enviado uma embaixada secreta a Thingol antes de Lúthien escapar, mas Thingol, irado, mandara suas cartas de volta a Orodreth por seus próprios servos. Por isso então os corações da gente de Narog voltaram-se outra vez para a casa de Finrod, e prantearam seu rei Felagund, que haviam abandonado, e fizeram o que mandou Orodreth.

Mas ele não permitiu que matassem os filhos de Fëanor como queriam. Em vez disso baniu-os de Nargothrond e jurou que pouco amor haveria depois entre Narog e qualquer filho de Fëanor. E assim foi.

Celegorm e Curufin cavalgavam apressados e furiosos pelos bosques para encontrar o caminho de Himling, quando toparam com Beren e Lúthien no momento em que Beren buscava apartar-se de seu amor. Arremeteram contra eles com os cavalos e, reconhecendo-os, tentaram atropelar Beren sob os cascos.

Mas Curufin ergueu Lúthien sobre sua sela. Então aconteceu o salto de Beren, o maior salto de Homem mortal. Pois pulou como um leão bem em cima do cavalo galopante de Curufin e agarrou-o pela garganta,

e cavalo e ginete caíram ao solo em confusão, mas Lúthien foi lançada para longe e estendeu-se atordoada no chão. Ali Beren sufocou Curufin, mas sua própria morte esteve próxima, pois Celegorm voltou a cavalo empunhando sua lança. Nessa hora Huan desistiu do serviço de Celegorm e saltou sobre ele de modo que seu cavalo guinou para o lado, e, temendo o terror do grande cão, ninguém ousou aproximar-se. Lúthien proibiu a morte de Curufin, mas Beren o despojou do cavalo e das armas, a principal das quais era seu famoso punhal feito pelos Anãos. Cortava ferro como se fosse madeira. Então os irmãos cavalgaram para longe, mas traiçoeiramente atiraram para trás, contra Huan e contra Lúthien. Não feriram Huan, mas Beren saltou diante de Lúthien e foi ferido, e os Homens recordaram essa chaga contra os filhos de Fëanor quando isso se tornou conhecido.

Huan ficou com Lúthien e, ouvindo de sua perplexidade e do propósito de Beren de ainda rumar para Angband, foi buscar para eles, nos paços arruinados de Thû, um manto de lobisomem e um de morcego. Somente três vezes Huan falou na língua dos Elfos ou dos Homens. A primeira foi quando veio ter com Lúthien em Nargothrond. Esta foi a segunda, quando imaginou o conselho desesperado para sua demanda. Assim cavalgaram rumo ao Norte até não

poderem mais fazê-lo com segurança. Então envergaram as vestes como se fossem lobo e morcego, e Lúthien, disfarçada de fada maligna, montou o lobisomem.

Em *A Balada de Leithian* conta-se tudo sobre como chegaram ao portão de Angband e o encontraram recém-guardado, pois um rumor que ele não sabia por qual desígnio circulava entre os Elfos chegara a Morgoth. Por isso destacou o mais poderoso dos lobos, Carcharas Presa-de-Punhal, para sentar-se diante dos portões. Mas Lúthien o enfeitiçou, e avançaram até a presença de Morgoth, e Beren esgueirou-se para baixo do seu assento. Então Lúthien ousou o feito mais terrível e mais valoroso que qualquer Elfo jamais ousou; ele é tido não menor que o desafio de Fingolfin e pode ser maior, exceto pelo fato de que ela era semidivina. Ela lançou fora o disfarce e declarou o próprio nome e fingiu ter sido trazida cativa pelos lobos de Thû. E seduziu Morgoth, mesmo enquanto o coração dele tramava um mal abominável dentro de si; e dançou diante dele e lançou no sono toda a sua corte; e cantou para ele e arremessou-lhe à face o manto mágico que tecera em Doriath e lhe impôs um sonho de compulsão — que canção pode cantar a maravilha desse feito, ou a ira e humilhação de Morgoth, pois os próprios Orques se

riem em segredo quando a recordam, contando como Morgoth caiu de seu assento e sua coroa de ferro rolou no solo?





Então Beren surgiu com um salto, lançando fora a veste de lobo e sacou o punhal de Curufin. Com ele arrancou uma Silmaril. Porém, atrevendo-se a mais, tentou ganhá-las todas. Então partiu-se o punhal dos Anãos traiçoeiros, e seu som ressoante agitou as hostes adormecidas, e Morgoth gemeu. O terror apossou-se dos corações de Beren e Lúthien, e fugiram descendo pelas escuras vias de Angband. Os portões estavam barrados por Carcharas, já desperto do encantamento de Lúthien. Beren pôs-se diante de Lúthien, o que demonstrou ser má ideia, pois antes que ela conseguisse tocar o lobo com sua veste, ou dizer palavra de magia, ele saltou sobre Beren, que agora já não tinha arma. Com a direita Beren golpeou os olhos de Carcharas, mas o lobo tomou sua mão entre as mandíbulas e a arrancou com uma mordida. Ora, aquela mão segurava a Silmaril. Então a goela de Carcharas se queimou com um fogo de angústia e tormento quando a Silmaril tocou sua carne maligna; e fugiu deles uivando, de forma que todas as montanhas estremeceram, e a loucura do lobo de Angband foi, dentre todos os horrores que já vieram ao Norte, o mais medonho e terrível. Por pouco Lúthien e Beren escaparam antes que toda Angband se erguesse.

Das suas perambulações e seu desespero e da cura de Beren, que desde então tem sido chamado Beren Ermabwed, o Uma-Mão, de seu resgate por Huan, que súbito sumira de junto deles antes de chegarem a Angband, e de seu retorno a Doriath, pouco há para contar. Mas em Doriath muitas coisas haviam ocorrido. Ali tudo passara mal desde que Lúthien fugira. O pesar se abatera sobre todo o povo, e o silêncio sobre suas canções, quando sua caçada não a encontrou. Longa foi a busca, e na procura Dairon, o flautista de Doriath, se perdeu, o que amava Lúthien antes de Beren chegar a Doriath. Foi o maior músico dos Elfos, exceto por Maglor, filho de Fëanor, e de Tinfang Trinado. Mas ele jamais retornou a Doriath e vagou rumo ao Leste do mundo.

Houve também ataques às divisas de Doriath, pois rumores de que Lúthien se extraviara haviam chegado a Angband. Ali Boldog, capitão dos Orques, foi abatido em batalha por Thingol, e seus grandes guerreiros Beleg, o Arqueiro, e Mablung Mão-Pesada estiveram com Thingol nessa batalha. Assim Thingol ficou sabendo que Lúthien ainda estava livre de Morgoth, mas ouviu de suas andanças e encheu-se de temor. Em meio a seu medo, veio em segredo a embaixada de Celegorm, e disse que Beren estava morto, e também Felagund, e Lúthien estava em

Nargothrond. Então Thingol encontrou em seu coração arrependimento pela morte de Beren, e sua ira inflamou-se diante da insinuada traição de Celegorm contra a casa de Finrod e por ele manter Lúthien consigo e não a mandar para casa. Destarte enviou espiões à terra de Nargothrond e se preparou para a guerra. Mas soube que Lúthien fugira e que Celegorm e seu irmão haviam rumado para Aglon. Portanto mandou uma embaixada a Aglon, visto que seu poderio não era suficiente para acometer todos os sete irmãos, nem sua contenda era com outros que não Celegorm e Curufin. Mas essa embaixada, viajando na mata, deu com a investida de Carcharas. O grande lobo correria desvairado por todas as matas do Norte, e a morte e a devastação iam com ele. Somente Mablung escapou para trazer a Thingol notícias de sua vinda. Graças ao destino, ou à magia da Silmaril que trazia para seu tormento, ele não foi detido pelos encantamentos de Melian, mas irrompeu nos bosques inviolados de Doriath, e por toda a parte o terror e a destruição se espalharam.

Mesmo quando os pesares de Doriath estavam no auge, Lúthien e Beren e Huan voltaram a Doriath. Então o coração de Thingol se aliviou, mas não se tomou de amor por Beren, em quem via a causa de todos os seus pesares. Quando soube como Beren

escapara de Thû ficou admirado, mas disse: “Mortal, e tua demanda e teu juramento?” Então respondeu Beren: “Mesmo agora tenho uma Silmaril em minha mão.” “Mostra-ma”, disse Thingol. “Não posso fazê-lo,” disse Beren, “pois minha mão não está aqui.” E contou toda a história e esclareceu a causa da loucura de Carcharas, e o coração de Thingol atenuou-se por suas bravas palavras e sua indulgência e o grande amor que via entre sua filha e aquele Homem valorosíssimo.

Assim, portanto, planejaram a caçada ao lobo Carcharas. Nessa caçada estiveram Huan e Thingol e Mablung e Beleg e Beren e ninguém mais. E aqui precisa ser breve o seu triste relato, pois em outra parte é contado mais completamente. Lúthien ficou para trás, com presságios, quando partiram; e bem fez, pois Carcharas foi abatido, mas Huan morreu na mesma hora e morreu para salvar Beren. Porém Beren foi ferido de morte, mas viveu para pôr a Silmaril nas mãos de Thingol quando Mablung a havia extraído com a faca do ventre do lobo. Então não falou mais até que o tivessem carregado, com Huan ao seu lado, de volta às portas dos paços de Thingol. Ali, sob a faia onde antes estivera aprisionada, Lúthien os encontrou e beijou Beren antes que seu espírito partisse para os palácios da espera. Assim terminou o longo conto de

Lúthien e Beren. Mas *A Balada de Leithian*, libertação do cativo, ainda não estava contada por completo. Pois há muito se diz que Lúthien minguou e desvaneceu depressa e desapareceu da terra, apesar de algumas canções dizerem que Melian convocou Thorondor, e ele a carregou viva até Valinor. E ela chegou aos paços de Mandos e cantou-lhe um conto de amor tocante tão belo que ele se comoveu à piedade, como nunca acontecera até então. Ele convocou Beren, e assim, como Lúthien jurara ao beijá-lo na hora da morte, eles se encontraram além do mar ocidental. E Mandos permitiu que partissem, mas disse que Lúthien deveria tornar-se mortal assim como seu amado e deveria deixar a terra mais uma vez à maneira das mulheres mortais, e sua beleza se tornaria somente uma lembrança nas canções. Assim foi, mas dizem que depois, como recompensa, Mandos concedeu a Beren e a Lúthien uma longa duração de vida e felicidade, e vagaram sem conhecer sede nem frio na bela terra de Beleriand, e depois disso nenhum Homem mortal falou com Beren ou sua esposa.





## A NARRATIVA EM *A BALADA DE LEITHIAN* ATÉ SEU TÉRMINO

Esta porção substancial do poema retoma a partir do último verso do Canto VII de *A Balada de Leithian* (“Mas nenhum cede e nenhum fala”, p. 146), e a abertura do Canto VIII corresponde ao relato muito comprimido do *Quenta* (p. 149) sobre o confinamento de Lúthien em Nargothrond, que lhe foi imposto por Celegorm e Curufin, e do qual foi resgatada por Huan, cuja origem é contada. Uma linha de asteriscos no texto da *Balada* marca o começo de mais um Canto; o Canto IX no verso 329; o Canto X no verso 619; o Canto XI no verso 1009; o Canto XII no verso 1301; o Canto XIII no verso 1603; e o Canto XIV, o último, no verso 1939.

- De aros de prata enfeitados  
são cães de Valinor. Veados,  
raposa, lebre, javali  
no verde bosque vive ali.
- 5 É Oromë o senhor divo  
de toda a mata. Odre festivo  
em seu salão, cantos declamam.  
Seu nome novo os Gnomos chamam  
Tavros, o divo que suas trompas



10 nos montes fez soar com pompas;  
o único que amava o mundo  
ao desfraldarem-se no fundo  
a Lua, o Sol; cascos de ouro  
têm seus cavalos. Cães em coro  
15 ladrando em mata além d'Oeste  
possui o divo incontestado:  
um ágil cinza, um negro e forte,  
branco sedoso, belo porte,  
marrom malhado, fiel, atleta,  
20 do arco de teixo é como a seta;  
voz grave qual campanas belas  
de Valmar lá nas cidadelas,  
presa é marfim, o olho é gema.  
Qual lâmina de aço extrema,  
25 qual raio vão da guia ao faro,  
a Tavros todo o bando é caro.

Nos prados onde Tavros mora  
foi Huan um filhote outrora.  
É o mais ágil, mais ardente,  
30 e Oromë o deu, presente,  
a Celegorm, o que seguia  
sua trompa em vale e serra.

Só ele, cão de Valinor,  
os pósteros de Fëanor  
35 segue, c'o dono vai ao Norte,  
presente em cada ataque à morte,  
em todo assalto ele se bate,  
audaz até em mortal combate.  
O senhor seu protege, arranca  
40 de lobo, Orque e arma branca.

Lobeiro gris, feroz criatura,  
seu reluzente olho fura  
névoa e sombra; embora parco  
o odor, fareja-o no charco,  
45 em folhas, pó, areia fina;  
toda Beleriand domina.  
Os lobos busca, traz, espanca  
e das goelas lhes arranca  
o alento, a vida, o calor.  
50 O az de Thû lhe tem pavor.  
Nem seta, encanto nem feitiço,  
peçonha, presa, nada disso  
lhe causa mal, pois sua sina  
tecida está. Não se alucina  
55 c'o fardo que é bem sabido:  
só do mais forte ser vencido,  
mais forte lobo, criatura  
que já nasceu em cova dura.

Em Nargothrond, escutai bem,  
60 além do Sirion, além,  
soa trombeta, gritos roucos,  
os cães no bosque correm loucos.  
A mata agita-se. É caçada.  
Mas quem vem lá? A tropa armada  
65 de Celegorm e Curufin  
que com seus cães partiu assim  
que a madrugada o céu alcança;  
cada um tomou seu arco e lança.  
Lobos de Thû andam sondando  
70 por toda parte, olhos brilhando  
na noite além do rio corrente

do Narog. Terá Thû em mente  
conselhos, planos e enredos  
d'Elfos senhores, seus segredos  
75 dos Gnomos em seu reino inteiro,  
sob olmo e faia mensageiro?

Diz Curufin: “Irmão, amigo,  
mal me parece. Que perigo  
nos acomete? O quanto antes  
80 cumpre deter estes errantes!  
E mais, terei grande prazer  
em muitos lobos abater.”  
Depois em baixa voz murmura  
que é Orodreth tolo sem cura;  
85 o rei partiu muito já faz,  
boato ou nova ninguém traz.

“Pra ti seria bom conforto  
saber se livre está, ou morto;  
junta assim tua gente armada,  
90 dize ‘Já parto em caçada’;  
crerão que em prol do reino vais.  
Na mata buscarás sinais;  
se ele voltar por sorte cega  
e a cruzar tua trilha chega,  
95 e se, insano, traz o rei  
a Silmaril — não mais direi;  
mas dentre as claras joias belas  
é tua (e nossa) uma delas;  
também o trono é ganhadia.  
100 O sangue nosso é primazia.”

Calado, Celegorm escuta,

imensa hoste leva à luta;  
Huan se agota c' o fragor,  
cão capitão do seu senhor.

105 Três dias corre hoste, matilha,  
lobos de Thû matam na trilha,  
cortam cabeças, pelo ostentam  
dos lobos gris, os afugentam;  
quase a Doriath seu avanço  
110 os leva; lá têm seu descanso.

Soa trombeta, gritos roucos,  
os cães na mata correm loucos.  
A mata agita-se, é caçada,  
escapa alguém, ave assustada,  
115 pé que dançava foge já,  
não sabe ela quem vem lá.  
Longe do lar, branca, perdida,  
a aparição corre transida;  
o coração lhe impele o passo,  
120 olho abatido, membro lasso.

Huan espia, vê um vulto  
numa clareira meio oculto,  
névoa noturna à luz da aurora  
que temerosa vai-se embora.  
125 Com salto forte, grão latido,  
persegue o espectro retraído.  
Qual mariposa assustada  
que a ave caça em disparada,  
ela adeja, esvoaça,  
130 detém-se, pelo ar já passa —  
em vão. Por fim, já sem alento,  
busca um tronco. Ele atento.

Não há palavra de feitiço,  
mistério élfico, nem isso,  
135 que ela conheça, afinal,  
pra cativar esse rival  
de imortal raça e casta  
que encanto não detém e afasta.  
Nunca houve outro, Huan só,  
140 que ela não fascinou sem dó  
e com magia. Sua graça  
e voz gentil sob ameaça,  
olhos d'estrela, rara sorte,  
domam a quem não teme a morte.

145 Ergue-a fácil, forte cão,  
trêmulo fardo. Antes não  
viu Celegorm tal presa atada.  
“Huan, quem trazes apresada?  
Donzela élfica ou fada?  
150 Disso não é nossa caçada.”

“De Doriath sou Lúthien”,  
diz a donzela. “A trilha vem  
longe dos Elfos, via escura  
percorro eu, já sem bravura  
155 e pouca fé.” Dizendo tanto  
deixa cair sombroso manto,  
posta-se lá de branco e prata.  
Cada sua joia luz refrata,  
orvalho ao sol que ruma só Sul;  
160 lírios de ouro em manto azul  
brilham, rebrilham. Mas quem fita  
sem pasmo a face tão bonita?

Queda-se Curufin e encara.  
O odor da trança com flor rara,  
165 esbelto membro, élfica face  
tomam-lhe a mente. Até que passe  
é longo o tempo. “Mas que luta,  
bela senhora, que labuta  
te move ao rumo solitário?  
170 Que novas tens, qual o cenário  
em Doriath de guerra e morte?  
Pois te guiou tão bem a sorte”,  
Celegorm diz, “sou teu amigo”  
e à linda Elfa dá abrigo.  
175 Parece a ele: a sina dela  
conhece em parte, e não revela  
no rosto nenhuma artimanha.  
“Mas quem sois vós, caça tamanha,  
correndo a mata perigosa?”  
180 Resposta dão, parece honrosa.  
“Teus serviçais, doce senhora,  
amos de Nargothrond agora,  
que rogam venhas, isto posto,  
lá pras colinas, sem desgosto,  
185 repouso e esperança achar.  
Teu conto vamos escutar.”

De Beren Lúthien relata,  
do Norte, a sina que o ata  
a Doriath, Thingol irado,  
190 de como deu atroz mandado  
a Beren. Nada dizem, fato,  
os dois irmãos que seu relato  
afete-os. De como fugiu,

do manto incrível que urdiu,  
195 logo relata, mas hesita,  
do sol no vale fala aflita,  
em Doriath astro e luar  
antes de Beren a deixar.

“Senhores, pressa peço agora!  
200 De repousar já não é hora.  
Já tempos faz que a rainha,  
Melian que visão clara tinha,  
me revelou tão temerosa  
de Beren servidão gravosa.

205 Senhor dos Lobos tem masmorra  
onde o prendem té que morra,  
Beren encantos e cadeia  
ora suporta — sorte feia,  
se não a morte ou sofrimento”:

210 a dor lhe tolhe todo o alento.  
A Celegorm diz Curufin  
em baixa voz: “Notícia assim  
temos de Felagund, e de onde  
de Thû o feio bando ronde”,  
125 também lhe dá opinião posta  
do que o irmão dê em resposta.

“Senhora” — Celegorm — “avante  
vamos caçar besta errante;  
hoste de intrépida grandeza  
220 não ousa opor-se à fortaleza  
nem retomar do mago a ilha.  
Ousar seria maravilha.  
Aqui cessar vamos a caça,  
tomar a estrada, a que passa  
225 ao lar, pra decidir ajuda

a Beren em angústia ruda.”

A Nargothrond levam então  
Lúthien, pesado coração,  
que teme atraso, cada instante,  
230 mas crê que toda a tropa andante  
não vai co’a pressa que devia.  
Huan à frente, noite e dia,  
olha pra trás desconfiando  
do que seu mestre anda biscando,  
235 por que sem pressa o cortejo,  
qual é de Curufin desejo  
por Lúthien, nisso medita,  
sente chegar sombra maldita,  
pros Elfos uma antiga praga,  
240 pois sofre com a sorte aziaga  
do ousado Beren, Lúthien,  
valido Felagund também.

Em Nargothrond o fogo arde,  
canto e banquete até tarde.  
245 Lúthien a sós não come nada.  
Está barrada e vigiada,  
fugir não pode. O mago manto  
oculto está, nem rogo entanto  
atendem, nem resposta dão  
250 às suas perguntas. Ora então,  
já se esqueceram dos coitados  
n’angústia e cárcere encerrados,  
sofrendo na prisão imiga.  
Tarde demais viu a intriga.  
255 Em Nargothrond não é surpresa



que dos irmãos ela está presa  
que Beren querem ignorar,  
de Thû rejeitam libertar  
o rei — desprezam-no. A missão  
260 ódio antigo ao coração  
trouxe. Orodreth vê depois  
a intenção hostil dos dois:  
deixar rei Felagund à morte,  
com Thingol ter aliança forte  
265 de Fëanor o sangue em paz  
ou força. Mas não é capaz  
de os deter, pois sua gente  
é aos irmãos subserviente,  
às suas falas obedecem  
270 e as de Orodreth esquecem;  
nem se envergonham, rebatendo  
de Felagund o transe horrendo.

Aos pés de Lúthien de dia,  
de noite o leito lhe vigia  
275 Huan, de Nargothrond o cão;  
ela lhe fala ao coração:  
“Ó Huan, Huan, mais ligeiro  
que anda em mortal solo inteiro,  
que mal domina teus senhores  
280 que não me atendem os clamores?  
Foi Barahir dos homens todos  
que amor aos cães deu, e denodos;  
e Beren, no Norte maldito  
vagando bravo e proscrito,  
285 tomou amigo que lhe apraza  
de pelo, pele, pena e asa,

do espírito que inda medra  
em monte antigo e nua pedra.  
Nem Elfo ou Homem, tal família,  
290 só Lúthien, de Melian filha  
recorda aquele que lutou  
com Morgoth, nunca se curvou.”

Lá Huan cala; e Curufin  
não mais se aproxima, enfim,  
295 de Lúthien desprevenida;  
teme de Huan a mordida.

É no outono, noite escura,  
à luz da lua, débil, pura,  
veem-se astros hesitantes  
300 por entre nuvens perpassantes  
quando a trompa hibernal  
já soa em mata boreal,  
Huan se foi! Lúthien jaz  
até a matina, quando faz  
305 silêncio morto, temor certo  
aflige quem inda é desperto,  
vem rente ao muro estranho vulto  
que deposita, meio oculto,  
o mago manto ao pé do leito.  
310 Trêmula vê, e vê direito,  
o cão, e ouve fala grave  
qual sino de uma torre ou nave.

Declara Huan, que jamais  
falou, e duas vezes mais  
315 falou depois em termos planos:  
“Senhora amada, que os Humanos,

os Elfos, toda a fauna rasa  
de pelo, pele, pena e asa  
devem servir e amar — em frente!  
320 Veste teu manto! Ao sol nascente  
de Nargothrond fuja, sorte,  
só tu e eu, rumo ao Norte.”  
Ainda deu opinião reta  
pra alcançarem sua meta.  
325 Lúthien ouve com assombro,  
apoia em Huan o seu ombro.  
Depois abraça-o desta sorte —  
em amizade até a morte.

\*\*\*\*\*

N’Ilha do Mago esquecidos,  
330 em grã tortura envolvidos,  
em gruta fria, desalumiada,  
olhos vazios, fitando o nada,  
dois companheiros sós nos fossos.  
Mortos os outros, os seus ossos  
335 revelam, a jazer rompidos,  
que dez ao rei seu foram fidos.

A Felagund já Beren diz:  
“Se eu morrer, que pouco fiz,  
é pouca perda; conto tudo,  
340 assim do cárcere agudo  
talvez te livre. Sê liberto  
da velha jura, pois é certo  
que mais sofreste que mereces.”

“Ah! Beren, Beren, tu esqueces  
345 que débil sopro é a promessa  
de Morgoth e dos seus. Cá dessa  
prisão de dor ninguém mais some,  
aprenda ou não o nosso nome  
por Thû. Eu creio, ao contrário,  
350 maior tormento é necessário  
se ele souber que Beren já  
e Felagund tem presos cá,  
pior ainda é se sabe  
que colossal missão nos cabe.”

355 Funesto riso então lhes vem  
no poço. “É certo, dizeis bem”  
diz uma voz, atroz e rouca.  
“Se ele morre a perda é pouca,  
mortal proscrito. Mas ao rei,  
360 imortal Elfo, infligirei  
mais do que homem sofrer possa.  
Se a dor, que na muralha nossa  
está, tua gente conhecer,  
real resgate hão de ceder  
365 de ouro e gemas ao cativo;  
quem sabe Celegorm altivo  
despreze o teu mau agouro,  
guarde pra si coroa e ouro.  
Quanto à missão que a vós cabe,  
370 em pouco tempo já se sabe.  
O lobo, Beren, já tem fome;  
em breve a morte te consome.”

O tempo passa. Discrimina  
brilho de olhos. Vê sua sina,  
375 embora pronto pro duelo,  
Beren ligado a cada elo.  
Eis! súbito um som pungente,  
partem-se os elos da corrente.  
Lá salta, pronto pra peleja,  
380 sobre o lobo que rasteja,  
fiel nas sombras, Felagund,  
da fera sem temor nenhum.  
Na treva batem-se no chão,  
uivos, rosnados, vêm e vão,  
385 dente a morder, mão na goela,  
dedos no pelo que escabela;  
Beren, inerte, não socorre,  
e o lobisomem arfa e morre.  
Então vem uma voz: “Adeus!  
390 Não me verás c’os olhos teus,  
amigo, companheiro, irmão.  
O frio me parte o coração.  
O meu poder gastei rompendo  
amarras, tenho o peito ardendo  
395 da vil peçonha dessa fera.  
Agora vou à longa esperança  
sob Timbrenting, eterna sala,  
lá bebem Deuses, luz resvala  
no mar brilhante.” O rei expira,  
400 inda o diz élfica lira.

Lá Beren jaz. Lágrimas faltam,  
medo e pavor não o assaltam,  
aguarda passos, voz, o fado.

Silêncios como do passado  
405 em tumba de findos monarcas,  
areias grossas nas suas arcas  
fundo sepultas, mui intensos  
envolvem-no, lentos e densos.

Logo o silêncio se espedaça  
410 em prata. Muito débil passa  
nos muros voz, canção que arranca  
do morro vil tramela e tranca,  
e traz à treva luz infinda.  
À sua volta a noite é linda,  
415 de astros mil, e no ar claro  
sussurros e perfume raro;  
os rouxinóis pousam na rama,  
a flauta, a viola clama  
sob o luar, lá dança ela,  
420 dos que viveram a mais bela,  
em solitário topo, rocha,  
com veste trêmula qual tocha.

\*\*\*\*\*

Ele em sonho canto entoa  
forte, feroz nos ares soa,  
425 canto de lutas lá no Norte,  
marcha longínqua, feito forte,  
audaz rompendo em batalhas  
poderes, torres e muralhas;  
e sobre tudo o fogo prata  
430 que Urze Ardente se relata,

os Sete Astros que pôs Varda  
no Norte, pra que sempre arda  
luz no escuro, fé na dor,  
de Morgoth vasto contendor.

435 “Huan, Huan! Ouço um canto  
de baixo, longe, forte entanto,  
canção que Beren canta aqui.  
Ouço sua voz. Muito a ouvi  
em sonho e trilha.” Lúthien  
440 sussurra. Na ponte também,  
em manto envolta, noite escura,  
senta e canta; até a altura  
e fundo da Ilha do Mago,  
parede, rocha, grande estrago,  
445 tremor. O lobisomem chora,  
Huan oculto rosna agora,  
escuta atento lá na treva  
o som que à batalha leva.





Thû ouve a voz, detém-se entanto,  
450 envolto em touca e negro manto  
na alta torre. Com sorriso  
sabe que é élfico aviso.  
“Ah! Lúthien! Assim passeia  
a tola mosca em minha teia!  
455 Morgoth! um prêmio grande e rico  
me debes se ao tesouro aplico  
tal joia.” Desce à profunda  
e manda sua cria imunda.

Lúthien canta. Algo se arrasta  
460 com língua rubra e nefasta  
na ponte; o canto é retornado,  
trêmulo membro, olho embotado.  
O vulto salta pro seu lado  
e logo tomba sufocado.  
465 E chegam mais, vêm um a um,  
perecem, não resta nenhum  
que conte ao mestre dessa feita  
da sombra que feroz espreita  
no fim da ponte, e que embaixo  
470 correm as águas do riacho  
nos corpos gris que matou Huan.  
Maiores sombras já flutuam  
na ponte estreita e a consomem;  
grande e odioso é o lobisomem:  
475 pálido Draugluin, gris senhor  
de lobos, bestas de pavor;  
Homens e Elfos a contento  
de Thû devora sob o assento.

Já não é silente sua luta.  
480 Ressoa a noite em grita bruta  
até que ao trono onde comia  
o lobisomem foge e chia.  
“Huan chegou” ofega e morre.  
Irado, altivo, Thû acorre.

485 “Ante o maior sucumbirá,  
ante o maior lobo que há”,  
pensa assim, crendo saber  
a sina antiga preencher.

Já surge devagar no escuro  
490 vulto peludo, ódio puro,  
olho fatal, peçonha em riste,  
lupino e ávido; lá existe  
luz mais cruel, mais desatino  
que já animou olho lupino.

495 Enorme pé, boca faminta,  
presa mais afiada e tinta  
de dor, peçonha, ódio e morte.  
Do seu alento o vapor forte  
lhe vem diante, Desfalece  
500 a voz de Lúthien, escurece  
seu olho pleno de pavor,  
de frio, veneno e temor.

É Thû quem chega, campeão  
dos lobos de Angband do portão  
505 ao Sul ardente, que assolou  
terra mortal e assassinou.  
Súbito ataca, Huan salta  
pra sombra. Logo Thû assalta  
Lúthien que jaz desfalecida. 510 Ela percebe, torna à vida,

o alento vil nela resvala;  
tonta, sussurra uma fala,  
o véu no seu focinho roça.  
O monstro hesita, não a acossa.

515 Huan ataca. Thû revida.  
Sob as estrelas é ouvida  
grita de lobo encurralado,  
latir do cão mais arrojado.  
Saltam e correm, cá e lá,  
520 fingem fugir, dão volta já,  
e se engalfinham, presa à mostra.

Huan por fim agarra e prostra  
o contendor; rompe a goela,  
afoga Thû. Mas não, cautela!

525 Forma a forma, lobo a dragão,  
do monstro à própria sua feição,  
transmuta Thû, mas o aperto  
não pode desfazer decerto.  
Feitiço nem arte medonha,  
530 nem presa, dardo, nem peçonha  
faz mal ao que cervo e varrão  
em Valinor caçou, ao Cão.

O espírito feito de mal  
por Morgoth solta-se afinal  
535 a deixa enfim a mortal casca,  
e Lúthien contempla a vasca.

“Atro demônio, imundícia,  
feito de nojo e malícia,  
morres aqui, tua alma erra,  
540 trêmula torna ao mestre, à terra

onde há de arcar com seu desdém;  
no imo infamará também  
da terra uivante, e numa grotta  
pra sempre tua alma rota  
545 há de gemer, será assim  
se as chaves não deres a mim  
do teu castelo e o encanto  
que as pedras une, e no entanto  
também palavras de abertura.”

550 Arfando então, e com tremura,  
revela-lhe, forçoso é;  
vencido, trai do mestre a fé.

Eis! um lampejo junto à ponte  
como astro que no céu desponte  
555 pra arder, estremecer aquém.  
Abre os braços Lúthien,  
exclama em tão clara voz  
como ouvem os mortais após  
élficas trompas no outeiro  
560 quando está quieto o mundo inteiro.

Nasce o sol no monte ardente;  
seu topo gris vigia silente.  
Oscila o morro; a cidadela  
desfaz-se, e as torres dela;  
565 a rocha fende, a ponte rompe,  
e Sirion em fumaça irrompe.

Espectros voam, são corujas,  
morcegos batem asas sujas,  
guincham no ar escuro e frio  
570 em busca de novo covil  
no ramo hostil da beladona.

Fogem os lobos, grei chorona,  
sombras obscuras. Já rastejam  
pálidos vultos, mal os vejam,  
575 fecham o olho, a luz o ofusca:  
medo, surpresa e sua busca  
após a dor, não mais atados,  
do desespero libertados.

Atroz vampiro, vasto e aflito,  
580 salta do chão ao céu num grito,  
de sangue escuro deixa rasto.  
Huan de Lobo vê nefasto  
inerte corpo — em abandono  
em Taur-na-Fuin novo trono  
585 Thû vai fazer, novo castelo.

Vêm os cativos já sem elo,  
dando louvor e gratidão.  
Mas Lúthien os fita então.  
Beren não vem. Lúthien: “Eu sinto,  
590 ó Huan, estará extinto  
e entre os mortos o buscamos,  
por cujo amor nós cá lutamos?”

De pedra em pedra ambos vão  
atravessando o Sirion.  
595 Imóvel acham-no, em pranto  
junto a Felagund, no entanto  
não ergue os olhos nem a fita.  
“Ah! Beren, Beren!” ela grita,  
“eu te encontrei já sem consolo.  
600 Ai! eis que jaz aqui no solo  
da nobre raça o mais nobre,  
em vão o teu amplexo o cobre!

Ai! novo encontro é lamento,  
nós cujo encontro era bento!”

605 Tal a saudade em sua voz,  
ele ergue os olhos, sente após  
calar o pranto, ali aos pés  
da que o acha no revés.

“Ó Lúthien, fiel donzela,  
610 que és dos viventes a mais bela,  
dos Elfos a filha mais linda,  
que amor tu tens, que prenda infinda,  
de vires ao covil do horror!  
Ó fronte alva, laço em flor,  
615 trança de sombra que seduz,  
delgadas mãos à nova luz!”

Ela lhe cai nos braços quando  
no Leste o dia vem raiando.

\*\*\*\*\*

Os Elfos cantam o ocorrido  
620 no seu idioma esquecido:  
que vagam Beren, Lúthien  
do Sirion nas margens. Vêm  
alegres às clareiras, leves  
os pés, e doces dias breves.  
625 Mesmo no inverno, na procela,  
as flores duram aos pés dela.  
Tinúviel! Tinúviel!

cantam nos montes em tropel  
as aves. Sem temor também,  
630 junto a Beren, Lúthien.

Ilha e Sirion deixam já;  
mas lá no topo inda está  
túmulo verde, laje alçada,  
inda jaz lá branca ossada  
635 de Felagund, de Finrod raça,  
até que o mar a terra abraça  
e engole em profundo abisso.  
Felagund ri enquanto isso  
em Valinor e não mais erra  
640 no mundo gris de choro e guerra.  
A Nargothrond não tornou mais;  
mas correm lá relatos tais  
do rei que é morto, Thû vencido,  
do grande castro demolido.  
645 Pois muitos tornam para o lar  
que em sombra iam se tornar;  
e como sombra volta reto  
Huan, o cão, com pouco afeto  
nem gratidão do amo bravo;  
650 mas foi fiel em seu agravo.  
Em Narog um clamor se abala  
que Celegorm a custo cala.  
O rei tombou, dizem em pranto;  
uma donzela ousou tanto,  
655 mais que de Fëanor os filhos.  
“Cumpre abater os empecilhos!”  
já grita assim a gente inglória  
que Felagund tem na memória.

Orodreth diz: “Agora o rei  
660 sou eu, e não permitirei  
essa matança. Não terão  
nem seu repouso, nem seu pão  
os dois que tal afronta fazem  
à casta Finrod.” Já os trazem.  
665 Desdenha, ereto e não covarde,  
Celegorm. Em seu olho arde  
a ameaça. Curufin  
sorri matreiro, astuto enfim.

“Ide pra sempre — enquanto é dia  
670 e brilha o sol. A vossa via  
não vos trará ao meu redor,  
nem filho algum de Fëanor;  
nem há de haver acordo bom  
entre vós sete e Nargothrond.”

675 “Recordaremos” dizem logo  
e dão as costas; com afogo  
sobem à sela com a gente  
que inda os segue, bem silente.  
Soam a trompa com ardor  
680 e partem em grande furor.

De Doriath os caminhantes  
se aproximam. São cortantes  
os ventos, ramos nus, cinzenta  
a erva que o inverno enfrenta,  
685 mas cantam sob o céu gelado  
que sobre eles é alçado.  
A Mindeb, rio estreito, chegam,



às águas que os morros regam,  
à borda oeste onde inicia  
690 de Melian a grã magia,  
terra de Thingol soberano  
que ao forasteiro causa engano.

Diz Beren, coração sombrio:  
“Tinúviel, cá neste rio  
695 termina o canto que entoamos,  
por diferentes vias vamos!”

“Que dizes? O que te desvia  
se ora raia um novo dia?”

“Chegaste livre à fronteira  
700 da terra protegida inteira  
por Melian; poderás andar  
por entre os bosques de teu lar.”

“Meu coração está feliz  
ao ver surgir a mata gris  
705 de Doriath inviolada.  
Mas foi por mim tão detestada  
que o meu pé a abandonou,  
meu lar, meu povo. Olhar não vou  
sua erva, folha, campo ou vargem  
710 sem ter-te ao lado. Obscura a margem  
de Esgalduin, profundo e forte!  
Por que sem canto, entregue à sorte,  
águas infindas vou fitar  
sentada a sós, desesperar,  
715 água a passar sem compaixão,  
com dor no peito e solidão?”

“A trilha a Doriath não mais  
percorrerei, até teus pais,  
mesmo que Thingol deixe ou queira;  
720 pois a teu pai fiz jura inteira  
de só voltar, demanda pronta,  
com Silmaril, valor sem conta,  
o alto preço do meu rogo.  
‘Nem aço, rocha e nem fogo  
725 de Morgoth, élfico poder  
a minha gema há de reter’:  
jurei a Lúthien, donzela  
que é dos viventes a mais bela.  
A jura há de ser cumprida,  
730 dói o pesar, pesa a partida.”

“Lúthien não torna à velha plaga,  
em prantos cá nos bosques vaga,  
não teme risco nem sorri.  
E se não for ao pé de ti,  
735 hei de seguir passos que dês  
té que se encontrem outra vez  
Beren e Lúthien, amantes,  
na terra ou sombras margeantes.”

“Não, Lúthien, brava querida,  
740 assim mais pesa a partida.  
Sou livre pelo teu amor,  
mas nunca ao exterior pavor,  
mansão de medo horrorosa,  
irá tua luz que é tão ditosa.”

745 “Jamais, jamais!”, diz ele e treme.

Ela o abraça, rogo estreme,  
vem um fragor, tormenta enorme.  
São Curufin e Celegorm,  
qual vento brusco seus tropéis,  
750 ressoam cascos dos corcéis,  
a terra treme. Rumo ao Norte  
correm insanos, gana forte,  
de Doriath achar a estrada  
em torvas sombras enredada  
755 de Taur-na-Fuin. Essa trilha  
é a mais direta à sua família  
em Himling, monte que vigia  
no leste Aglon, brecha fria.

Vendo os errantes, com um grito  
760 os acomete o bando aflito  
como quem tenta bem assim  
aos dois e seu amor pôr fim.  
A tropa então desvia atenta,  
curvo o cachaço, larga a venta;  
765 dobra-se Curufin, e a bela  
recolhe à força e traz à sela,  
e ri. Mas salta nele então,  
bravo qual fulvo rei-leão  
por setas mil enfurecido,  
770 veloz qual cervo perseguido  
que salta ágil o barranco,  
Beren, bradando num arranco;  
abraça-o firme pela nuca,  
ágil derruba e machuca,  
775 corcel, ginete ao solo abate;  
ali silente é o combate.

Lúthien pasma jaz ao léu  
sob ramas secas e o céu;  
de Beren sente o Gnomo a mão  
780 que o estrangula, e então  
saltam-lhe os olhos e a língua,  
arfando sua força míngua.

Vem Celegorm de lança em riste,  
Beren já teme morte triste.  
785 Quase se vai no élfico aço  
quem Lúthien tirou do baraço,  
mas Huan ladra, salta ingente  
ante seu amo, branco o dente,  
em grande raiva eriça o pelo  
790 qual lobo fero a acometê-lo.

Trépido o corcel desvia;  
diz Celegorm em fúria fria:  
“Maldito cão abominando,  
o amo seu ameaçando!”  
795 Nem cão, ginete nem cavalo  
arrojo têm para enfrentá-lo,  
enorme Huan irritado,  
de rubra fauce. Saem de lado,  
fitam de longe a fera irada:  
800 punhal nem cimitarra, espada,  
seta de arco, dardo ou peia,  
amo nem homem Huan receia.

Pereceria Curufin  
se Lúthien não pusesse fim  
805 à luta, pois desperta, abala,  
com Beren a seu lado fala:  
“Afasta a ira, meu senhor!

Não faças do Orque o horror;  
os Elfos têm bastante inimigos,  
810 cada vez mais, ódios antigos,  
e aqui lutaís por velha praga  
e o mundo, desventura aziaga,  
já desmorona. Faze paz!”

Beren na luta volta atrás;  
815 toma a cota, o animal  
de Curufin, e seu punhal  
de aço nu, uma arma pura  
cuja ferida não tem cura;  
pois Anãos noutra ocasião  
820 já o fizeram em canção  
e encantos, com martelos finos  
soando em Nogrod como sinos.  
Como madeira o ferro talha,  
como tecido férrea malha.  
825 Mas outro lá tem o punhal  
de amo abatido por mortal.  
Beren o ergue, lança avante,  
“Vai-te!” exclama, voz soante;  
“Vai-te! és renegado e tolo,  
830 o exílio sirva de consolo!  
Ergue-te, vai, sem mais intriga  
como Orque de Morgoth, laia imiga;  
de Fëanor altivo herdeiro,  
honra melhor teu ramo inteiro!”  
835 Leva embora Lúthien,  
Huan em guarda se mantém.

“Adeus,” diz Celegorm, o nobre.

“Pra longe! Melhor morras pobre,  
faminto em meio ao deserto  
840 que teres ódio nosso certo  
que alcance aquele que fugiu.  
Donzela, joia ou Silmaril  
não vai durar no alcance teu!  
Maldito em terra, sob o céu,  
845 seja dormindo ou acordado!  
Adeus!” Apeia apressado,  
ergue o irmão do seu desdouro;  
arco de teixo, corda d’ouro  
arma, dispara sua seta,  
850 os de mãos dadas são a meta;  
flecha de Anão, farpa atroz.  
Mas não se voltam, vão a sós.  
Latindo, Huan salta, apanha  
a seta em voo. Com tamanha  
855 presteza voa outra, canta;  
mas Beren volta-se, levanta,  
defende Lúthien c’o peito.  
Funda é a ferida com efeito.  
Tomba, e os irmãos partem já  
860 e, rindo, o abandonam lá;  
temendo, voam como o vento,  
pois Huan os persegue atento.  
Ferido ri-se Curufin,  
porém mais tarde a seta ruim  
865 no Norte foi lembrança atroz  
dos Homens dita em alta voz,  
ódio que a Morgoth não foi vão.

Após o dia nenhum cão

de Celegorm seguiu clarim  
870 nem combateu por Curufin,  
mesmo co'a casa em ruína  
Huan não mais a testa inclina  
nem desse amo deita ao pé,  
seguindo Lúthien vai com fé.  
875 Junto a Beren ela chora,  
tenta estancar de fora a fora  
o sangue que lhe flui em jorro.  
A veste arranca-lhe em socorro;  
tira do ombro a seta ardida;  
880 com lágrimas lava a ferida.  
Vem Huan com folha de cura  
mui poderosa, erva pura,  
que nas clareiras, na barranca  
cresce com folha larga e branca.  
885 Huan poder de toda erva  
nas trilhas da floresta observa.  
Com elas cura o ferimento,  
Lúthien murmura num momento  
canto das Elfas que estanca,  
890 delas cantado em vida franca  
de guerra e armas, tece a teia.  
A sombra cai da serra feia.  
Ergue-se então no véu do Norte  
Foice dos Deuses e a corte  
895 d'estrelas pela seca tarde  
em frio, branco brilho arde.  
Porém no chão clarão se abate,  
surge centelha escarlate:  
sob ramos fogo se embrenha,  
900 crepita a urze, estala a lenha;

lá Beren jaz em abandono,  
caminha, vaga em seu sono.  
Sobre ele inclina-se em cantiga  
donzela; a sede lhe mitiga,  
905 afaga a fronte em cantoria  
do que mais forte em runa fria  
e uso de cura foi escrito.  
A noite cede ao sol constricto.  
Matinal névoa se arrasta  
910 na aurora que a noite afasta.

Beren já abre o olho seu,  
ergue-se, diz: “Sob outro céu,  
terra ignota, admiranda,  
trilhei a sós, como quem anda  
915 na funda treva do finado;  
mas uma voz tive a meu lado,  
sino, viola, harpa, ave,  
canção sem fala tão suave  
que chama, chama no negrume  
920 e após me trouxe cá pro lume!  
Cura da chaga, alívio à dor!  
Nasceu o dia com alvor,  
novas jornadas nos esperam,  
perigos que mais vida geram,  
925 mas não pra mim; e para ti  
tardança lá no bosque vi  
na Doriath da verde copa,  
e minha trilha sempre topa  
com ecos d’élfica cantiga  
930 nos morros ruços, via antiga.”



“Não mais só Morgoth por imigo  
já temos nós, mas vão contigo  
as guerras, feudos d’Elfa gente,  
e a morte espera certamente  
935 por ti, por mim, Huan audaz,  
o fim do que a sina traz,  
tudo isso vem veloz, eu digo,  
se prosseguires. Ter contigo,  
a Thingol entregar por rogo  
940 gema de luz, de Fëanor fogo,  
jamais, jamais! Por que seguir?  
Vamos do medo e mal fugir,  
vagar, andar sob a ramada,  
ter todo o mundo por morada,  
945 sobre o morro, junto ao mar,  
na brisa e à luz solar?”

Deles o coração se parte;  
mas dessa Elfa toda a arte,  
braço esguio, olho luzente —  
950 em céu de chuva astro ardente —  
lábio macio, voz encantada,  
dele não muda a ação optada.  
A Doriath jamais iria  
senão levá-la sob vigia;  
955 a Nargothrond não quer viajar,  
pois teme guerra e pesar;  
não quer deixá-la andar na terra  
descalça, insone, Elfa que erra  
exausta, que ele removeu  
960 co’ amor do reino oculto seu.  
“De Morgoth o poder desperta;

já morro e vale fica alerta  
à caça; a presa se revela:  
jovem perdida, Elfa bela.  
965 Orque e fantasma caça, espia  
de tronco em tronco; já vigia  
em sombra e grot. És tu, criança!  
Pensar me tolhe a esperança,  
a mente gela. Triste jura,  
970 sina que nos uniu, ventura  
que atou teus pés em meu destino,  
fugir, vagar em desatino!  
É pressa, antes que o dia  
acabe, nos impeça a via,  
975 pra sermos vistos do atalaia  
da terra sob carvalho e faia,  
é Doriath, Doriath tua  
onde o mal jamais atua  
já que não passa gente ingrata  
980 das folhas da beira da mata.”

Ela concorda com seu rogo.  
A Doriath eles partem logo,  
chegam, repousam lá na beira  
em musgo e sombra da clareira;  
985 do vento abriga-os alameda  
de faias — casca como seda —  
cantam do amor que vai durar  
mesmo que a terra imerja em mar,  
ainda que após desvio fatal  
990 cheguem à Praia Ocidental.

Certa manhã dorme ela ainda

no musgo, como se pra linda  
flor fosse amargo o dia agora,  
sem sol nascendo em má hora.

995 Beren lhe beija a madeixa,  
em pranto parte, lá a deixa.

“Bom Huan,” diz, “muito cuidado!  
Nem lírio em campo desfolhado,  
nem rosa em espinheiro agudo

1000 tão frágil é, mais do que tudo.

Do vento e gelo a guarda, esconde  
das mãos que vêm não sei de onde;  
não sofra mal na andança vasta,  
orgulho e sina já me arrasta.”

1005 Parte montado, toma a via  
e não se volta; nesse dia  
torna-se pedra o coração,  
ao Norte parte com paixão.

\*\*\*\*\*

Foi certa vez lisa planura;

1010 o Rei Fingolfin se aventura  
com haste argêntea em campo vivo,  
branco corcel, dardo incisivo;  
de aço o elmo, alto, fiel,  
há luz da lua no broquel.

1015 A trompa entoa toque frio,  
às nuvens sobe o desafio  
ao torreão que está no Norte;  
aguarda Morgoth sua sorte.

Um rio de chama irrompe à noite  
1020 no branco invernal, açoite  
sobre a planície e o céu  
espelha rubro o fogaréu.  
De Hithlum, da muralha, fitam:  
fumo e vapor torres imitam  
1025 até que em confusão ruim  
sufocam astros. É o fim;  
o campo é vasto e poeirento,  
ferrugem só, areia ao vento,  
dunas sedentas onde os ossos  
1030 recobrem os rochedos grossos.  
Dor-na-Faughlith, torrão sedento,  
chamam-no assim, deserto odiento,  
lugar de corvo, tumba aberta  
de gente bela, brava, esperta.  
1035 Rochosa encosta tem ao Norte  
pra Taur-na-Fuin, Noite-Morte,  
pinhal escuro, vasta rama  
que como mastros se derrama  
de negras naus, sombrio tormento  
1040 soprado de spectral alento.

Beren severo fita a imagem  
das dunas, dura estiagem,  
divisa as torres carrancudas  
de Thangorodrim, nuvens mudas.  
1045 Faminto, curvo está o cavalo,  
à mata atroz não quer levá-lo;  
na várzea assombrada, fria  
não pisa mais nem montaria.  
“Cavalo bom de amo eivado,

1050 adeus! Mantém-te animado,  
de Sirion o vale trilha  
como viemos, passa a ilha  
de Thû, retorna à doce água  
e erva longa lá, sem mágoa.

1055 Se não encontras Curufin,  
alegre com o cervo, enfim,  
passeia, esquece faina e guerra,  
sonha com Valinor, a terra  
onde nasceu tua grande raça

1060 que Tavros guia lá à caça.”

Lá senta Beren, só e à toa,  
canção de solidão entoa.

Escute-o Orque, lobo a esmo,  
ou outro ser imundo mesmo

1065 que nessa sombra vai furtivo  
em Taur-na-Fuin, não é motivo  
de se cuidar, o que se aparta  
com mente amarga, atroz e farta.

“Adeus, ó folhas da ramagem,  
1070 ó canto em matinal aragem!

Adeus, ó erva, flor, capim  
mudando na estação assim;  
ó água que na pedra canta,  
ó charco com caniço e planta!

1075 Adeus, planície, vale, outeiro,  
ó vento, gelo, aguaceiro,  
ó nuvem, névoa, firmamento;  
estrela e lua que a contento  
ainda espiarão do céu

1080 mesmo que Beren morra ao léu —  
ou que não morra, e na fundura  
donde o grito não perdura  
dos que lá choram, na caverna  
tenha seu fim a treva eterna.  
1085 Adeus, ó firmamento e terra,  
benditos desde que cá erra  
e corre cá com membro ágil  
ao sol, à lua, donzela frágil,  
Lúthien Tinúviel  
1090 que é a mais bela sob o céu.  
Que o mundo todo se arruíne,  
dissolva-se, ou que termine,  
desfaça-se no velho abisso,  
não terá sido em vão, por isso —  
1095 a terra, o mar, noite, alvorada —  
que Lúthien foi ao mundo dada!”

Ergue a espada em porfia,  
a sós de pé, lá desafia  
de Morgoth o poder tão crasso;  
1100 e o maldiz, a torre, o paço,  
a mão que eclipsa, pé que oprime,  
início, fim, coroa e crime;  
desce obstinado pela encosta,  
sem esperança, audácia posta.  
1105 “Ah, Beren, Beren!” um alarde,  
“já te encontro, quase é tarde!  
Ó destemida, altiva mente,  
não é adeus, vamos em frente!  
Não é assim que a Elfa raça

1110 rejeita amor de quem abraça.  
Eu amo com igual poder  
que tu, pra torre abater  
da morte, repto que é bem frágil,  
mas dura inda, terco e ágil,  
1115 mesmo que o lancem lá no fundo  
do alicerce deste mundo.  
Amado tolo! Escapar  
de busca tal; não confiar  
na pouca força, proteger  
1120 do amor a amada, que acolher  
prefere a dura pena e morte  
que suspirar num vão suporte  
sem asa, sem nenhum vigor  
para ajudar o seu amor!”  
1125 Volta a ele Lúthien:  
da via humana vão além;  
estão à beira, terror certo,  
entre a mata e o deserto.

Ele a fita, lábio erguido  
1130 ao dele, amplexo tão sentido:  
“Três vezes praga em minha jura  
que nesta sombra te segura!  
Que é de Huan, esse cão  
a quem eu confiei missão  
1135 de te guardar em prol do amor,  
te proteger de todo horror?”

“Não sei! Mas Huan, esse cão,  
melhor que tu tem coração,  
senhor severo, ai de ti!

1140 Por longo tempo lhe pedi  
    té que me trouxe muito bem  
    no encalço teu — bom palafrém  
    seria ele, boa corrida:  
    iriam rir dessa investida,  
1145 qual Orque em licantropo açoite  
    em lama e lodo, noite a noite,  
    em ermo e mata! Quando ouvi  
    teu canto — (cada fala ali  
    que desafia ouvido imigo  
1150 foi sobre Lúthien, eu digo) —,  
    parou, partiu e cá fiquei;  
    o que pretende, isso não sei.”

    Mas sabem já: eis Huan chegando,  
    olhos em chama e arfando,  
1155 temendo que a tutelada  
    em risco esteja, abandonada.  
    Deixa diante de seus pés  
    duas figuras ao revés  
    que trouxe, feios em destom,  
1160 da grande ilha em Sirion:  
    pele de lobo — enfeitado  
    é o pelo longo e eriçado,  
    pelagem pavorosa enfim,  
    do lobisomem Draugluin;  
1165 o outro é traje de morcego,  
    grãs asas, farpa como prego  
    de ferro cada junta leva —  
    asas que ocultam com sua treva  
    a própria lua, quando erram  
1170 da Noite-Morte, em voo berram



de Thû arautos.  
“Que nos trazes,  
bom Huan? Que conselhos fazes?  
É um troféu do raro feito,  
que Thû venceste? Qual proveito  
1175 aqui no ermo?” Beren fala  
e Huan desta vez não cala:  
tem voz como campanas belas  
de Valmar lá nas cidadelas:

“Só uma joia hás de roubar,  
1180 de Morgoth ou do rei, sem par;  
escolhe entre amor e jura!  
Se vais manter palavra dura  
a sós vai Lúthien expirar  
ou vai contigo enfrentar  
1185 a morte, acompanhando a sina  
que ante ti se descortina.  
Dura a demanda, não demente,  
exceto se tu vais em frente  
em mortal veste ostentada  
1190 chamar a morte na empreitada.

De Felagund foi bom o plano,  
porém melhor e sem engano  
é o de Huan com arrojo,  
pois sofrereis mudança e nojo  
1195 a formas vis, aspecto aziago:  
um lobo da Ilha que é do Mago  
e um morcego fantasmal  
com asa, garra que é fatal.  
1200 Ai! que chegastes a tal lei,  
os que amo e por quem lutei.

Convosco já não sigo mais —  
quem conheceu um cão jamais  
que junto com um lobisomem  
vai aos portões que tudo comem?

1205 Mas sinto que nesse portal  
o que achardes, é fatal,  
também verei, porém pra lá  
meu pé jamais me levará.  
Há pouca luz, pouca esperança,  
1210 não vejo como a trilha avança;  
talvez na volta a senda acabe  
fortuita em Doriath, quem sabe,  
talvez tornemos nós assim  
à reunião antes do fim.”

1215 Pasmados ficam de ouvi-lo  
falar tão claro e com estilo;  
já cala nessa mesma hora,  
ao pôr do sol, e vai embora.

Ouvido o odioso parecer,  
1220 suas belas formas vão perder;  
de pele, pelo, asa, cor  
se vestem eles com tremor.

Lúthien faz élfica magia  
pra que a roupagem feia e fria  
1225 não enlouqueça o coração;  
com arte élfica então  
monta defesa, cria enleio,  
até que vai a noite a meio.

Já Beren põe pele de lobo,

1230 ao solo cai e baba, improbo,  
de língua rubra, esfomeado;  
com pena, anseio a seu lado  
vê vulto de horror, morcego  
que vai se erguendo, dessorsego,  
1235 e arrasta, estala a asa sua.  
Salta ele, uivando sob a lua,  
de quatro, pula pedra e pó,  
do morro ao plano — mas não só:  
vulto escuro desce a encosta,  
1240 esvoaçando quase o acosta.

Cinza e pó, duna sedenta  
sob lua, seca e modorrenta,  
no frio ar, ao vento aberto  
que geme nu, a descoberto;  
1245 de rocha brava, areia arfante,  
lascas de osso é a terra adiante  
onde furtivo vai correr  
um babujante e fero ser.

Há muitas léguas inda à frente  
1250 quando retorna o dia doente;  
há muitas milhas nessa via  
quando desaba a noite fria  
com sombra dúbia, som matreiro  
que chia, passa sobre o outeiro.  
1255 Outra manhã: nuvem, neblina;  
vem cega, fraca, é a sina,  
forma de lobo ao contraforte  
dos morros frios lá do Norte,  
no lombo criatura arisca,  
1260 rugada, que no dia pisca.

As rochas erguem-se, bocarra  
de dente que a presa agarra,  
ladeando a fúnebre estrada  
que segue avante à morada  
1265 no alto da Montanha morta  
de túnel triste e atra porta.

Abrigam-se na sombra austera,  
se encolhem lá, morcego e fera.  
Por longo tempo jazem, temem,  
1270 com Doriath sonhando tremem,  
com riso, música e ar,  
aves nas folhas a cantar.

Despertam com ruído e sismo,  
eco pulsando no abismo;  
1275 sob eles forjas com fragor  
de Morgoth; ouvem com pavor  
bater de passos, burburinho  
de pés ferrados no caminho:  
partem os Orques, guerra e saque,  
1280 capitães Balrogs no ataque.

Saem no ocaso, névoa, fumo,  
em frente vão, põem-se a prumo;  
são atros seres, atra lida,  
sobem encostas em corrida.  
1285 Penhasco íngreme se iça,  
lá sentam aves de carniça;  
abismo negro, fumo ardente  
gerando vultos de serpente;  
por fim, na nevoeira escura,  
1290 pesada como má ventura,  
de Thangorodrim faldas vis,

trovão no monte, em sua raiz,  
chegam em átrio mui sombrio  
com altas torres, forte frio,  
1295 penhasco abrupto; a planura  
se alastra abissal e escura  
diante da muralha informe  
de Bauglir do palácio enorme,  
onde se ocultam tão letais  
1300 em sombra imensa seus portais.

\*\*\*\*\*

Na treva esteve outrora rudo  
Fingolfin: tinha azul escudo  
com astros lá do firmamento,  
cristais luzindo a contento.  
1305 Com gana forte, indignação,  
bateu aflito no portão  
o rei dos Gnomos, isolado,  
fortes de rocha em todo lado;  
o toque agudo trompa é  
1310 de prata em verde boldrié.  
A incitação ressoa alerta,  
Fingolfin: “Abre bem aberta  
a brônzea porta, rei cruel!  
Assoma, horror de terra e céu!  
1315 Assoma, monstro, rei poltrão,  
de própria espada, própria mão  
luta, senhor de hostes imundas,  
tirano oculto nas profundas,

d'Elfos e Deuses és rival!  
1320 Espero aqui. Vem afinal!”

E Morgoth vem. Vez derradeira  
nas guerras sai da cova inteira,  
do trono oculto e imundo;  
seus pés ressoam pelo mundo  
1325 qual terremoto, sismo fundo.  
Férrea coroa, furibundo  
o vulto seu; enorme escudo  
vem sem brasão, de negro tudo,  
sombra que é nuvem de trovão;  
1330 se curva sobre o rei então  
qual maça lança, subitâneo,  
martelo que é do subterrâneo,  
é Grond; Ruidoso vem descendo  
como relâmpago, moendo  
1335 as rochas; fumo ali derrama,  
abre-se cova, salta chama.

Desvia Fingolfin num arranco,  
lampejo em nuvem, raio branco,  
saca o montante, Ringil belo  
1340 luzindo frio, azul qual gelo,  
espada de élfica finura  
que com frieza a carne fura.  
Com sete chagas o trespassa,  
e sete gritos de desgraça  
1345 soam nos montes, treme a terra,  
de Angband treme o az de guerra.  
Foi dentre os Orques escárnio eterno  
combate no portal do inferno;  
canção dos Elfos houve uma

1350 só antes desta — quando se inuma  
o grande rei no morro seu.  
Thorondor, águia que é do céu,  
leva notícia, aos Elfos conta  
a sina triste de grã monta.

1355 Três vezes é o rei batido,  
cai de joelhos, põe-se erguido,  
traz o escudo tempestivo  
com brilho estelar, altivo,  
o elmo rompido sob açoite

1360 que nada fere, força ou noite,  
té que o solo esteja feito  
em covas ao redor. Desfeito,  
tropeça e tomba. Em sua nuca  
imenso pé pisa e machuca,

1365 como um monte desmedido;  
está esmagado — não vencido,  
desfere ali golpe final:  
Ringil atinge o pé fatal  
no talão, sangue negro em jorro

1370 vem qual nascente do alto morro.  
Morgoth é coxo desse corte,  
e rei Fingolfin leva à morte;  
deixá-lo-ia no abandono  
aos lobos seus. Mas eis! do trono

1375 que Manwë o fez pôr, alçado  
em pico nunca escalado,  
vigando Morgoth que o mal tece,  
Thorondor, Rei das Águias, desce  
e ataca com dourado bico

1380 a Bauglir vil, e sobe a pico —  
têm trinta braças suas asas —

levanta o rei das covas rasas,  
carrega o corpo, o acomoda  
lá onde os montes fazem roda  
1385 em torno da planície, enfim,  
onde depois foi Gondolin,  
em grande cume, imensa altura  
que cobre a neve em sua alvura,  
pilha de pedras faz montar  
1390 pro rei no pico sepultar.  
Orque nem besta mais pisou  
no alto passo onde ficou  
do rei a tumba nobre e fina  
té Gondolin sofrer sua sina.





1395 Bauglir ganhou a cicatriz  
que leva ainda, assim se diz,  
e assim ganhou seu passo coxo;  
depois do dia reinou co' arrocho  
em trono oculto no escuro;  
1400 percorre seu palácio duro,  
constrói o vasto seu projeto:  
tornar o mundo servo abjeto.  
Maneja a hoste, amo antigo,  
não dá descanso a servo, imigo;  
1405 triplica olheiro e vigia,  
a Leste e Oeste manda espia  
que traz notícias lá do Norte:  
quem luta ou tomba; qual coorte  
se apresta oculta; onde tesouro,  
1410 bela donzela; quem tem ouro;  
tudo sabendo cada mente  
enreda em arte inclemente.  
Só Doriath, atrás do véu  
de Melian, não sofre tropel,  
1415 ataque ou dano; só rumor  
dali vem ao atroz senhor.  
Notícia viva porém há  
dos movimentos cá e lá  
dos inimigos, empecilhos,  
1420 de Fëanor dos sete filhos,  
de Nargothrond, Fingon então,  
que já reúne legião  
junto a Hithlum na floresta;  
narração diária que é molesta

1425 também lhe chega ao ouvido:  
sabe de Beren, e o latido  
de Huan soa lá na mata  
correndo solto.  
Já constata,  
ouve falar de Lúthien,  
1430 nos bosques, clareiras também,  
de Thingol pesa a querela,  
medita na linda donzela  
tão frágil. Manda capitão,  
Boldog, com arma e fogo então,  
1435 a Doriath; mas um assalto  
o acomete; ao trono alto  
jamais voltou um da quadrilha,  
e assim Thingol o humilha.  
Com ira sua mente arde:  
1440 ouve outra nova então, mais tarde:  
Thû derrotado, a forte ilha  
que o opositor destrói e pilha;  
teme ardis, traições feitas,  
de cada Orque tem suspeitas  
1445 e sempre vêm notícias lestras  
do cão latindo nas florestas,  
de Huan a causar pavor,  
criado lá em Valinor.

Morgoth pondera então a sina  
1450 de Huan, no negror rumina.  
Matilhas tem, esfomeadas,  
a lobo em forma assemelhadas,  
espíritos de diabos têm;  
selvagens, suas vozes vêm

1455 de monte e cova onde habitam  
e infindos ecos lá suscitam.  
Escolhe um filhote forte  
e alimenta-o co'a morte,  
corpos de Elfos e Humanos,  
1460 té que imenso, em poucos anos  
não no covil, mas junto ao trono  
de Morgoth vai deitar, seu dono;  
nem Balrog, Orque ou animais  
o tocam. Refeições fatais  
1465 faz ele sob o atroz assento,  
com carne e osso a contento.  
Sofre feitiço lá total,  
angústia, poder infernal;  
torna-se um horror enorme,  
1470 olhos de chama, fauce informe,  
alento que é vapor, é praga,  
pior que besta em cova ou fraga,  
besta qualquer de inferno imundo  
que veio já pro nosso mundo,  
1475 maior que sua raça, enfim,  
tribo feroz de Draugluin.  
É Carcharoth, Rubra Goela,  
dizem os Elfos. Com cautela  
sai do portão, ávida fera,  
1480 de Angband, onde insone espera;  
onde o portal é ameaça,  
tem olhos rubros na fumaça,  
tem presa à vista, fauce asta;  
lá ninguém anda nem se arrasta  
1485 nem enfrentando a ameaça  
para o covil de Morgoth passa.

Eis que seu olho vigilante  
detecta vulto lá adiante  
que vem pela planície, fita  
1490 à volta sua, e hesita,  
vem passo a passo, é lupino,  
boquiaberto, sem destino;  
acima dele a volitar  
sombra que oscila devagar.  
1495 Ali tais vultos se dirigem,  
pois essa terra é sua origem;  
ainda assim acha incorreto  
o par, e aguarda lá inquieto.

“Que grão terror, que guarda fria  
1500 pôs Morgoth lá, o que vigia,  
impede entrada nos portais?  
Longe viemos, vias fatais,  
à mortal fauce que alcança  
nosso caminho! Esperança  
1505 jamais tivemos. Avançar!”  
Assim diz Beren ao parar,  
vendo com olhos de homem-lobo  
ao longe o horror improbo.  
Desesperado vai avante,  
1510 desvia de cada poço hiante  
onde Fingolfin rei tombou  
a sós, o que enfrentar ousou.

Sozinhos vão ante o portal,  
e Carcharoth, ânimo mau,  
1515 encara-os e diz rosnando,  
ecos nos arcos despertando:

“Draugluin, salve! Meu senhor,  
há muito tempo no arredor  
não estiveste. É admiração  
1520 ver-te agora: alteração  
sofreste tu nesse repente,  
que eras como fogo ardente,  
veloz no ermo, mas que a sina  
agora cansa, curva, inclina!  
1525 O fôlego por certo falta  
quando grão Huan te assalta,  
morde a goela? O que a ti  
te traz, ventura, vivo aqui —  
se Draugluin tu és? Avança!  
1530 Vem onde minha vista alcança!”

“E quem és tu, ó cria ousada,  
que não ajuda, impede a entrada?  
Pra Morgoth tenho nova exata  
de Thû, o que assola a mata.  
1535 Arreda! Deixa-me entrar  
ou vai no fundo me anunciar!”

Ergue-se lento o grão vigia,  
olho a brilhar, com ira fria,  
grunhindo inquieto. “Draugluin,  
1540 se és tu que vens, pois entra sim!  
Mas o que se arrasta, vulto  
que atrás de ti se põe oculto?  
Conheço todo ser de asa  
que entra e sai da atra casa.  
1545 Mas este não. Fica aqui!  
Odeio a raça, odeio a ti.

Dize qual é o vil recado  
que ao rei te traz, ó verme alado!  
Pouco me importa. Vamos, passa  
1550 ou fica, pois te faço caça,  
mosca, te esmago pra que vejas,  
arranco as asas e rastejas.”

Vem vindo, fétido, imenso.  
1555 No olho de Beren, fogo intenso;  
na nuca se eriça a crina.  
Pois a fragrância predomina,  
odor de flores tão sutil  
sob chuva que é primaveril,  
luzindo, prata sobre a grama,  
1560 em Valinor. O odor proclama  
Tinúviel, aonde for.  
Do faro do infernal terror  
nenhum disfarce oculta o doce  
perfume que o vulto trouxe,  
1565 se venta vil lá chega perto,  
fareja. Beren, mui esperto,  
na beira do inferno aguarda  
combate e morte. Mas não tarda  
que Carcharoth, vulto ruim,  
1570 também o falso Draugluin,  
de pasmo veem lá transidos  
poder que vem de tempos idos,  
de diva gente além d’Oeste:  
assim Tinúviel investe,  
1575 com fogo interno se avia,  
despe o morcego e — cotovia —  
da noite à luz sai num arranco

e a voz com som argênteo, branco,  
ressoa como trompa aguda  
1580 que a matutina luz saúda  
nos paços da manhã. O manto,  
por alvas mãos feito, entretanto,  
é como a tarde que encanta  
e tudo envolve, acalanta,  
1585 suspenso em seus erguidos braços;  
diante dele dá uns passos,  
sombra de sonho qual neblina  
que a luz dos astros ilumina.

“Dorme, escravo torturado!  
1590 Ó infeliz, tomba de lado,  
foge da angústia, ódio, dor,  
luxúria, fome, elo, pavor,  
para o olvido atro, grosso,  
do fundo sono obscuro poço!  
1595 Só uma hora, após termina,  
da vida má esquece a sina!”

Apaga o olho, afrouxa o passo;  
é como touro que no laço  
tropeça, ao solo abatido.  
1600 Qual morto, imóvel, sem ruído,  
como se o raio um carvalho  
lá derrubasse, tronco e galho.

\*\*\*\*\*

À vasta treva dos recintos,



pavor de tumbas, labirintos,  
1605 túneis, pirâmides, lá onde  
a morte eterna se esconde,  
por corredor, descendo escada  
para ameaça enclausurada;  
descendo à base da montanha  
1610 atormentada, oca entranha  
que escavada foi por vermes;  
ao fundo vão a sós, inermes.  
Passando o arco, lhes parece  
que ele míngua, a treva cresce;  
1615 das forjas ergue-se o rumor,  
em vento ruge, traz calor,  
vapores dos poços ocultos.  
Lá há enormes, pétreos vultos  
de rocha dura que se arromba  
1620 em forma que do mortal zomba;  
ameaçadoras, sepultadas,  
em cada curva estão paradas,  
olhar feroz como flagelos.  
Lá retinindo estão martelos,  
1625 vozes como rochas batidas  
vêm bem de baixo, estão perdidas  
das vis correntes no fragor,  
são de cativos lá na dor.

Ergue-se alto um riso rouco,  
1630 sarcástico, remorso é pouco;  
ergue-se canto cru, feroz,  
que a alma fere com sua voz.  
É rubro o brilho em portão,  
de fogo em piso de latão,

1635 fileira d'arcos lá segura  
no alto cúpula obscura  
envolta em fumo, em vapor  
varado em raios de fulgor.  
Paço de Morgoth onde bebe

1640 da besta o sangue, onde recebe  
os Homens que são desgraçados:  
lá chegam, olhos abrasados.  
Colunas, colossais escoras,  
da terra acima portadoras,

1645 são entalhadas com medonhos  
fantasmas de atrozes sonhos:  
sobem com troncos infelizes,  
no desespero têm raízes,  
sombra mortal, fruto é peçonha,

1650 o ramo é cobra, carantonha.  
Ali com lança, espada age  
horda de Morgoth, negro traje:  
o fogo brilha em gume, escudo  
qual sangue que se verte em tudo.

1655 Sob grão pilar assoma o trono  
de Morgoth, e em abandono  
arfam danados pelo chão:  
seu escabelo eles são.  
Em torno, capitães de frente,

1660 são Balrogs de melena ardente,  
mão rubra, dentição de aço;  
lobos famintos junto ao braço.  
Fulguram sobre a hoste ingente  
com brilho frio, resplandecente,

1665 as Silmarils, gemas da sina  
que a férrea coroa confina.

Eis! pelas portas do pavor  
volita sombra com vigor;  
Beren ofega — só e audaz,  
1670 de bruços sobre a pedra jaz:  
vulto-morcego voa silente  
onde ergue-se pilar ingente  
entre a fumaça e o vapor.  
Bem como em sonho de terror  
1675 cresce fantasma ali, contorto,  
a nuvem de grão desconforto,  
rolam pesares que consomem  
a alma, bem assim já somem  
as vozes, morre a risada,  
1680 toda em silêncio transformada.  
Temor sem forma, duvidoso,  
penetra no covil sombroso  
e cresce sobre a turba inquieta  
que de olvidado deus trombeta  
1685 lá ouve. Morgoth fala então,  
rompe o silêncio qual trovão:  
“Ó sombra, desce! E não queiras  
lograr-me assim. Em vão te esgueiras  
do Senhor teu, e te homizias.  
1690 O meu querer não desafias.  
Nem fuga há nem esperança  
pra quem o meu portão alcança.  
Desce! que vou te abater,  
o que morcego finge ser,  
1695 mas que não é! Desce, não passa!”

Sobre a coroa ela esvoaça,  
reluta, oscila e se esvai;

já Beren vê que o vulto cai,  
despenca ante o nefando trono,  
1700 trêmulo, fraco, em abandono.  
De Morgoth a figura vasta  
se curva ali; Beren se afasta,  
de rastos, com o suor frio  
no pelo, e com arrepio  
1705 vai sob o trono, afinal,  
dos pés à sombra colossal.

Tinúviel fala, estridente,  
rompe o silêncio de repente:  
“Mensagem séria cá me traz;  
1710 vim da mansão de Thû lá atrás,  
de Taur-na-Fuin, longa trilha,  
até defronte tua silha!”

“Teu nome, dévio ser, teu nome!  
Muito ouvi de Thû renome  
1715 faz pouco. Que quer ele mais?  
Pra que vêm mensageiros tais?”

“Thuringwethil sou eu, que alcanço  
a lua pálida, lhe lanço  
a sombra sobre a face grande  
1720 na trêmula Beleriand!”

“Tu mentes; fraude e nem queixa  
aos olhos meus permito. Deixa  
tua forma e veste. Sê então  
entregue aqui em minha mão!”  
1725 Mudança lenta vem, tamanha:  
veste-morcego, obscura, estranha,

cai e revela sua coragem,  
a põe à vista na voragem.  
No ombro esguio qual sombra pendem  
1730 os seus cabelos, lá se estendem  
sombrias vestes, e no véu  
a luz dos astros lá do céu.  
Opaco sonho, sono, olvido,  
lançam no cárcere perdido,  
1735 odor de flores nos outeiros,  
vales, de prata aguaceiros,  
gotejam lentos pelo ar;  
vultos em volta a rastejar,  
bando por fome invadido.  
1740 De frente baixa, braço erguido  
começa um canto embalador,  
tema de sono e torpor,  
vagando, encanto mais profundo  
que os cantos lá do verde mundo  
1745 que Melian cantou na aurora,  
fundos, extensos, toda hora.

O fogo de Angband já oscila,  
nas trevas cessa e desfila  
em salas, ocos corredores,  
1750 sombra de infernais horrores.  
Nada se move, só empesta  
o hálito de Orque e besta.  
Sem pálpebra, o olhar desnudo  
de Morgoth é a flama de tudo;  
1755 a voz de Morgoth se levanta  
e o silêncio arfante espanta.

“Ó Lúthien, ó Lúthien,  
trapaça Elfos e Homens têm!  
Bem-vinda sê aqui no paço!  
1760 Pra servos sempre tenho espaço.  
Como vai Thingol, grão mendaz,  
à espreita, tímido arganaz?  
A qual tolice ele se entrega  
que não mantém sua prole cega  
1765 longe daqui? E não tem, não,  
melhor conselho pro espião?”

Ela hesita, cessa o canto.  
“Selvagem foi a via, entanto  
não sabe Thingol em qual trilha  
1770 caminha sua rebelde filha.  
Mas toda estrada, toda via  
conduz ao Norte, desafia;  
sigo humilde meu destino,  
ante teu trono me inclino,  
1775 pois Lúthien tem muitas artes,  
do rei alívio nestas partes.”

“Aqui tu ficas, Lúthien,  
prazer ou dor, por mal ou bem —  
ou dor, a sina mais constante  
1780 pra servo falso e arrogante.  
Partilha aqui nosso destino,  
pesar e lida! É desatino  
poupar donzela fraca, esguia  
deste penar! Que serventia  
1785 terão teu canto, teus rumores,  
teu riso tolo? Trovadores

me sobram. Mas vou conceder  
descanso breve pra viver  
um pouco mais, caro porém,  
1790 à bela, clara Lúthien,  
brinquedo para hora ociosa.  
Em seus jardins tal flor cheirosa  
os deuses têm para beijar,  
doce qual mel, e descartar,  
1795 já sem fragrância, sob seus pés.  
Aqui porém tal como és  
não vemos no labor nocivo,  
privados cá do ócio divo.  
Quem não prefere o doce mel  
1800 nos lábios, pisar em tropel  
das flores pétalas suaves  
pra aliviar as horas graves?  
Malditos Deuses! Cruel fome,  
sede que cega e consome!  
1805 Cessai, saciai vosso ferrão  
Co' este petisco em minha mão!”

O olho em chama se acende,  
a impudente mão estende.  
Lúthien, a sombra, se esquiva.  
1810 “Mas não assim, ó rei!” altiva,  
“toma um senhor a prenda dada!  
Cada jogral tem sua toada;  
suave um, o outro forte,  
deixai a cada um a sorte,  
1815 que ora canta, ora cala,  
por rude a nota, leve a fala.  
Arte sutil tem Lúthien

pro régio coração também.  
Escuta!” Asas ela apanha,  
1820 sobe com rapidez tamanha  
que o giro seu ele não alcança;  
volita à sua frente, dança  
balé confuso, envolve alada  
cabeça em ferro coroadada.  
1825 O canto outra vez ressoa;  
cai leve como uma garoa  
dos altos do imenso paço  
mágica voz, que passo a passo  
se estende em ribeirão de prata  
1830 que em negros poços sonhos ata.

Desliza o traje em abandono  
envolto em trama urdida em sono,  
girando vaga lá na treva.  
De muro a muro a dança eleva,  
1835 bailado tal que nunca fata  
bailou, nem desde essa data;  
nem andorinha nem morcego  
errou assim sem assossego,  
nem mais sedosos a rodar  
1840 silfas donzelas pelo Ar  
que giram no salão de Varda  
em ritmo certo que não tarda.  
Desaba Orque, Balrog altivo;  
morre o olhar, o juízo vivo;  
1845 sossegam apetite e mente,  
e ela canta, ave insistente,  
em mundo obscuro, desolado,  
levada em êxtase encantado.



Morre o olhar, mas não no cenho  
1850 de Morgoth que fita ferrenho,  
os olhos que buscam pasmados  
mas são por fim enfeitiçados.



Foge a vontade, apaga a vista,  
mais pálida, com sono mista,  
1855 e cada Silmaril qual astro  
se acende nesse escuro castro,  
ascende e no alto brilha,  
cintila ali qual maravilha.

Súbito descem com clarão,  
1860 despençam no medonho chão.  
A fronte escura está pensa;  
qual píncaro em bruma imensa  
submerge o ombro, se estatela  
o vulto, como na procela  
1865 penha desaba em destruição;  
Morgoth despenca em seu salão.  
No chão então rola a coroa,  
ribomba, e não mais ecoa  
um som — silêncio tão profundo  
1870 que dorme o coração do Mundo.

Sob a cadeira vasta e vaga  
serpentes há qual rocha aziaga,  
lobos também no chão, horror,  
lá Beren jaz em grão torpor:  
1875 nem pensamento ou sonho leva  
em sua mente imersa em treva.  
“Avante! A hora já chegou,  
de Angband o senhor tombou!  
Desperta! Estamos sós, lamento,  
1880 ante o pavoroso assento.”  
A voz ele ouve no abandono

dos fundos poços do seu sono;  
mão suave e fresca como flor  
lhe roça a face pra compor  
1885 a mente obtusa. Já peleja  
pra despertar e já rasteja.  
Rechaça a lupina pele,  
põe-se de pé, ali repele  
treva e silêncio que retumba,  
1890 arfa qual vivo envolto em tumba.  
Mas a seu lado ela já desce,  
a Lúthien que estremece,  
força e magia desgastada,  
e em seus braços cai cansada.

1895 Ante seus pés vê ele então  
gemas de Fëanor no chão,  
com fogo branco na coroa  
de Morgoth, que tombar deixou-a.  
Pra remover a peça vasta  
1900 de ferro a força não lhe basta;  
tenta arrancar com mãos e gana  
a meta da demanda insana,  
té recordar a manhã fria  
em que lutou, grande porfia,  
1905 com Curufin; saca e alinha  
o seu punhal que é sem bainha,  
e testa o gume, frio qual gelo,  
que em Nogrod escutou com zelo  
canções de armeiros dos Anãos  
1910 há tempos, martelos nas mãos.  
Fende o ferro qual madeira,  
malha d'anéis qual mole esteira.

Recorta as garras do engaste,  
separa e dobra cada haste;  
1915 a Silmaril retém na mão,  
o brilho rubro passa então,  
radioso, a carne através.  
Inclina-se, outra das três  
sagradas joias sacar fora  
1920 que Fëanor lavrou outrora.  
Mas esses fogos têm sua sina;  
ali sua história não termina.  
A faca de artesãos matreiros  
feita em Nogrod por ferreiros  
1925 se parte em dois, e retinindo  
voa qual dardo e ferindo  
a fronte que está dormente  
de Morgoth; susto de repente  
sentem os dois. Morgoth murmura  
1930 com voz de vento em sepultura,  
em oca cova encerrado.  
Respira então; alento arfado  
sai pela sala; Orque e besta  
tremem no sonho de vil festa;  
1935 Balrogs agitam-se dormindo,  
no alto, longe, lá vem vindo  
eco no túnel que é vazio,  
uivo de lobo, longo e frio.

\*\*\*\*\*

Subindo por escada e rampa,

1940 fantasmas a fugir da campa,  
da raiz funda da montanha,  
da ameaça que é tamanha,  
receio trêmulo, incontido,  
no olho terror, medo no ouvido,  
1945 vão impelidos na batida  
dos pés que voam em corrida.

Perto do fim da longa via  
vem um lampejo que é do dia,  
o amplo arco do portão —  
1950 novo terror aguarda então.  
Desperto, alerta no limiar,  
olhos com fogo a brilhar,  
é Carcharoth, sina constante:  
a boca é túmulo hiante,  
1955 presas à mostra, língua em brasa;  
que ninguém fuja de sua casa,  
sombra ágil nem vulto caçado  
saia de Angband acossado.  
Que fraude ou força há de passar  
1960 da morte à luz e escapar?

Escuta os passos à distância,  
sente sutil, doce fragrância;  
fareja a vinda do casal  
antes que o vejam no portal.  
1965 Espanta o sono, põe-se ativo,  
alerta espreita. Ataque vivo  
faz aos que passam em carreira,  
com uivos pela arcada inteira.  
Mais rápido é o assalto, tanto

1970 que é mais veloz do que um encanto;  
Beren põe Lúthien de lado  
e vai em frente desarmado  
pra sem defesa defender  
Tinúviel do que vier.

1975 Esquerda agarra o gasganete,  
direita no olho já se mete —  
a sua direita com luz pura  
em que a Silmaril segura.  
Reluz ali, espada em fogo,

1980 de Carcharoth a fauce, e logo  
se fecha como alçapão,  
do pulso ali arranca a mão,  
rasga tendão e rompe osso,  
devora a mão esse colosso,

1985 e a boca impura do terror  
engole a joia e seu fulgor.

*Hounds there were in Valinor  
with silver collars. Hart and boar,  
the fox and hare and nimble roe  
there in the forests green did go.*

5 *Oromë was the lord divine  
of all those woods. The potent wine  
went in his halls and hunting song.  
The Gnomes anew have named him long  
Tavros, the God whose horns did blow*  
10 *over the mountains long ago;  
who alone of Gods had loved the world  
before the banners were unfurled  
of Moon and Sun; and shod with gold  
were his great horses. Hounds untold*

15    *baying in woods beyond the West  
of race immortal he possessed:  
grey and limber, black and strong  
white with silken coats and long,  
brown and brindled, swift and true*  
20    *as arrow from a bow of yew;  
their voices like the deeptoned bells  
that ring in Valmar's citadels,  
their eyes like living jewels, their teeth  
like ruel-bone. As sword from sheath*  
25    *they flashed and fled from leash to scent  
for Tavros' joy and merriment.*

*In Tavros' friths and pastures green  
had Huan once a young whelp been.  
He grew the swiftest of the swift*  
30    *and Oromë gave him as a gift  
to Celegorm, who loved to follow  
the great god's horn o'er hill and hollow.*

*Alone of hounds of the Land of Light,  
when sons of Fëanor took to flight*  
35    *and came into the North, he stayed  
beside his master. Every raid  
and every foray wild he shared,  
and into mortal battle dared.  
Often he saved his Gnomish lord*  
40    *from Orc and wolf and leaping sword.  
A wolf-hound, tireless, grey and fierce  
he grew; his gleaming eyes would pierce  
all shadows and all mist, the scent  
moons old he found through fen and bent,*  
45    *through rustling leaves and dusty sand;*



*all paths of wide Beleriand  
he knew. But wolves, he loved them best;  
he loved to find their throats and wrest  
their snarling lives and evil breath.*

50 *The packs of Thû him feared as death.*

*No wizardry, nor spell, nor dart,  
no fang, nor venom devil's art  
could brew had harmed him; for his weird  
was woven. Yet he little feared*

55 *that fate decreed and known to all:  
before the mightiest he should fall,  
before the mightiest wolf alone  
that ever was whelped in cave of stone.*

*Hark! afar in Nargothrond,  
60 far over Sirion and beyond,  
there are dim cries and horns blowing,  
and barking hounds through the trees going.*

*The hunt is up, the woods are stirred.  
Who rides to-day? Ye have not heard  
65 that Celegorm and Curufin  
have loosed their dogs? With merry din  
they mounted ere the sun arose,  
and took their spears and took their bows.*

*The wolves of Thû of late have dared  
70 both far and wide. Their eyes have glared  
by night across the roaring stream  
of Narog. Doth their master dream,  
perchance, of plots and counsels deep,  
of secrets that the Elf-lords keep,  
75 of movements in the Gnomish realm  
and errands under beech and elm?*

Curufin spake: 'Good brother mine,  
I like it not. What dark design  
doth this portend? These evil things  
80 we swift must end their wanderings!  
And more, 'twould please my heart full well  
to hunt a while and wolves to fell.'  
And then he leaned and whispered low  
that Orodreth was a dullard slow;  
85 long time it was since the king had gone,  
and rumour or tidings came there none.  
'At least thy profit it would be  
to know whether dead he is or free;  
to gather thy men and thy array.  
90 "I go to hunt" then thou wilt say,  
and men will think that Narog's good  
ever thou heededst. But in the wood  
things may be learned; and if by grace,  
by some blind fortune he retrace  
95 his footsteps mad, and if he bear  
a Silmaril — I need declare  
no more in words; but one by right  
is thine (and ours), the jewel of light;  
another may be won — a throne.  
100 The eldest blood our house doth own.'

Celegorm listened. Nought he said,  
but forth a mighty host he led;  
and Huan leaped at the glad sounds,  
the chief and captain of his hounds.  
105 Three days they ride by holt and hill  
the wolves of Thû to hunt and kill,  
and many a head and fell of grey

*they take, and many drive away,  
till nigh to the borders in the West  
110 of Doriath a while they rest.*

*There were dim cries and horns blowing,  
and barking dogs through the woods going.  
The hunt was up. The woods were stirred,  
and one there fled like a startled bird,  
115 and fear was in her dancing feet.  
She knew not who the woods did beat.  
Far from her home, forwandered, pale,  
she flitted ghostlike through the vale;  
ever her heart bade her up and on  
120 but her limbs were worn, her eyes were wan.*

*The eyes of Huan saw a shade  
wavering, darting down a glade  
like a mist of evening snared by day  
and hasting fearfully away.  
125 He bayed, and sprang with sinewy limb  
to chase the shy thing strange and dim.  
On terror's wings, like a butterfly  
pursued by a sweeping bird on high,  
she fluttered hither, darted there,  
130 now poised, now flying through the air —  
in vain. At last against a tree  
she leaned and panted. Up leaped he.  
No word of magic gasped with woe,  
no elvish mystery she did know  
135 or had entwined in raiment dark  
availed against that hunter stark,  
whose old immortal race and kind  
no spells could ever turn or bind.*

*Huan alone that she ever met*  
140 *she never in enchantment set*  
*nor bound with spells. But loveliness*  
*and gentle voice and pale distress*  
*and eyes like starlight dimmed with tears*  
*tamed him that death nor monster fears.*

145 *Lightly he lifted her, light he bore*  
*his trembling burden. Never before*  
*had Celegorm beheld such prey:*  
*‘What hast thou brought, good Huan say!*  
*Dark-elvish maid, or wraith, or fay?*  
150 *Not such to hunt we came today.’*

*‘’Tis Lúthien of Doriath,’*  
*the maiden spake. ‘A wandering path*  
*far from the Wood-elves’ sunny glades*  
*she sadly winds, where courage fades*  
155 *and hope grows faint.’ And as she spoke*  
*down she let slip her shadowy cloak,*  
*and there she stood in silver and white.*  
*Her starry jewels twinkled bright*  
*in the risen sun like morning dew;*  
160 *the lilies gold on mantle blue*  
*gleamed and glistened. Who could gaze*  
*on that fair face without amaze?*  
*Long did Curufin look and stare.*  
*The perfume of her flower-twined hair*  
165 *her lissom limbs, her elvish face,*  
*smote to his heart, and in that place*  
*enchained he stood. ‘O maiden royal,*  
*O lady fair, wherefore in toil*

*and lonely journey dost thou go?*  
170 *What tidings dread of war and woe*  
*in Doriath have betid? Come tell!*  
*For fortune thee hath guided well;*  
*friends thou hast found,' said Celegorm,*  
*and gazed upon her elvish form.*  
175 *In his heart him thought her tale unsaid*  
*he knew in part, but nought she read*  
*of guile upon his smiling face.*  
*'Who are ye then, the lordly chase*  
*that follow in this perilous wood?'*  
180 *she asked; and answer seeming-good*  
*they gave. 'Thy servants, lady sweet,*  
*lords of Nargothrond thee greet,*  
*and beg that thou wouldst with them go*  
*back to their hills, forgetting woe*  
185 *a season, seeking hope and rest.*  
*And now to hear thy tale were best.'*

*So Lúthien tells of Beren's deeds*  
*in northern lands, how fate him leads*  
*to Doriath, of Thingol's ire,*  
190 *the dreadful errand that her sire*  
*decreed for Beren. Sign nor word*  
*the brothers gave that aught they heard*  
*that touched them near. Of her escape*  
*and the marvellous mantle she did shape*  
195 *she lightly tells, but words her fail*  
*recalling sunlight in the vale,*  
*moonlight, starlight in Doriath,*  
*ere Beren took the perilous path.*  
*'Need, too, my lords, there is of haste!*

200 *No time in ease and rest to waste.  
 For days are gone now since the queen  
 Melian whose heart hath vision keen,  
 looking afar me said in fear  
 that Beren lived in bondage drear.*

205 *The Lord of Wolves hath prisons dark,  
 chains and enchantments cruel and stark,  
 and there entrapped and languishing  
 doth Beren lie — if direr thing  
 hath not brought death or wish for death':*

210 *then gasping woe bereft her breath.  
 To Celegorm said Curufin  
 apart and low: 'Now news we win  
 of Felagund, and now we know  
 wherefore Thû's creatures prowling go',*

215 *and other whispered counsels spake,  
 and showed him what answer he should make.  
 'Lady,' said Celegorm, 'thou seest we go a-hunting roaming beast,  
 and though our host is great and bold,*

220 *'tis ill prepared the wizard's hold  
 and island fortress to assault.  
 Deem not our hearts and wills at fault.  
 Lo! here our chase we now forsake  
 and home our swiftest road we take,*

225 *counsel and aid there to devise  
 for Beren that in anguish lies.'*

*To Nargothrond they with them bore  
 Lúthien, whose heart misgave her sore.  
 Delay she feared; each moment pressed*

230 *upon her spirit, yet she guessed  
 they rode not as swiftly as they might.*

*Ahead leaped Huan day and night,  
and ever looking back his thought  
was troubled. What his master sought,  
235 and why he rode not like the fire,  
why Curufin looked with hot desire  
on Lúthien, he pondered deep,  
and felt some evil shadow creep  
of ancient curse o'er Elfinesse.  
240 His heart was torn for the distress  
of Beren bold, and Lúthien dear,  
and Felagund who knew no fear.*

*In Nargothrond the torches flared  
and feast and music were prepared.  
245 Lúthien feasted not but wept.  
Her ways were trammelled; closely kept  
she might not fly. Her magic cloak  
was hidden, and no prayer she spoke  
was heeded, nor did answer find  
250 her eager questions. Out of mind,  
it seemed, were those afar that pined  
in anguish and in dungeons blind  
in prison and in misery.  
Too late she knew their treachery.  
255 It was not hid in Nargothrond  
that Fëanor's sons her held in bond,  
who Beren heeded not, and who  
had little cause to wrest from Thû  
the king they loved not and whose quest  
260 old vows of hatred in their breast  
had roused from sleep. Orodreth knew  
the purpose dark they would pursue:*

*King Felagund to leave to die,  
and with King Thingol's blood ally*  
265 *the house of Fëanor by force  
or treaty. But to stay their course  
he had no power, for all his folk  
the brothers had yet beneath their yoke,  
and all yet listened to their word.*  
270 *Orodreth's counsel no man heard;  
their shame they crushed, and would not heed  
the tale of Felagund's dire need.*

*At Lúthien's feet there day by day  
and at night beside her couch would stay*  
275 *Huan the hound of Nargothrond;  
and words she spoke to him soft and fond:  
'O Huan, Huan, swiftest hound  
that ever ran on mortal ground,  
what evil doth thy lords possess  
280 to heed no tears nor my distress?  
Once Barahir all men above  
good hounds did cherish and did love;  
once Beren in the friendless North,  
when outlaw wild he wandered forth,  
285 had friends unfailing among things  
with fur and fell and feathered wings,  
and among the spirits that in stone  
in mountains old and wastes alone  
still dwell. But now nor Elf nor Man,  
290 none save the child of Melian,  
remembers him who Morgoth fought  
and never to thraldom base was brought.'*



Nought said Huan; but Curufin  
thereafter never near might win  
295 to Lúthien, nor touch that maid,  
but shrank from Huan's fangs afraid.

Then on a night when autumn damp  
was swathed about the glimmering lamp  
of the wan moon, and fitful stars  
300 were flying seen between the bars  
of racing cloud, when winter's horn  
already wound in trees forlorn,  
lo! Huan was gone. Then Lúthien lay,  
fearing new wrong, till just ere day,  
305 when all is dead and breathless still  
and shapeless fears the sleepless fill,  
a shadow came along the wall.  
Then something let there softly fall  
her magic cloak beside her couch.  
310 Trembling she saw the great hound crouch  
beside her, heard a deep voice swell  
as from a tower a far slow bell.

Thus Huan spake, who never before  
had uttered words, and but twice more  
315 did speak in elven tongue again:  
'Lady beloved, whom all Men,  
whom Elfinesse, and whom all things  
with fur and fell and feathered wings  
should serve and love — arise! away!  
320 Put on thy cloak! Before the day  
comes over Nargothrond we fly  
to Northern perils, thou and I.'  
And ere he ceased he counsel wrought

*for achievement of the thing they sought.*  
325 *There Lúthien listened in amaze,*  
*and softly on Huan did she gaze.*  
*Her arms about his neck she cast —*  
*in friendship that to death should last.*

\*\*\*\*\*

*In Wizard's Isle still lay forgot*  
330 *enmeshed and tortured in that grot*  
*cold, evil, doorless, without light,*  
*and blank-eyed stared at endless night*  
*two comrades. Now alone they were.*  
*The others lived no more, but bare*  
335 *their broken bones would lie and tell*  
*how ten had served their master well.*

*To Felagund then Beren said:*  
*'Twere little loss if I were dead,*  
*and I am minded all to tell,*  
340 *and thus, perchance, from this dark hell*  
*thy life to loose. I set thee free*  
*from thine old oath, for more for me*  
*hast thou endured than e'er was earned.'*

*'A! Beren, Beren hast not learned*  
345 *that promises of Morgoth's folk*  
*are frail as breath. From this dark yoke*  
*of pain shall neither ever go,*  
*whether he learn our names or no,*  
*with Thû's consent. Nay more, I think*

350 *yet deeper of torment we should drink,  
knew he that son of Barahir  
and Felagund were captive here,  
and even worse if he should know  
the dreadful errand we did go.'*

355 *A devil's laugh they ringing heard  
within their pit. 'True, true the word  
I hear you speak,' a voice then said.  
' 'Twere little loss if he were dead,  
the outlaw mortal. But the king,  
360 the Elf undying, many a thing  
no man could suffer may endure.  
Perchance, when what these walls immure  
of dreadful anguish thy folk learn,  
their king to ransom they will yearn  
365 with gold and gem and high hearts cowed;  
or maybe Celegorm the proud  
will deem a rival's prison cheap,  
and crown and gold himself will keep.  
Perchance, the errand I shall know,  
370 ere all is done, that ye did go.  
The wolf is hungry, the hour is nigh;  
no more need Beren wait to die.'*

*The slow time passed. Then in the gloom  
two eyes there glowed. He saw his doom,  
375 Beren, silent, as his bonds he strained  
beyond his mortal might enchained.  
Lo! sudden there was rending sound  
of chains that parted and unwound,  
of meshes broken. Forth there leaped*

380 *upon the wolvish thing that crept*  
*in shadow faithful Felagund,*  
*careless of fang or mortal wound.*  
*There in the dark they wrestled slow,*  
*remorseless, snarling, to and fro,*  
385 *teeth in flesh, gripe on throat,*  
*fingers locked in shaggy coat,*  
*spurning Beren who there lying*  
*heard the werewolf gasping, dying.*  
*Then a voice he heard: 'Farewell!*  
390 *On earth I need no longer dwell,*  
*friend and comrade, Beren bold.*  
*My heart is burst, my limbs are cold.*  
*Here all my power I have spent*  
*to break my bonds, and dreadful rent*  
395 *of poisoned teeth is in my breast.*  
*I now must go to my long rest*  
*neath Timbrenting in timeless halls*  
*where drink the Gods, where the light falls*  
*upon the shining sea.' Thus died the king,*  
400 *as elvish harpers yet do sing.*

*There Beren lies. His grief no tear,*  
*his despair no horror has nor fear,*  
*waiting for footsteps, a voice, for doom.*  
*Silences profounder than the tomb*  
405 *of long-forgotten kings, neath years*  
*and sands uncounted laid on biers*  
*and buried everlasting-deep,*  
*slow and unbroken round him creep.*

*The silences were sudden shivered*

410 *to silver fragments. Faint there quivered*  
*a voice in song that walls of rock,*  
*enchanted hill, and bar and lock,*  
*and powers of darkness pierced with light.*  
*He felt about him the soft night*  
415 *of many stars, and in the air*  
*were rustlings and a perfume rare;*  
*the nightingales were in the trees,*  
*slim fingers flute and viol seize*  
*beneath the moon, and one more fair*  
420 *than all there be or ever were*  
*upon a lonely knoll of stone*  
*in shimmering raiment danced alone.*

\*\*\*\*\*

*Then in his dream it seemed he sang,*  
*and loud and fierce his chanting rang,*  
425 *old songs of battle in the North,*  
*of breathless deeds, of marching forth*  
*to dare uncounted odds and break*  
*great powers, and towers, and strong walls shake;*  
*and over all the silver fire*  
430 *that once Men named the Burning Briar,*  
*the Seven Stars that Varda set*  
*about the North, were burning yet,*  
*a light in darkness, hope in woe,*  
*the emblem vast of Morgoth's foe.*

435 *'Huan, Huan! I hear a song*  
*far under welling, far but strong*

*a song that Beren bore aloft.  
I hear his voice, I have heard it oft  
in dream and wandering. ' Whispering low  
440 thus Lúthien spake. On the bridge of woe  
in mantle wrapped at dead of night  
she sat and sang, and to its height  
and to its depth the Wizard's Isle,  
rock upon rock and pile on pile,  
445 trembling echoed. The werewolves howled,  
and Huan hidden lay and growled  
watchful listening in the dark,  
waiting for battle cruel and stark.*

*Thû heard that voice, and sudden stood  
450 wrapped in his cloak and sable hood  
in his high tower. He listened long,  
and smiled, and knew that elvish song.  
'A! little Lúthien! What brought  
the foolish fly to web unsought?  
455 Morgoth! a great and rich reward  
to me thou wilt owe when to thy hoard  
this jewel is added.' Down he went,  
and forth his messengers he sent.*

*Still Lúthien sang. A creeping shape  
460 with bloodred tongue and jaws agape  
stole on the bridge; but she sang on  
with trembling limbs and wide eyes wan.  
The creeping shape leaped to her side,  
and gasped, and sudden fell and died.  
465 And still they came, still one by one,  
and each was seized, and there were none  
returned with padding feet to tell*

*that a shadow lurketh fierce and fell  
at the bridge's end, and that below  
470 the shuddering waters loathing flow  
o'er the grey corpses Huan killed.*

*A mightier shadow slowly filled  
the narrow bridge, a slaving hate,  
an awful werewolf fierce and great:  
475 pale Draugluin, the old grey lord  
of wolves and beasts of blood abhorred,  
that fed on flesh of Man and Elf  
beneath the chair of Thû himself.*

*No more in silence did they fight.  
480 Howling and baying smote the night,  
till back by the chair where he had fed  
to die the werewolf yammering fled.  
'Huan is there' he gasped and died,  
and Thû was filled with wrath and pride.  
485 'Before the mightiest he shall fall,  
before the mightiest wolf of all',  
so thought he now, and thought he knew  
how fate long spoken should come true.*

*Now there came slowly forth and glared  
490 into the night a shape long-haired,  
dank with poison, with awful eyes  
wolvish, ravenous; but there lies  
a light therein more cruel and dread  
than ever wolvish eyes had fed.  
495 More huge were its limbs, its jaws more wide,  
its fangs more gleaming-sharp, and dyed  
with venom, torment, and with death.  
The deadly vapour of its breath*

swept on before it. Swooning dies  
500 the song of Lúthien, and her eyes  
are dimmed and darkened with a fear,  
cold and poisonous and drear.

Thus came Thû, as wolf more great  
than e'er was seen from Angband's gate  
505 to the burning south, than ever lurked  
in mortal lands or murder worked.  
Sudden he sprang, and Huan leaped  
aside in shadow. On he swept  
to Lúthien lying swooning faint.

510 To her drowning senses came the taint  
of his foul breathing, and she stirred;  
dizzily she spake a whispered word,  
her mantle brushed across his face.  
He stumbled staggering in his pace.

515 Out leaped Huan. Back he sprang.  
Beneath the stars there shuddering rang  
the cry of hunting wolves at bay,  
the tongue of hounds that fearless slay.  
Backward and forth they leaped and ran  
520 feinting to flee, and round they span,  
and bit and grappled, and fell and rose.

Then suddenly Huan holds and throws  
his ghastly foe; his throat he rends,  
choking his life. Not so it ends.  
525 From shape to shape, from wolf to worm,  
from monster to his own demon form,  
Thû changes, but that desperate grip  
he cannot shake, nor from it slip.  
No wizardry, nor spell, nor dart,



530 *no fang, nor venom, nor devil's art  
could harm that hound that hart and boar  
had hunted once in Valinor.*

*Nigh the foul spirit Morgoth made  
and bred of evil shuddering strayed  
535 from its dark house, when Lúthien rose  
and shivering looked upon his throes.*

*'O demon dark, O phantom vile  
of foulness wrought, of lies and guile,  
here shalt thou die, thy spirit roam  
540 quaking back to thy master's home  
his scorn and fury to endure;  
thee he will in the bowels immure  
of groaning earth, and in a hole  
everlastingly thy naked soul  
545 shall wail and gibber — this shall be  
unless the keys thou render me  
of thy black fortress, and the spell  
that bindeth stone to stone thou tell,  
and speak the words of opening.'*

550 *With gasping breath and shuddering  
he spake, and yielded as he must,  
and vanquished betrayed his master's trust.*

*Lo! by the bridge a gleam of light,  
like stars descended from the night  
555 to burn and tremble here below.  
There wide her arms did Lúthien throw,  
and called aloud with voice as clear  
as still at whiles may mortal hear*

*long elvish trumpets o'er the hill*  
560 *echo, when all the world is still.*

*The dawn peered over mountains wan;  
their grey heads silent looked thereon.  
The hill trembled; the citadel  
crumbled, and all its towers fell;  
565 the rocks yawned and the bridge broke,  
and Sirion spumed in sudden smoke.*

*Like ghosts the owls were flying seen  
hooting in the dawn, and bats unclean  
went skimming dark through the cold airs  
570 shrieking thinly to find new lairs  
in Deadly Nightshade's branches dread.  
The wolves whimpering and yammering fled  
like dusky shadows. Out there creep  
pale forms and ragged as from sleep.  
575 crawling, and shielding blinded eyes:  
the captives in fear and in surprise  
from dolour long in clinging night  
beyond all hope set free to light.*

*A vampire shape with pinions vast  
580 screeching leaped from the ground, and passed,  
its dark blood dripping on the trees;  
and Huan neath him lifeless sees  
a wolvis corpse — for Thû had flown  
to Taur-na-Fuin, a new throne  
585 and darker stronghold there to build.*

*The captives came and wept and shrilled  
their piteous cries of thanks and praise.  
But Lúthien anxious-gazing stays.  
Beren comes not. At length she said:*

590 *'Huan, Huan, among the dead  
must we then find him whom we sought,  
for love of whom we toiled and fought?'*

*Then side by side from stone to stone  
o'er Sirion they climbed. Alone  
595 unmoving they him found, who mourned  
by Felagund, and never turned  
to see what feet drew halting nigh.*

*A! Beren, Beren!' came her cry,  
'almost too late have I thee found?  
600 Alas! that here upon the ground  
the noblest of the noble race  
in vain thy anguish doth embrace!  
Alas! in tears that we should meet  
who once found meeting passing sweet!'*

*605 Her voice such love and longing filled  
he raised his eyes, his mourning stilled,  
and felt his heart new-turned to flame  
for her that through peril to him came.*

*'O Lúthien, O Lúthien,  
610 more fair than any child of Men,  
O loveliest maid of Elfinesse,  
what might of love did thee possess  
to bring thee here to terror's lair!  
O lissom limbs and shadowy hair,  
615 O flower-entwined brows so white,  
O slender hands in this new light!'*

*She found his arms and swooned away  
just at the rising of the day.*

\*\*\*\*\*

*Songs have recalled the Elves have sung  
620 in old forgotten elven tongue  
how Lúthien and Beren strayed  
by the banks of Sirion. Many a glade  
they filled with joy, and there their feet  
passed by lightly, and days were sweet.  
625 Though winter hunted through the wood  
still flowers lingered where she stood.  
Tinúviel! Tinúviel!  
the birds are unafraid to dwell  
and sing beneath the peaks of snow  
630 where Beren and where Lúthien go.*

*The isle in Sirion they left behind;  
but there on hill-top might one find  
a green grave, and a stone set,  
and there there lie the white bones yet  
635 of Felagund, of Finrod's son —  
unless that land is changed and gone,  
or foundered in unfathomed seas,  
while Felagund laughs beneath the trees  
in Valinor, and comes no more  
640 to this grey world of tears and war.*

*To Nargothrond no more he came;  
but thither swiftly ran the fame,  
of their king dead, of Thû o'erthrown,  
of the breaking of the towers of stone.  
645 For many now came home at last*

*who long ago to shadow passed;  
and like a shadow had returned  
Huan the hound, and scant had earned  
or praise or thanks of master wroth;  
650 yet loyal he was, though he was loath.  
The halls of Narog clamours fill  
that vainly Celegorm would still.  
There men bewailed their fallen king,  
crying that a maiden dared that thing  
655 which sons of Fëanor would not do.  
‘Let us slay these faithless lords untrue!’  
the fickle folk now loudly cried  
with Felagund who would not ride.  
Orodreth spake: ‘The kingdom now  
660 is mine alone. I will allow  
no spilling of kindred blood by kin.  
But bread nor rest shall find herein  
these brothers who have set at nought  
the house of Finrod.’ They were brought.  
665 Scornful, unbowed, and unashamed  
stood Celegorm. In his eye there flamed  
a light of menace. Curufin  
smiled with his crafty mouth and thin.*

*‘Be gone for ever — ere the day  
670 shall fall into the sea. Your way  
shall never lead you hither more,  
nor any son of Fëanor;  
nor ever after shall be bond  
of love twixt yours and Nargothrond.’*

*675 ‘We will remember it,’ they said,*

*and turned upon their heels, and sped,  
and took their horses and such folk  
as still them followed. Nought they spoke  
but sounded horns, and rode like fire,  
680 and went away in anger dire.*

*Towards Doriath the wanderers now  
were drawing nigh. Though bare the bough,  
though cold the wind, and grey the grasses  
through which the hiss of winter passes,  
685 they sang beneath the frosty sky  
uplifted o'er them pale and high.  
They came to Mindeb's narrow stream  
that from the hills doth leap and gleam  
by western borders where begin  
690 the spells of Melian to fence in  
King Thingol's land, and stranger steps  
to wind bewildered in their webs.*

*There sudden sad grew Beren's heart:  
'Alas, Tinúviel, here we part  
695 and our brief song together ends,  
and sundered ways each lonely wends!'*

*'Why part we here? What dost thou say,  
just at the dawn of brighter day?'*

*'For safe thou'rt come to borderlands  
700 o'er which in the keeping of the hands  
of Melian thou wilt walk at ease  
and find thy home and well-loved trees.'*

*'My heart is glad when the fair trees*

*far off uprising grey it sees*  
705 *of Doriath inviolate.*  
*Yet Doriath my heart did hate,*  
*and Doriath my feet forsook,*  
*my home, my kin. I would not look*  
*on grass nor leaf there evermore*  
710 *without thee by me. Dark the shore*  
*of Esgalduin the deep and strong!*  
*Why there alone forsaking song*  
*by endless waters rolling past*  
*must I then hopeless sit at last,*  
715 *and gaze at waters pitiless*  
*in heartache and in loneliness?'*

*'For never more to Doriath*  
*can Beren find the winding path,*  
*though Thingol willed it or allowed;*  
720 *for to thy father there I vowed*  
*to come not back save to fulfill*  
*the quest of the shining Silmaril,*  
*and win by valour my desire.*  
*"Not rock nor steel nor Morgoth's fire*  
725 *nor all the power of Elfinesse,*  
*shall keep the gem I would possess":*  
*thus swore I once of Lúthien*  
*more fair than any child of Men.*  
*My word, alas! I must achieve,*  
730 *though sorrow pierce and parting grieve.'*

*'Then Lúthien will not go home,*  
*but weeping in the woods will roam,*  
*nor peril heed, nor laughter know.*

*And if she may not by thee go  
735 against thy will thy desperate feet  
she will pursue, until they meet,  
Beren and Lúthien, love once more  
on earth or on the shadowy shore.'*

*'Nay, Lúthien, most brave of heart,  
740 thou makest it more hard to part.  
Thy love me drew from bondage drear,  
but never to that outer fear,  
that darkest mansion of all dread,  
shall thy most blissful light be led.'*

*745 'Never, never!' he shuddering said.  
But even as in his arms she pled,  
a sound came like a hurrying storm.  
There Curufin and Celegorm  
in sudden tumult like the wind  
750 rode up. The hooves of horses dinned  
loud on the earth. In rage and haste  
madly northward they now raced  
the path twixt Doriath to find  
and the shadows dreadly dark entwined  
755 of Taur-na-fuin. That was their road  
most swift to where their kin abode  
in the east, where Himling's watchful hill  
o'er Aglon's gorge hung tall and still.*

*They saw the wanderers. With a shout  
760 straight on them swung their hurrying rout  
as if neath maddened hooves to rend  
the lovers and their love to end.*



*But as they came their horses swerved  
with nostrils wide and proud necks curved;  
765 Curufin, stooping, to saddlebow  
with mighty arm did Lúthien throw,  
and laughed. Too soon; for there a spring  
fiercer than tawny lion-king  
maddened with arrows barbéd smart,  
770 greater than any hornéd hart  
that hounded to a gulf leaps o'er,  
there Beren gave, and with a roar  
leaped on Curufin; round his neck  
his arms entwined, and all to wreck  
775 both horse and rider fell to ground;  
and there they fought without a sound.  
Dazed in the grass did Lúthien lie  
beneath bare branches and the sky;  
the Gnome felt Beren's fingers grim  
780 close on his throat and strangle him,  
and out his eyes did start, and tongue  
gasping from his mouth there hung.  
Up rode Celegorm with his spear,  
and bitter death was Beren near.  
785 With elvish steel he nigh was slain  
whom Lúthien won from hopeless chain,  
but baying Huan sudden sprang  
before his master's face with fang  
white-gleaming, and with bristling hair,  
790 as if he on boar or wolf did stare.  
The horse in terror leaped aside,  
and Celegorm in anger cried:  
'Curse thee, thou baseborn dog, to dare  
against thy master teeth to bare!'*

795 *But dog nor horse nor rider bold*  
*would venture near the anger cold*  
*of mighty Huan fierce at bay.*  
*Red were his jaws. They shrank away,*  
*and fearful eyed him from afar:*  
800 *nor sword nor knife, nor scimitar,*  
*no dart of bow, nor cast of spear,*  
*master nor man did Huan fear.*

*There Curufin had left his life,*  
*had Lúthien not stayed that strife.*  
805 *Waking she rose and softly cried*  
*standing distressed at Beren's side:*  
*'Forbear thy anger now, my lord!*  
*nor do the work of Orcs abhorred;*  
*for foes there be of Elfinesse,*  
810 *unnumbered, and they grow not less,*  
*while here we war by ancient curse*  
*distraught, and all the world to worse*  
*decays and crumbles. Make thy peace!'*

*Then Beren did Curufin release;*  
815 *but took his horse and coat of mail*  
*and took his knife there gleaming pale,*  
*hanging sheathless, wrought of steel.*  
*No flesh could leeches ever heal*  
*that point had pierced; for long ago*  
820 *the dwarves had made it, singing slow*  
*enchantments, where their hammers fell*  
*in Nogrod ringing like a bell.*  
*Iron as tender wood it cleft,*  
*and sundered mail like woollen weft.*

825 *But other hands its haft now held;  
its master lay by mortal felled.  
Beren uplifting him, far him flung,  
and cried 'Begone!', with stinging tongue;  
'Begone! thou renegade and fool,  
830 and let thy lust in exile cool! 830  
Arise and go, and no more work  
like Morgoth's slaves or curséd Orc;  
and deal, proud son of Fëanor,  
in deeds more proud than heretofore!'*  
835 *Then Beren led Lúthien away,  
while Huan still there stood at bay.*

*'Farewell,' cried Celegorm the fair.  
'Far get you gone! And better were  
to die forhungered in the waste  
840 than wrath of Fëanor's sons to taste,  
that yet may reach o'er dale and hill.  
No gem, nor maid, nor Silmaril  
shall ever long in thy grasp lie!  
We curse thee under cloud and sky,  
845 we curse thee from rising unto sleep!  
Farewell!' He swift from horse did leap,  
his brother lifted from the ground;  
then bow of yew with gold wire bound  
he strung, and shaft he shooting sent,  
850 as heedless hand in hand they went;  
a dwarvish dart and cruelly hooked.  
They never turned nor backward looked.  
Loud bayed Huan, and leaping caught  
the speeding arrow. Quick as thought  
855 another followed deadly singing;*

*but Beren had turned, and sudden springing  
defended Lúthien with his breast.  
Deep sank the dart in flesh to rest.  
He fell to earth. They rode away,  
860 and laughing left him as he lay;  
yet spurred like wind in fear and dread  
of Huan's pursuing anger red.  
Though Curufin with bruised mouth laughed,  
yet later of that dastard shaft  
865 was tale and rumour in the North,  
and Men remembered at the Marching Forth,  
and Morgoth's will its hatred helped.*

*Thereafter never hound was whelped  
would follow horn of Celegorm  
870 or Curufin. Though in strife and storm,  
though all their house in ruin red  
went down, thereafter laid his head  
Huan no more at that lord's feet,  
but followed Lúthien, brave and fleet.  
875 Now sank she weeping at the side  
of Beren, and sought to stem the tide  
of welling blood that flowed there fast.  
The raiment from his breast she cast;  
from shoulder plucked the arrow keen;  
880 his wound with tears she washed it clean.*

*Then Huan came and bore a leaf,  
of all the herbs of healing chief,  
that evergreen in woodland glade  
there grew with broad and hoary blade.  
885 The powers of all grasses Huan knew,  
who wide did forest-paths pursue.*

*Therewith the smart he swift allayed,  
while Lúthien murmuring in the shade  
the staunching song that Elvish wives  
890 long years had sung in those sad lives  
of war and weapons, wove o'er him.*

*The shadows fell from mountains grim.  
Then sprang about the darkened North  
the Sickle of the Gods, and forth  
895 each star there stared in stony night  
radiant, glistening cold and white.  
But on the ground there is a glow,  
a spark of red that leaps below:  
under woven boughs beside a fire  
900 of crackling wood and sputtering briar  
there Beren lies in browsing deep,  
walking and wandering in sleep.  
Watchful bending o'er him wakes  
a maiden fair; his thirst she slakes,  
905 his brow caresses, and softly croons  
a song more potent than in runes  
or leeches' lore hath since been writ.  
Slowly the nightly watches flit.  
The misty morning crawleth grey  
910 from dusk to the reluctant day.*

*Then Beren woke and opened eyes,  
and rose and cried: 'Neath other skies,  
in lands more awful and unknown,  
I wandered long, methought, alone  
915 to the deep shadow where the dead dwell;  
but ever a voice that I knew well,  
like bells, like viols, like harps, like birds,*

*like music moving without words,  
called me, called me through the night,  
920 enchanted drew me back to light!  
Healed the wound, assuaged the pain!  
Now are we come to morn again,  
new journeys once more lead us on —  
to perils whence may life be won,  
925 hardly for Beren; and for thee  
a waiting in the wood I see  
beneath the trees of Doriath,  
while ever follow down my path  
the echoes of thine elvish song,  
930 where hills are haggard and roads are long.'*

*'Nay, now no more we have for foe  
dark Morgoth only, but in woe,  
in wars and feuds of Elfinesse  
thy quest is bound; and death, no less,  
935 for thee and me, for Huan bold  
the end of weird of yore foretold,  
all this I bode shall follow swift;  
if thou go on. Thy hand shall lift  
and lay on Thingol's lap the dire  
940 and flaming jewel, Fëanor's fire,*

*never, never! A why then go?*

945                   *Why turn we not from fear and woe  
beneath the trees to walk and roam  
roofless, with all the world as home,  
over mountains, beside the seas,  
in the sunlight, in the breeze?'*

950                   *Thus long they spoke with heavy hearts;  
and yet not all her elvish arts  
nor lissom arms, nor shining eyes  
as tremulous stars in rainy skies,  
nor tender lips, enchanted voice,  
his purpose bent or swayed his choice.*

955                   *Never to Doriath would he fare  
save guarded fast to leave her there;  
never to Nargothrond would go  
with her, lest there came war and woe;  
and never would in the world untrod  
to wander suffer her, worn, unshod  
roofless and restless, whom he drew  
with love from the hidden realms she knew.*

960

*'For Morgoth's power is now awake;  
already hill and dale doth shake,  
the hunt is up, the prey is wild:  
a maiden lost, an elven child.*

965                   *Now Orcs and phantoms prowl and peer  
from tree to tree, and fill with fear  
each shade and hollow. Thee they seek!  
At thought thereof my hope grows weak,  
my heart is chilled. I curse mine oath,*

970                   *I curse the fate that joined us both*

and snared thy feet in my sad doom  
of flight and wandering in the gloom!  
Now let us haste, and ere the day  
be fallen, take our swiftest way,  
975 till o'er the marches of thy land  
beneath the beech and oak we stand,  
in Doriath, fair Doriath  
whither no evil finds the path,  
powerless to pass the listening leaves  
980 that droop upon those forest-eaves.'

Then to his will she seeming bent.  
Swiftly to Doriath they went,  
and crossed its borders. There they stayed  
resting in deep and mossy glade;  
985 there lay they sheltered from the wind  
under mighty beeches silken-skinned,  
and sang of love that still shall be,  
though earth be foundered under sea,  
and sundered here for evermore  
990 shall meet upon the Western Shore.

One morning as asleep she lay  
upon the moss, as though the day  
too bitter were for gentle flower  
to open in a sunless hour,  
995 Beren arose and kissed her hair,  
and wept, and softly left her there.

'Good Huan,' said he, 'guard her well!  
In leafless field no asphodel,  
in thorny thicket never a rose  
1000 forlorn, so frail and fragrant blows.



*Guard her from wind and frost, and hide  
from hands that seize and cast aside;  
keep her from wandering and woe,  
for pride and fate now make me go. '*

1005

*The horse he took and rode away,  
nor dared to turn; but all that day  
with heart as stone he hastened forth  
and took the paths toward the North.*

\*\*\*\*\*

*Once wide and smooth a plain was spread,  
1010 where King Fingolfin proudly led  
his silver armies on the green,  
his horses white, his lances keen;  
his helmets tall of steel were hewn,  
his shields were shining as the moon.  
1015 There trumpets sang both long and loud,  
and challenge rang unto the cloud  
that lay on Morgoth's northern tower,  
while Morgoth waited for his hour.*

*Rivers of fire at dead of night  
1020 in winter lying cold and white  
upon the plain burst forth, and high  
the red was mirrored in the sky.  
From Hithlum's walls they saw the fire,  
the steam and smoke in spire on spire  
1025 leap up, till in confusion vast  
the stars were choked. And so it passed,*

*the mighty field, and turned to dust,  
to drifting sand and yellow rust,  
to thirsty dunes where many bones*  
1030 *lay broken among barren stones.*

*Dor-na-Faughlith, Land of Thirst,  
they after named it, waste accurst,  
the raven-haunted roofless grave  
of many fair and many brave.*  
1035 *Thereon the stony slopes look forth  
from Deadly Nightshade falling north,  
from sombre pines with pinions vast,  
black-plumed and drear, as many a mast  
of sable-shrouded ships of death*  
1040 *slow wafted on a ghostly breath.*

*Thence Beren grim now gazes out  
across the dunes and shifting drought,  
and sees afar the frowning towers  
where thunderous Thangorodrim lowers.*  
1045 *The hungry horse there drooping stood,  
proud Gnomish steed; it feared the wood;  
upon the haunted ghastly plain  
no horse would ever stride again.  
'Good steed of master ill,' he said,*  
1050 *'farewell now here! Lift up thy head,  
and get thee gone to Sirion's vale  
back as we came, past island pale  
where Thû once reigned, to waters sweet  
and grasses long about thy feet.*  
1055 *And if Curufin no more thou find,  
grieve not! but free with hart and hind  
go wander, leaving work and war,*

*and dream thee back in Valinor,  
whence came of old thy mighty race  
1060 from Tavros' mountain-fencéd chase.'*

*There still sat Beren, and he sang  
and loud his lonely singing rang.  
Though Orcs should hear, or wolf a-prowl,  
or any of the creatures foul  
1065 within the shade that slunk and stared  
of Taur-na-Fuin, nought he cared  
who now took leave of light and day,  
grim-hearted, bitter, fierce and fey.*

*'Farewell now here, ye leaves of trees,  
1070 your music in the morning-breeze!  
Farewell now blade and bloom and grass  
that see the changing seasons pass;  
ye waters murmuring over stone,  
and meres that silent stand alone!  
1075 Farewell now mountain, vale, and plain!  
Farewell now wind and frost and rain,  
and mist and cloud, and heaven's air;  
ye star and moon so blinding-fair  
that still shall look down from the sky  
1080 on the wide earth, though Beren die —  
though Beren die not, and yet deep,  
deep, whence comes of those that weep  
no dreadful echo, lie and choke  
in everlasting dark and smoke.  
1085 'Farewell sweet earth and northern sky,  
for ever blest, since here did lie,  
and here with lissom limbs did run*

*beneath the moon, beneath the sun,  
Lúthien Tinúviel  
1090 more fair than mortal tongue can tell.  
Though all to ruin fell the world,  
and were dissolved and backward hurled  
unmade into the old abyss,  
yet were its making good, for this —  
1095 the dawn, the dusk, the earth, the sea —  
that Lúthien on a time should be!'*

*His blade he lifted high in hand,  
and challenging alone did stand  
before the threat of Morgoth's power;  
1100 and dauntless cursed him, hall and tower,  
o'ershadowing hand and grinding foot,  
beginning, end, and crown and root;  
then turned to strike forth down the slope  
abandoning fear, forsaking hope.*

*1105 'A, Beren, Beren!' came a sound,  
'almost too late have I thee found!  
O proud and fearless hand and heart,  
not yet farewell, not yet we part!  
Not thus do those of elven race  
1110 forsake the love that they embrace.  
A love is mine, as great a power  
as thine, to shake the gate and tower  
of death with challenge weak and frail  
that yet endures, and will not fail  
1115 nor yield, unvanquished were it hurled  
beneath the foundations of the world.  
Beloved fool! escape to seek*

*from such pursuit; in might so weak  
to trust not, thinking it well to save  
1120 from love thy loved, who welcomes grave  
and torment sooner than in guard  
of kind intent to languish, barred,  
wingless and helpless him to aid  
for whose support her love was made!’*

*1125 Thus back to him came Lúthien:  
they met beyond the ways of Men;  
upon the brink of terror stood  
between the desert and the wood.*

*He looked on her, her lifted face  
1130 beneath his lips in sweet embrace:  
‘Thrice now mine oath I curse,’ he said,  
‘that under shadow thee hath led!  
But where is Huan, where the hound  
to whom I trusted, whom I bound  
1135 by love of thee to keep thee well  
from deadly wandering into hell?’*

*‘I know not! But good Huan’s heart  
is wiser, kinder, than thou art,  
grim lord, more open unto prayer!  
1140 Yet long and long I pleaded there,  
until he brought me, as I would,  
upon thy trail — a palfrey good  
would Huan make, of flowing pace:  
thou wouldst have laughed to see us race,  
1145 as Orc on werewolf ride like fire  
night after night through fen and mire,*

*through waste and wood! But when I heard  
thy singing clear — (yea, every word  
of Lúthien one rashly cried,  
1150 and listening evil fierce defied) —,  
he set me down, and sped away;  
but what he would I cannot say.'*

*Ere long they knew, for Huan came,  
his great breath panting, eyes like flame,  
1155 in fear lest her whom he forsook  
to aid some hunting evil took  
ere he was nigh. Now there he laid  
before their feet, as dark as shade,  
two grisly shapes that he had won  
1160 from that tall isle in Sirion:  
a wolfhame huge — its savage fell  
was long and matted, dark the spell  
that drenched the dreadful coat and skin;  
the werewolf cloak of Draugluin;  
1165 the other was a batlike garb  
with mighty fingered wings, a barb  
like iron nail at each joint's end —  
such wings as their dark cloud extend  
against the moon, when in the sky  
1170 from Deadly Nightshade screeching fly  
Thû's messengers.  
'What hast thou brought,  
good Huan? What thy hidden thought?  
Of trophy of prowess and strong deed,  
when Thû thou vanquishedst, what need  
1175 here in the waste?' Thus Beren spoke,  
and once more words in Huan woke:*

*his voice was like the deeptoned bells  
that ring in Valmar's citadels:*

- 'Of one fair gem thou must be thief,  
1180 Morgoth's or Thingol's, loath or lief;  
thou must here choose twixt love and oath!  
If vow to break is still thee loath,  
then Lúthien must either die  
alone, or death with thee defie*
- 1185 beside thee, marching on your fate  
that hidden before you lies in wait.  
Hopeless the quest, but not yet mad,  
unless thou, Beren, run thus clad  
in mortal raiment, mortal hue,*
- 1190 witless and redeless, death to woo.  
'Lo! good was Felagund's device,  
but may be bettered, if advice  
of Huan ye will dare to take,  
and swift a hideous change will make*
- 1195 to forms most curséd, foul and vile,  
of werewolf of the Wizard's Isle,  
of monstrous bat's envermined fell  
with ghostly clawlike wings of hell.*
- 1200 'To such dark straits, alas! now brought  
are ye I love, for whom I fought.  
Nor further with you can I go —  
whoever did a great hound know  
in friendship at a werewolf's side  
to Angband's grinning portals stride?*
- 1205 Yet my heart tells that at the gate  
what there ye find, 'twill be my fate  
myself to see, though to that door*

*my feet shall bear me nevermore.  
Darkened is hope and dimmed my eyes,  
1210 I see not clear what further lies;  
yet maybe backwards leads your path  
beyond all hope to Doriath,  
and thither, perchance, we three shall wend,  
and meet again before the end.'*

*1215 They stood and marvelled thus to hear  
his mighty tongue so deep and clear;  
then sudden he vanished from their sight  
even at the onset of the night.*

*His dreadful counsel then they took,  
1220 and their own gracious forms forsook;  
in werewolf fell and batlike wing  
prepared to robe them, shuddering.*

*With elvish magic Lúthien wrought,  
lest raiment foul with evil fraught  
1225 to dreadful madness drive their hearts;  
and there she wrought with elvish arts  
a strong defence, a binding power,  
singing until the midnight hour.*

*Swift as the wolvish coat he wore,  
1230 Beren lay slavering on the floor,  
redtongued and hungry; but there lies  
a pain and longing in his eyes,  
a look of horror as he sees  
a batlike form crawl to its knees  
1235 and drag its creased and creaking wings.  
Then howling under moon he springs*



*fourfooted, swift, from stone to stone  
from hill to plain — but not alone:  
a dark shape down the slope doth skim,  
1240 and wheeling flitters over him.*

*Ashes and dust and thirsty dune  
withered and dry beneath the moon,  
under the cold and shifting air  
sifting and sighing, bleak and bare;  
1245 of blistered stones and gasping sand,  
of splintered bones was built that land,  
o'er which now slinks with powdered fell  
and hanging tongue a shape of hell.*

*Many parching leagues lay still before  
1250 when sickly day crept back once more;  
many choking miles lay stretched ahead  
when shivering night once more was spread  
with doubtful shadow and ghostly sound  
that hissed and passed o'er dune and mound.  
1255 A second morning in cloud and reek  
struggled, when stumbling, blind and weak,  
a wolvis shape came staggering forth  
and reached the foothills of the North;  
upon its back there folded lay  
1260 a crumpled thing that blinked at day.*

*The rocks were reared like bony teeth,  
and claws that grasped from opened sheath,  
on either side the mournful road  
that onward led to that abode  
1265 far up within the Mountain dark  
with tunnels drear and portals stark.*

*They crept within a scowling shade  
and cowering darkly down them laid.  
Long lurked they there beside the path,  
1270 and shivered, dreaming of Doriath,  
of laughter and music and clean air,  
in fluttered leaves birds singing fair.  
They woke, and felt the trembling sound,  
the beating echo far underground  
1275 shake beneath them, the rumour vast  
of Morgoth's forges; and aghast  
they heard the stamp of stony feet  
that shod with iron went down that street:  
the Orcs went forth to rape and war,  
1280 and Balrog captains marched before.*

*They stirred, and under cloud and shade  
at eve stepped forth, and no more stayed;  
as dark things on dark errand bent  
up the long slopes in haste they went.  
1285 Ever the sheer cliffs rose beside,  
where birds of carrion sat and cried;  
and chasms black and smoking yawned,  
whence writhing serpent-shapes were spawned;  
until at last in that huge gloom,  
1290 heavy as overhanging doom,  
that weighs on Thangorodrim's foot  
like thunder at the mountain's root,  
they came, as to a sombre court  
walled with great towers, fort on fort  
1295 of cliffs embattled, to that last plain  
that opens, abysmal and inane  
before the final topless wall*

*of Bauglir's immeasurable hall,  
whereunder looming awful waits  
1300 the gigantic shadow of his gates.*

\*\*\*\*\*

*In that vast shadow once of yore  
Fingolfin stood: his shield he bore  
with field of heaven's blue and star  
of crystal shining pale afar.  
1305 In overmastering wrath and hate  
desperate he smote upon that gate,  
the Gnomish king, there standing lone,  
while endless fortresses of stone  
engulfed the thin clear ringing keen  
1310 of silver horn on baldric green.  
His hopeless challenge dauntless cried  
Fingolfin there: 'Come, open wide,  
dark king, your ghastly brazen doors!  
Come forth, whom earth and heaven abhors!  
1315 Come forth, O monstrous craven lord  
and fight with thine own hand and sword,  
thou wielder of hosts of banded thralls,  
thou tyrant leaguered with strong walls,  
thou foe of Gods and elvish race!  
1320 I wait thee here. Come! Show thy face!'*

*Then Morgoth came. For the last time  
in those great wars he dared to climb  
from subterranean throne profound,  
the rumour of his feet a sound*

1325 *of rumbling earthquake underground.*  
    *Black-armoured, towering, iron-crowned*  
    *he issued forth; his mighty shield*  
    *a vast unblazoned sable field*  
    *with shadow like a thundercloud;*  
1330 *and o'er the gleaming king it bowed,*  
    *as huge aloft like mace he hurled*  
    *that hammer of the underworld,*  
    *Grond. Clanging to ground it tumbled*  
    *down like a thunder-bolt, and crumbled*  
1335 *the rocks beneath it; smoke up-started,*  
    *a pit yawned, and a fire darted.*  
    *Fingolfin like a shooting light*  
    *beneath a cloud, a stab of white,*  
    *sprang then aside, and Ringil drew*  
1340 *like ice that gleameth cold and blue,*  
    *his sword devised of elvish skill*  
    *to pierce the flesh with deadly chill.*  
    *With seven wounds it rent his foe,*  
    *and seven mighty cries of woe*  
1345 *rang in the mountains, and the earth quook,*  
    *and Angband's trembling armies shook.*  
    *Yet Orcs would after laughing tell*  
    *of the duel at the gates of hell;*  
    *though elvish song thereof was made*  
1350 *ere this but one — when sad was laid*  
    *the mighty king in barrow high,*  
    *and Thorondor, Eagle of the sky,*  
    *the dreadful tidings brought and told*  
    *to mourning Elfinesse of old.*  
1355 *Thrice was Fingolfin with great blows*  
    *to his knees beaten, thrice he rose*

*still leaping up beneath the cloud  
aloft to hold star-shining, proud,  
his stricken shield, his sundered helm,  
1360 that dark nor might could overwhelm  
till all the earth was burst and rent  
in pits about him. He was spent.  
His feet stumbled. He fell to wreck  
upon the ground, and on his neck  
1365 a foot like rooted hills was set,  
and he was crushed — not conquered yet;  
one last despairing stroke he gave:  
the mighty foot pale Ringil clave  
about the heel, and black the blood  
1370 gushed as from smoking fount in flood.  
Halt goes for ever from that stroke  
great Morgoth; but the king he broke,  
and would have hewn and mangled thrown  
to wolves devouring. Lo! from throne  
1375 that Manwë bade him build on high,  
on peak unscaled beneath the sky,  
Morgoth to watch, now down there swooped  
Thorondor the King of Eagles, stooped,  
and rending beak of gold he smote  
1380 in Bauglir's face, then up did float  
on pinions thirty fathoms wide  
bearing away, though loud they cried,  
the mighty corse, the Elven-king;  
and where the mountains make a ring  
1385 far to the south about that plain  
where after Gondolin did reign,  
embattled city, at great height  
upon a dizzy snowcap white*

*in mounded cairn the mighty dead*  
1390 *he laid upon the mountain's head.*  
*Never Orc nor demon after dared*  
*that pass to climb, o'er which there stared*  
*Fingolfin's high and holy tomb,*  
*till Gondolin's appointed doom.*

1395 *Thus Bauglir earned the furrowed scar*  
*that his dark countenance doth mar,*  
*and thus his limping gait he gained;*  
*but afterward profound he reigned*  
*darkling upon his hidden throne;*

1400 *and thunderous paced his halls of stone,*  
*slow building there his vast design*  
*the world in thraldom to confine.*  
*Wielder of armies, lord of woe,*  
*no rest now gave he slave or foe;*

1405 *his watch and ward he thrice increased,*  
*his spies were sent from West to East*  
*and tidings brought from all the North,*  
*who fought, who fell; who ventured forth,*  
*who wrought in secret; who had hoard;*

1410 *if maid were fair or proud were lord;*  
*well nigh all things he knew, all hearts*  
*well nigh enmeshed in evil arts.*

*Doriath only, beyond the veil*  
*woven by Melian, no assail*

1415 *could hurt or enter; only rumour dim*  
*of things there passing came to him.*  
*A rumour loud and tidings clear*  
*of other movements far and near*  
*among his foes, and threat of war*

1420 *from the seven sons of Fëanor,  
from Nargothrond, from Fingon still  
gathering his armies under hill  
and under tree in Hithlum's shade,  
these daily came. He grew afraid*  
1425 *amidst his power once more; renown  
of Beren vexed his ears, and down  
the aisled forests there was heard  
great Huan baying.*  
*Then came word  
most passing strange of Lúthien*  
1430 *wild-wandering by wood and glen,  
and Thingol's purpose long he weighed,  
and wondered, thinking of that maid  
so fair, so frail. A captain dire,  
Boldog, he sent with sword and fire*  
1435 *to Doriath's march; but battle fell  
sudden upon him; news to tell  
never one returned of Boldog's host,  
and Thingol humbled Morgoth's boast.*  
*Then his heart with doubt and wrath was burned:*  
1440 *new tidings of dismay he learned,  
how Thû was o'erthrown and his strong isle  
broken and plundered, how with guile  
his foes now guile beset; and spies  
he feared, till each Orc to his eyes*  
1445 *was half suspect. Still ever down  
the aisled forests came renown  
of Huan baying, hound of war  
that Gods unleashed in Valinor.*

*Then Morgoth of Huan's fate bethought*

1450 *long-rumoured, and in dark he wrought.  
Fierce hunger-haunted packs he had  
that in wolvis form and flesh were clad,  
but demon spirits dire did hold;  
and ever wild their voices rolled*

1455 *in cave and mountain where they housed  
and endless snarling echoes roused.  
From these a whelp he chose and fed  
with his own hand on bodies dead,  
on fairest flesh of Elves and Men,*

1460 *till huge he grew and in his den  
no more could creep, but by the chair  
of Morgoth's self would lie and glare,  
nor suffer Balrog, Orc, nor beast  
to touch him. Many a ghastly feast*

1465 *he held beneath that awful throne  
rending flesh and gnawing bone.  
There deep enchantment on him fell,  
the anguish and the power of hell;  
more great and terrible he became*

1470 *with fire-red eyes and jaws aflame,  
with breath like vapours of the grave,  
than any beast of wood or cave,  
than any beast of earth or hell  
that ever in any time befell,*

1475 *surpassing all his race and kin,  
the ghastly tribe of Draugluin.  
Him Carcharoth, the Red Maw, name  
the songs of Elves. Not yet he came  
disastrous, ravening, from the gates*

1480 *of Angband. There he sleepless waits;  
where those great portals threatening loom*



*his red eyes smoulder in the gloom,  
his teeth are bare, his jaws are wide;  
and none may walk, nor creep, nor glide,  
1485 nor thrust with power his menace past  
to enter Morgoth's dungeon vast.*

*Now, lo! before his watchful eyes  
a slinking shape he far descries  
that crawls into the frowning plain  
1490 and halts at gaze, then on again  
comes stalking near, a wolvis shape  
haggard, wayworn, with jaws agape;  
and o'er it batlike in wide rings  
a reeling shadow slowly wings.  
1496 Such shapes there oft were seen to roam,  
this land their native haunt and home;  
and yet his mood with strange unease  
is filled, and boding thoughts him seize.*

*'What grievous terror, what dread guard  
1500 hath Morgoth set to wait, and barred  
his doors against all entering feet?  
Long ways we have come at last to meet  
the very maw of death that opes  
between us and our quest! Yet hopes  
1505 we never had. No turning back!'  
Thus Beren speaks, as in his track  
he halts and sees with werewolf eyes  
afar the horror that there lies.  
Then onward desperate he passed,  
1501 skirting the black pits yawning vast,  
where King Fingolfin ruinous fell*

*alone before the gates of hell.*

*Before those gates alone they stood,  
while Carcharoth in doubtful mood  
1515 glowered upon them, and snarling spoke,  
and echoes in the arches woke:  
'Hail! Draugluin, my kindred's lord!  
'Tis very long since hitherward  
thou camest. Yea, 'tis passing strange  
1520 to see thee now: a grievous change  
is on thee, lord, who once so dire  
so dauntless, and as fleet as fire,  
ran over wild and waste, but now  
with weariness must bend and bow!  
1525 'Tis hard to find the struggling breath  
when Huan's teeth as sharp as death  
have rent the throat? What fortune rare  
brings thee back living here to fare —  
if Draugluin thou art? come near!  
1530 I would know more, and see thee clear!'*

*'Who art thou, hungry upstart whelp,  
to bar my ways whom thou shouldst help?  
I fare with hasty tidings new  
to Morgoth from forest-haunting Thû.  
1535 Aside! for I must in; or go  
and swift my coming tell below!'*

*Then up that doorward slowly stood,  
eyes shining grim with evil mood,  
uneasy growling: 'Draugluin,  
1540 if such thou be, now enter in!*

*But what is this that crawls beside  
slinking as if 'twould neath thee hide?  
Though wingéd creatures to and fro  
unnumbered pass here, all I know.*

1545 *I know not this. Stay, vampire, stay!  
I like not thy kin nor thee. Come, say  
what sneaking errand thee doth bring,  
thou wingéd vermin, to the king!  
Small matter, I doubt not, if thou stay*  
1550 *or enter, or if in my play  
I crush thee like a fly on wall,  
or bite thy wings and let thee crawl.'*

*Huge-stalking, noisome, close he came.*  
1555 *In Beren's eyes there gleamed a flame;  
the hair upon his neck uprose.  
Nought may the fragrance fair enclose,  
the odour of immortal flowers  
in everlasting spring neath showers  
that glitter silver in the grass*  
1560 *in Valinor. Where'er did pass  
Tinúviel, such air there went.  
From that foul devil-sharpened scent  
its sudden sweetness no disguise  
enchanted dark to cheat the eyes*  
1565 *could keep, if near those nostrils drew  
snuffling in doubt. This Beren knew  
upon the brink of hell prepared  
for battle and death. There threatening stared  
those dreadful shapes, in hatred both,*  
1570 *false Draugluin and Carcharoth  
when, lo! a marvel to behold:*

*some power, descended from of old,  
from race divine beyond the West,  
sudden Tinúviel possessed*  
1575 *like inner fire. The vampire dark  
she flung aside, and like a lark  
cleaving through night to dawn she sprang,  
while sheer, heart-piercing silver, rang  
her voice, as those long trumpets keen*  
1580 *thrilling, unbearable, unseen  
in the cold aisles of morn. Her cloak  
by white hands woven, like a smoke,  
like all-bewildering, all-enthraling,  
all-enfolding evening, falling*  
1585 *from lifted arms, as forth she stepped  
across those awful eyes she swept,  
a shadow and a mist of dreams  
whereon entangled starlight gleams.*

*‘Sleep, O unhappy, tortured thrall!  
1590 Thou weebegotten, fail and fall  
down, down from anguish, hatred, pain,  
from lust, from hunger, bond and chain,  
to that oblivion, dark and deep,  
the well, the lightless pit of sleep!’*  
1595 *For one brief hour escape the net,  
the dreadful doom of life forget!’*

*His eyes were quenched, his limbs were loosed;  
he fell like running steer that noosed  
and tripped grows crashing to the ground.*  
1600 *Deathlike, moveless, without a sound  
outstretched he lay, as lightning stroke*

*had felled a huge o'ershadowing oak.*

\*\*\*\*\*

*Into the vast and echoing gloom,  
more dread than many-tunnelled tomb  
1605 in labyrinthine pyramid  
where everlasting death is hid  
down awful corridors that wind  
down to a menace dark enshrined;  
down to the mountain's roots profound,  
1610 devoured, tormented, bored and ground  
by seething vermin spawned of stone;  
down to the depths they went alone.  
The arch behind of twilit shade  
they saw recede and dwindling fade;  
1615 the thunderous forges' rumour grew,  
a burning wind there roaring blew  
foul vapours up from gaping holes.  
Huge shapes there stood like carven trolls  
enormous hewn of blasted rock  
1620 to forms that mortal likeness mock;  
monstrous and menacing, entombed,  
at every turn they silent loomed  
in fitful glares that leaped and died.  
There hammers clanged, and tongues there cried  
1625 with sound like smitten stone; there wailed  
faint from far under, called and failed  
amid the iron clink of chain  
voices of captives put to pain.*

*Loud rose a din of laughter hoarse,  
1630 self-loathing yet without remorse;  
loud came a singing harsh and fierce  
like swords of terror souls to pierce.  
Red was the glare through open doors  
of firelight mirrored on brazen floors,  
1635 and up the arches towering clomb  
to glooms unguessed, to vaulted dome  
swathed in wavering smokes and steams  
stabbed with flickering lightning-gleams.  
To Morgoth's hall, where dreadful feast  
1640 he held, and drank the blood of beast  
and lives of Men, they stumbling came:  
their eyes were dazed with smoke and flame.  
The pillars, reared like monstrous shores  
to bear earth's overwhelming floors,  
1645 were devil-carven, shaped with skill  
such as unholy dreams doth fill:  
they towered like trees into the air,  
whose trunks are rooted in despair,  
whose shade is death, whose fruit is bane,  
1650 whose boughs like serpents writhe in pain.*

*Beneath them ranged with spear and sword  
stood Morgoth's sable-armoured horde:  
the fire on blade and boss of shield  
was red as blood on stricken field.  
1655 Beneath a monstrous column loomed  
the throne of Morgoth, and the doomed  
and dying gasped upon the floor:  
his hideous footstool, rape of war.  
About him sat his awful thanes,  
1660 the Balrog-lords with fiery manes,*

*redhanded, mouthed with fangs of steel;  
devouring wolves were crouched at heel.  
And o'er the host of hell there shone  
with a cold radiance, clear and wan,  
1665 the Silmarils, the gems of fate,  
emprisoned in the crown of hate.*

*Lo! through the grinning portals dread  
sudden a shadow swooped and fled;  
and Beren gasped — he lay alone,  
1670 with crawling belly on the stone:  
a form bat-wingéd, silent, flew  
where the huge pillared branches grew,  
amid the smokes and mounting steams.  
And as on the margin of dark dreams  
1675 a dim-felt shadow unseen grows  
to cloud of vast unease, and woes  
foreboded, nameless, roll like doom  
upon the soul, so in that gloom  
the voices fell, and laughter died  
1680 slow to silence many-eyed.  
A nameless doubt, a shapeless fear,  
had entered in their caverns drear  
and grew, and towered above them cowed,  
hearing in heart the trumpets loud  
1685 of gods forgotten. Morgoth spoke,  
and thunderous the silence broke:  
'Shadow, descend! And do not think  
to cheat mine eyes! In vain to shrink  
from thy Lord's gaze, or seek to hide.  
1690 My will by none may be defied.  
Hope nor escape doth here await*

*those that unbidden pass my gate.  
Descend! ere anger blast thy wing,  
thou foolish, frail, bat-shapen thing,  
1695 and yet not bat within! Come down!'*

*Slow-wheeling o'er his iron crown,  
reluctantly, shivering and small,  
Beren there saw the shadow fall,  
and droop before the hideous throne,  
1700 a weak and trembling thing, alone.  
And as thereon great Morgoth bent  
his darkling gaze, he shuddering went,  
belly to earth, the cold sweat dank  
upon his fell, and crawling shrank  
1705 beneath the darkness of that seat,  
beneath the shadow of those feet.*

*Tinúviel spake, a shrill, thin, sound  
piercing those silences profound:  
'A lawful errand here me brought;  
1710 from Thû's dark mansions have I sought,  
from Taur-na-Fuin's shade I fare  
to stand before thy mighty chair!'*

*'Thy name, thou shrieking waif, thy name!  
Tidings enough from Thû there came  
1715 but short while since. What would he now?  
Why send such messenger as thou?'*

*'Thuringwethil I am, who cast  
a shadow o'er the face aghast  
of the sallow moon in the doomed land  
1720 of shivering Beleriand!'*



*'Liar art thou, who shalt not weave  
deceit before mine eyes. Now leave  
thy form and raiment false, and stand  
revealed, and delivered to my hand!'*

- 1725 *There came a slow and shuddering change:  
the batlike raiment dark and strange  
was loosed, and slowly shrank and fell  
quivering. She stood revealed in hell.  
About her slender shoulders hung*
- 1730 *her shadowy hair, and round her clung  
her garment dark, where glimmered pale  
the starlight caught in magic veil.  
Dim dreams and faint oblivious sleep  
fell softly thence, in dungeons deep*
- 1735 *an odour stole of elven-flowers  
from elven-dells where silver showers  
drip softly through the evening air;  
and round there crawled with greedy stare  
dark shapes of snuffling hunger dread.*
- 1740 *With arms upraised and drooping head  
then softly she began to sing  
a theme of sleep and slumbering,  
wandering, woven with deeper spell  
than songs wherewith in ancient dell*
- 1745 *Melian did once the twilight fill,  
profound and fathomless, and still.*

- The fires of Angband flared and died,  
smouldered into darkness; through the wide  
and hollow halls there rolled unfurled*
- 1750 *the shadows of the underworld.*

*All movement stayed, and all sound ceased,  
save vaporous breath of Orc and beast.  
One fire in darkness still abode:  
the lidless eyes of Morgoth glowed;  
1755 one sound the breathing silence broke:  
the mirthless voice of Morgoth spoke.*

*‘So Lúthien, so Lúthien,  
a liar like all Elves and Men!  
Yet welcome, welcome, to my hall!  
1760 I have a use for every thrall.  
What news of Thingol in his hole  
shy lurking like a timid vole?  
What folly fresh is in his mind  
who cannot keep his offspring blind  
1765 from straying thus? or can devise  
no better counsel for his spies?’*

*She wavered, and she stayed her song.  
‘The road,’ she said, ‘was wild and long,  
but Thingol sent me not, nor knows  
1770 what way his rebellious daughter goes.  
Yet every road and path will lead  
Northward at last, and here of need  
I trembling come with humble brow,  
and here before thy throne I bow;  
1775 for Lúthien hath many arts  
for solace sweet of kingly hearts.’*

*‘And here of need thou shalt remain  
now, Lúthien, in joy or pain —  
or pain, the fitting doom for all,*

1780 *for rebel, thief, and upstart thrall.*

*Why should ye not in our fate share  
of woe and travail? Or should I spare  
to slender limb and body frail  
breaking torment? Of what avail*

1785 *here dost thou deem thy babbling song  
and foolish laughter? Minstrels strong  
are at my call. Yet I will give  
a respite brief, a while to live,  
a little while, though purchased dear,*

1790 *to Lúthien the fair and clear,  
a pretty toy for idle hour.  
In slothful gardens many a flower  
like thee the amorous gods are used  
honey-sweet to kiss, and cast then bruised*

1795 *their fragrance loosing, under feet.  
But here we seldom find such sweet  
amid our labours long and hard,  
from godlike idleness debarred.  
And who would not taste the honey-sweet*

1800 *lying to lips, or crush with feet  
the soft cool tissue of pale flowers,  
easing like gods the dragging hours?  
A! curse the Gods! O hunger dire,  
O blinding thirst's unending fire!*

1805 *One moment shall ye cease, and slake  
your sting with morsel I here take!'*

*In his eyes the fire to flame was fanned,  
and forth he stretched his brazen hand.  
Lúthien as shadow shrank aside.*

1810 *'Not thus, O king! Not thus!' she cried,*

*'do great lords hark to humble boon!  
For every minstrel hath his tune;  
and some are strong and some are soft  
and each would bear his song aloft,  
1815 and each a little while be heard,  
though rude the note, and light the word.  
But Lúthien hath cunning arts  
for solace sweet of kingly hearts.  
Now hearken!' And her wings she caught  
1820 then deftly up, and swift as thought  
slipped from his grasp, and wheeling round,  
fluttering before his eyes, she wound  
a mazy-wingéd dance, and sped  
about his iron-crownéd head.  
1825 Suddenly her song began anew;  
and soft came dropping like a dew  
down from on high in that domed hall  
her voice bewildering, magical,  
and grew to silver-murmuring streams  
1830 pale falling in dark pools in dreams.*

*She let her flying raiment sweep,  
enmeshed with woven spells of sleep,  
as round the dark void she ranged and reeled.  
From wall to wall she turned and wheeled  
1835 in dance such as never Elf nor fay  
before devised, nor since that day;  
than swallow swifter, than flittermouse  
in dying light round darkened house  
more silken-soft, more strange and fair  
1840 than sylphine maidens of the Air  
whose wings in Varda's heavenly hall*

*in rhythmic movement beat and fall.*

*Down crumpled Orc, and Balrog proud;  
all eyes were quenched, all heads were bowed;  
1845 the fires of heart and maw were stilled,  
and ever like a bird she thrilled  
above a lightless world forlorn  
in ecstasy enchanted borne.*

*All eyes were quenched, save those that glared  
1850 in Morgoth's lowering brows, and stared  
in slowly wandering wonder round,  
and slow were in enchantment bound.  
Their will wavered, and their fire failed,  
and as beneath his brows they paled,  
1855 the Silmarils like stars were kindled  
that in the reek of Earth had dwindled  
escaping upwards clear to shine,  
glistening marvellous in heaven's mine.*

*Then flaring suddenly they fell,  
1860 down, down upon the floors of hell.  
The dark and mighty head was bowed;  
like mountain-top beneath a cloud  
the shoulders foundered, the vast form  
crashed, as in overwhelming storm  
1865 huge cliffs in ruin slide and fall;  
and prone lay Morgoth in his hall.  
His crown there rolled upon the ground,  
a wheel of thunder; then all sound  
died, and a silence grew as deep  
1870 as were the heart of Earth asleep.*

*Beneath the vast and empty throne*

*the adders lay like twisted stone,  
the wolves like corpses foul were strewn;  
and there lay Beren deep in swoon:*  
1875 *no thought, no dream nor shadow blind  
moved in the darkness of his mind.*  
*‘Come forth, come forth! The hour hath knelled,  
and Angband’s mighty lord is felled!  
Awake, awake! For we two meet*  
1880 *alone before the awful seat.’*  
*This voice came down into the deep  
where he lay drowned in wells of sleep;  
a hand flower-soft and flower-cool  
passed o’er his face, and the still pool*  
1885 *of slumber quivered. Up then leaped  
his mind to waking; forth he crept.*  
*The wolvish fell he flung aside  
and sprang unto his feet, and wide  
staring amid the soundless gloom*  
1890 *he gasped as one living shut in tomb.*  
*There to his side he felt her shrink,  
felt Lúthien now shivering sink,  
her strength and magic dimmed and spent,  
and swift his arms about her went.*

1895 *Before his feet he saw amazed  
the gems of Fëanor, that blazed  
with white fire glistening in the crown  
of Morgoth’s might now fallen down.*  
*To move that helm of iron vast*  
1900 *no strength he found, and thence aghast  
he strove with fingers mad to wrest  
the guerdon of their hopeless quest,*

till in his heart there fell the thought  
of that cold morn whereon he fought  
1905 with Curufin; then from his belt  
the sheathless knife he drew, and knelt,  
and tried its hard edge, bitter-cold,  
o'er which in Nogrod songs had rolled  
of dwarvish armourers singing slow  
1910 to hammer-music long ago.  
Iron as tender wood it clove  
and mail as woof of loom it rove.  
The claws of iron that held the gem,  
it bit them through and sundered them;  
1915 a Silmaril he clasped and held,  
and the pure radiance slowly welled  
red glowing through the clenching flesh.  
Again he stooped and strove afresh  
one more of the holy jewels three  
1920 that Fëanor wrought of yore to free.  
But round those fires was woven fate;  
not yet should they leave the halls of hate.  
The dwarvish steel of cunning blade  
by treacherous smiths of Nogrod made  
1925 snapped; then ringing sharp and clear  
in twain it sprang, and like a spear  
or errant shaft the brow it grazed  
of Morgoth's sleeping head, and dazed  
their hearts with fear. For Morgoth groaned  
1930 with voice entombed, like wind that moaned  
in hollow caverns penned and bound.  
There came a breath; a gasping sound  
moved through the halls, as Orc and beast  
turned in their dreams of hideous feast;

1935 *in sleep uneasy Balrogs stirred,  
and far above was faintly heard  
an echo that in tunnels rolled,  
a wolvisch howling long and cold.*

\*\*\*\*\*

*Up through the dark and echoing gloom*  
1940 *as ghosts from many-tunnelled tomb,  
up from the mountains' roots profound  
and the vast menace underground,  
their limbs quake with deadly fear,  
terror in eyes, and dread in ear,*  
1945 *together fled they, by the beat  
affrighted of their flying feet.*

*At last before them far away  
they saw the glimmering wraith of day,  
the mighty archway of the gate —*  
1950 *and there a horror new did wait.  
Upon the threshold, watchful, dire,  
his eyes new-kindled with dull fire,  
towered Carcharoth, a biding doom:  
his jaws were gaping like a tomb,*  
1955 *his teeth were bare, his tongue aflame;  
aroused he watched that no one came,  
no flitting shade nor hunted shape,  
seeking from Angband to escape.*  
*Now past that guard what guile or might*  
1960 *could thrust from death into the light?*



*He heard afar their hurrying feet,  
he snuffed an odour strange and sweet;  
he smelled their coming long before  
they marked the waiting threat at door.*

1965 *His limbs he stretched and shook off sleep,  
then stood at gaze. With sudden leap  
upon them as they sped he sprang,  
and his howling in the arches rang.*

*Too swift for thought his onset came,*

1970 *too swift for any spell to tame;  
and Beren desperate then aside  
thrust Lúthien, and forth did stride  
unarmed, defenceless to defend  
Tinúviel until the end.*

1975 *With left he caught at hairy throat,  
with right hand at the eyes he smote —  
his right, from which the radiance welled  
of the holy Silmaril he held.*

*As gleam of swords in fire there flashed*

1980 *the fangs of Carcharoth, and crashed  
together like a trap, that tore  
the hand about the wrist, and shore  
through brittle bone and sinew nesh,  
devouring the frail mortal flesh;*

1985 *and in that cruel mouth unclean  
engulfed the jewel's holy sheen.*

Uma página isolada traz cinco linhas a mais no processo da composição:

Ao muro então Beren vai ter,  
co'a esquerda tenta proteger  
a bela Lúthien, que chora

vendo sua dor, e que agora  
ao chão se abate com angústia.<sup>[5]</sup>

Tendo abandonado, por volta do final de 1931, *A Balada de Leithian* neste ponto do conto de Beren e Lúthien, meu pai havia em grande parte chegado à forma final *em estrutura narrativa* — conforme representado no *Silmarillion* publicado. Apesar de ter feito, após completar seu trabalho em *O Senhor dos Anéis*, algumas extensas revisões em *A Balada de Leithian*, tal como esta ficara desde 1931 (ver o Apêndice, p. 321), parece certo que ele jamais estendeu a história mais além em versos, exceto por este trecho encontrado em uma folha separada, encabeçada “um fragmento do final do poema”:

Onde o riacho passa a mata  
e cada tronco de remata  
em alta copa, carregada  
casca de sombra pintalgada  
junto ao verde, claro rio,  
vem pelas folhas arrepio,  
sussurro em vento no ligeiro  
silêncio calmo; vem do outeiro  
alento como de quem dorme,  
eco de morte, frio enorme:  
“De longa sombra é a trilha  
que nenhum pé jamais palmilha,  
sobre a colina, além do mar!  
Longe é o País do Bem-Estar,  
mais longe é o dos Perdidos,  
lá estão os Mortos, esquecidos.  
Sem lua, voz, e sem ruído  
de coração; fundo gemido  
em cada era, quando a era  
acaba. O País da Espera  
dos Mortos é longe a buscar,  
sentam em sombra, sem luar.”<sup>[6]</sup>



---

[5] Against the wall then Beren reeled / but still with his left he sought to shield / fair Lúthien, who  
cried aloud / to see his pain, and down she bowed / in anguish sinking to the ground.

[6] Where the forest-stream went through the wood, / and silent all the stems there stood / of tall  
trees, moveless, hanging dark / with mottled shadows on their bark / above the green and  
gleaming river, / there came through leaves a sudden shiver, / a windy whisper through the still /  
cool silences; and down the hill, / as faint as a deep sleeper's breath, / an echo came as cold as  
death: / 'Long are the paths, of shadow made / where no foot's print is ever laid, / over the hills,  
across the seas! / Far, far away are the Lands of Ease, / but the Land of the Lost is further yet, /  
where the Dead wait, while ye forget. / No moon is there, no voice, no sound / of beating heart; a  
sigh profound / once in each age as each age dies / alone is heard. Far, far it lies, / the Land of  
Waiting where the Dead sit, / in their thought's shadow, by no moon lit.'



# O *QUENTA SILMARILLION*

Nos anos seguintes, meu pai voltou-se para uma nova versão em prosa da história dos Dias Antigos, e essa se encontra em um manuscrito que leva o título de *Quenta Silmarillion*, ao qual me referirei como “QS”. Dos textos intermediários entre ele e seu antecessor, o *Quenta Noldorinwa* (p. 105), agora não há mais rastro, apesar de que devam ter existido; mas desde o ponto em que a história de Beren e Lúthien entra na história do *Silmarillion* existem diversos rascunhos, mormente incompletos, devido à longa hesitação de meu pai entre versões mais compridas e mais curtas da lenda. Uma versão mais completa, que para esse fim pode ser chamada “QS I”, foi abandonada, por ser muito longa, no ponto em que o Rei Felagund, em Nargothrond, dá a coroa a seu irmão, Orodreth (p. 111, extrato do *Quenta Noldorinwa*).

Seguiu-se um rascunho muito rudimentar da história inteira e este foi a base de uma segunda versão “breve”, “QS II”, preservada no mesmo manuscrito de QS I. Foi principalmente dessas duas versões que derivei a história de Beren e Lúthien conforme foi contada no *Silmarillion* publicado.

A feitura de QS II ainda era uma obra em andamento em 1937, mas naquele ano surgiram considerações bem à parte da história dos Dias Antigos. Em 21 de setembro, *O Hobbit* foi publicado pela Allen & Unwin e fez sucesso imediato, mas ele trouxe consigo grande pressão para que meu pai escrevesse mais um livro sobre hobbits. Em outubro ele disse, em uma carta a Stanley Unwin, presidente da Allen & Unwin, que estava “um pouco perturbado. Não consigo pensar em mais nada para se dizer sobre *hobbits*. O Sr. Bolseiro parece ter exibido de modo tão completo tanto o lado Tûk como o Bolseiro de sua natureza. Mas tenho muito a dizer, e muito já escrito, apenas sobre o mundo no qual o hobbit se intrometeu”. Disse que queria uma opinião sobre o valor daqueles escritos sobre o tema do “mundo

no qual o hobbit se intrometeu”; e montou uma coleção de manuscritos, que mandou a Stanley Unwin em 15 de novembro de 1937. Estava incluído na coleção QS II, a qual alcançara o momento em que Beren tomou na mão a Silmaril que cortara da coroa de Morgoth.

Muito tempo depois fiquei sabendo que a lista dos manuscritos consignados por meu pai redigida na Allen & Unwin continha, além de *Mestre Gil de Ham*, *Sr. Bliss* e *A Estrada Perdida*, dois elementos referidos como *Poema Longo* e *O Material dos Gnomos*, títulos que levam uma sugestão de desesperança. Obviamente os manuscritos importunos pousaram na escrivaninha da Allen & Unwin sem explicação adequada. Conteí em detalhes a estranha história dessa consignação em um apêndice de *As Baladas de Beleriand* (1985), mas, para ser breve, é dolorosamente evidente que o *Quenta Silmarillion* (incluído no “Material dos Gnomos”, junto com quaisquer outros textos que possam ter recebido esse nome) jamais chegou ao leitor da editora — exceto por algumas poucas páginas que foram anexadas independentemente (e, nessas circunstâncias, muito enganosamente) em *A Balada de Leithian*. Ele ficou totalmente perplexo e propôs uma solução para a relação entre o Poema Longo e este fragmento (muito aprovado) da obra em prosa (isto é, do *Quenta Silmarillion*) que era (de modo bem compreensível) radicalmente incorreta. Escreveu um relatório intrigado transmitindo sua opinião, por cima do qual um membro da equipe escreveu, também de modo bem compreensível: “O que é que vamos fazer?”

O resultado de uma trama de mal-entendidos subsequentes foi que meu pai, totalmente inconsciente do fato de que o *Quenta Silmarillion* não fora realmente lido por ninguém, disse a Stanley Unwin que se alegrava, pois pelo menos não fora rejeitado “com desdém” e que já esperava com certeza “um dia ser capaz, ou de ter os meios, de publicar o Silmarillion!”.

Enquanto QS II estava com a editora, ele continuou a narrativa em um manuscrito adicional, que falava da morte de Beren na *Caçada ao Lobo Carcharoth*, pretendendo copiar o novo texto em QS II quando os textos fossem devolvidos; mas quando

foram, em 16 de dezembro de 1937, ele pôs *O Silmarillion* de lado. Ainda perguntou, em uma carta para Stanley Unwin naquela data: “E o que mais hobbits podem fazer? Eles podem ser cômicos, mas sua comédia é suburbana, a menos que seja colocada junto de coisas mais elementares.” Mas três dias depois, em 19 de dezembro de 1937, ele anunciou à Allen and Unwin: “Escrevi o primeiro capítulo de uma nova história sobre Hobbits — ‘Uma festa muito esperada’.”

Foi neste ponto, como escrevi no Apêndice de *Os Filhos de Húrin*, que a tradição contínua e em evolução de *O Silmarillion*, no modo sumarizante do *Quenta*, chegou ao fim, abatida em pleno voo, na partida de Túrin de Doriath para se tornar um proscrito. Nos anos seguintes a história posterior, a partir daquele ponto, permaneceu na forma comprimida e pouco desenvolvida do *Quenta* de 1930, por assim dizer congelada, enquanto as grandes estruturas da Segunda e Terceira Eras surgiam com a composição de *O Senhor dos Anéis*. Mas essa história posterior era de importância cardinal nas lendas antigas, pois os relatos que a concluíam (derivadas do *Livro dos Contos Perdidos* original) falavam da história desastrosa de Húrin, pai de Túrin, depois que Morgoth o libertou, e da ruína dos reinos élficos de Nargothrond, Doriath e Gondolin, que Gimli decantou nas minas de Moria muitos milhares de anos mais tarde.

*O mundo era belo, a montanha era alta  
Nos Dias Antigos antes da falta  
Em Nargothrond dos reis e também  
Em Gondolin, que agora além  
Passaram do Mar do Oeste profundo [...]*<sup>[7]</sup>

E seria esta a coroa e conclusão de tudo: o destino dos Elfos noldorin em seu longo combate contra o poder de Morgoth, e os papéis que Húrin e Túrin desempenharam nessa história, terminando no *Conto de Eärendil*, que escapou da ruína em chamas de Gondolin.

Muitos anos mais tarde meu pai escreveu em uma carta (16 de julho de 1964): “Ofereci-lhes as lendas dos Dias Antigos, mas os leitores deles recusaram-nas. Queriam uma continuação. Mas eu queria lendas heroicas e alto romance. O resultado foi *O Senhor dos Anéis*.”



Quando *A Balada de Leithian* foi abandonada, não havia relato explícito do que se seguiu ao momento em que “os dentes de Carcharoth se juntaram como uma armadilha” na mão de Beren, que agarrava a Silmaril; para isso precisamos recuar até o *Conto de Tinúviel* original (pp. 71-74), no qual havia uma história sobre a fuga desesperada de Beren e Lúthien, da caçada vinda de Angband em sua perseguição e de como Huan os encontrou e os guiou de volta para Doriath. No *Quenta Noldorinwa* (p. 155) meu pai disse a esse respeito, simplesmente, que “pouco há para contar”.

Na história final do retorno de Beren e Lúthien a Doriath, a mudança principal (e radical) a ser notada é o modo como escaparam dos portões de Angband depois de Beren ser ferido por Carcharoth. Esse evento, que *A Balada de Leithian* não alcançou, é contado nas palavras de *O Silmarillion*:

Assim a demanda da Silmaril tinha tudo para terminar em ruína e desespero; mas naquela hora, acima da muralha do vale, três aves poderosas apareceram, voando para o Norte com asas mais velozes que o vento.

Entre todas as aves e feras as andanças e os apuros de Beren eram conhecidos, e o próprio Huan pedira a



todas as coisas que vigiassem, para que pudessem lhe dar auxílio. Muito acima do reino de Morgoth, Thorondor e seus vassalos se alçaram, e vendo então a loucura do Lobo e a queda de Beren, desceram velozmente, enquanto os poderes de Angband se libertavam do embaraço do sono. Então eles ergueram Beren e Lúthien da terra e os levaram para dentro das nuvens.[...]

(Ao passarem alto sobre as terras) ela chorava, pois pensava que Beren certamente morreria; ele não dizia palavra, nem abria os olhos, e dali em diante nada soube de seu voo. E enfim as águias os depuseram nas fronteiras de Doriath e haviam chegado ao mesmo vale de onde Beren fugira em desespero, deixando Lúthien adormecida.

Lá as águias deitaram-na ao lado de Beren e retornaram para os picos das Crissaegrim e seus altos ninhos; mas Huan veio até Lúthien, e juntos cuidaram de Beren, tal como antes, quando ela o curou da ferida que Curufin lhe fizera. Mas essa nova ferida era cruel e cheia de veneno. Longamente jazeu Beren, e seu espírito vagou pelas fronteiras escuras da morte, conhecendo sempre uma angústia que o perseguia de sonho a sonho. Então, de repente, quando a esperança dela quase se esvaíra, ele despertou de novo e olhou para cima, vendo folhas contra o céu; e ouviu cantar a

seu lado sob as folhas, suave e devagar, Lúthien Tinúviel. E era primavera de novo.

Daí por diante Beren recebeu o nome de Erchamion, isto é, o Uma-Mão; e o sofrimento ficou gravado em seu rosto. Mas, por fim, ele foi trazido de volta à vida pelo amor de Lúthien e levantou-se, e juntos eles caminharam pelos bosques uma vez mais.



A história de Beren e Lúthien foi agora contada do modo como evoluiu em prosa e verso por mais de vinte anos do *Conto de Tinúviel* original. Após a hesitação inicial Beren, cujo pai era primeiro Egnor, o Couteiro, do povo élfico chamado Noldoli, traduzido como “Gnomos”, tornou-se filho de Barahir, um chefe dos homens e líder de um bando de rebeldes escondidos da odiosa tirania de Morgoth. Emergiu a história memorável (em 1925, em *A Balada de Leithian*) da traição de Gorlim e do assassinato de Barahir (p. 88 e seguintes) e enquanto Vëannë, que contou o “conto perdido”, nada sabia do que levara Beren a Artanor e supunha que fosse uma simples predileção por caminhadas (p. 38), após a morte do pai ele tornou-se um inimigo muito afamado de Morgoth, forçado a fugir rumo ao Sul, onde ele abre a história de Beren e Tinúviel ao espiar, no crepúsculo, por entre as árvores da floresta de Thingol.

Muito notável é a história, como foi relatada em *O Conto de Tinúviel*, do cativo de Beren, em viagem a Angband na demanda de uma Silmaril, por Tevildo, Príncipe dos Gatos; também o é a total transformação subsequente dessa história. Mas se dissermos que o castelo dos gatos “é” a torre de Sauron em Tol-in-Gaurhoth, “Ilha dos Lobisomens”, isso só pode ser,

como observei em outro lugar, no sentido de que ele ocupa o mesmo “espaço” na narrativa. Além disso não há por que buscar semelhanças, ainda que nebulosas, entre os dois estabelecimentos. Os monstruosos gatos comilões, suas cozinhas e seus terraços de tomar sol e seus cativantes nomes élfico-felinos *Miaugion*, *Miaulë*, *Meoita*, todos desapareceram sem deixar rastro. Mas além de seu ódio pelos cães (e a importância na história da repugnância mútua entre Huan e Tevildo) é evidente que os habitantes do castelo não são gatos comuns: é muito notável este trecho do *Conto* (p. 65) acerca do “segredo dos gatos e o feitiço que Melko lhe havia confiado [a Tevildo]”:

e essas eram palavras de magia que mantinham unidas as pedras de sua casa maligna e com as quais ele mantinha sob seu domínio todos os animais da gataria, enchendo-os com um poder do mal além de sua natureza, pois por muito tempo foi dito que Tevildo era um fada maligno em forma de animal.

Também é interessante observar nesse trecho, como em outros lugares, o modo com que aspectos e incidentes do conto original podem ressurgir, mas com aparência totalmente diferente, oriundos de um conceito narrativo totalmente alterado. No antigo *Conto* Tevildo foi obrigado por Huan a revelar o feitiço, e quando Tinúviel o pronunciou “a casa de Tevildo estremeceu e veio de dentro dela uma hoste de habitantes” (que era uma hoste de gatos). No *Quenta Noldorinwa* (p. 150), quando Huan derrotou o terrível mago-lobisomem Thû, o Necromante, em Tol-in-Gaurhoth, “obteve dele as chaves e os feitiços que mantinham unidas suas muralhas e torres encantadas. Assim o baluarte foi rompido, e as torres foram derrubadas, e os calabouços, abertos. Muitos cativos foram libertados [...]”.

Mas aqui nos aproximamos da principal mudança na história de Beren e Lúthien, quando ela foi combinada com a lenda de

Nargothrond, totalmente distinta. Por meio do juramento de amizade imorredoura e auxílio feito a Barahir, pai de Beren, Felagund, fundador de Nargothrond, foi trazido para dentro da demanda da Silmaril por Beren (p. 122, versos 157 e seguintes); e foi acrescentada a história dos Elfos de Nargothrond que, disfarçados de Orques, foram capturados por Thû e terminaram seus dias nos pavorosos calabouços de Tol-in-Gaurhoth. A demanda da Silmaril também envolveu Celegorm e Curufin, filhos de Fëanor e presenças poderosas em Nargothrond, pelo juramento destrutivo que os fëanorianos fizeram, de vingança contra qualquer um “que tiver ou tomar ou mantiver uma Silmaril contra a vontade deles”. O cativo de Lúthien em Nargothrond, do qual Huan a resgatou, envolveu-a nos desígnios e ambições de Celegorm e Curufin: p. 174, versos 247-72.

Resta o aspecto da história que é também seu fim, e de significado primário, segundo creio, na mente de seu autor. A primeira referência aos destinos de Beren e Lúthien após a morte de Beren na caçada de Carcharoth está em *O Conto de Tinúviel*, mas nessa época tanto Beren quanto Lúthien eram Elfos. Ali foi dito (p. 80):

“Tinúviel, esmagada pelo pesar, não encontrando consolo nem luz no mundo todo, o seguiu depressa ao longo daqueles caminhos escuros que todos precisam trilhar a sós. Ora, sua beleza e seu suave encanto tocaram o próprio coração frio de Mandos, de forma que permitiu que ela reconduzisse [Beren] ao mundo, o que jamais foi feito desde então a nenhum Homem ou Elfo [...]. Porém, Mandos disse aos dois: ‘Ó, Elfos, eis que não vos dispenso a uma vida de perfeita alegria, pois tal não se pode encontrar mais em todo o mundo onde se assenta Melko do coração maligno —

e sabeis que vos tornareis mortais, bem como os Homens, e quando viajardes outra vez para cá será para sempre [...]”

Nesse trecho fica claro que Beren e Lúthien tiveram uma história posterior na Terra-média (“seus feitos depois disso foram muito grandes e há muitos relatos a esse respeito”), mas ali não se diz nada além de que eles são *i-Cuilwarthon*, os Mortos que Vivem de Novo, e que “tornaram-se fadas poderosas nas terras junto ao norte de Sirion”.

Em outro dos *Contos Perdidos*, “A Chegada dos Valar”, há um relato daqueles que chegaram a Mandos (o nome de seus paços assim como o do Deus, cujo verdadeiro nome era Vê):

Para ali em dias posteriores iam os Elfos de todos os clãs que por má sina eram mortos com armas ou morriam de pesar pelos que foram mortos — e somente assim podiam os Eldar morrer, e mesmo assim era apenas por pouco tempo. Ali Mandos pronunciava sua sina, e ali esperavam na treva, sonhando de seus feitos passados, até o momento por ele determinado quando podiam renascer em seus filhos, e partir para rirem e cantarem outra vez.

Com isso podem-se comparar os versos isolados de *A Balada de Leithian* mostrados nas págs. 282-83 acerca de “longe é o dos Perdidos [...] lá estão os Mortos, esquecidos”:

Sem lua, voz e sem ruído  
de coração; fundo gemido  
em cada era, quando a era  
acaba. O País da Espera

dos Mortos é longe a buscar,  
sentam em sombra, sem luar.

O conceito de que os Elfos só morriam de ferimentos com armas, ou de pesar, manteve-se e aparece no *Silmarillion* publicado:

Pois os Elfos não morrem até que o mundo morra, a menos que sejam assassinados ou feneçam de pesar (e a essas duas mortes aparentes eles estão sujeitos); nem a idade subjulga a força deles, a menos que fiquem exaustos após dez mil séculos; e, morrendo, são recolhidos aos salões de Mandos em Valinor, do qual podem, a seu tempo, retornar. Mas os filhos dos Homens morrem de fato, e deixam o mundo; donde são chamados os Hóspedes, ou os Forasteiros. A morte é sua sina, o dom de Ilúvatar, o qual, conforme se desgasta o Tempo, até os Poderes hão de invejar.

Parece-me que as palavras de Mandos em *O Conto de Tinúviel* acima mencionadas, “*vos tornareis mortais, bem como os Homens*”, e quando viajardes outra vez para cá será para sempre”, implicam que ele estava extirpando seu destino como Elfos: tendo morrido como podiam morrer os Elfos, não nasceriam de novo e sim lhes seria permitido — singularmente — deixarem Mandos ainda em suas próprias naturezas. No entanto, pagariam um preço, pois quando morressem pela segunda vez não haveria possibilidade de retorno, nenhuma “morte aparente”, mas sim a morte que os Homens precisam sofrer por sua natureza.

Mais tarde, no *Quenta Noldorinwa*, está dito (p. 157) que “Lúthien minguou e desvaneceu depressa e desapareceu da terra [...]. E ela chegou aos paços de Mandos e cantou-lhe um conto

de amor tocante tão belo que ele se comoveu à piedade, como nunca acontecera até então”.

Ele convocou Beren, e assim, como Lúthien jurara ao beijá-lo na hora da morte, eles se encontraram além do mar ocidental. E Mandos permitiu que partissem, mas disse que Lúthien *deveria tornar-se mortal assim como seu amado* e deveria deixar a terra mais uma vez *à maneira das mulheres mortais* e sua beleza se tornaria somente uma lembrança nas canções. Assim foi, mas dizem que depois, como recompensa, Mandos concedeu a Beren e a Lúthien uma longa duração de vida e felicidade, e vagaram sem conhecer sede nem frio na bela terra de Beleriand, e depois disso nenhum Homem mortal falou com Beren ou sua esposa.

No texto esboçado da história de Beren e Lúthien preparado para o *Quenta Silmarillion* (mencionado na p. 285), surge a ideia da “escolha de destino” proposta a Beren e Lúthien diante de Mandos:

E esta foi a escolha que decretou para Beren e Lúthien. Haveriam agora de habitar em Valinor, até o fim do mundo, em felicidade, mas no fim Beren e Lúthien deveriam ir cada um ao que fora determinado para sua gente, quando todas as coisas forem mudadas: e sobre o pensamento de Ilúvatar acerca dos Homens Manwë [Senhor dos Valar] nada sabe. Ou poderiam retornar à

Terra-média sem certeza de felicidade nem de vida; então Lúthien dever-se-ia tornar mortal como Beren e sujeita a uma segunda morte e no fim deveria deixar a terra para sempre, e sua beleza se tornaria apenas uma lembrança nas canções. E escolheram esse destino, de que assim, qualquer que fosse o pesar em seu futuro, seus destinos haveriam de se unir e suas trilhas prosseguirem juntas para além dos confins do mundo. Assim foi que Lúthien, só ela entre os Eldalië, morreu e deixou o mundo muito tempo atrás, porém foi por ela que as Duas Gentes se uniram, e ela é antepassada de muitos.

Este conceito da “Escolha de Destino” foi mantido, mas em forma diferente, como se vê em *O Silmarillion*: as escolhas foram impostas apenas a Lúthien e foram mudadas. Lúthien ainda pode deixar Mandos e habitar em Valinor até o fim do mundo, por causa de sua labuta e seu pesar e porque é filha de Melian; mas Beren não pode chegar até lá. Assim, se ela aceitar o primeiro destino, eles têm de se separar agora e para sempre: pois ele não pode escapar ao seu próprio destino, não pode escapar à Morte, que é a Dádiva de Ilúvatar e não pode ser recusada.

Restava a segunda escolha e foi esta que ela fez. Só assim Lúthien poderia se unir a Beren “além do mundo”: ela própria teria de mudar o destino de seu ser, teria de se tornar mortal e morrer de fato.

Como eu disse, a história de Beren e Lúthien não terminou com o julgamento de Mandos, e algum relato dela, de suas consequências, e da história da Silmaril que Beren cortou da coroa de ferro de Morgoth, precisa ser dado. Há dificuldades para que isso seja feito da forma que escolhi para este livro,



especialmente porque o papel desempenhado por Beren em sua segunda vida está conectado com aspectos da história da Primeira Era que lançariam uma rede demasiado ampla para a finalidade deste livro.

Observei (p. 105) a respeito do *Quenta Noldorinwa* de 1930, que se seguiu ao *Esboço da Mitologia* e era muito mais longo que ele, que continuava sendo “uma compressão, um relato compendioso”; o título da obra afirma que é “a breve história dos Noldoli ou Gnomos, retirada do *Livro dos Contos Perdidos*”. Sobre esses textos “resumidores” eu escrevi em *A Guerra das Joias* (1994): “Nestas versões meu pai tomava por base (enquanto, é claro, também desenvolvia e estendia) longas obras que já existiam em prosa ou verso e, no *Quenta Silmarillion*, ele aperfeiçoou esse tom característico, melodioso, grave, elegíaco, carregado com a sensação de perda e distância temporal, que reside parcialmente, conforme creio, no fato literário de que ele trazia para uma breve história compendiosa o que também podia ver de forma muito mais detalhada, imediata e dramática. Com a finalização da grande ‘intrusão’ e partida de *O Senhor dos Anéis*, parece que ele voltou aos Dias Antigos com o desejo de retomar a escala muito mais ampla que iniciara muito antes, em *O Livro dos Contos Perdidos*. Terminar o *Quenta Silmarillion* continuou sendo uma meta; mas os ‘grandes contos’, vastamente evoluídos desde suas formas originais — de onde deveriam derivar seus capítulos posteriores — jamais foram concluídos.”

Aqui tratamos de uma história que remonta ao último dos *Contos Perdidos* que foi escrito, onde tinha o nome *O Conto do Nauglafring*: era esse o nome original do *Nauglamír*, o Colar dos Anãos. Mas aqui chegamos ao ponto mais remoto do trabalho de meu pai sobre os Dias Antigos na época que se seguiu ao término de *O Senhor dos Anéis*: não há nova narrativa. Para citar novamente minha discussão em *A Guerra das Joias*, “é como se chegássemos à beira de um grande penhasco e baixássemos a vista, de um planalto erguido em alguma era posterior, para uma antiga planície muito mais abaixo. Para a história do Nauglamír e da destruição de Doriath [...] precisamos recuar mais de um quarto de século até o *Quenta Noldorinwa* ou mais além.” É ao

*Quenta Noldorinwa* (ver p. 105) que me voltarei agora, dando o texto relevante de forma pouco abreviada.

O conto começa com a história posterior do grande tesouro de Nargothrond que foi tomado pelo maléfico dragão Glómund. Após a morte de Glómund, morto por Túrin Turambar, Húrin, pai de Túrin, veio com alguns poucos proscritos da floresta a Nargothrond, que até então ninguém, fosse Orque, Elfo ou Homem, tinha ousado saquear, por pavor do espírito de Glómund e mesmo de sua lembrança. Mas lá encontraram um certo Mîm, o Anão.



---

<sup>[7]</sup> *The world was fair; the mountains tall, / in Elder Days before the fall / of mighty kings in Nargothrond / And Gondolin, who now beyond / the Western Seas have passed away . . .*



# O RETORNO DE BEREN E LÚTHIEN DE ACORDO COM O *QUENTA* *NOLDORINWA*

Ora, Mîm encontrara desprotegidos os paços e o tesouro de Nargothrond; e tomou posse deles, e sentou-se ali, contente, manuseando o ouro e as gemas, e deixando-os sempre correr por entre as mãos; e ligou-os a si com muitos feitiços. Mas a gente de Mîm era pouco numerosa, e os proscritos, repletos de desejo pelo tesouro, os mataram, apesar de Húrin ter preferido detê-los; e ao morrer Mîm amaldiçoou o ouro.

[Húrin foi ter com Thingol e buscou seu auxílio, e a gente de Thingol levou o tesouro às Mil Cavernas; depois Húrin partiu.]

Então o encantamento do maldito ouro do dragão começou a se abater sobre o próprio rei de Doriath, e por longo tempo ele esteve sentado contemplando-o, e a semente do amor pelo ouro que estava em seu coração foi despertada e cresceu. Portanto, convocou os maiores dentre todos os artífices que havia então no mundo ocidental, visto que Nargothrond não mais existia (e Gondolin não era conhecida), os Anãos de

Nogrod e Belegost, para que moldassem o ouro e a prata e as gemas (pois muita coisa ainda estava por elaborar) em incontáveis recipientes e belos objetos; e haveriam de fazer um maravilhoso colar de grande beleza, no qual seria suspensa a Silmaril.<sup>[8]</sup>

Mas os Anãos, ao chegarem, foram imediatamente acometidos pela cobiça e pelo desejo do tesouro, e conspiraram traição. Disseram um ao outro: “Acaso esta fortuna não é direito dos Anãos tanto quanto do rei élfico e não foi ela arrebatada maldosamente de Mîm?” Porém cobiçavam também a Silmaril. E Thingol, caindo mais fundo na servidão do feitiço, restringiu de sua parte a recompensa prometida pelo trabalho; e ergueram-se entre eles palavras amargas e houve batalha nos paços de Thingol. Ali foram mortos muitos Elfos e Anãos, e a colina tumular onde foram postos em Doriath foi chamada Cûm-nan--Arasaith, o Morro da Avareza. Mas o restante dos Anãos foi expulso sem recompensa nem paga.

Portanto, reunindo novas forças em Nogrod e em Belegost, eles acabaram voltando e, auxiliados pela traição de certos Elfos nos quais recaíra a cobiça do tesouro maldito, entraram secretamente em Doriath.

Ali surpreenderam Thingol numa caçada, apenas com pequena companhia armada; e Thingol foi morto,

e a fortaleza das Mil Cavernas foi tomada de surpresa e saqueada; e assim foi levada muito próxima da ruína a glória de Doriath, e somente um baluarte dos Elfos [Gondolin] contra Morgoth restava ainda, e se avizinhava o crepúsculo deles.

Os Anãos não conseguiram prender nem ferir a rainha Melian, e ela partiu em busca de Beren e Lúthien. Ora, a estrada anânica para Nogrod e Belegost nas Montanhas Azuis passava por Beleriand Oriental e pelas matas em redor do Rio Gelion, onde foram outrora os campos de caça de Damrod e Díriel, filhos de Fëanor. Ao sul dessas terras, entre o rio Gelion e as montanhas, ficava a terra de Ossiriand, e ali viviam e vagavam, ainda em paz e contentamento, Beren e Lúthien, naquele tempo de prorrogação que Lúthien ganhara antes que ambos morressem, e sua gente era os Elfos Verdes do Sul. Mas Beren não ia mais à guerra, e sua terra estava repleta de graça e abundância de flores, e os Homens costumavam chamá-la Cuilwarthien, a Terra dos Mortos que Vivem.

Ao norte dessa região está um vau que atravessa o rio Ascar, e esse vau chama-se Sarn Athrad, o Vau das Pedras. Esse vau os Anãos precisavam atravessar antes de alcançarem as passagens das montanhas que conduziam aos seus lares; e ali Beren combateu seu

último combate, alertado por Melian da chegada deles. Nessa batalha os Elfos Verdes atacaram os Anãos de surpresa quando estes estavam no meio da travessia, carregados de butim; e os chefes anânicos foram mortos, assim como quase toda a sua hoste. Mas Beren tomou o Nauglamír, o Colar dos Anãos, do qual pendia a Silmaril; e dizem e cantam que Lúthien, envergando no peito branco esse colar e essa joia imortal, era a visão de maior beleza e glória que jamais foi vista fora dos reinos de Valinor, e que por um momento a Terra dos Mortos que Vivem se tornou como uma visão da terra dos Deuses, e desde então nenhum lugar foi tão belo, tão frutífero ou tão repleto de luz.

Porém Melian os alertava sempre da maldição que residia no tesouro e na Silmaril. O tesouro, de fato, haviam afundado no rio Ascar e deram a este o novo nome de Rathlorion, Leito D'Ouro, porém guardaram a Silmaril. E logo partiu a breve hora de graça da terra de Rathlorion. Pois Lúthien minguou como Mandos dissera, bem como minguaram os Elfos de dias posteriores e desapareceu do mundo;<sup>[9]</sup> e Beren morreu, e ninguém sabe onde será o seu reencontro.

Depois disso Dior, herdeiro de Thingol, filho de Beren e Lúthien, foi rei na floresta: o mais belo de todos os filhos do mundo, pois sua raça era tríplice:

dos mais belos e excelentes entre os Homens, e dos Elfos, e dos espíritos divinos de Valinor; porém isso não o blindou do destino da jura dos filhos de Fëanor. Pois Dior retornou a Doriath e por algum tempo parte da sua antiga glória ergueu-se de novo, apesar de Melian não mais habitar ali, e ela partiu para a terra dos Deuses além do mar ocidental, para refletir sobre seus pesares nos jardins de onde provinha.

Mas Dior usava a Silmaril no peito, e a fama dessa joia ia a todas as partes; e a jura imortal foi mais uma vez desperta do sono.

Pois, enquanto Lúthien usava essa gema sem par, nenhum Elfo ousava acometê-la, e nem mesmo Maidros ousava ponderar tal pensamento. Mas agora, ouvindo acerca da renovação de Doriath e da altivez de Dior, os sete voltaram a se reunir de suas andanças e mandaram dizer a Dior que reivindicavam o que era deles. Mas ele não quis lhes ceder a joia, e eles o atacaram com toda a sua hoste; e assim ocorreu a segunda matança de Elfos por Elfos, e a mais dolorosa. Tombaram ali Celegorm e Curufin e o moreno Cranthir, mas Dior foi morto, e Doriath foi destruída e jamais se reergueu.

No entanto, os filhos de Fëanor não conquistaram a Silmaril, pois servos fiéis fugiram deles e levaram consigo Elwing, filha de Dior, e ela escapou, e

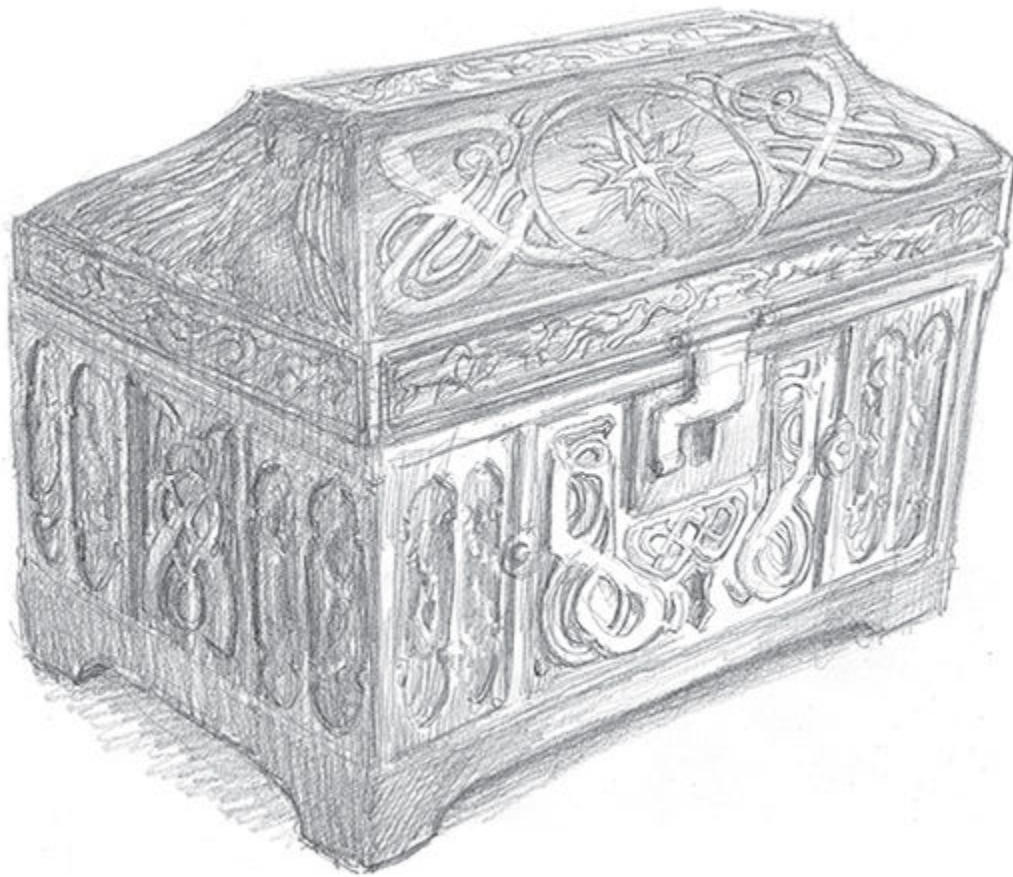


carregaram consigo o Nauglafring e chegaram por fim à foz do rio Sirion junto ao mar.

[Em um texto um pouco posterior ao *Quenta Noldorinwa*, a forma mais primitiva de *Os Anais de Beleriand*, a história foi alterada, com Dior retornando a Doriath enquanto Beren e Lúthien ainda viviam em Ossiriand; e o que lhe aconteceu ali contarei nas palavras de *O Silmarillion*:

Chegou uma noite de outono e, quando já se fazia tarde, alguém chegou e bateu aos portões de Menegroth, pedindo para ser admitido à presença do Rei. Era um senhor dos Elfos Verdes, vindo com pressa de Ossiriand, e os guardiões do portão o trouxeram até onde Dior se sentava sozinho em sua câmara; e ali, em silêncio, deu ele ao Rei um cofre e partiu. Mas naquele cofre jazia o Colar dos Anãos, no qual estava a Silmaril; e Dior, olhando para ela, soube que era um sinal de que Beren Erchamion e Lúthien Tinúviel tinham morrido de fato e partido para onde vai a raça dos Homens, para um fado além do mundo.

Longamente Dior contemplou a Silmaril, que seu pai e sua mãe haviam trazido, além da esperança, do terror de Morgoth; e grande foi sua tristeza pela morte ter chegado a eles tão cedo.]



---

[8] Uma versão posterior da história acerca do Nauglamír contou que ele fora feito muito tempo antes, por artífices dos Anãos, para Felagund, e que foi o único tesouro que Húrin trouxe de Nargothrond e deu a Thingol. A tarefa que Thingol deu aos Anãos em seguida foi *refazer* o Nauglamír e engastar nele a Silmaril que estava em seu poder. Esta é a forma da história no *Silmarillion* publicado. [N. E.]

[9] A maneira da morte de Lúthien está marcada para correção; mais tarde meu pai escreveu junto a ela: “Porém tem sido cantado que apenas Lúthien, dentre os Elfos, foi contada entre os de nossa raça e vai aonde vamos nós, a um destino além do mundo.” [N. E.]



## EXTRATO DO *CONTO PERDIDO* DO NAUGLAFRING

Aqui tomarei distância da cronologia da composição e me voltarei para o *Conto Perdido* do Nauglafring. A razão para isso é que o trecho dado aqui é um notável exemplo do modo expansivo, observante de detalhes visuais e muitas vezes dramáticos, adotado por meu pai nos dias iniciais de *O Silmarillion*; mas o *Conto Perdido* como um todo estende-se em ramificações desnecessárias neste livro. Um sumário muito breve da batalha junto ao Sarn Athrad, o Vau Pedregoso, aparece, portanto, no texto do *Quenta* (p. 299), enquanto que aqui se segue o relato muito mais completo do *Conto Perdido*, com o duelo entre Beren e Naugladur, senhor dos Anãos de Nogrod nas Montanhas Azuis.

O trecho começa com a aproximação dos Anãos, liderados por Naugladur, ao Sarn Athrad, ao retornarem do saque das Mil Cavernas.

Então toda aquela hoste chegou [ao rio Ascar], e sua disposição era esta: primeiro um certo número de Anãos sem carga, armados do modo mais completo, e no meio a grande companhia dos que traziam o erário de Glómund, além de muitos belos objetos que haviam obtido nos paços de Tinwelint; e atrás destes estava Naugladur e ele montava o cavalo de Tinwelint e semelhava um estranho vulto, pois as pernas dos Anãos são curtas e curvas, mas dois Anãos conduziam esse cavalo, pois ele não avançava de bom grado e

estava carregado de pilhagem. Mas atrás desses vinha uma massa de homens armados com pouquíssima carga; e nessa disposição buscaram atravessar o Sarn Athrad em seu dia de sina.

Era manhã quando chegaram à margem mais próxima, e o meio-dia os encontrou ainda atravessando em filas extensas, vadeando devagar pelos trechos rasos do rio de correnteza veloz. Ali ele se alargava e descia por canais estreitos cheios de rochas, entre longos bancos de seixos e pedras menores. Então Naugladur apeou de seu cavalo carregado e se aprestou para atravessar, pois a hoste armada da vanguarda já escalara a margem oposta, e esta era grande e íngreme e apinhada de árvores, e alguns dos portadores do ouro já pisavam nela e alguns estavam em meio à correnteza, mas os homens armados da retaguarda repousavam um pouco.

De súbito todo aquele lugar se encheu do som de trompas élficas, e uma [? berrou] com clangor mais nítido acima das demais, e era a trompa de Beren, o caçador das matas. O ar então ficou denso com as esbeltas setas dos Eldar que não erram, nem o vento as sopra para o lado, e eis que de cada árvore e rochedo saltam de súbito os Elfos pardos e os verdes, e disparam sem cessar das aljavas cheias. Então houve pânico e barulho na hoste de Naugladur, e os que

vadeavam no vau lançaram as cargas douradas às águas e buscaram, temerosos, alcançar alguma das margens, mas muitos foram atingidos por aqueles dardos implacáveis e caíram, junto com seu ouro, nas correntezas do Aros, manchando as águas límpidas com seu sangue escuro.

Então os guerreiros da margem oposta foram [? enleados] em batalha e, reagrupando-se, tentaram acometer os inimigos, mas estes fugiam ágeis diante deles, enquanto que [? outros] ainda derramavam neles o granizo de flechas, e assim os Eldar pouco se feriam, e a gente dos Anãos caía morta sem cessar. Foi então o grande combate do Vau Pedregoso [...] junto a Naugladur, pois apesar de Naugladur e seus capitães conduzirem seus bandos intrepidamente, jamais conseguiam dominar o inimigo, e a morte caiu como chuva sobre suas fileiras, até a maior parte se desgarrar e fugir, e com isso um ruído de límpido riso ecoou desde os Elfos, e se abstiveram de disparar mais, pois os vultos disformes dos Anãos ao fugirem, de barbas brancas arrebatadas pelo vento, os enchiam de alegria. Mas então Naugladur estava de pé, e poucos ao seu redor, e ele recordou as palavras de Gwendelin,<sup>[10]</sup> pois eis que Beren chegou até ele, e lançou fora o arco e sacou uma espada reluzente; e Beren tinha grande

estatura entre os Eldar, mesmo que sem a amplidão e largura de Naugladur dos Anãos.

Então disse Beren: “Guarda tua vida se puderes, ó assassino de pernas tortas, do contrário a tomarei”, e Naugladur ofereceu-lhe até o Nauglafring, o colar assombroso, para que lhe permitisse sair ileso, mas Beren disse: “Não, esse ainda posso tomar quando estiveres abatido”, e com isso avançou sozinho contra Naugladur e seus companheiros e, quando matou o mais avançado deles, os demais fugiram em meio ao riso dos Elfos, e assim Beren chegou junto a Naugladur, matador de Tinwelint. Então o velho se defendeu com denodo e foi uma luta amarga, e muitos dos Elfos que assistiam dedilhavam as cordas dos arcos, por amor e temor pelo capitão, mas Beren mesmo enquanto combatia exclamou que mantivessem as mãos quietas.

Ora, pouco diz o conto das feridas e dos golpes desse combate, exceto que Beren recebeu ali muitos ferimentos, e muitos dos seus golpes mais hábeis pouco dano causaram a Naugladur em virtude da [? arte] e magia de sua malha anânica; e dizem que por três horas combateram e os braços de Beren ficaram exaustos, mas não os de Naugladur, acostumado a brandir seu enorme martelo na forja, e é mais que provável que o resultado teria sido diverso não fosse

pela maldição de Mîm; pois, notando o quanto Beren enfraquecia, Naugladur o acometeu cada vez de mais perto, e a arrogância que era parte daquele feitiço atroz lhe penetrou o coração, e pensou: “Hei de matar este Elfo, e sua gente fugirá amedrontada diante de mim”, e agarrando a espada desferiu um poderoso golpe, exclamando: “Toma aqui tua ruína, ó rapazinho das matas!”, e nesse momento seu pé deu de encontro a uma pedra pontiaguda e ele tropeçou para diante, mas Beren desviou do golpe e, enganchando-se na barba, sua mão encontrou a corrente de ouro, e com ela repentinamente derrubou Naugladur de rosto para baixo; a espada de Naugladur foi arrancada de seu punho, mas Beren a agarrou e o matou com ela, pois disse: “Não empanarei minha lâmina brilhante com teu sangue escuro, pois não é preciso.” Mas o corpo de Naugladur foi lançado no Aros.

Então desprende o colar e o fitou assombrado — e contemplou a Silmaril, a mesma joia que conquistara em Angband, ganhando glória imorredoura com esse feito, e disse: “Nunca meus olhos te contemplaram, ó Lâmpada de Feéria, ardendo com metade da beleza de agora, engastada em ouro e gemas e a magia dos Anãos”; e mandou lavar o colar das suas manchas e não o lançou fora, nada sabendo do seu poder, mas o trouxe consigo de volta para as matas de Hithlum.



A este trecho de *O Conto do Nauglafring* correspondem apenas as poucas palavras do *Quenta* mencionadas no excerto citado na p. 299:

Nessa batalha [Sarn Athrad] os Elfos Verdes atacaram os Anãos de surpresa quando estes estavam no meio da travessia, carregados de butim; e os chefes anânicos foram mortos, assim como quase toda a sua hoste. Mas Beren tomou o Nauglamír, o Colar dos Anãos, do qual pendia a Silmaril [...]

Isso ilustra minha observação (p. 296) de que meu pai “trazia para uma breve história compendiosa o que também podia ver de forma muito mais detalhada, imediata e dramática”.

Concluirei esta breve excursão ao *Conto Perdido* do Colar dos Anãos com mais uma citação, origem da história como é contada no *Quenta* (pp. 299-300) sobre as mortes de Beren e Lúthien e o assassinato de seu filho Dior. Inicio este excerto com as palavras trocadas por Beren e Gwendelin (Melian) quando Lúthien usou o Nauglafring pela primeira vez. Beren declarou que jamais ela parecera mais linda, mas Gwendelin disse: “No entanto, a Silmaril residiu na Coroa de Melko, e essa é obra de ferreiros deveras malignos.”

Então, disse Tinúviel que não desejava objetos de valor nem pedras preciosas, mas sim o contentamento élfico da floresta e, para agradar a Gwendelin, ela o tirou do pescoço; mas Beren se desagradou disso e não permitiu que fosse lançado fora, mas o conservou em seu [? tesouro].

Depois Gwendelin morou na mata com eles por algum tempo e se curou [do pesar avassalador por Tinwelint]; e por fim retornou melancólica à terra de Lórien e nunca mais foi mencionada nos contos dos moradores da Terra; mas sobre Beren e Lúthien abateu-se depressa a sina da mortalidade que Mandos proferira quando os despachou de seus paços — e nisso talvez a maldição de Mîm tivesse [? potência], em fazê-la alcançá-los mais rapidamente; nem dessa vez os dois percorreram juntos a estrada, mas quando seu filho, Dior, o Belo, ainda era pequeno, Tinúviel minguou lentamente, bem como os Elfos de dias posteriores por todo o mundo, e desapareceu na floresta, e ninguém mais a viu dançando ali. Mas Beren a buscou, percorrendo todas as terras de Hithlum e de Artanor; e jamais um dos Elfos teve maior solidão que a dele, antes que ele também se apagasse da vida, e seu filho Dior foi deixado como soberano dos Elfos pardos e dos verdes e Senhor do Nauglafring.

Quem sabe seja verdade o que dizem todos os Elfos, que aqueles dois agora caçam na floresta de Oromë em Valinor, e Tinúviel dança nos verdes relvados de Nessa e Vána, filhas dos Deuses, para sempre; porém foi grande o pesar dos Elfos quando Guilwarthon desapareceu dentre eles e, visto que estavam sem líder

e diminuídos na magia, seu número minguou; e muitos partiram para Gondolin, o rumor de cujo poder e glória crescentes corria em sussurros secretos entre todos os Elfos.

Dior, atingindo a idade adulta, reinava ainda sobre um povo numeroso e amava a floresta como Beren a amara; e a maior parte das canções o chamam Ausir, o Opulento, por possuir a maravilhosa gema engastada no Colar dos Anãos. Ora, os relatos de Beren e Tinúviel empanaram-se em seu coração e ele passou a usá-la ao pescoço e a apreciar intensamente sua graça, e a fama dessa joia espalhou-se como fogo por todas as regiões do Norte, e os Elfos diziam entre si: “Uma Silmaril arde nos bosques de Hisilómë.”

*O Conto do Nauglafring* falava com maiores detalhes do ataque a Dior e sua morte nas mãos dos filhos de Fëanor, e este último dentre os *Contos Perdidos* que recebeu forma consecutiva termina com a fuga de Elwing:

Ela vagou na floresta, e alguns poucos dos Elfos pardos e dos verdes se uniram a ela e partiram para sempre das clareiras de Hithlum e rumaram para o sul, para as águas fundas do Sirion, e para as terras amenas.

E assim todos os destinos das fadas foram então entretecidos em um filamento, e esse filamento é o

grande conto de Eärendel; e ao verdadeiro começo desse conto chegamos agora.

\*

Seguem-se no *Quenta Noldorinwa* trechos que tratam da história de Gondolin e sua queda, e da história de Tuor, que se casou com Idril Celebrindal, filha de Turgon, rei de Gondolin; seu filho foi Eärendel, que escapou com eles da destruição da cidade e chegou às Fozes do Sirion. O *Quenta* continua, prosseguindo da fuga de Elwing, filha de Dior, de Doriath para as fozes do Sirion:

Junto ao Sirion cresceu um povo élfico, rebusca de Doriath e Gondolin, e se fez ao mar e construiu belos navios e habitou perto de suas margens e sob a sombra da mão de Ulmo [...]

Nesses dias Tuor sentiu a velhice insinuar-se nele e não pôde resistir ao anseio pelo mar que o possuía; portanto construiu o grande navio Eärámë, Ala de Águia, e com Idril zarpou para o ocaso e o Oeste e não fez mais parte de nenhum conto. Mas o luzente Eärendel tornou-se senhor do povo do Sirion e desposou a bela Elwing, filha de Dior, e ainda assim não conseguia repousar. Em seu coração havia dois pensamentos fundidos em um só: o anseio pelo amplo mar; e pensava navegar nele seguindo Tuor e Idril Celebrindal, que não retornavam, e pensava talvez

encontrar a praia derradeira e levar, antes que morresse, uma mensagem aos Deuses e Elfos do Oeste que lhes comovesse os corações em compaixão com o mundo e os pesares da Humanidade.

Construiu Wingelot, mais belo dos navios das canções, a Flor-de-Espuma; eram brancos seus lenhos como a lua argêntea, eram dourados seus remos, eram de prata seus panos, seus mastros eram coroados de joias como estrelas. Em *A Balada de Eärendel* muita coisa se canta de suas aventuras nas profundezas e em terras inexploradas, e em muitos mares e muitas ilhas [...] Mas Elwing permanecia no lar, pesarosa.

Eärendel não encontrou Tuor, nem jamais chegou, nessa jornada, às praias de Valinor; e, por fim, foi impelido pelos ventos de volta para o Leste e, certa noite, chegou aos portos do Sirion, inesperado, sem boas-vindas, pois eles estavam desolados [...]

A moradia de Elwing na foz do Sirion, onde ela ainda possuía o Nauglamír e a gloriosa Silmaril, tornou-se conhecida dos filhos de Fëanor; e reuniram-se de suas vagueantes trilhas de caça.

Mas o povo do Sirion não entregou a joia que Beren conquistara e Lúthien usara e pela qual o belo Dior fora morto. E assim ocorreu a última e mais cruel matança de Elfos por Elfos, o terceiro pesar produzido

pela jura amaldiçoada; pois os filhos de Fëanor se abateram sobre os exilados de Gondolin e o resquício de Doriath e, apesar de parte da sua gente se abster e alguns poucos se rebelarem e serem mortos no outro flanco auxiliando Elwing contra seus próprios senhores, ainda assim foram vitoriosos. Damrod foi morto e Díriel, e agora apenas Maidros e Maglor restavam dentre os Sete; mas o restante do povo de Gondolin foi destruído ou obrigado a partir e se juntar à gente de Maidros. E mesmo assim os filhos de Fëanor não obtiveram a Silmaril; pois Elwing lançou o Nauglamír ao mar, de onde não há de voltar antes do Fim; e ela própria saltou nas ondas e tomou a forma de uma branca ave marinha e partiu em voo, lamentando e buscando Eärendel por todas as costas do mundo.

Mas Maidros apiedou-se de seu filho Elrond e levou-o consigo e abrigou-o e sustentou-o, pois seu coração estava enfermo e cansado com a carga do medonho juramento.

Sabendo desses fatos, Eärendel foi dominado pelo pesar; e, mais uma vez, zarpou em busca de Elwing e de Valinor. E conta-se na Balada de Eärendel que ele chegou por fim às Ilhas Mágicas e por pouco escapou ao seu encantamento e reencontrou a Ilha Solitária e os Mares Sombrios e a Baía de Feéria nas margens do

mundo. Ali aportou na praia imortal, o único dos Homens viventes, e seus pés subiram pela maravilhosa colina de Kôr; e andou nos caminhos desertos de Tûn, onde o pó em suas vestes e seus sapatos era pó de diamantes e gemas. Mas não se aventurou a entrar em Valinor.

Construiu uma torre nos Mares do Norte à qual todas as aves marinhas do mundo podiam às vezes se dirigir e lamentava sempre pela bela Elwing, esperando que voltasse para ele. E Wingelot foi erguido em suas asas e agora navegava mesmo nos ares em busca de Elwing; maravilhoso e mágico era esse navio, uma flor iluminada pelas estrelas no firmamento. Mas o Sol o chamuscou e a Lua o caçou no céu, e por longo tempo Eärendel vagou sobre a Terra, reluzindo como estrela fugitiva.

Aqui termina o conto de Eärendel e Elwing no *Quenta Noldorinwa* como foi originalmente composto; porém mais tarde uma reescrita deste último trecho alterou profundamente a ideia de que a Silmaril de Beren e Lúthien foi perdida para sempre no mar. O texto recomposto diz:

Ainda assim Maidros não obteve a Silmaril, pois Elwing, vendo que tudo estava perdido e que seus filhos Elros e Elrond foram feitos prisioneiros, esquivou-se da hoste de Maidros e com o Nauglamír sobre o peito lançou-se no mar e pereceu, como

pensava a gente. Mas Ulmo a ergueu e em seu peito brilhava como estrela a luzidia Silmaril, enquanto ela voava sobre o mar movendo-se em estranho curso, uma chama pálida em asas de tempestade.

E canta-se que ela caiu do ar sobre os lenhos de Wingelot, desmaiada, quase à morte devido à urgência de sua celeridade, e Eärendel tomou-a no colo. E pela manhã, com olhos de assombro, ele contemplou a esposa em sua própria forma a seu lado, com os cabelos sobre a face dele e ela dormia.

Daqui em diante, o relato contado no *Quenta Noldorinwa*, em grande parte reescrito, alcançou essencialmente o de *O Silmarillion*, e terminarei a história deste livro com uma citação dessa obra.



---

[10] Em um trecho anterior do conto, quando Naugladur preparava-se para deixar Menegroth, ele declarou que Gwendelin, rainha de Artanor (Melian), deveria acompanhá-lo a Nogrod, ao que ela retrucou: “Ladrão e assassino, filho de Melko, ainda és tolo, pois não consegues ver o que pende sobre tua própria cabeça.” [N. E.]





## A ESTRELA DA MANHÃ E DO ENTARDECER

Grande foi o pesar de Eärendil e Elwing pela ruína dos portos do Sirion e pelo cativoiro de seus filhos, e temiam que eles fossem mortos; mas não foi assim. Pois Maglor teve piedade de Elros e Elrond e os acalentou, e o amor cresceu entre eles, por mais que isso pareça impensável; mas o coração de Maglor estava enfermo e cansado com o fardo do terrível juramento.

Contudo, Eärendil não via mais esperança alguma nas regiões da Terra-média, e voltou-se de novo em desespero e não retornou para casa, mas pôs-se outra vez a buscar Valinor, com Elwing a seu lado. Postava-se amiúde então à proa de Vingilot, e a Silmaril estava atada à sua fronte; e sempre a sua luz se tornava maior enquanto eles rumavam para o Oeste. [...]

Então Eärendil, primeiro entre os Homens vivos, desembarcou nas costas imortais; e ali falou a Elwing e àqueles que estavam com ele, e esses eram três marinheiros que tinham navegado todos os mares a seu lado: Falathar, Erellont e Aerandir eram seus nomes. E Eärendil lhes disse: “Aqui ninguém além de

mim há de por seus pés, para que a ira dos Valar não caia sobre vós. Mas esse perigo tomarei apenas sobre mim, sozinho, em favor das Duas Gentes.”

Mas Elwing respondeu: “Então seriam nossos caminhos separados para sempre; mas todos os teus perigos tomarei sobre mim também.” E ela saltou na espuma branca e correu na direção dele; mas Eärendil estava pesaroso, pois temia que a raiva dos Senhores do Oeste caísse sobre qualquer um vindo da Terra-média que ousasse passar pela divisa de Aman. E lá disseram adeus aos companheiros de sua viagem e foram apartados deles para sempre.

Então Eärendil disse a Elwing: “Espera-me aqui, pois um só pode trazer a mensagem que é meu fado portar.” E ele subiu sozinho pela terra e chegou ao Calacirya, e o lugar pareceu-lhe vazio e silencioso; pois tal como Morgoth e Ungoliant chegaram em eras passadas, assim então Eärendil chegara num tempo de festival e quase todas as gentes élficas tinham ido para Valimar, ou haviam se reunido nos salões de Manwë no alto de Taniquetil, e poucos tinham ficado para guardar os muros de Tirion.

Mas alguns havia que o viram ao longe, e a grande luz que trazia; e foram com pressa a Valimar. Mas Eärendil escalou o monte verdejante de Túna e o encontrou desolado; e entrou nas ruas de Tirion, e elas

estavam vazias; e seu coração pesava, pois ele temia que algum mal havia chegado até mesmo ao Reino Abençoado. Andou pelos caminhos desertos de Tirion, e a poeira em sua vestimenta e seus sapatos era uma poeira de diamantes, e ele brilhava e faiscava enquanto subia as longas escadas brancas. E chamava em voz alta em muitas línguas, tanto de Elfos quanto de Homens, mas não havia ninguém para responder. Portanto, virou-se enfim na direção do mar; mas, no momento em que tomou a estrada para a costa, alguém de pé no alto do monte chamou por ele numa grande voz, gritando:

“Salve, Eärendil, dos marinheiros o mais renomado, o esperado que de súbito vem, o ansiado que vem além da esperança! Salve, Eärendil, portador da luz antes do Sol e da Lua! Esplendor dos Filhos da Terra, estrela na escuridão, joia no ocaso, radiante na manhã!”

Essa voz era a voz de Eönwë, arauto de Manwë, e ele vinha de Valimar, e convocou Eärendil a ficar diante dos Poderes de Arda. E Eärendil entrou em Valinor e nos salões de Valimar e nunca mais pôs o pé sobre as terras dos Homens. Então os Valar reuniram-se em conselho e convocaram Ulmo das profundezas do mar; e Eärendil esteve diante de suas faces e entregou a mensagem das Duas Gentes. Perdão pediu

pelos Noldor, e piedade por suas grandes tristezas, e misericórdia para Homens e Elfos, e socorro para sua necessidade. E sua prece foi atendida.

Conta-se entre os Elfos que, depois que Eärendil havia partido buscando Elwing, sua esposa, Mandos falou acerca de seu destino; e disse: “Haverá homem Mortal que pise vivente nas terras imortais e ainda assim viva?” Mas Ulmo disse: “Para isso ele nasceu e veio ao mundo. Dize-me pois: é ele Eärendil, filho de Tuor, da linhagem de Hador, ou o filho de Idril, filha de Turgon, da Casa-élfica de Finwë?” E Mandos respondeu: “Igualmente os Noldor, que por sua vontade foram para o exílio, não podem retornar para cá.”

Mas, quando tudo foi dito, Manwë deu sua sentença e disse: “Nessa matéria o poder de julgamento me é dado. O perigo que ele enfrentou por amor às Duas Gentes não há de cair sobre Eärendil, nem há de cair sobre Elwing, sua esposa, que nesse perigo entrou por amor a ele; mas eles não hão de caminhar nunca mais entre Elfos ou Homens nas Terras de Fora. E este é meu decreto acerca deles: a Eärendil e a Elwing e a seus filhos há de ser dada permissão a cada um para que escolham livremente a qual gente seus destinos serão unidos e sob qual gente hão de ser julgados.”

[Ora, quando Eärendil tinha partido havia muito, Elwing sentiu-se solitária e temerosa; mas enquanto perambulava pela beira do mar ele a encontrou.] Mas em pouco tempo foram convocados a Valimar; e lá o decreto do Mais Antigo dos Reis lhes foi declarado.

Então Eärendil disse a Elwing: “Escolhe tu, pois ora estou cansado do mundo.” E Elwing escolheu ser julgada entre os Filhos Primogênitos de Ilúvatar, por causa de Lúthien e por ela Eärendil escolheu o mesmo, embora seu coração estivesse mais com a gente dos Homens e com o povo de seu pai.

Então, por ordem dos Valar, Eönwë foi às costas de Aman, onde os companheiros de Eärendil ainda permaneciam, aguardando notícias; e ele tomou um barco e os três marinheiros foram colocados nele e os Valar os lançaram para o Leste com um grande vento. Mas eles tomaram Vingilot e o abençoaram e o carregaram através de Valinor até a borda última do mundo; e ali o navio passou pelo Portão da Noite e foi erguido até os oceanos do céu.

Então bela e maravilhosa se fez aquela nau, e estava cheia de uma chama ondeante, pura e brilhante; e Eärendil, o Marinheiro, sentava-se ao leme, faiscando com a poeira de gemas élficas, e a Silmaril ia atada sobre sua fronte. Em distantes jornadas partiu com aquele navio, até mesmo pelos vazios sem estrelas;

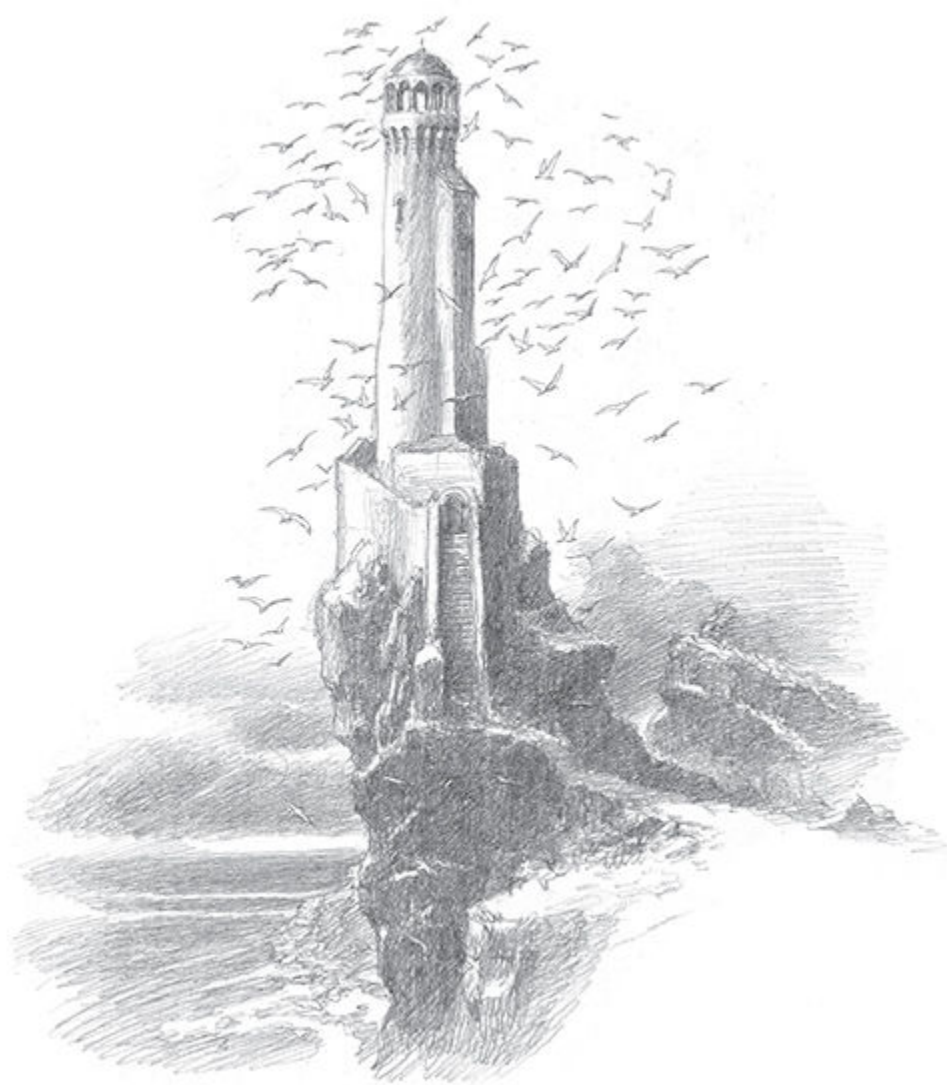
mas amiúde era ele visto pela manhã ou ao anoitecer, iluminando a aurora ou o ocaso, conforme voltava a Valinor de viagens além dos confins do mundo.

Naquelas jornadas Elwing não ia, pois não podia aguentar o frio e os vazios sem caminhos e amava outrossim a terra e os ventos doces que sopram sobre mar e monte. Portanto, foi erigida para ela uma torre branca ao norte, nas fronteiras dos Mares Que Separam; e para ali por vezes todas as aves marinhas da Terra se dirigiam. E dizem que Elwing aprendeu as línguas das aves, ela que certa vez também usara a forma delas; e elas lhe ensinaram a arte do voo, e as asas dela eram brancas e cinza--prateadas. E por vezes, quando Eärendil, retornando, aproximava-se de novo de Arda, ela voava para encontrá-lo, tal como ela voara muito antes, quando foi resgatada do mar. Então os de vista aguçada entre os Elfos que habitavam a Ilha Solitária a viam como uma ave alva, brilhando, manchada de rosa no ocaso, conforme se alçava em júbilo para saudar a chegada de Vingilot ao porto.

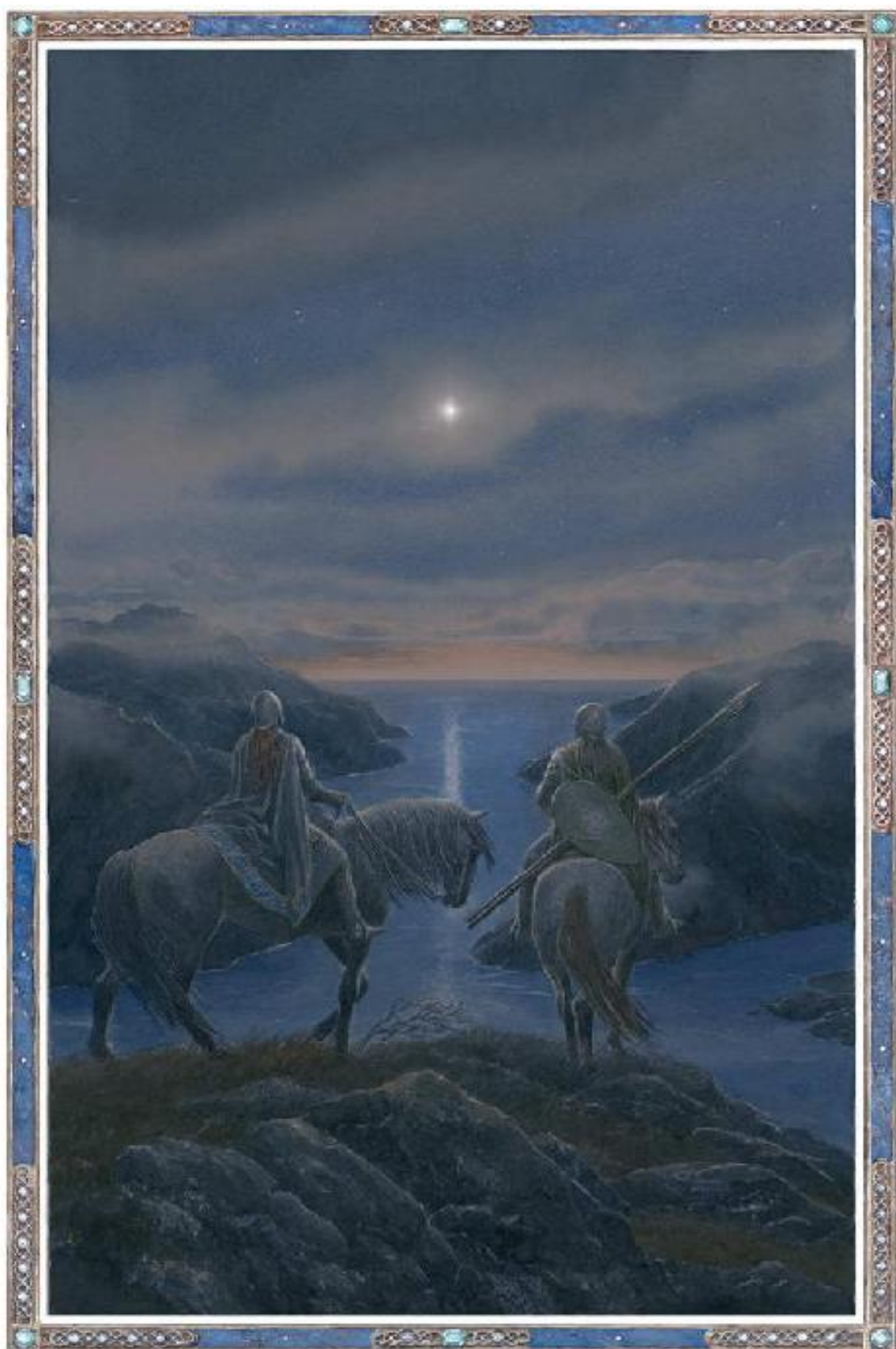
Ora, quando pela primeira vez Vingilot foi colocado a navegar os mares do céu, ele ergueu-se imprevisto, faiscando e brilhante; e o povo da Terra-média o contemplou de longe e admirou-se, e o tomaram por um sinal, e o chamaram de Gil--Estel, a Estrela da Alta Esperança. E quando essa nova estrela foi vista

ao anoitecer, Maedhros falou a Maglor, seu irmão, e disse: “Certamente é uma Silmaril que ora brilha no Oeste?”

E sobre a partida final de Beren e Lúthien? Nas palavras do *Quenta Silmarillion*: Ninguém viu Beren e Lúthien deixarem o mundo nem observou onde seus corpos foram fazer por fim.







# APÊNDICE

## REVISÕES DE *A BALADA DE LEITHIAN*

Entre as primeiras, talvez as primeiríssimas tarefas literárias que atraíram meu pai após completar *O Senhor dos Anéis* estava um retorno à *Balada de Leithian*: não (nem é necessário dizer) para continuar a narrativa desde o ponto alcançado em 1931 (o ataque de Carcharoth contra Beren nos portões de Angband), e sim do começo do poema. A história textual da composição é muito complexa, e aqui nada mais precisa ser dito a esse respeito, exceto a observação de que, enquanto meu pai inicialmente parece ter embarcado em uma reescrita radical da *Balada* como um todo, o impulso logo arrefeceu, ou foi ultrapassado e se reduziu a trechos breves e esparsos. Dou aqui, no entanto, como exemplo substancial dos novos versos

após um intervalo de um quarto de século, o trecho da *Balada* que trata da traição de Gorlim, o Infeliz, que levou à matança de Barahir, pai de Beren, e de todos os seus companheiros, exceto apenas pelo próprio Beren. Este é de longe o mais comprido dos novos trechos e — convenientemente — pode ser comparado com o texto original que foi dado nas pp. 88-102. Ver-se-á que Sauron (Thû), aqui expulso da “Ilha Gaurhoth”, tomou o lugar de Morgoth; e que em qualidade de versos este é um poema novo.

Começo o novo texto com um trecho breve intitulado *Do Lago Aeluin, o Bem-Fadado*, que não tem equivalente na versão original: estes versos estão numerados 1-26.

São tantos feitos de valores  
que os próprios seus perseguidores  
fogem sabendo que lá vêm.  
Sobre as cabeças prêmios têm  
5 como de um rei caro resgate;  
não há a Morgoth quem relate  
notícias sobre seu covil;  
lá no planalto pardo, frio,  
sobre os atos pinheirais  
10 de alto Dorthonion, glaciais  
ventos que vêm da serra fria,  
está um lago, azul de dia,  
à noite espelho de cristal  
pros astros de Elbereth que tal

15 trajeto fazem no Oeste.

É bem-fadado, inconteste:  
de Morgoth a caterva toda  
evita-o; murmurante roda  
de bétulas de cinza-prata

20 envolve a margem, que arremata  
um vago brejo e secos ossos  
da antiga Terra sobem, grossos,  
atravessando a urze assim;  
é o ermo lago Aeluin —

25 o senhor e gente fiel  
moram em covas sob o céu.

## *De Gorlim, o infeliz*

Infeliz Gorlim, de Angrim filho,  
com eles lá seguia o trilho,  
desesperado. Desposou  
30 enquanto a vida o abençoou  
a Eilinel, alva donzela:  
antes do mal, feliz com ela.  
Um dia volta da contenda:  
queimados campos e fazenda,  
35 a casa nua, sem telhado,  
em meio ao bosque desfolhado;  
e Eilinel, alva Eilinel,  
levada longe foi, ao léu,  
à morte ou servidão vazia.  
40 É negra a sombra desse dia  
no coração; a duvidar  
sempre está, a caminhar  
no ermo, ou na noite fria  
insone crê que ela haveria  
45 ante ameaça ter fugido  
à mata: não ter perecido,  
e viva tornará ao horto  
para o buscar, crerá que é morto.  
Às vezes deixa o escaninho,  
50 enfrenta a provação sozinho,  
e chega à noite à velha casa  
que é rota, fria, sem luz nem brasa,  
desgosto se renova então

vigiando, esperando em vão.

- 55 Em vão — pior — pois espiões  
Morgoth os tem em legiões  
que enxergam na profunda treva;  
notícia dele alguém leva,  
relata. Chega enfim um dia  
60 e Gorlim para lá se avia,  
vai pela trilha de capim  
no outono, chuva triste assim,  
vento que uiva. Eis janela  
que à noite um clarão revela;  
65 pasmado, a casa ele alcança  
entre temor e esperança,  
olha lá dentro. Eilinel!  
Sua mudança foi cruel.  
Por dor e fome atormentada,  
70 em trapos vai, trança enleada,  
olhos em lágrimas; assim  
lamenta-se: “Gorlim, Gorlim!  
Não podes ter-me abandonado.  
Ai! certo foste trucidado!”  
75 Devo viver aqui tão só,  
largada como o seco pó!”

- Ele exclama — e num momento  
a luz se vai, noturno vento —  
ululam lobos; sente no ombro  
80 a infernal mão do assombro.  
Servos de Morgoth o apanham  
e atam, depois arrebanham  
pra Sauron, capitão improbo,

senhor de espectro e homem-lobo,  
85 o mais imundo que adora  
Morgoth no trono. Ele mora  
na Ilha Gaurhoth, mas já anda  
com hoste, pois Morgoth comanda  
que encontre Beren revoltoso.  
90 Ao seu bivaque pavoroso  
a turba a vítima arrasta.  
Gorlim lá jaz, pena nefasta:  
atados nuca, pé e mão,  
sofre tortura atroz então;  
95 prometem acabar co'a dor  
se ele se torna traidor.  
De Barahir nada revela,  
a lealdade os lábios sela  
e nada fala em confissão;  
100 vem da tortura interrupção,  
alguém se chega ao pelourinho,  
se curva, então põe-se baixinho  
de Eilinel a lhe falar.  
“Queres a vida abandonar,  
105 se uma palavra soltos faz  
a ela, a ti, e ireis em paz,  
longe da guerra, aonde quiseses,  
do Rei amigos? Que mais queres?”  
E Gorlim, exausto de dor,  
110 que quer rever o seu amor  
(que cria estar em grão tormento,  
de Sauron presa) o pensamento  
acolhe, o afinco tem tropeço.  
Meio querendo, meio avesso  
115 o levam ao assento até



de Sauron. Fica ali em pé  
diante da atra face fera.  
Diz Sauron: “Ó mortal, espera!  
Que ouço? Audácia tens tamanha  
120 pra me envolver numa barganha?  
Qual é teu preço?” Então Gorlim,  
cabeça baixa, agror ruim,  
faz lentamente seu clamor  
ao implacável grão senhor  
125 para partir, ver sob o céu  
de novo a branca Eilinel,  
com ela estar, cessar a guerra  
contra o Rei, em qualquer terra.

Ri Sauron, diz: “Servo, de fato!  
130 Esse teu rogo é barato  
pra tal deboche e traição!  
Concedo-o já! Espero então:  
Fala depressa a verdade!”  
Gorlim, hesita, e metade  
135 recua; adversar não ousa  
o olho de Sauron e a cousa  
que começou deve acabar  
do passo em falso até fechar:  
ante as perguntas não ser mudo,  
140 trair senhor, irmão e tudo,  
cair por fim de rosto ao chão.

Sauron gargalha. “És poltrão,  
verme servil! De pé, desgraça,  
escuta! Bebe agora a taça  
145 que para ti eu fiz mesclar!

És tolo: foi visão no ar  
que fiz eu, Sauron, para ti,  
cego de amor. Foi nada ali.  
O espectro meu com quem casou?

150 Há tempos Eilinel finou,  
dos vermes pasto, ao pó foi logo.  
Porém concedo o teu rogo:  
tu já vais ter com Eilinel,  
ao leito dela, ao seu dossel,  
155 sem sofrer guerra. Eis tua paga!

Arrastam Gorlim dessa plaga  
à cruel morte, para pô-lo  
por fim lançado em frio solo  
onde Eilinel faz muito jaz  
160 ceifada por algoz mordaz.  
Já Gorlim vai-se em morte atroz  
e se maldiz c'o fim da voz,  
e Barahir é apanhado  
por Morgoth em um laço armado;  
165 desfeita foi por esse ardil  
a sorte do ermo covil,  
Lago Aeluin: a horda pilha  
o abrigo e a secreta trilha.

## *De Beren, filho de Barahir, e sua fuga*

A nuvem negra vem do Norte;  
170 vento de outono frio e forte  
silva na urze; é triste assim  
funérea água de Aeluin.  
“Beren,” diz Barahir, “meu filho,  
ouviste a voz que o empecilho  
175 de Gaurhoth vem nos combater,  
quase não temos de comer.  
A ti indica o sorteio:  
ires sozinho, ahares meio  
que nos ajudem os que inda  
180 nos alimentam; boa-vinda  
dês às notícias. Por bondade,  
retorna logo; da irmandade  
poucos podemos nós poupar;  
e Gorlim morto há de estar  
185 ou se perdeu. Adeus, menino!”  
Beren se vai, mas como um sino  
na mente soa fala infeliz,  
a última que o pai lhe diz.

Por lodo e brejo, rio, ladeira  
190 vaga: da gente vê fogueira  
que Sauron segue; ouve grito  
de Orque em caça, lobo aflito,  
volta temendo seu açoite,  
passa na mata toda a noite.

195 Pensa, do sono sob o jugo,  
entrar em toca de texugo,  
mas ouve (ou tem essa impressão):  
passa por perto legião,  
tinir de malha, escudo aos trancos,

200 subindo morros e barrancos.

Na treva afunda, mergulhado,  
até que, tal qual afogado  
que sobe arfando, vê maneira  
de alar no limo junto à beira

205 de lago em desbotada mata.

Os ramos seus o vento cata,  
as folhas negras se agitam:  
são aves negras que crocitam,  
dos bicos deitam sangue a rodo.

210 Arrasta-se a sair do lodo  
e verde trama; longe então  
enxerga tênue avejão  
a deslizar no triste lago.

De perto faz discurso aziago:

215 “Gorlim eu fui, sou só visão,  
vontade rota, sem razão,  
traidor traído. Anda a fugir!  
Desperta, que és de Barahir,  
corre! Pois Morgoth já aperta

220 teu pai pela garganta; é certa  
reunião, trilha e covil.”

Revela a armadilha vil  
em que caiu e se consome,  
pede perdão chorando, some

225 na treva. Beren já desperta  
e salta então com ira certa,

toma espada e arco, aflito,  
sai em carreira qual cabrito  
pela charneca e rocha fria  
230 antes que venha a luz do dia.  
Chega no ocaso em Aeluin  
ao sol poente, chama ruim;  
o lago rubro está, sangrento,  
a pedra e o lodo agourento.  
235 Lá pelas bétulas se espalha  
em fila corvo junto à gralha;  
negro o bico e a carniça  
sangrando a seus pés mortíça.  
Um grasna: “Ah, chegaste tarde!”  
240 “Ah, ah!”, respondem, “muito tarde!”  
Sepulta ali do pai os ossos,  
na pressa, sob rochedos grossos;  
não grava runa no remate  
pra Barahir; três vezes bate  
245 no topo, e três vezes clama  
seu nome. “Tua morte”, exclama,  
“hei de vingar nem que a ventura  
me leve a Angband, porta obscura.”  
Sem lágrimas se volta então,  
250 ferido fundo o coração.  
Sai para a noite, frio rochedo,  
desamparado, só, sem medo.

Arte sutil do caçador  
não usa, encontra o contendor:  
255 o inimigo, em seu orgulho,  
ao Norte marcha com barulho  
de trompas ao senhor da guerra;

é o pé que espezinha a terra.  
No seu encalço com preparo  
260 vai Beren feito cão no faro,  
e junto a poço bem sombrio  
de onde Rivil sai, o rio,  
a Serech, os atoladores,  
lá ele encontra os matadores.  
265 Oculto ali numa colina,  
sabe que não os extermina  
só com seu arco, flecha, espada,  
e vai por trilha rastejada  
feito serpente na charneca.  
270 Muitos lá jazem em soneca;  
na relva cada capitão  
bebe a passar de mão em mão  
o que saqueou, ato infiel.  
Um deles mostra um anel  
275 e ri, exclama: “Aqui, meninos,  
o meu está entre os mais finos  
que conquistamos pelo medo.  
Fui eu que o arranquei do dedo  
de Barahir, a quem matei,  
280 esse velhaco. Ao que sei  
ganhou dum élfico senhor,  
pois fez serviço em seu favor.  
Pouco serviu — ‘tá morto e duro.  
Anel de Elfo traz apuro,  
285 mas guardo pelo ouro a praga  
pra compensar a minha paga.  
O velho Sauron quer o aro,  
mas tem igual ou bem mais caro  
guardado lá no seu tesouro:

290 quanto maior, mais pede ouro!

Vamos, rapazes, garantir:  
vazia a mão de Barahir!”

Seta fatal remata o feito;  
abate-o, golpe direito,

295 a flecha fura-lhe a garganta,  
por terra cai, não se levanta.

Qual cão lobeiro então salta  
sobre eles Beren. Dois assalta  
com a espada; o anel lá pega;

300 mata mais um; sai da refrega  
com salto à sombra e se retira  
ante o clamor de medo e ira  
por traição e emboscada.

Partem qual lobos em manada,

305 uivam, praguejam, rangem dentes,  
vão pela mata inclementes,  
atiram setas, maços, molhos  
em sombra ou folha ante seus olhos.

Beren nasceu em hora azada:

310 da trompa ri, seta atirada;  
é o mais veloz correndo a pé,  
no morro e no charco até,  
sábio qual Elfo, a mata passa  
trajando sua gris couraça

315 feita em Nogrod que é remota  
pelos Anãos em sua grotá.

Foi Beren sempre destemido:  
por resistente foi havido  
e fala a gente do seu nome

320 prevendo que depois renome  
mais do que áureo Hador faz,

ou Barahir e Bregolas;  
mas sofre agora o pesar  
e desespero de lutar  
325 por vida, graça, elogio,  
usando cada dia frio  
pra dar a Morgoth, passo a passo,  
vingança com ferrão de aço  
até a morte e fim da dor:  
330 só das correntes tem pavor.  
Procura risco, segue a morte,  
assim escapa à própria sorte  
fazendo feitos de bravura  
dos quais a fama já traz cura  
335 e nova fé a muita gente.  
Sussurram “Beren”, vão em frente,  
afiam lâminas e logo  
em seus encontros junto ao fogo  
cantam de Dagmor, sua espada,  
340 do arco, da sua emboscada  
no acampamento, morte ao chefe,  
como cercado usa blefe  
e escapa, que na noite fria,  
lua e névoa, ou de dia  
345 à luz do sol vem renovado.  
Cantam do matador matado —  
é o Açougueiro Gorgol um —  
em Ladros luta, fogo em Drûn,  
de trinta mortos num combate,  
350 lobo que qual filhote late,  
do próprio Sauron mão ferida.  
Cantam de um que assim revida  
a Morgoth e à sua laia;



com ele só carvalho e faia,  
355 sempre fiéis, bestas pequenas  
de pelo, couro, asas, penas,  
que sós habitam lá no ermo,  
no monte, no deserto enfermo,  
amigos do humano aflito.

360 Não tem bom fim quem é proscrito;  
e Morgoth é um rei mais forte  
do que em canção alguém reporte:  
no mundo em toda nação  
alcança a sombra de sua mão;

365 compensa seu revés depois:  
pra cada morto envia dois.  
Ceifa esperança e rebelião,  
apaga o fogo e a canção,  
destrói a mata, queima o lar

370 hoste de Orques longe a marchar.

Quase se fecha o anel de aço  
em Beren; seguem cada passo  
os espiões; assim sitiado  
e sem auxílio tem ao lado

375 a morte; está espavorido,  
sabe que o fim é decidido  
se lá do lar de Barahir,  
terra querida, não fugir.

Sob pilha de rochedos grossos

380 desfazem-se os nobres ossos  
abandonados de sua gente,  
de Aeluin no juncal plangente.

Noite de inverno: deixa o Norte

e parte, desafia a morte  
385 no cerco atroz; com passo leve  
avança — sombra sobre a neve,  
sopro de vento, foi-se então;  
os restos de Dorthonion,  
Aeluin, água a faiscar,  
390 nunca mais há de contemplar.  
Do arco a corda já não canta,  
seta talhada não levanta,  
e já não deita o crânio seu  
sobre a charneca sob o céu.  
395 Astros do Norte, o fogo prata  
que Urze Ardente se relata  
deixa pra trás, o que alumia  
terra ignorada; faz sua via.

Volta-se ao Sul e faz jornada  
400 que é solitária e dilatada;  
tem sempre à frente a se opor  
Gorgorath, montes do terror.  
Jamais pisou humana gente  
a cordilheira inclemente,  
405 nem escalou a sua borda  
onde a visão se desacorda;  
a face sul a pino, então,  
é pico, rocha e paredão  
e sombra ali na pedra nua  
410 antes que houvesse sol e lua.  
Na grota engano há nas raízes  
e amargas águas infelizes,  
em cova e vale atra magia;  
mas muito longe todavia

415 a águia possa da altura  
do píncaro que o céu fura  
em brilho cinza embaixo vê-la  
qual lustre d'água sob estrela,  
Beleriand, Beleriand,  
420 terra dos Elfos bela e grande.

*Such deeds of daring there they wrought  
that soon the hunters that them sought  
at rumour of their coming fled.  
Though price was set upon each head  
5 to match the weregild of a king,  
no soldier could to Morgoth bring  
news even of their hidden lair;  
for where the highland brown and bare  
above the darkling pines arose  
10 of steep Dorthonion to the snows  
and barren mountain-winds, there lay  
a tarn of water, blue by day,  
by night a mirror of dark glass  
for stars of Elbereth that pass  
15 above the world into the West.  
Once hallowed, still that place was blest:  
no shadow of Morgoth, and no evil thing  
yet thither came; a whispering ring  
of slender birches silver-grey  
20 stooped on its margin, round it lay  
a lonely moor, and the bare bones  
of ancient Earth like standing stones  
thrust through the heather and the whin;  
and there by houseless Aeluin  
25 the hunted lord and faithful men*

*under the grey stones made their den.*

## *Of Gorlim unhappy*

*Gorlim Unhappy, Angrim's son,  
as the tale tells, of these was one,  
most fierce and hopeless. He to wife,  
30 while fair was the fortune of his life,  
took the white maiden Eilinel:  
dear love they had ere evil fell.  
To war he rode; from war returned  
to find his fields and homestead burned,  
35 his house forsaken roofless stood,  
empty amid the leafless wood;  
and Eilinel, white Eilinel,  
was taken whither none could tell,  
to death or thraldom far away.  
40 Black was the shadow of that day  
for ever on his heart, and doubt  
still gnawed him as he went about,  
in wilderness wandring, or at night  
oft sleepless, thinking that she might  
45 ere evil came have timely fled  
into the woods: she was not dead,  
she lived, she would return again  
to seek him, and would deem him slain.  
Therefore at whiles he left the lair,  
50 and secretly, alone, would peril dare,  
and come to his old house at night,  
broken and cold, without fire or light,  
and naught but grief renewed would gain,*

*watching and waiting there in vain.*

- 55 *In vain, or worse — for many spies  
had Morgoth, many lurking eyes  
well used to pierce the deepest dark;  
and Gorlim's coming they would mark  
and would report. There came a day*  
60 *when once more Gorlim crept that way,  
down the deserted weedy lane  
at dusk of autumn sad with rain  
and cold wind whining. Lo! a light  
at window fluttering in the night*  
65 *amazed he saw; and drawing near,  
between faint hope and sudden fear,  
he looked within. 'Twas Eilinel!  
Though changed she was, he knew her well.  
With grief and hunger she was worn,*  
70 *her tresses tangled, raiment torn;  
her gentle eyes with tears were dim,  
as soft she wept: 'Gorlim, Gorlim!  
Thou canst not have forsaken me.  
Then slain, alas! thou slain must be!*  
75 *And I must linger cold, alone,  
and loveless as a barren stone!'*

- One cry he gave — and then the light  
blew out, and in the wind of night  
wolves howled; and on his shoulder fell*  
80 *suddenly the griping hands of hell.  
There Morgoth's servants fast him caught  
and he was cruelly bound, and brought  
to Sauron captain of the host,*

*the lord of werewolf and of ghost,*  
85 *most foul and fell of all who knelt*  
*at Morgoth's throne. In might he dwelt*  
*on Gaurhoth Isle; but now had ridden*  
*with strength abroad, by Morgoth bidden*  
*to find the rebel Barahir.*  
90 *He sat in dark encampment near,*  
*and thither his butchers dragged their prey.*  
*There now in anguish Gorlim lay:*  
*with bond on neck, on hand and foot,*  
*to bitter torment he was put,*  
95 *to break his will and him constrain*  
*to buy with treason end of pain.*  
*But naught to them would he reveal*  
*of Barahir, nor break the seal*  
*of faith that on his tongue was laid;*  
100 *until at last a pause was made,*  
*and one came softly to his stake,*  
*a darkling form that stooped, and spake*  
*to him of Eilinel his wife.*

*'Wouldst thou,' he said, 'forsake thy life,*  
105 *who with few words might win release*  
*for her, and thee, and go in peace,*  
*and dwell together far from war,*  
*friends of the King? What wouldst thou more?'*  
*And Gorlim, now long worn with pain,*  
110 *yearning to see his wife again*  
*(whom well he weened was also caught*  
*in Sauron's net), allowed the thought*  
*to grow, and faltered in his troth.*  
*Then straight, half willing and half loath,*

115 *they brought him to the seat of stone  
where Sauron sat. He stood alone  
before that dark and dreadful face,  
and Sauron said: 'Come, mortal base!  
What do I hear? That thou wouldst dare*  
120 *to barter with me? Well, speak fair!  
What is thy price?' And Gorlim low  
bowed down his head, and with great woe,  
word on slow word, at last implored  
that merciless and faithless lord*  
125 *that he might free depart, and might  
again find Eilinel the white,  
and dwell with her, and cease from war  
against the King. He craved no more.*

*Then Sauron smiled, and said: 'Thou thrall!*  
130 *The price thou askest is but small  
for treachery and shame so great!  
I grant it surely! Well, I wait:  
Come! Speak now swiftly and speak true!'*  
*Then Gorlim wavered, and he drew*  
135 *half back; but Sauron's daunting eye  
there held him, and he dared not lie:  
as he began, so must he wend  
from first false step to faithless end:  
he all must answer as he could,*  
140 *betray his lord and brotherhood,  
and cease, and fall upon his face.*

*Then Sauron laughed aloud. 'Thou base,  
thou cringing worm! Stand up,  
and hear me! And now drink the cup*



145 *that I have sweetly blent for thee!*  
    *Thou fool: a phantom thou didst see*  
    *that I, I Sauron, made to snare*  
    *thy lovesick wits. Naught else was there.*  
    *Cold 'tis with Sauron's wraiths to wed!*  
150 *Thy Eilinel! She is long since dead,*  
    *dead, food of worms less low than thou.*  
    *And yet thy boon I grant thee now:*  
    *to Eilinel thou soon shalt go,*  
    *and lie in her bed, no more to know*  
155 *of war — or manhood. Have thy pay!'*

*And Gorlim then they dragged away,*  
    *and cruelly slew him; and at last*  
    *in the dank mould his body cast,*  
    *where Eilinel long since had lain*  
160 *in the burned woods by butchers slain.*  
    *Thus Gorlim died an evil death,*  
    *and cursed himself with dying breath,*  
    *and Barahir at last was caught*  
    *in Morgoth's snare; for set at naught*  
165 *by treason was the ancient grace*  
    *that guarded long that lonely place,*  
    *Tarn Aeluin: now all laid bare*  
    *were secret paths and hidden lair.*

## *Of Beren son of Barahir & his escape*

*Dark from the North now blew the cloud;  
170 the winds of autumn cold and loud  
hissed in the heather; sad and grey  
Aeluin's mournful water lay.  
'Son Beren', then said Barahir,  
'Thou knowst the rumour that we hear  
175 of strength from the Gaurhoth that is sent  
against us; and our food nigh spent.  
On thee the lot falls by our law  
to go forth now alone to draw  
what help thou canst from the hidden few  
180 that feed us still, and what is new  
to learn. Good fortune go with thee!  
In speed return, for grudgingly  
we spare thee from our brotherhood  
so small: and Gorlim in the wood  
185 is long astray or dead. Farewell!'  
As Beren went, still like a knell  
resounded in his heart that word,  
the last of his father that he heard.*

*Through moor and fen, by tree and briar  
190 he wandered far: he saw the fire  
of Sauron's camp, he heard the howl  
of hunting Orc and wolf a-prowl,  
and turning back, for long the way,  
benighted in the forest lay.*

195 *In weariness he then must sleep,  
fain in a badger-hole to creep,  
and yet he heard (or dreamed it so)  
nearby a marching legion go  
with clink of mail and clash of shields*  
200 *up towards the stony mountain-fields.  
He slipped then into darkness down,  
until, as man that waters drown  
strives upwards gasping, it seemed to him  
he rose through slime beside the brim*  
205 *of sullen pool beneath dead trees.  
Their livid boughs in a cold breeze  
trembled, and all their black leaves stirred:  
each leaf a black and croaking bird,  
whose neb a gout of blood let fall.*  
210 *He shuddered, struggling thence to crawl  
through winding weeds, when far away  
he saw a shadow faint and grey  
gliding across the dreary lake.  
Slowly it came, and softly spake:*  
215 *'Gorlim I was, but now a wraith  
of will defeated, broken faith,  
traitor betrayed. Go! Stay not here!  
Awaken, son of Barahir,  
and haste! For Morgoth's fingers close*  
220 *upon thy father's throat; he knows  
your trysts, your paths, your secret lair.'*  
*Then he revealed the devil's snare  
in which he fell, and failed; and last  
begging forgiveness, wept, and passed*  
225 *out into darkness. Beren woke,  
leapt up as one by sudden stroke*

*with fire of anger filled. His bow  
and sword he seized, and like the roe  
hotfoot o'er rock and heath he sped  
230 before the dawn. Ere day was dead  
to Aeluin at last he came,  
as the red sun westward sank in flame;  
but Aeluin was red with blood,  
red were the stones and trampled mud.*

*235 Black in the birches sat a-row  
the raven and the carrion crow;  
wet were their nebs, and dark the meat  
that dripped beneath their griping feet.  
One croaked: 'Ha, ha, he comes too late!'  
240 'Ha, ha!' they answered, 'ha! too late!'  
There Beren laid his father's bones  
in haste beneath a cairn of stones;  
no graven rune nor word he wrote  
o'er Barahir, but thrice he smote  
245 the topmost stone, and thrice aloud  
he cried his name. 'Thy death', he vowed,  
'I will avenge. Yea, though my fate  
should lead at last to Angband's gate.'  
And then he turned, and did not weep:  
250 too dark his heart, the wound too deep.  
Out into night, as cold as stone,  
loveless, friendless, he strode alone.*

*Of hunter's lore he had no need  
the trail to find. With little heed  
255 his ruthless foe, secure and proud,  
marched north away with blowing loud  
of brazen horns their lord to greet,*

*trampling the earth with grinding feet.  
Behind them bold but wary went  
260 now Beren, swift as hound on scent,  
until beside a darkling well,  
where Rivil rises from the fell  
down into Serech's reeds to flow,  
he found the slayers, found his foe.  
265 From hiding on the hillside near  
he marked them all: though less than fear  
too many for his sword and bow  
to slay alone. Then, crawling low  
as snake in heath, he nearer crept.  
270 There many weary with marching slept,  
but captains, sprawling on the grass,  
drank and from hand to hand let pass  
their booty, grudging each small thing  
raped from dead bodies. One a ring  
275 held up, and laughed: 'Now, mates,' he cried,  
'here's mine! And I'll not be denied,  
though few be like it in the land.  
For I 'twas wrenched it from the hand  
of that same Barahir I slew,  
280 the robber-knave. If tales be true,  
he had it of some elvish lord,  
for the rogue-service of his sword.  
No help it gave him — he's dead.  
They're parlous, elvish rings, 'tis said;  
285 still for the gold I'll keep it, yea  
and so eke out my niggard pay.  
Old Sauron bade me bring it back,  
and yet, methinks, he has no lack  
of weightier treasures in his hoard:*

290 *the greater the greedier the lord!*

*So mark ye, mates, ye all shall swear  
the hand of Barahir was bare!'*

*And as he spoke an arrow sped  
from tree behind, and forward dead*

295 *choking he fell with barb in throat;  
with leering face the earth he smote.*

*Forth then as wolfhound grim there leapt  
Beren among them. Two he swept  
aside with sword; caught up the ring;*

300 *slew one who grasped him; with a spring  
back into shadow passed, and fled  
before their yells of wrath and dread  
of ambush in the valley rang.*

*Then after him like wolves they sprang,  
305 howling and cursing, gnashing teeth,  
hewing and bursting through the heath,  
shooting wild arrows, sheaf on sheaf,  
at trembling shade or shaken leaf.*

*In fateful hour was Beren born:  
310 he laughed at dart and wailing horn;  
fleetest of foot of living men,  
tireless on fell and light on fen,  
elf-wise in wood, he passed away,  
defended by his hauberk grey,  
315 of dwarvish craft in Nogrod made,  
where hammers rang in cavern's shade.*

*As fearless Beren was renowned:  
when men most hardy upon ground  
were reckoned folk would speak his name,  
320 foretelling that his after-name*

would even golden Hador pass  
or Barahir and Bregolas;  
but sorrow now his heart had wrought  
to fierce despair, no more he fought  
325 in hope of life or joy or praise,  
but seeking so to use his days  
only that Morgoth deep should feel  
the sting of his avenging steel,  
ere death he found and end of pain:  
330 his only fear was thralldom's chain.  
Danger he sought and death pursued,  
and thus escaped the doom he wooed,  
and deeds of breathless daring wrought  
alone, of which the rumour brought  
335 new hope to many a broken man.  
They whispered 'Beren', and began  
in secret swords to whet, and soft  
by shrouded hearths at evening oft  
songs they would sing of Beren's bow,  
340 of Dagmor his sword: how he would go  
silent to camps and slay the chief,  
or trapped in his hiding past belief  
would slip away, and under night  
by mist or moon, or by the light  
345 of open day would come again.  
Of hunters hunted, slayers slain  
they sang, of Gorgol the Butcher hewn,  
of ambush in Ladros, fire in Drûn,  
of thirty in one battle dead,  
350 of wolves that yelped like curs and fled,  
yea, Sauron himself with wound in hand.  
Thus one alone filled all that land

*with fear and death for Morgoth's folk;  
his comrades were the beech and oak  
355 who failed him not, and wary things  
with fur and fell and feathered wings  
that silent wander, or dwell alone  
in hill and wild and waste of stone  
watched o'er his ways, his faithful friends.*

*360 Yet seldom well an outlaw ends;  
and Morgoth was a king more strong  
than all the world has since in song  
recorded: dark athwart the land  
reached out the shadow of his hand,  
365 at each recoil returned again;  
two more were sent for one foe slain.  
New hope was cowed, all rebels killed;  
quenched were the fires, the songs were stilled,  
tree felled, hearth burned, and through the waste  
370 marched the black host of Orcs in haste.  
Almost they closed their ring of steel  
round Beren; hard upon his heel  
now trod their spies; within their hedge  
of all aid shorn, upon the edge  
375 of death at bay he stood aghast  
and knew that he must die at last,  
or flee the land of Barahir,  
his land beloved. Beside the mere  
beneath a heap of nameless stones  
380 must crumble those once mighty bones,  
forsaken by both son and kin,  
bewailed by reeds of Aeluin.*

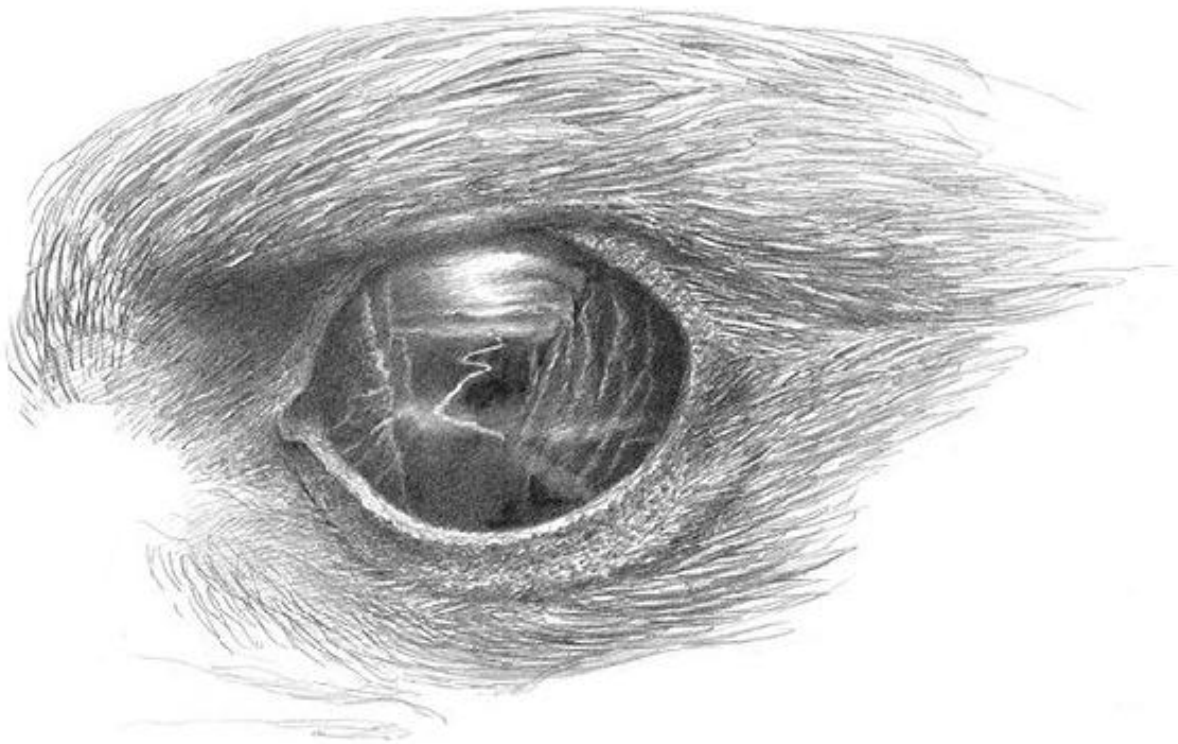


*In winter's night the houseless North  
he left behind, and stealing forth  
385 the leaguer of his watchful foe  
he passed — a shadow on the snow,  
a swirl of wind, and he was gone,  
the ruin of Dorthonion,  
Tarn Aeluin and its water wan,  
390 never again to look upon.*

*No more shall hidden bowstring sing,  
no more his shaven arrows wing,  
no more his hunted head shall lie  
upon the heath beneath the sky.  
395 The Northern stars, whose silver fire  
of old Men named the Burning Briar,  
were set behind his back, and shone  
o'er land forsaken; he was gone.*

*Southward he turned, and south away  
400 his long and lonely journey lay,  
while ever loomed before his path  
the dreadful peaks of Gorgorath.  
Never had foot of man most bold  
yet trod those mountains steep and cold,  
405 nor climbed upon their sudden brink,  
whence, sickened, eyes must turn and shrink  
to see their southward cliffs fall sheer  
in rocky pinnacle and pier  
down into shadows that were laid  
410 before the sun and moon were made.  
In valleys woven with deceit  
and washed with waters bitter-sweet  
dark magic lurked in gulf and glen;*

*but out away beyond the ken  
415 of mortal sight the eagle's eye  
from dizzy towers that pierced the sky  
might grey and gleaming see afar,  
as sheen on water under star,  
Beleriand, Beleriand,  
420 the borders of the Elven-land.*



## LISTA DE NOMES NOS TEXTOS ORIGINAIS

Fiz esta lista de nomes (restrita a nomes que aparecem nos trechos dos escritos de meu pai), que obviamente não é um índice, tendo em mente dois objetivos.

Nenhum deles é essencial ao livro de alguma maneira. Em primeiro lugar, propõe-se a auxiliar um leitor que não consiga recordar, dentre a massa de nomes (e formas de nomes), a referência de algum que possa ser significativa na narrativa. Em segundo lugar, certos nomes, especialmente os que ocorrem raramente ou apenas uma vez nos textos, são dados com uma explicação um pouco mais completa. Por exemplo, apesar de isto obviamente não ser significativa no conto, ainda assim alguém pode querer saber por que os Eldar não tocavam em aranhas “por causa de Ungweliantë” (p. 38).

*Aeluin* Um lago no nordeste de Dorthonion onde Barahir e seus companheiros estabeleceram seu covil.

*Aglon* Uma estreita passagem entre Taur-na-Fuin e a Colina de Himring, defendida por filhos de Fëanor.

*Ainur* (singular *Ainu*) “Os Sacros”: os Valar e os Maiar. [O nome *Maiar* foi uma introdução tardia de um conceito mais antigo: “Com os grandes vieram muitos espíritos menores, seres de sua própria espécie, porém de menor poder” (como Melian).]

*Aman* A Terra no Oeste além do Grande Mar em que habitavam os Valar (“o Reino Abençoado”).

*Anfauglith* “A Poeira Sufocante”. Ver *Dor-na-Fauglith*, *A Planície Sedenta*.

*Angainu* A grande corrente, feita pelo Vala Aulë, em que Morgoth foi aprisionado (posteriormente *Angainor*).

*Angamandi* (plural) “Os Infernos de Ferro”. Ver *Angband*.

*Angband* A grande fortaleza-calabouço de Morgoth no noroeste da Terra-média.

*Angrim* Pai de Gorlim, o Infeliz.

*Angrod* Filho de Finrod (posteriormente Finarfin).

*Arda* A Terra.

*Artanor* “A Terra Além”; região mais tarde chamada Doriath, o reino de Tinwelint (Thingol).

*Aryador* “Terra da Sombra”, um nome de Hisilómë (Dor-lómin) entre os Homens. Ver *Hisilómë*.

*Ascar* Rio em Ossiriand, renomeado *Rathlorion* “Leito d’Ouro” quando o tesouro de Doriath foi submerso nele.

*Aulë* O grande Vala conhecido por Aulë, o Ferreiro; ele é “mestre de todos os ofícios” e “seu senhorio é sobre todas as substâncias das quais Arda é feita”.

*Ausir* Um nome de Dior.

*Balada de Leithian*, *A* Ver p. 81.

*Balrogs* [Nos *Contos Perdidos* os Balrogs são concebidos como existindo “às centenas”. São chamados “demônios de poder”; usam armaduras de ferro e têm garras de aço e açoites de chama.]

*Barahir* Um chefe dos Homens, pai de Beren.

*Bauglir* “O Opressor”, um nome de Morgoth entre os Noldor.

*Beleg* Elfo de Doriath, grande arqueiro, chamado *Cúthalion* “Arcoforte”; companheiro próximo e amigo de Túrin Turambar, por quem foi morto tragicamente.

*Belegost* Uma das duas grandes cidades dos Anãos nas Montanhas Azuis.

*Beleriand* (nome anterior *Broseliand*) A grande região da Terra-média, em grande parte submersa e destruída ao fim da Primeira Era, estendendo-se das Montanhas Azuis a leste até as Montanhas de Sombra ao norte (ver *Montanhas de Ferro*) e as costas ocidentais.

*Bëor* Líder dos primeiros Homens a entrarem em Beleriand. Ver *Edain*.

*Boldog* Um capitão dos Orques.

*Bregolas* Irmão de Barahir.

*Calacirya* Um passo nas Montanhas de Valinor onde ficava a cidade dos Elfos.

*Carcharoth* Ver *Karkaras*.

*Cavaleiros das Ondas* O grupo dos Eldar chamado *Solosimpi*, mais tarde *Teleri*; a terceira e última hoste da Grande Viagem.

*Celegorm* Filho de Fëanor, chamado “o Alvo”.

*Cranthir* Filho de Fëanor, chamado “o Moreno”.

*i-Cuilwarthon* “Os Mortos que Vivem Outra Vez”, Beren e Lúthien após seu retorno de Mandos; *Cuilwarthien*: A terra onde habitavam. (Forma posterior *Guilwarthon*.)

*Cuiviénen* A Água do Despertar: o lago da Terra-média onde os Elfos despertaram.

*Cûm-nan-Arasaith* O Morro da Avareza, erguido sobre os mortos em Menegroth.

*Curufin* Filho de Fëanor, chamado “o Matreiro”.

*Dagmor* A espada de Beren.

*Dairon* Um menestrel de Artanor, contado entre “os três músicos mais mágicos dos Elfos”; originalmente irmão de Lúthien.

*Damrod e Díriel* Os filhos mais novos de Fëanor. (Nomes posteriores *Amrod* e *Amras*.)

*Deuses* Ver *Valar*.

*Dior* Filho de Beren e Lúthien; pai de Elwing, mãe de Elrond e Elros.

*Doriath* O nome posterior de Artanor, a grande região de florestas regida por Thingol (Tinwelint) e Melian (Gwendeling).

*Dor-lómin* Ver *Hisilómë*.

*Dor-na-Faughlith* A grande planície relvada de Ard-galen ao norte das Montanhas da Noite (*Dorthonion*) que foi transformada em deserto (Ver *Anfauglith*, *A Planície Sedenta*).

*Dorthonion* “Terra dos Pinheiros”; vasta região de pinheirais nos limites setentrionais de Beleriand; posteriormente chamada *Taur-na-Fuin*, “a Floresta sob a Noite”.

*Drûn* Uma região ao norte do Lago Aeluin; não mencionada em outro lugar.

*Draugluin* Maior dos lobisomens de Thû (Sauron).

*Eäarámë* “Ala de Águia”, o navio de Tuor.

*Eärendel* (forma posterior *Eärendil*) Filho de Tuor e Idril, filha de Turgon, Rei de Gondolin; desposou Elwing.

*Edain* “O Segundo Povo”, os Homens, mas usado principalmente acerca das três Casas dos Amigos-dos-Elfos que chegaram primeiro em Beleriand.

*Egnor bo-Rimion* “O caçador dos Elfos”: pai de Beren, substituído por Barahir.

*Egnor* Filho de Finrod (posteriormente Finarfin).

*Eilinel* Esposa de Gorlim.

*Elbereth* “Rainha das Estrelas”. Ver *Varda*.

*Eldalië* (O povo dos Elfos), os Eldar.

*Eldar* Os Elfos da Grande Jornada desde o lugar onde despertaram; às vezes usado em textos antigos significando todos os Elfos.

*Elfinesse* Um nome inclusivo para todas as terras dos Elfos.

*Elfos da Floresta* Elfos de Artanor.

*Elfos Verdes* Os Elfos de Ossiriand, chamados *Laiquendi*.

*Elrond de Valfenda* Filho de Elwing e Eärendel.

*Elros* Filho de Elwing e Eärendel; primeiro Rei de Númenor.

*Elwing* Filha de Dior, desposou Eärendel, mãe de Elrond e Elros.

*Eönwë* Arauto de Manwë.

*Erchamion* “Uma-Mão”, nome dado a Beren; outras formas: *Ermabwed*, *Elmavoitë*.

*Esgalduin* Rio de Doriath, passando por Menegroth (os salões de Thingol) e confluindo com o Sirion.

*Fëanor* Filho mais velho de Finwë; criador das Silmarils.

*Felagund* Elfo noldorin, fundador de Nargothrond e amigo jurado de Barahir, pai de Beren. Sobre a relação entre os nomes *Felagund* e *Finrod*, ver p. 106.

*Fingolfin* Segundo filho de Finwë; morto em combate singular com Morgoth.

*Fingon* Filho mais velho de Fingolfin; rei dos Noldor após a morte de seu pai.

*Finrod* Terceiro filho de Finwë. [Nome substituído por *Finarfin*, quando *Finrod* se tornou o nome de seu filho *Finrod Felagund*.]

*Finwë* Líder da segunda hoste dos elfos, os Noldor (Noldoli), na Grande Jornada.

*Foice dos Deuses* A constelação da Ursa Maior [que Varda pôs acima do Norte como ameaça a Morgoth e presságio de sua queda].

*Gaurhoth* Os lobisomens de Thû (Sauron); *Ilha de Gaurhoth*, ver *Tol-in-Gaurhoth*.

*Gelion* O grande rio de Beleriand Oriental alimentado por rios que fluem das Montanhas Azuis na região de Ossiriand.

*Gelo Pungente Helkaraxë*: o estreito no extremo norte entre a Terra-média e a Terra do Oeste.

*Gilim* Um gigante, mencionado por Lúthien em seu encanto de “alongamento” cantado diante de seus cabelos (p. 51), desconhecido exceto pelo trecho correspondente em *A Balada de Leithian*, onde é chamado “o gigante de Eruman” [uma região da costa de Aman “onde as sombras eram as mais profundas e espessas do mundo”].

*Gimli* Um Elfo noldorin muito velho e cego, por muito tempo escravo cativo no baluarte de Tevildo, dono de extraordinário poder de audição. Ele não desempenha nenhum papel em *O Conto de Tinúviel*, nem em qualquer outro conto, e nunca reaparece.

*Ginetes d'Ondas* O grupo dos Eldar chamado *Solosimpi*, mais tarde *Teleri*; a terceira e última hoste da Grande Jornada.

*Ginglith* Rio que conflui com o Narog acima de Nargothrond.

*Glómund*, *Glorund* Nomes antigos de Glaurung, “Pai dos Dragões”, o grande dragão de Morgoth.

*Gnomos* Tradução antiga de *Noldoli*, *Noldor* (ver p. 30).

*Gondolin* A cidade oculta fundada por Turgon, segundo filho de Fingolfin.

*Gorgol*, *o Açougueiro* Um Orque morto por Beren.

*Gorgorath* (Também *Gorgoroth*) As Montanhas do Terror; os precipícios em que Dorthonion decaía para o sul.

*Gorlim* Um dos companheiros de Barahir, pai de Beren; revelou seu esconderijo a Morgoth (posteriormente Sauron). Chamado *Gorlim*, *o Infeliz*.

*Grande Mar do Oeste Belegaer*, estendendo-se da Terra-média até Aman.

*Grandes Terras* As terras a leste do Grande Mar: Terra-média [um termo nunca usado nos *Contos Perdidos*].

*Grond* Arma de Morgoth, uma grande maça conhecida como Martelo do Mundo Subterrâneo.

*Guilwarthon* Ver *i-Cuilwarthon*.

*Gwendeling* Nome antigo de Melian.



*Hador* Grande chefe dos Homens, chamado “dos Cabelos--dourados”, avô de Húrin, pai de Túrin e de Huor, pai de Tuor, pai de Eärendel.

*Himling* Grande colina no norte de Beleriand Oriental, baluarte dos filhos de Fëanor.

*Hirilorn* “Rainha das Árvores”, uma grande faia perto de Menegroth (salões de Thingol); em seus ramos ficava a casa onde Lúthien foi aprisionada.

*Hisilómë* Hithlum. [Em uma lista de nomes do período dos *Contos Perdidos* está dito: “Dor-lómin ou ‘Terra da Sombra’ era a região chamada pelos Eldar Hisilómë (e isto significa ‘crepúsculos sombreados’) [...] e chama-se assim em virtude do escasso sol que espia sobre as Montanhas de Ferro a leste e ao sul.”]

*Hithlum* Ver *Hisilómë*.

*Huan* O enorme cão lobeiro de Valinor, que se tornou amigo e salvador de Beren e Lúthien.

*Húrin* Pai de Túrin Turambar e Niënor.

*Idril* Chamada *Celebrindal* “Pé-de-Prata”, filha de Turgon, rei de Gondolin; desposou Tuor, mãe de Eärendel.

*Ilha do Mago* Tol Sirion.

*Ilha Solitária* *Tol Eressëa*: uma grande ilha no Grande Mar perto da costa de Aman; a mais oriental das Terras Imortais, onde habitavam muitos Elfos.

*Ilhas Mágicas* Ilhas no Grande Mar.

*Ilkorins*, *Ilkorindi* Elfos que não eram de Kôr, cidade dos elfos em Aman (ver *Kôr*).

*Indravangs* (também *Indrafangs*) “Barbas Longas”, os Anãos de Belegost.

*Ingwil* Rio que confluía com o Narog em Nargothrond (forma posterior *Ringwil*).

*Ivárë* Um renomado menestrel dos Elfos, “que toca junto ao mar”.

*Ivrin* O lago ao pé das Montanhas da Sombra onde nascia o Narog.

*Karkaras* O enorme lobo que vigiava os portões de Angband (posteriormente *Carcharoth*); sua cauda é mencionada no “encanto de alongamento” de Lúthien; traduzido por “Presa-de-Punhal”.

*Kôr* Cidade dos Elfos em Aman e a colina na qual foi construída; posteriormente a cidade tornou-se *Tûn*, e só a colina era *Kôr*. [Por fim, a cidade tornou-se *Tirion*, e a colina, *Túna*.]

*Ladros* Uma região a nordeste de Dorthonion.

*Lórien* Os Valar Mandos e Lórien eram ditos irmãos, e chamados *Fanturi*: Mandos era *Néfantur* e Lórien era *Olofantur*. Nas palavras do *Quenta*, Lórien era o “fazedor de visões e sonhos, e seus jardins na terra dos Deuses eram os mais belos de todos os lugares do mundo, e repletos de muitos espíritos de beleza e poder”.

*Mablung* “Mão-Pesada”, Elfo de Doriath, principal capitão de Thingol; presente à morte de Beren na caçada de Karkaras.

*Maglor* Segundo filho de Fëanor, celebrado cantor e menestrel.

*Maiar* Ver *Ainur*.

*Maidros* Filho mais velho de Fëanor, chamado “o Alto” (forma posterior *Maedhros*).

*Mandos* Um Vala de grande poder. Ele é o Juiz; e é o guardião das Casas dos Mortos e convocador dos espíritos dos abatidos [o *Quenta*]. Ver *Lórien*.

*Manwë* O principal e mais poderoso dos Valar, esposo de Varda.

*Mares Sombrios* Uma região do Grande Mar do Oeste.

*Melian* A Rainha de Artanor (Doriath), nome anterior *Gwendeling*; uma Maia, que veio à Terra-média desde o reino do Vala Lórien.

*Melko* O grande Vala maligno, Morgoth (forma posterior *Melkor*).

*Menegroth* Ver *As Mil Cavernas*.

*Miaulë* Um gato, cozinheiro da cozinha de Tevildo.

*Mil Cavernas Menegroth*: Os salões ocultos de Tinwelint (Thingol) à margem do rio Esgalduin em Artanor.

*Mîm* Um Anão que se estabeleceu em Nargothrond após a partida do Dragão e impôs uma maldição ao tesouro.

*Mindeb* Um rio que confluía com o Sirion na região de Doriath.

*Montanhas Azuis* A grande cordilheira que forma os limites orientais de Beleriand.

*Montanhas da Noite* As grandes alturas (*Dorthonion*, “Terra dos Pinheiros”) que passaram a se chamar *A Floresta da Noite* (*Taurfuin*, posteriormente *Taur-na-[-nu-]fuin*).

*Montanhas de Ferro* Também chamadas *Morros Amargos*. Uma grande cordilheira correspondente às *Ered Wethrin* posteriores, as *Montanhas de Sombra*, formando os limites sul e leste de Hisilómë (Hithlum). Ver *Hisilómë*.

*Montanhas de Sombra, Montanhas Sombrias* Ver *Montanhas de Ferro*.

*Montanhas Sombrias, Montanhas de Sombra* Ver *Montanhas de Ferro*.

*Morros Amargos* Ver *Montanhas de Ferro*.

*Morros dos Caçadores* (também *Descampado dos Caçadores*) Os planaltos a oeste do rio Narog.

*Nan* A única coisa que se sabe de Nan parece ser o nome de sua espada, *Glend*, mencionada no “encanto de alongamento” de Lúthien (ver *Gilim*).

*Nan Dumgorthin* “A terra dos ídolos sombrios” onde Huan encontrou Beren e Lúthien em sua fuga de Angband. No poema aliterante *Balada dos Filhos de Húrin* aparecem estes versos:

em Nan Dungorthin não têm nome os deuses,  
os templos têm segredados em sombra,  
muito mais que Morgoth ou eméritos senhores,  
os Deuses d’ouro do Ocidente vigiado.

*Nargothrond* A grande cidade e fortaleza cavernosa fundada por Felagund à margem do rio Narog em Beleriand Ocidental.

*Narog* Rio em Beleriand Ocidental. Ver *Nargothrond*. Muitas vezes usado no sentido de “reino”, isto é, “de Nargothrond”.

*Naugladur* Senhor dos Anãos de Nogrod.

*Nauglamír* O Colar dos Anãos em que foi engastada a Silmaril de Beren e Lúthien.

*Nessa* Irmã de Oromë e esposa de Tulkas. Ver *Valier*.

*Nogrod* Uma das duas grandes cidades dos Anãos nas Montanhas Azuis.

*Noldoli*, posteriormente *Noldor* A segunda hoste dos Eldar na Grande Jornada, liderada por Finwë.

*Oikeroi* Um feroz gato guerreiro a serviço de Tevildo, morto por Huan.

*Orodreth* Irmão de Felagund; Rei de Nargothrond após a morte de Felagund.

*Oromë* O Vala chamado Caçador; em seu cavalo, conduziu as hostes dos Eldar na Grande Jornada.

*Ossiriand* “A Terra dos Sete Rios”, Gelion e seus afluentes das Montanhas Azuis.

*Palisor* A região das Grandes Terras onde os Elfos despertaram.

*Planície Protegida* A grande planície entre os rios Narog e Teiglin, ao norte de Nargothrond.

*Planície Sedenta* Ver *Dor-na-Faughlith*.

*Porto dos Cisnes* Ver *Notas sobre os Dias Antigos*, p. 23.

*Rathlorion* Rio em Ossiriand. Ver *Ascar*.

*Reino Abençoado* Ver *Aman*.

*Ringil* A espada de Fingolfin.

*Rivil* Rio que nascia no oeste de Dorthonion e se juntava ao Sirion nos pântanos de Serech, ao norte de Tol Sirion.

*Sarn Athrad* O Vau das Pedras, onde o rio Ascar em Ossiriand era atravessado pela estrada que levava às cidades dos Anãos nas Montanhas Azuis.

*Serech* Grandes pântanos onde o Rivil confluía com o Sirion. Ver *Rivil*.

*Silmarils* As três grandes joias repletas da luz das Duas Árvores de Valinor, feitas por Fëanor. Ver pp. 33-34.

*Silpion* A Árvore Branca de Valinor, de cujas flores caía um orvalho de luz prateada; também chamada *Telperion*.

*Sirion* O grande rio de Beleriand, que nascia nas Montanhas de Sombra e corria rumo ao sul, dividindo Beleriand Oriental e Ocidental.

*Sombra Mortal da Noite* Uma tradução de Taur-na-Fuin. Ver *Montanhas da Noite*.

*Taniquetil* A mais alta Montanha de Aman, habitação de Manwë e Varda.

*Taurfuin*, *Taur-na-fuin*, (posteriormente -*nu*-) A Floresta da Noite. Ver *Montanhas da Noite*.

*Tavros* Nome gnômico do Vala Oromë: “Senhor das Florestas”; forma posterior *Tauros*.

*Terras de Fora* A Terra-média.

*Tevildo* O Príncipe dos Gatos, mais poderoso dos gatos, “possuído por um espírito maligno” (ver p. 46); um companheiro próximo de Morgoth.

*Thangorodrim* As montanhas acima de Angband.

*Thingol* Rei de Artanor (Doriath); nome anterior *Tinwelint*. [Seu nome era *Elwë*: foi líder da terceira hoste dos Eldar, os Teleri, na Grande Jornada, mas em Beleriand era conhecido por “Capa-gris” (o significado de *Thingol*).]

*Thorondor* Rei das Águias.

*Thû* O Necromante, maior dos servos de Morgoth, que habitava na torre de vigia élfica em Tol Sirion; nome posterior *Sauron*.

*Thuringwethil* Nome adotado por Lúthien em forma de morcego diante de Morgoth.

*Timbrenting* Nome em inglês antigo de Taniquetil.

*Tinfang Trinado* Um famoso menestrel [*Tinfang* = quenya *timpinen* “flautista”].

*Tinúviel* “Filha do Crepúsculo”, rouxinol: nome dado a Lúthien por Beren.

*Tinwelint* Rei de Artanor. Ver *Thingol*, o nome posterior.

*Tirion* Cidade dos Elfos em Aman. Ver *Kôr*.

*Tol-in-Gaurhoth* Ilha dos Lobisomens, o nome de Tol Sirion após sua captura por Morgoth.

*Tol Sirion* A ilha no rio Sirion onde havia uma fortaleza élfica. Ver *Tol-in-Gaurhoth*.

*Tulkas* O Vala descrito no *Quenta* como “o mais forte de todos os Deuses em corpo, e o maior em todos os feitos de valor e proeza”.

*Tuor* Primo de Túrin e pai de Eärendil.

*Túrin* Filho de Húrin e Morwen; chamado *Turambar* “Senhor do Destino”.

*Uinen* Uma Maia (ver *Ainur*). “A Senhora do Mar”, “cujos cabelos estão espalhados por toda as águas sob o céu”; mencionada no “encanto de alongamento” de Lúthien.

*Ulmo* “Senhor das Águas”, o grande Vala dos Mares.

*Umboth-Muilin* Os *Alagados do Crepúsculo* onde Aros, o rio meridional de Doriath, confluía com o Sirion.

*Umuiyan* Um velho gato, porteiro de Tevildo.

*Ungweliántë* A monstruosa aranha que habitava em Eruman (ver *Gilim*) e que com Morgoth destruiu as Duas Árvores de Valinor (forma posterior *Ungoliant*).

*Urze Ardente* A constelação da Grande Ursa.

*Valar* (singular *Vala*) “Os Poderes”: em textos antigos são referidos como *Deuses*. São os grandes seres que entraram no Mundo no início do Tempo. [No *Conto Perdido da Música dos Ainur* Eriol disse: “Aprazer-me-ia saber quem são esses Valar; são eles os Deuses?” Recebeu esta resposta: “Isso são, porém a seu respeito os Homens contam muitas histórias estranhas e deturpadas que estão longe da verdade, e por muitos estranhos nomes os chamam que não ouvirás aqui.”]

*Valier* (singular *Valië*) As “Rainhas dos Valar”; neste livro só se mencionam Varda, Vána e Nessa.

*Valinor* A terra dos Valar em Aman.

*Valmar*, *Valimar* Cidade dos Valar em Valinor.

*Vána* Esposa de Oromë. Ver *Valier*.

*Varda* Maior das Valier; esposa de Manwë; fazedora das estrelas [daí seu nome *Elbereth*, “Rainha das Estrelas”].

*Vëannë* A contadora de *O Conto de Tinúviel*.

*Wingelot* “Flor-de-Espuma”, o navio de Eärendel.

# GLOSSÁRIO

Este glossário contém palavras (incluindo formas e significados de palavras que diferem do uso moderno) que me pareceram que poderiam causar alguma dificuldade. Obviamente que o conteúdo de uma lista como esta não pode ser sistemático, derivado de algum padrão externo.

**an se**

**bent** lugar aberto coberto de grama

**bid** ofereceu

**chase** lugar de caça

**clomb** antigo pretérito de *climb* [subir, escalar]

**corse** cadaver, corpo

**croft** pequeno pedaço de terra

**drouth** seca, secura

**entreat** tratar [uso moderno]

**envermined** repleto de criaturas nocivas. [Essa palavra parece não estar registrada de outra forma.]



**fell** pele, couro

**flittermouse** morcego

**forhungered** faminto

**frith** mata

**frore** gelado

**glamour** magia, encantamento

**haggard** (de colinas) selvagens

**haply** talvez

**hem and hedge** encerrar e cercar

**howe** colina tumular

**inane** vazio

**lave** lavar

**leeches** médicos

**let** impedir, deter; *their going let* [impedir sua passagem]

**like** agradar; *doth it like thee?* [agradou-te?]

**limber** flexível, ágil

**march** região fronteira

**neb** bico

**nesh** macio, tenro

**opes** abre

**parlous** perigoso

**pled** antigo pretérito de *plead* [rogar, suplicar]

**quook** antigo pretérito de *quake* [tremar, estremecer]

**rede** conselho

**rove** pretérito de *rive* [rasgar, fender]

**ruel-bone** marfim

**runagate** desertor, renegado

**scullion** ajudante de cozinha

**shores** escora

**sigaldry** feitiçaria

**slot** rastro de um animal

**spoor** o mesmo que *slot*

**sprite** espírito

**sylphine** da natureza de uma sílfide (um espírito que habita o ar). [Esse adjetivo não é registrado.]

**swath** (espaço deixado após a passagem de ceifador) sulco, rastro

**tarn** um pequeno lago de montanha

**thews** força física

**thrall** um servo, pessoa que se encontra em servidão

**trammeled** barrado, impedido

**unkempt** desgrenhado

**viol** um instrumento de corda tocado com um arco

**weft** tecido

**weird** sina, fado, destino

**weregild** (inglês antigo) o preço posto em um homem de acordo com sua posição

**whin** urze

**wolfhame** pele de lobo

**woof** tecido

**would** desejava, queria





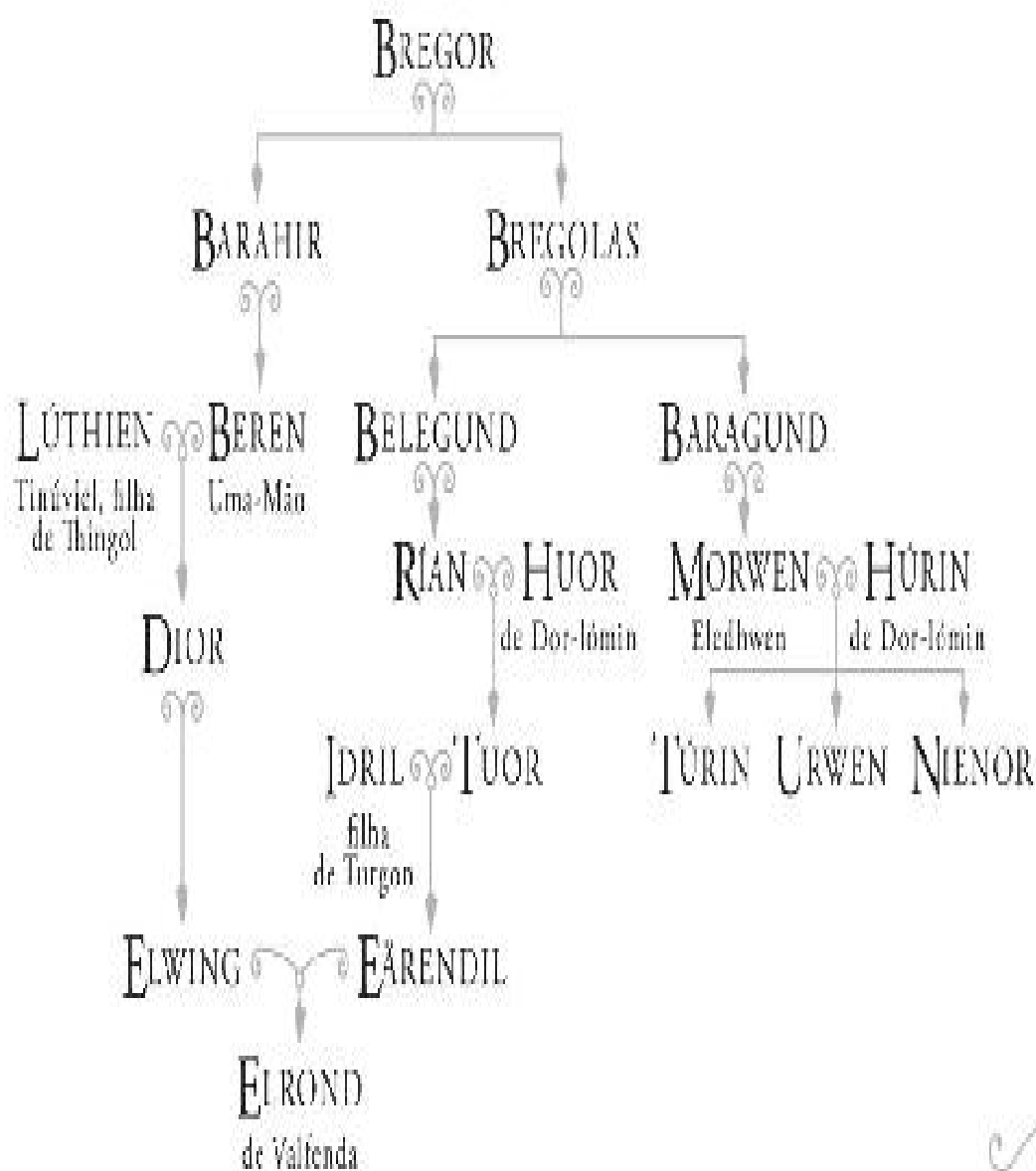
A CASA  
 DE FINWË<sup>11</sup>

<sup>11</sup>A época de *O Silmarillion*. [N. T.]



A CASA  
 DE ELWË<sup>12</sup>

<sup>12</sup>A época de *O Silmarillion*. [N. T.]



A CASA  
DE BËOR<sup>13</sup>

<sup>13</sup>A época de *O Silmarillion*. [N.T.]



*Academia de Vampiros*  
A SÉRIE COMPLETA

---

RICHELLE MEAD

# Academia de Vampiros

Mead, Richelle  
9788522030729  
2424 páginas

[Compre agora e leia](#)

APROVEITE! LEVE 6 - PAGUE 3 :)Esqueça tudo o que você aprendeu sobre vampiros – eles definitivamente não brilham à luz do sol, e vivem em uma sociedade bem mais complexa do que você imagina. Rose e Lissa sabem disso melhor do que ninguém, e viverão cada aventura destes seis livros como se fosse a última. Paixões e vidas em jogo, traições e reviravoltas de tirar o fôlego fazem parte do mundo criado por Richelle Mead e povoado por personagens fortes e irresistíveis. Contém os títulos: 1 - O beijo das sombras 2 - Aura negra 3 - Tocada pelas sombras 4 - Promessa de sangue 5 - Laços do espírito 6 - Último sacrifício

[Compre agora e leia](#)





# Coisas melequentas

Brenman, Ilan  
9788595084438  
32 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste livro, o premiado autor Ilan Brenman apresenta uma série de coisas melequentas e pegajosas, que deixariam qualquer um com nojinho! Com ilustrações caprichadas e bem-humoradas de Guilherme Karsten, Ilan cria objetos inesperados, como uma maçaneta de lesmas, uma peruca de polvo e óculos de minhoca, para cativar os pequenos leitores e provocar boas risadas.

[Compre agora e leia](#)

KARIN  
SLAUGHTER

# A GAROTA DOS OLHOS AZUIS

 Harper  
Collins

# A garota dos olhos azuis

Slaughter, Karin

9788569809616

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

EXCLUSIVO EM EBOOK! Uma linda garota caminha pela rua quando, de repente... Julia Carroll sabe que muitas histórias começam assim. Bonita, inteligente, dezenove anos e recém-chegada à faculdade, ela deve tomar cuidado. Mas, mesmo com todo cuidado, ainda está apavorada, porque várias meninas estão desaparecendo. Uma colega sua, Beatrice Oliver, desapareceu. Assim como uma moradora de rua chamada Mona-Sem-Nome. As duas sumiram no meio da rua, sem deixar vestígios. Julia não quer ser a próxima... Sua única saída é descobrir as razões por trás desses mistérios. A garota dos olhos azuis é um emocionante e inesquecível prequel do best-seller da autora Karin Slaughter, Flores partidas.

[Compre agora e leia](#)



# Máquinas Mortais

Reeve, Philip  
9788595083868  
320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste brilhante mundo criado por Philip Reeve, a humanidade quase teve um fim em um conflito nuclear e biológico chamado de Guerra dos Sessenta Minutos. O mundo virou um descampado, a tecnologia foi praticamente extinta e todos os esforços humanos se voltaram para um único objetivo: fazer suas cidades sobreviverem. Para isso, elas precisam se mover, se tornando Cidades de Tração, para se afastar da radioatividade e doenças. Londres é uma grande cidade e está sempre a busca de novas cidades para se alimentar, como dita o Darwinismo Municipal: metrópoles consomem as cidades menores, que consomem vilarejos e assim por diante...No meio de um ataque de Londres à uma cidadezinha desesperada, Hester Shaw, uma menina com uma cicatriz horrível, tenta matar Thaddeus Valentine, o maior arqueólogo da metrópole. Valentine é salvo por Tom Natsworthy,

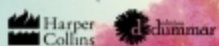
um historiador aprendiz de terceira classe. De repente, ambos acabam caindo para fora da Cidade de Tração. Agora perdidos no vasto Campo de Caça, sem uma cidade para protegê-los, os dois precisam unir forças para alcançar Londres e sobreviver a um caminho cheio de saqueadores, piratas e outras Cidades de Tração. Além disso, ao que tudo indica Londres está planejando um ato desumano, envolvendo uma arma não usada na Guerra dos Sessenta Minutos, que pode dar fim ao pouco que restou do planeta...

[Compre agora e leia](#)

Sri Prem Baba

# AMAR E SER LIVRE

AS BASES PARA UMA NOVA SOCIEDADE



# Amar e ser livre

Baba, Sri Prem  
9788595082182  
176 páginas

[Compre agora e leia](#)

O imenso e invisível mundo dos afetos Se alguém busca os fundamentos para um mundo melhor, certamente há de passar pela questão dos relacionamentos, e o maior desafio é encontrar o caminho para vivê-los da maneira mais leve, plena e feliz. Com sabedoria e ponderação, Sri Prem Baba leva os leitores de Amar e ser livre a refletir não só sobre a qualidade e a saúde de nossos relacionamentos em todos os seus níveis – como interações sociais, espirituais etc. –, mas também sobre a forma como eles são elaborados, compreendidos e nutridos. Por meio das palavras iluminadas do mestre, o leitor aprende como germinar os afetos com mais apuro e sensibilidade. Neste livro, Prem Baba proporciona a serenidade e o equilíbrio necessários para o entendimento amplo de uma realidade para a qual a vida moderna parece obstruir a visão: a descoberta da



generosidade e da simplicidade do que há de mais humano e divino nas pessoas."Neste livro, Prem Baba se dedica ao tema de amplo interesse da qualidade amorosa e do desenvolvimento possível do sentido das relações amorosas, desde uma necessidade de verdade entre os casais e na família até o efeito dessa virtual verdade amorosa sobre o mundo inteiro."Tales Ab'saber"Prem Baba mostra que a importância de um relacionamento feliz ultrapassa as fronteiras das pessoas envolvidas, vai além da realização pessoal e se torna uma questão de suprema importância para um mundo melhor. Amar, diz ele, requer uma grande coragem. E afirma que, se pudéssemos ter relacionamentos amorosos, saudáveis e construtivos, certamente não haveria tanta maldade no mundo. Para ajudar a iluminar o mundo, precisamos tentar primeiro iluminar a nós mesmos. Quem sabe aqui comece a sua jornada."Bruna Lombardi

[Compre agora e leia](#)

# Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Copyright](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Gravuras](#)

[Prefácio](#)

[Notas sobre os Dias Antigos](#)

[Beren e Lúthien](#)

[O Conto de Tinúviel](#)

[Um Trecho do Esboço da Mitologia](#)

[Um Trecho Extraído de A Balada de Leithian](#)

[O Quenta Noldorinwa](#)

[Um Trecho Extraído do Quenta Noldorinwa](#)

[Um Segundo Extrato de A Balada de Leithian](#)

[Um Extrato Adicional do Quenta Noldorinwa](#)

[A Narrativa em A Balada de Leithian até seu Término](#)

[O Quenta Silmarillion](#)

[O Retorno de Beren e Lúthien de acordo com o Quenta Noldorinwa](#)

[Extrato do Conto Perdido do Nauglafring](#)

[A Estrela da Manhã e do Entardecer](#)

[Apêndice](#)

[Revisões de A Balada de Leithian](#)

[Lista de Nomes nos Textos Originais](#)

[Glossário](#)

[A Casa de Finwë](#)

[A Casa de Elwë](#)

[A Casa de Bëor](#)